

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE LINGUÍSTICA**

**JHONATHAN LENO REIS FRANÇA SANTANA**

**CARTOGRAFIA LÉXICO-GRAMATICAL DAS ORAÇÕES RELACIONAIS  
EM TEXTOS JORNALÍSTICOS BRASILEIROS**

Vitória  
2026

JHONATHAN LENO REIS FRANÇA SANTANA

Cartografia léxico-gramatical das orações relacionais em textos jornalísticos brasileiros

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos. Orientadora: Profa. Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno.

Vitória  
2026

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

S231c Santana, Jhonathan Leno Reis França, 1993-  
Cartografia das orações relacionais em textos jornalísticos  
brasileiros / Jhonathan Leno Reis França Santana. - 2026.  
291 p. : il.

Orientadora: Gesieny Laurett Neves Damasceno.  
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do  
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Linguística-Metodologia. 3. Funcionalismo  
(Linguística). 4. Probabilidades. 5. Jornalismo-Linguagem. 6.  
Teoria da informação. I. Damasceno, Gesieny Laurett Neves. II.  
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências  
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

---

**Jhonathan Leno Reis França Santana**

**CARTOGRAFIA DAS ORAÇÕES RELACIONAIS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS  
BRASILEIROS**

Tese de doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Linguística,  
da Universidade Federal do Espírito Santo,  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de Doutora em Estudos Linguísticos.  
Orientadora: Profa. Dra. Gesieny Laurett  
Neves Damasceno

Aprovada em 05 de fevereiro de 2026.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

Documento assinado digitalmente  
 **GESIENY LAURETT NEVES DAMASCENO**  
Data: 05/02/2026 10:36:04-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Profa. Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno  
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA MEDIANEIRA DE SOUZA**  
Data: 10/02/2026 11:12:07-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza  
Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente  
 **GIACOMO PATROCÍNIO FIGUEREDO**  
Data: 09/02/2026 16:46:04-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Prof. Dr. Giacomo Patrocínio Figueredo  
Universidade Federal de Ouro Preto

Documento assinado digitalmente  
 **ALEX CALDAS SIMÕES**  
Data: 09/02/2026 19:46:37-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Prof. Dr. Alex Caldas Simões  
Instituto Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente  
 **MARCOS ROBERTO MACHADO**  
Data: 09/02/2026 19:55:37-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

---

Prof. Dr. Marcos Roberto Machado  
Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus, aquele a quem depusitei toda a minha fé e confiança. Nos momentos difíceis que a vida nos impõe, foi em ti que encontrei conforto e perseverança. Nos momentos em que duvidei de mim mesmo, eu te senti ao meu lado, amparando-me quando a vida se tornou desgastante, iluminando-me quando meus pensamentos e sentimentos se tornaram conflituosos, pacificando-me quando a vida me impôs a dura realidade do adeus.

À professora Gesieny Laurett Neves Damasceno, mestra e amiga, dedico a minha gratidão por essa experiência de diálogo, amadurecimento e confiança, estabelecida ao longo dos últimos cinco anos. Sob seus cuidados, orientações e lições me percebo em constante aprimoramento

Aos meus mestres pelo tanto que me doaram: tempo, conhecimento e exemplos que permaneceram indelévels em minha memória.

Ao grupo de pesquisa GRAFI, que me proporcionou e proporciona um diálogo rico e acolhedor. Momento em que o interesse acadêmico e humano se funde em uma troca afetuosa e impulsionadora. É uma honra ter vivenciado este percurso ao lado de vocês: Alfredo Evangelista dos Santos Neto, Jamilly Lorencini Carone, Milena Lopes Daltio, Eduardo Tabelini Pereira, Ingrid Cristina Silva, Rafaelly Bonadiman Vieira, Tainá Rocha Santana, Abraão Cleber Silva Nolasco, Laura Scaramussa Azevedo, Ryan Martins de Souza, Isabella Bada Silva e Francislene Vitorino Paganini.

Aos professores Giacomo Patrocínio Figueredo e Amanda Heiderich Marchon, pela enriquecedora avaliação no exame de qualificação, que me permitiu refletir acerca de questões essenciais, que até aquele momento eu não havia confrontado.

Aos meus pais, que ao longo de todos esses anos seguraram firme em minha mão, nutrindo-me de amor e sonhando comigo os sonhos nossos.

Ao meu tio, Alex Sandro dos Santos Reis por ter despertado em mim a sede do saber. Quando menino, pude conhecer muitos lugares, muitas pessoas e muitas histórias através de suas palavras.

Ao melhor *designer gráfico* deste mundo, Mairon Costa de Mendonça, meu amor, por me apoiar incansavelmente ao longo desta pesquisa.

À Fundação de Amparo à pesquisa do Espírito Santo (FAPES) pela concessão da bolsa de estudos para a realização do doutorado, o que possibilitou a aquisição de obras

de referência, a participação em eventos acadêmicos e a utilização de ferramentas pagas de análise textual e estatística.

A tarefa da gramática é dar conta da desordem e da complexidade, não como acidentais e aberrantes, mas como sistêmicas e necessárias ao funcionamento eficaz da linguagem. (Halliday, 2005, p. 207)

## RESUMO

A gramática do português brasileiro organiza a experiência por meio de uma rede de sistemas que mapeia seus recursos semântico-gramaticais. No centro dessa arquitetura situa-se o domínio relacional da transitividade — o campo do *Ser*, do *Estar* e do *Ter* — responsável por estabilizar identidades, atribuir propriedades materiais e semióticas, instaurar classificações, circunstanciações e relações de posse entre entidades, bem como converter eventos em entidades simbólicas. Embora esse domínio tenha sido amplamente descrito na tradição sistêmico-funcional, as análises disponíveis para o português brasileiro permanecem fragmentadas, pois não oferecem um modelo explícito da cartografia dos sistemas que integra essa região da gramática. Esta investigação não busca estabelecer uma versão definitiva dessa rede, mas propor um modelo interpretativo sensível à especificidade do português brasileiro escrito. Para isso, elege-se o registro jornalístico escrito, no qual as orações relacionais desempenham papel central na construção da autoridade epistêmica, ao descrever atores sociais, classificar fenômenos, projetar avaliações e condensar interpretações sob aparência de neutralidade. O objetivo geral da tese é descrever e modelar o sistema relacional do português brasileiro tal como instanciado nesse registro, seguindo um percurso analítico que parte do sistema em direção ao texto e retorna ao sistema para propor sua interpretação sistêmico-funcional. Nessa perspectiva, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é concebida como uma teoria-cartografia capaz de representar o potencial semogênico da língua. De modo articulado, a investigação visa: (i) aprofundar a delicadeza descritiva das orações relacionais — intensivas, circunstanciais e possessivas — em seus modos atributivo e identificativo; (ii) interpretar probabilisticamente a distribuição de escolhas estruturais e léxicas no corpus, articulando frequência e tendência sistêmica; (iii) demonstrar como o português brasileiro configura o domínio relacional como uma rede probabilística de vínculos simbólicos, revelando padrões de redundância, variação e equilíbrio entrópico; e (iv) propor uma modelagem funcional do sistema com potencial de aplicação tipológica e computacional. A pesquisa ancora-se no arcabouço teórico da LSF (Halliday; Matthiessen, 2014; Matthiessen, 1995), adotando a estratificação do sistema linguístico e a metafunção ideacional como princípios organizadores da descrição, da análise e da interpretação. A amostra é composta por reportagens, artigos de opinião e entrevistas, totalizando 2.874 orações relacionais, anotadas em três níveis: semântico (tipo e modo de oração), léxico-gramatical (configuração de participantes, verbos nucleares, aspecto, tempo, polaridade, modalidade e perfil informacional) e textual (tema–rema, progressão referencial e posição no fluxo discursivo). Foram empregados procedimentos quantitativos inspirados na tradição da gramática sistêmico-probabilística, os quais permitiram propor o Índice Probabilístico de Compactação Relacional (ICR) como métrica integradora de custo estrutural e densidade informacional. Os resultados indicam que o português brasileiro realiza o domínio relacional como uma rede organizada por padrões estáveis de escolha e zonas de alta plasticidade, com predomínio das orações intensivas, seguidas pelas circunstanciais e possessivas, e forte previsibilidade na

realização do Processo, sobretudo por *ser*, *estar* e *ter*. O ICR revelou diferenças sistemáticas entre tipos e modos de oração, evidenciando que a variação sistêmica constitui componente estrutural do potencial de significados da língua.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional; Processos Relacionais, Gramática Probabilística; Modelagem Sistêmica; Português Brasileiro.

## ABSTRACT

This dissertation models the relational system of Brazilian Portuguese as instantiated in written journalistic discourse within the framework of Systemic Functional Linguistics (SFL). Addressing the lack of an explicit system network for relational clauses in Brazilian Portuguese, the study proposes a probabilistically grounded model that captures language-specific patterns of choice rather than a definitive system. The analysis draws on a corpus of 2,874 relational clauses from news reports, opinion articles, and interviews, annotated at semantic, lexicogrammatical, and textual levels, and interpreted through quantitative procedures inspired by probabilistic systemic grammar. The results show that relational clauses form a structured yet flexible probabilistic network, with a strong predominance of intensive clauses, followed by circumstantial and possessive types, and highly predictable realization of the Process, primarily by the verbs *ser*, *estar*, and *ter*. Participant configurations exhibit systematic asymmetries, and possessive clauses strongly favor verbal realization of possession, predominantly abstract. The study proposes the Probabilistic Relational Compactness Index as a metric integrating structural cost and informational density, demonstrating that variation is constitutive of the relational meaning potential of Brazilian Portuguese and providing a foundation for typological generalization and future computational applications in corpus analysis and automatic text generation.

**Keywords:** Systemic Functional Linguistics; Relational Clauses; Probabilistic Systemic Grammar; System Network Modeling; Brazilian Portuguese.

## RÉSUMÉ

Cette thèse propose une modélisation du système relationnel du portugais brésilien dans le cadre de la linguistique systémique fonctionnelle. La grammaire du portugais est envisagée comme un réseau de systèmes organisant l'expérience à travers ses ressources sémantico-grammaticales, au sein duquel le domaine relationnel de la transitivité — celui de l'Être, de l'État et de la Possession — occupe une position centrale. Ce domaine permet de stabiliser des identités, d'attribuer des propriétés matérielles et sémiotiques, d'instaurer des classifications, des relations circonstanciellles et possessives, ainsi que de transformer des événements en entités symboliques. Bien que largement décrit dans la tradition systémique-fonctionnelle, le système relationnel du portugais brésilien demeure fragmentairement modélisé, faute d'une cartographie explicite des réseaux de systèmes qui constituent ce domaine. L'objectif de cette recherche n'est donc pas d'établir un modèle définitif, mais de proposer une interprétation sensible aux spécificités du portugais brésilien écrit. L'étude prend pour objet le registre journalistique écrit, dans lequel les clauses relationnelles jouent un rôle central dans la construction de l'autorité épistémique, en décrivant des acteurs sociaux, en classifiant des phénomènes et en condensant des évaluations sous une apparente neutralité. L'analyse repose sur un corpus de 2 874 clauses relationnelles extraites de reportages, d'articles d'opinion et d'entretiens. Chaque clause a fait l'objet d'une annotation à trois niveaux — sémantique, lexicogrammatical et textuel — permettant de les interpréter comme des instanciations d'un potentiel de significations. Des procédures quantitatives inspirées de la grammaire systémique probabiliste ont également été mobilisées, conduisant à la proposition d'un Indice probabiliste de compacité relationnelle, articulant coût structurel et densité informationnelle. Les résultats montrent que le domaine relationnel se configure comme un réseau probabiliste structuré, marqué par la prédominance des clauses intensives et par des zones de forte plasticité, confirmant que la variation constitue une composante intrinsèque du potentiel de significations du portugais brésilien.

**Mots-clés:** Linguistique systémique fonctionnelle ; Système relationnel ; Grammaire probabiliste ; Réseaux de systèmes ; Portugais brésilien.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Formalização sistêmica .....                                                                             | 5   |
| Figura 2 - Realização entre os estratos do conteúdo.....                                                            | 10  |
| Figura 3 – Configurações experienciais: nível esquemático e instanciações .....                                     | 39  |
| Figura 4 - Rede de sistemas relacionais .....                                                                       | 103 |
| Figura 5 – Rede de sistemas relacionais no PB .....                                                                 | 105 |
| Figura 6 - Modelo estratificado de análise das orações relacionais nesta investigação                               | 108 |
| Figura 7 - Sistemas gerais simultâneos na condição de entrada.....                                                  | 109 |
| Figura 11 – Integração dos macrossistemas ideacionais na configuração das orações relacionais.....                  | 138 |
| Figura 12 – Sub-rede sistêmica do processo relacional na gramática do português brasileiro.....                     | 139 |
| Figura 13 – Sistema de desdobramento do processo relacional .....                                                   | 144 |
| Figura 17 – Subrede sistêmica das orações relacionais intensivas no português .....                                 | 168 |
| Figura 18 – Hierarquia de realização dos participantes nas orações relacionais .....                                | 172 |
| Figura 19 – Sistema de orientação de atribuição .....                                                               | 190 |
| Figura 21 – Zonas de realização da classe .....                                                                     | 192 |
| Figura 22 – Esquemas de atribuição qualitativa e locus da qualidade.....                                            | 194 |
| Figura 23 – Distribuição das formas de realização do Valor em orações intensivas identificativas codificadoras..... | 212 |
| Figura 26 – Subrede circunstancial do sistema relacional no português .....                                         | 235 |
| Figura 27 – Subrede sistêmica da posse no domínio das orações relacionais do português .....                        | 244 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                    |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 – Cosseleção e significados gerais das escolhas na condição e entrada .....                               | 4   |
| Quadro 2 – Cruzamento de escolhas na condição de entrada .....                                                     | 32  |
| Quadro 3 – Exemplos de orações intensivas configuradas nos dois modos de relação (Matthiessen, 1995).....          | 37  |
| Quadro 4 - Tipos de relação em vietnamita.....                                                                     | 45  |
| Quadro 5 - Funções transitivas nas orações materiais .....                                                         | 58  |
| Quadro 6 – Conversão metafórica de processos em participantes nas orações relacionais .....                        | 65  |
| Quadro 7 – Correspondências entre os princípios teóricos e o escopo metodológico do estudo .....                   | 73  |
| Quadro 8 – Percurso metodológico da modelagem do sistema.....                                                      | 78  |
| Quadro 9 – Testes sistêmicos aplicados na análise.....                                                             | 78  |
| Quadro 10 - Mapeamento dos tipos de texto com base no contexto de cultura .....                                    | 82  |
| Quadro 11 - Parâmetros de etiquetagem sistêmico-funcional das orações relacionais...                               | 85  |
| Quadro 12 - Campos e valores do modelo de anotação das orações relacionais .....                                   | 87  |
| Quadro 13 – Etapas do percurso metodológico e produtos associados à análise das orações relacionais.....           | 88  |
| Quadro 14 – Etapas do procedimento probabilístico para a análise sistêmico-funcional das orações relacionais ..... | 93  |
| Quadro 15 – Escala de custo composicional das realizações léxico-gramaticais nas orações relacionais .....         | 96  |
| Quadro 16 – Índice médio de compactação relacional (ICR) segundo o tipo de relação .....                           | 119 |
| Quadro 17 - Índice médio de compactação relacional (ICR) por subdomínio jornalístico .....                         | 120 |
| Quadro 18 - Tipologia das orações relacionais segundo tipo e modo de relação .....                                 | 129 |
| Quadro 19 - Metarredundância entre tipo e modo de relação e sua projeção nos tipos de expansão .....               | 135 |
| Quadro 20 – Formalização das seleções de expressão no sistema relacional .....                                     | 141 |
| Quadro 21 – Fases temporais nos processo relacional.....                                                           | 144 |
| Quadro 22 – O presente como operador gnômico no processo relacional: evidência tipológica.....                     | 159 |

|                                                                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 23 – Grau de referencialidade dos participantes nas orações relacionais do português .....                    | 169 |
| Quadro 24 – Características sistêmicas do Portador nas orações relacionais atributivas .....                         | 174 |
| Quadro 25 – Identificação do Atributo por meio do teste interrogativo funcional.....                                 | 177 |
| Quadro 26 – Características do Atributo nas orações relacionais atributivas .....                                    | 179 |
| Quadro 27 – Sistema de direcionalidade da identidade nas orações identificativas.....                                | 182 |
| Quadro 28 – Paráfrases intensivas de relações circunstanciais e possessivas.....                                     | 184 |
| Quadro 29 – Especialização do processo relacional e reconfiguração da função do Atributo .....                       | 186 |
| Quadro 30 – Contínuo de atribuição de classe nas orações relacionais intensivas atributivas .....                    | 189 |
| Quadro 31- Esquemas de atribuição interna.....                                                                       | 193 |
| Quadro 32- Tipos de esquematização nas orações intensivas atributivas .....                                          | 196 |
| Quadro 33- Tipos de esquematização nas orações intensivas atributivas .....                                          | 197 |
| Quadro 34 – Domínios semânticos, subdomínios e verbos realizadores do Processo Relacional Atributivo no corpus ..... | 198 |
| Quadro 35 - Estrutura prototípica das orações intensivas identificativas .....                                       | 202 |
| Quadro 36 – Direcionalidade simbólica e voz nas orações intensivas identificativas codificadoras.....                | 216 |
| Quadro 37 – Tipos de circunstância realizados em orações relacionais circunstanciais segundo o verbo .....           | 226 |
| Quadro 38 – Atribuição circunstancial: estrutura participante e tipos de circunstância.....                          | 227 |
| Quadro 39 – Processos relacionais circunstanciais atributivos identificados no corpus .....                          | 230 |
| Quadro 40 – Percorso logogenético das orações possessivas na entrevista.....                                         | 241 |
| Quadro 41 – Tipos de posse no subsistema possessivo do português .....                                               | 250 |
| Quadro 42 – Direcionalidade simbólica e tipos de posse nas orações identificativas ..                                | 254 |
| Quadro 43 – Seleções de expressão na subrede de identificação possessiva .....                                       | 257 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                                        |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Gráfico 1 – Participação de cada subconjunto amostral no total do corpus.....                          | 110 |
| Gráfico 2 – Distribuição de orações relacionais por subconjunto amostral.....                          | 110 |
| Gráfico 3 – Distribuição probabilística condicional dos tipos e modos de relação e entropia total..... | 117 |
| Gráfico 4 – Distribuição probabilística dos tempos verbais no processo relacional ....                 | 154 |
| Gráfico 5 – Subdivisões do passado e gradação de referência.....                                       | 155 |
| Gráfico 6 – Distribuição das formas verbais realizadoras de processos relacionais ....                 | 161 |
| Gráfico 7 – Faixa probabilística do contínuo de Atribuição .....                                       | 191 |
| Gráfico 8 – Distribuição dos processos relacionais de semiose nos tipos de texto selecionados.....     | 222 |
| Gráfico 9 – Distribuição dos verbos realizadores de processos relacionais circunstanciais .....        | 225 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 - Frequência dos tipos de orações relacionais .....                                                                    | 109 |
| Tabela 2- Distribuição dos tipos de orações relacionais por subconjunto textual .....                                           | 111 |
| Tabela 3 - Frequência dos modos de relação .....                                                                                | 115 |
| Tabela 4 - Frequência cruzada dos tipos de relação com os modos de relação .....                                                | 116 |
| Tabela 5 – Distribuição das formas de realização do primeiro participante nas orações relacionais .....                         | 122 |
| Tabela 6 – Distribuição das formas de realização do segundo participante (Atributo/Identificador) nas orações relacionais ..... | 122 |
| Tabela 7 - Distribuição probabilística do subsistema de Expansão nas orações relacionais .....                                  | 136 |
| Tabela 8 – Distribuição probabilística e entropia do tipo de Expansão por tipo de relação .....                                 | 137 |
| Tabela 9 – Distribuição dos padrões aspectuais de realização do presente .....                                                  | 149 |
| Tabela 10 – Distribuição probabilística e densidade informacional dos verbos relacionais no português jornalístico .....        | 162 |
| Tabela 11 – Distribuição dos tipos de atribuição na subrede intensiva atributiva .....                                          | 200 |
| Tabela 12 – Distribuição zonal dos tipos de atribuição nas orações intensivas atributivas .....                                 | 201 |
| Tabela 13 – Campo probabilístico da codificação identificativa: voz, realização do Valor e leitura simbólica .....              | 217 |
| Tabela 14 – Distribuição das orações circunstanciais por modo de relação e realização da circunstância como participante .....  | 225 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                                         | 1  |
| CAPÍTULO 1: A configuração dos processos relacionais Em estudos sistêmico-funcionais – contrastes e convergências ..... | 20 |
| 2.1. O lugar dos processos relacionais na representação da experiência.....                                             | 22 |
| 2.1.1. <i>A transitividade como sistema de representação da experiência</i> .....                                       | 22 |
| 2.1.2 <i>A especificidade relacional: do ser como energia ao ser como símbolo</i> .....                                 | 24 |
| 2.1.3 <i>O contínuo de energia ↔ símbolo</i> .....                                                                      | 27 |
| 2.2 Descrições sistêmico-funcionais dos processos relacionais.....                                                      | 31 |
| 2.2.1 <i>M. A. K. Halliday: processos do Ser, do Estar e do Ter</i> .....                                               | 32 |
| 2.2.2 <i>Matthiessen (1995)</i> .....                                                                                   | 36 |
| 2.2.3 <i>Davidse (1999)</i> .....                                                                                       | 38 |
| 2.2.4 <i>Arús e Lavid (2001)</i> .....                                                                                  | 42 |
| 2.2.6 <i>Liu (2012)</i> .....                                                                                           | 48 |
| 2.2.7 <i>Souza (2006)</i> .....                                                                                         | 53 |
| 2.2.8 <i>Lima-Lopes (2008)</i> .....                                                                                    | 54 |
| 2.2.10 <i>Figueredo (2011)</i> .....                                                                                    | 56 |
| 2.2.11 <i>Damasceno (2016)</i> .....                                                                                    | 57 |
| 2.2.12 <i>Síntese e perspectivas para esta interpretação</i> .....                                                      | 61 |
| 2.3 Vinculação simbólica.....                                                                                           | 62 |
| Capítulo 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....                                                                           | 70 |
| 2.2 Sistema.....                                                                                                        | 74 |
| 2.3 Testes sistêmicos e critérios diagnósticos .....                                                                    | 78 |
| 2.4 O corpus .....                                                                                                      | 80 |
| 2.4.1 <i>Anotação</i> .....                                                                                             | 85 |
| 2.5 Interpretação probabilística do sistema .....                                                                       | 89 |
| 2.5.1 <i>O índice probabilístico de compactação relacional (ICR)</i> .....                                              | 94 |

|                                                                                                             |                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| <b>CAPÍTULO 3: O PERFIL IDEACIONAL DAS ORAÇÕES RELACIONAIS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS brasileiros .....</b>    | <b>101</b>                   |
| <b>3.1 Panorama probabilístico dos sistemas na condição de entrada: aspectos quantitativos gerais .....</b> | <b>108</b>                   |
| <i>3.1.1 Incidência intensiva atributiva .....</i>                                                          | <i>109</i>                   |
| <i>3.1.2 O comportamento probabilístico da compactação relacional no português jornalístico .....</i>       | <i>117</i>                   |
| <b>3.2 Modelagem da Experiência no Domínio do <i>Ser</i>, do <i>Estar</i> e do <i>Ter</i> .....</b>         | <b>124</b>                   |
| <i>3.2.1 Natureza do Processo Relacional .....</i>                                                          | <i>137</i>                   |
| <i>3.2.1.1 Dimensões temporais .....</i>                                                                    | <i>143</i>                   |
| <i>3.2.1.2 Localização temporal.....</i>                                                                    | <i>147</i>                   |
| <i>3.2.1.3 Perfil probabilístico .....</i>                                                                  | <i>161</i>                   |
| <i>3.2.2 Configuração de participantes.....</i>                                                             | <i>165</i>                   |
| <i>3.2.2.4 O Identificador .....</i>                                                                        | Error! Bookmark not defined. |
| <i>3.3.1 Orações atributivas.....</i>                                                                       | <i>185</i>                   |
| <i>3.3.1.1 O contínuo de atribuição .....</i>                                                               | <i>188</i>                   |
| <i>3.3.1.2 Atributo realizado por GA.....</i>                                                               | <i>192</i>                   |
| <i>3.3.1.3 Atributo realizado por N .....</i>                                                               | <i>195</i>                   |
| <i>3.3.1.4 Atributo realizado por GN .....</i>                                                              | <i>196</i>                   |
| <i>3.3.1.5 Síntese Probabilística .....</i>                                                                 | <i>200</i>                   |
| <i>3.3.1.6 Formas verbais atributivas identificadas no corpus .....</i>                                     | <i>198</i>                   |
| <i>3.3.2 Orações intensivas identificativas.....</i>                                                        | <i>202</i>                   |
| <i>3.3.2.1 Orações intensivas identificativas codificadoras e decodificadoras .....</i>                     | <i>207</i>                   |
| <i>3.3.2.2 Passivização.....</i>                                                                            | <i>209</i>                   |
| <i>3.3.2.3 Processos Lexicais de Semiose .....</i>                                                          | <i>219</i>                   |
| <b>3.4 Orações circunstanciais.....</b>                                                                     | <b>223</b>                   |
| <i>3.4.1 Atribuição circunstancial .....</i>                                                                | <i>227</i>                   |
| <i>3.4.2 Identificação circunstancial .....</i>                                                             | <i>232</i>                   |

|                                                     |            |
|-----------------------------------------------------|------------|
| <b>3.4.3 A subrede circunstancial: síntese.....</b> | <b>234</b> |
| <b>3.5 Orações possessivas .....</b>                | <b>236</b> |
| <b>3.5.1 A subrede possessiva .....</b>             | <b>244</b> |
| <b>3.5.2 Atribuição de posse .....</b>              | <b>248</b> |
| <b>3.5.3 Identificação de posse.....</b>            | <b>251</b> |
| <b>Considerações finais.....</b>                    | <b>260</b> |
| <b>Referências Bibliográficas .....</b>             | <b>268</b> |

## INTRODUÇÃO

Esta tese busca delinear um panorama da região relacional do espaço de construção de significados da gramática do português brasileiro escrito em registro jornalístico, tomando o sistema de TRANSITIVIDADE como campo de descrição e interpretação. Tal empreendimento requer um mapeamento teórico que dê conta da organização sistêmica das escolhas gramaticais. É nesse sentido que a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é aqui concebida como uma teoria-cartografia, capaz de representar, por meio de redes de sistemas, o potencial semogênico da língua. Nesse sentido, esta investigação se insere na seara investigativa iniciada por Halliday (1956, 1961) e posteriormente ampliada em um conjunto vasto de trabalhos, sendo os de Halliday (1963, 1973, 1978, 1985, 1993, 1994, 2002, 2004, 2005), Halliday e Matthiessen (1999, 2004, 2014), Matthiessen (1995, 2018, 2023), Davidse (1992, 1996, 1999, 2000), Souza (2006, 2012) e Figueredo (2011) os que exercem maior influência.

Tal pretensão se justifica pelo fato de que, no cenário brasileiro dos estudos sistêmico-funcionais, as orações relacionais permanecem, em grande medida, tratadas de forma fragmentária, frequentemente subordinadas a tipologias herdadas da tradição anglófona e raramente submetidas a um mapeamento sistemático, empírico e probabilístico. Ao assumirmos as orações relacionais como um núcleo estratégico da gramática ideacional — responsável pela estabilização de entidades no fluxo referencial do texto e pela construção de categorizações e identidades, sendo ainda uma região de alta produtividade de metáfora gramatical no discurso jornalístico —, propomos uma descrição integrada, articulando teoria, dados e método. Além disso, adotamos explicitamente uma perspectiva teórico-gerativa<sup>1</sup>, inspirada em Fawcett (2000), propondo a representação formal da rede de transitividade relacional, orientada a sua implementação computacional. Para tanto, tomamos como ponto de partida modelos

---

<sup>1</sup> O termo *teórico-gerativo* é aqui empregado em sentido não gerativista (isto é, não se vincula ao Gerativismo chomskiano). Ele designa, antes, uma concepção sistêmico-funcional segundo a qual a gramática é um mecanismo gerador de significados, capaz de instanciar textos a partir de redes de escolhas condicionadas pelo contexto. Nessa acepção — inspirada em Fawcett (2000) —, *gerar* inclui também um caráter computacional: trata-se de uma gramática concebida de modo explicitável e implementável, apta a ser formalizada como um sistema de seleção e realização que pode sustentar procedimentos de análise automática e de geração automática de texto. Assim, “gerativo” refere-se à possibilidade de modelar e operacionalizar computacionalmente o potencial sistêmico da língua, e não à derivação formal de estruturas por regras abstratas independentes da semântica e da função discursiva.

sistêmico-funcionais precedentes — notadamente Matthiessen (1995), Halliday e Matthiessen (2014) e Arús e Lavid (2001) — reinterpretando-os à luz dos dados do português brasileiro e das exigências de uma modelagem explícita, operacional e computacionalmente viável.

Distinguir entre a gramática enquanto sistema de fraseados da língua e a sua conceptualização por diferentes paradigmas teóricos é fundamental, pois essa separação impede que se confunda o objeto — a gramática — com os modelos de descrição que buscam interpretá-lo — a Gramática. Nesse sentido, torna-se pertinente a seguinte passagem de Matthiessen e Halliday (1997, p. 02):

Na história do pensamento sobre a linguagem no Ocidente, há duas perspectivas teóricas um tanto distintas. Ambas têm suas origens na Grécia Antiga; houve muitas variações, mas ainda hoje é possível rastrear esses dois fios de pensamento. Em uma delas, a linguagem é um conjunto de regras — regras para especificar estruturas; assim, a gramática é um conjunto de regras para especificar estruturas gramaticais, como a construção de uma sentença transitiva com ‘verbo + objeto’. Essa perspectiva é a da lógica e da filosofia, por exemplo, no realce da sentença como unidade básica da linguagem, organizada segundo um modelo lógico de Sujeito + Predicado. Sendo a sentença a unidade básica, ela é estudada em isolamento. Na outra perspectiva, a linguagem é um recurso — um recurso para a produção de significados; assim, a gramática é um recurso para criar significado por meio do fraseado<sup>2</sup>.

A relevância dessa distinção, estabelecida no manuscrito de Matthiessen e Halliday (1997), reside no fato de possibilitar a caracterização da natureza da teoria gramatical que fundamenta esta tese: a LSF. Conforme se depreende da passagem citada, a primeira perspectiva corresponde às concepções próprias da Gramática Tradicional, fortemente marcada pela influência das doutrinas filosóficas greco-latinas e da lógica. Já a segunda perspectiva — aquela que é assumida pela LSF — encontra respaldo na Retórica e na Etnografia, elegendo o texto como unidade básica e situando o estudo da sentença em seu ambiente discursivo.

Sob essa perspectiva, a gramática é tratada de maneira holística, na medida em que se volta para as múltiplas camadas de organização do sistema linguístico, concebido

---

<sup>2</sup> No original: “In the history of thinking about language in the West, there have been two somewhat different theoretical perspectives. Both have their origins in Ancient Greece; there have been many variations, but we can still trace these two strands of thinking today. In one, language is a set of rules — rules for specifying structures; so grammar is a set of rules for specifying grammatical structures, such as the construction of a transitive sentence with ‘verb + object’. This perspective is that of logic and philosophy, e.g. in the foregrounding of the sentence as the basic unit of language, organized on a logical model into Subject + Predicate. Since the sentence is the basic unit, it is studied in isolation. In the other view, language is a resource — a resource for making meanings; so grammar is a resource for creating meaning by means of wording” (Matthiessen; Halliday, 1997, p. 02).

como um sistema de informação (Halliday, 2005). Tal concepção rompe com a visão reducionista da gramática como um conjunto de regras estruturais e desloca o foco para a rede de opções disponíveis aos falantes para produzir significados, o que impõe uma abordagem probabilística da gramática. Em Halliday (1985), essa mudança de enfoque mostra-se crucial, pois o sistema gramatical passa a ser interpretado como um recurso semiótico que articula, simultaneamente, diferentes estratos e metafunções, permitindo que a linguagem seja compreendida não apenas como forma, mas como potencial de significação em funcionamento nos textos.

Com efeito, para a LSF, a gramática abrange o conjunto de recursos de que os falantes dispõem para interagir entre si em uma determinada língua, construindo e mantendo relações interpessoais e, ao mesmo tempo, vivenciando a ordem social que lhes serve de pano de fundo. Concomitantemente, constitui-se também como um recurso para interpretar e representar nossas experiências do mundo – seja no domínio material, em que se constroem os processos de fazer e acontecer que configuram a realidade empírica; seja no domínio mental, em que se realizam os processos de perceber, pensar e sentir, ligados ao processamento da consciência; seja, ainda, no domínio simbólico, que se manifesta principalmente por meio dos processos relacionais, voltados a estabelecer identidades e caracterizações, relacionando fragmentos da experiência para operar generalização e individuação de entidades enquanto participantes associados ao processo (Halliday; Matthiessen, 2014; Matthiessen, 1995; Davidse, 1999).

Nesse quadro, Halliday (1985, 1994) e Halliday e Matthiessen (1999, 2004, 2014) sistematizam a gramática em três grandes metafunções, ou modos de significar, que se realizam de forma simultânea em cada instância de linguagem. A metafunção ideacional diz respeito à capacidade de a língua representar a experiência, organizando os processos, participantes e circunstâncias por meio do Sistema de TRANSITIVIDADE. A metafunção interpessoal abrange os recursos linguísticos que possibilitam aos falantes negociarem atitudes, papéis e relações sociais no ato comunicativo através do Sistema de MODO. Já a metafunção textual responde pela organização dos significados ideacionais e interpessoais em fluxo de informação, permitindo que sejam textualizados de forma coesa e coerente por meio do Sistema de TEMA. Essa tripla perspectiva confere à gramática o estatuto de um recurso semiótico abrangente, que articula experiência, interação e organização textual em realização sintagmática.

É precisamente na metafunção ideacional que esta pesquisa se ancora, uma vez que nela se concentram os recursos linguísticos responsáveis por interpretar e representar

a experiência. No interior desse domínio, o sistema de TRANSITIVIDADE organiza os diferentes tipos de processo, participantes e circunstâncias que configuram a realidade nas orações. Entre esses processos, os relacionais assumem papel primário, porquanto são responsáveis por estabelecer identidades, atributos, relações circunstanciais e relações de pertencimento, constituindo, assim, um domínio central da construção de significados. Tendo isso em vista, a pesquisa aqui apresentada toma como objeto de análise os processos relacionais no português brasileiro, observando sua realização em textos jornalísticos escritos e buscando descrever de que modo tais escolhas gramaticais contribuem para a representação da experiência.

Assim como os recursos interpessoais e textuais, os recursos experienciais são representados, na LSF, como uma rede de sistemas, em que cada sistema reúne opções semânticas e léxico-gramaticais inter-relacionadas. Ao ser ativado no ato de significar, esse potencial oferece ao falante um conjunto finito de alternativas, cuja seleção resulta na instanciação de significados experienciais nos textos. Para ilustrar como essas opções se configuram na teoria, tomemos os exemplos a seguir, centrados nas escolhas gerais do sistema relacional, cuja condição de entrada aciona dois sistemas simultâneos: o TIPO DE RELAÇÃO e O MODO DE RELAÇÃO:

Quadro 1 – Cosseleção e significados gerais das escolhas na condição e entrada

| Escolha Sistêmica<br>(cosseleção) |                       | Significado                                         | Exemplo                                                                                                                               |
|-----------------------------------|-----------------------|-----------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tipo                              | Modo                  |                                                     |                                                                                                                                       |
| <i>intensiva</i>                  | <i>atributiva</i>     | Caracterização de entidade                          | O abalo é inevitável. (R7, 2023)                                                                                                      |
| <i>intensiva</i>                  | <i>identificativa</i> | Identificação de identidade                         | 2023 é o terceiro ano mais quente até o momento. (Diário de Pernambuco, 2023)                                                         |
| <i>circunstancial</i>             | <i>atributiva</i>     | Ancoragem contingente                               | A atuação <b>foi</b> no momento em que ela prestava plantão (Diário de Pernambuco, 2023)                                              |
| <i>circunstancial</i>             | <i>identificativa</i> | Ancoragem definidora                                | Nesse espaço onde está escrito ‘macaca’ é onde eu escreveria meu nome (G1, 2022)                                                      |
| <i>possessiva</i>                 | <i>atributiva</i>     | Atribuição de posse/propriedade/meronímia/hiponímia | Ela <b>tem</b> um poder acentuado de sedução. (R7, 2023)                                                                              |
| <i>possessiva</i>                 | <i>identificativa</i> | Identificação de entidade possuída                  | A avaliação é de especialistas de duas organizações da sociedade civil, o Greenpeace e o Instituto Polis (Diário de Pernambuco, 2023) |

Fonte: Elaboração própria.

A exemplificação apresentada no quadro tem por finalidade explicitar o princípio que orienta o funcionamento do sistema relacional, segundo o qual cada oração realiza uma combinação simultânea de escolhas que pertencem a dois eixos interdependentes — o TIPO DE RELAÇÃO (intensiva, circunstancial, possessiva) e o MODO DE RELAÇÃO (atributiva, identificativa). Conforme propõe Matthiessen (2023), os sistemas que compõem a gramática experiencial devem ser compreendidos não como inventários estruturais, mas como espaços de potencial de significado, nos quais cada termo representa uma opção semântica possível dentro da rede. Desse modo, os exemplos não esgotam as configurações da transitividade relacional, mas ilustram as projeções paradigmáticas que centralizam as zonas de significado do sistema. O mapa delineado pela teoria, portanto, descreve as fronteiras e as intersecções entre modos de representar o Ser<sup>3</sup>, permitindo investigar como o português brasileiro distribui probabilisticamente as escolhas entre caracterizar, identificar, localizar ou atribuir posse.

A formalização do mapa pela teoria visa explicitar o percurso que o falante realiza ao escolher nos sistemas gramaticais integrantes da rede, como, por exemplo, os dois sistemas anteriormente mencionados:

| Condição de Entrada | Nome do Sistema                                                   | Termos                                                                                                                         |
|---------------------|-------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| oração relacional   | <div>TIPO DE<br/>RELAÇÃO →</div> <div>MODO DE<br/>RELAÇÃO →</div> | <div>[ intensiva</div> <div>[ circunstancial</div> <div>[ possessiva</div> <div>[ atributiva</div> <div>[ identificativa</div> |

Figura 1 – Formalização sistêmica  
Fonte: Adaptação com base em Davidse (1999).

Esse modelo de representação gráfica mostra (i) os nomes dos sistemas, TIPO DE RELAÇÃO e MODO DE RELAÇÃO, indicados na segunda coluna, acima e abaixo das setas horizontais; (ii) os termos a serem selecionados, organizados em colchetes na terceira coluna; e (iii) a condição de entrada sob a qual essas escolhas se tornam disponíveis, explicitada na primeira coluna como *oração relacional*. A chave posicionada à esquerda sinaliza que os dois sistemas são acionados em cosseleção, de modo que a escolha de um

<sup>3</sup> Emprega-se a inicial maiúscula em *Ser* para designar um domínio conceitual da experiência, e não a forma verbal ou um tipo de processo específico, em consonância com a abstração teórica proposta no âmbito da LSF.

tipo e de um modo da relação ocorre simultaneamente sempre que a condição de entrada é satisfeita.

É a partir dessa concepção sistêmica de representação que a abordagem que sustenta este estudo intenciona inserir-se na tradição tipológica da LSF. Diferentemente de descrições de caráter puramente isolado, essa teoria concebe a gramática como um sistema de opções semióticas potencialmente compartilhadas entre as línguas, cuja realização é contingente a fatores histórico-culturais específicos. Conforme argumentam Caffarel, Martin e Matthiessen (2004), descrever uma língua particular implica o desafio de equilibrar a sua singularidade com o reconhecimento de que ela constitui uma instância particular do sistema semiótico humano. Tal empreendimento requer uma teoria suficientemente abrangente para articular o particular e o geral sem impor pressupostos descritivos derivados de uma única tradição linguística. A LSF oferece essa base ao conceber a linguagem como um potencial de significados e ao propor que as descrições de línguas específicas se fundamentem em dados de discurso autêntico, analisados no uso real, de modo a evitar a mera transferência de categorias entre línguas. Nessa perspectiva, as descrições particulares não são fins em si mesmas, mas contribuem para generalizações tipológicas sobre sistemas gramaticais, compreendidos como conjuntos de recursos funcionais na construção do significado.

Halliday (1975, 2005) indica que o modelo sistêmico deve servir não apenas para descrever o inglês, mas para prover um metamodelo capaz de ser instanciado em qualquer língua. Assim, embora o foco empírico desta tese seja o português brasileiro em funcionamento no domínio jornalístico, sua fundamentação se apoia fortemente em diferentes estudos e modelos propostos para outras línguas. Desse modo:

1. A rede relacional não é concebida *ad hoc* para o português brasileiro, mas como uma parte de um potencial semiótico humano modelado na LSF. A descrição aqui apresentada, portanto, dialoga com descrições já consolidadas em outras línguas, sobretudo com o modelo de base de Halliday e Matthiessen (2014).
2. Exemplos de outras línguas foram mobilizados para evidenciar regularidades tipológicas que reforçam a hipótese central desta pesquisa, a saber, que a oração relacional se instaura prototipicamente pela inerência do par de participantes, apresentando, contudo, o potencial de se expandir para realizar o significado relacional no Processo.

A descrição do português brasileiro aqui empreendida, consequentemente, deve ser entendida como uma contribuição localizada ao programa tipológico da LSF. Por isso, em busca de realizar uma descrição das orações relacionais que fosse convergente em relação a trabalhos fundamentados na LSF, acerca do português brasileiro e de outras línguas, adaptamos cinco perguntas sistêmicas relativas ao Sistema de TRANSITIVIDADE, propostas por Caffarel, Martin e Matthiessen (2004) e retomadas em Figueredo (2011), a esta tese. As perguntas são recolocadas da seguinte maneira:

1. Quantos tipos de processos relacionais precisam ser reconhecidos, com configurações distintas dos participantes Portador, Atributo, Identificado e Identificador?
2. Como esse tipo de processo pode ser motivado, recorrendo a uma variedade de evidências morfológicas, sintagmáticas e criptogramaticais<sup>4</sup>, bem como a evidências do discurso relacionadas à construção de fases de diferentes subdomínios de relação?
3. Como a ‘voz’ está relacionada ao modo do processo relacional; até que ponto ela pode ser generalizada além dos processos materiais?
4. Um ou outro desses padrões gerais está associado a tipos ou subtipos específicos de processos relacionais, pessoas, modos, substantivos, pronomes, entre outros.?
5. Qual é a natureza da organização orbital das orações relacionais, em núcleo, margem e periferia?

Quanto ao exposto, cabe ainda destacar o nível de aplicação desta investigação. Como estabelece Fawcett (2000, p.xvi), entre as diversas áreas de aplicação da teoria, tende-se equivocadamente a excluir a descrição de línguas naturais, posição que o próprio autor problematiza ao argumentar que tal exclusão constitui um equívoco conceitual, pois

são as descrições das línguas — e não as teorias — que são efetivamente utilizadas para ajudar a resolver diferentes tipos de problemas em áreas como o ensino e a aprendizagem de línguas, a tradução entre idiomas, o estudo de

---

<sup>4</sup> Na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 2005), as categorias criptogramaticais são estruturas gramaticais implícitas, que organizam o discurso sem aparecerem de forma explícita. Elas desempenham um papel fundamental na construção de significados, ajudando a estabelecer relações entre elementos do texto, como agente e processo. Embora não sejam visíveis na superfície, essas categorias são essenciais para a coesão e coerência textual.

como as crianças aprendem a língua materna, a análise do estilo literário, a análise crítica do discurso e outras afins<sup>5</sup>.

Considerar a descrição do sistema relacional do português brasileiro como uma forma de aplicação é, sob esse ponto de vista, coerente. O fato é que é impossível aplicar uma teoria da linguagem diretamente aos problemas que suscitam investigação, pois “só é possível aplicar uma descrição baseada em teoria a uma determinada língua (ou a um conjunto de línguas)” (Fawcett, 1995, p. xvi). Entretanto, cabe observar que a divisão entre teoria, descrição e aplicação é artificial, tendo em vista que as influências podem operar de maneira produtiva em diferentes direções.

Ao assumirmos a perspectiva da LSF, também nos juntamos aos esforços dos pesquisadores sistemicistas brasileiros por uma descrição ampla do sistema de TRANSITIVIDADE nos diferentes tipos de texto praticados em nossa cultura (Souza, 2006; Lima-Lopes, 2008; Batista, 1998; Siqueira, 2000; Figueredo, 2011; Damasceno, 2016). A descrição sistêmico-funcional do português brasileiro (PB) abrange um conjunto significativo de investigações que se concentraram no delineamento de seu perfil metafuncional. Muitos desses estudos focalizaram apenas uma parte do espectro metafuncional da língua. No conjunto desses esforços, é necessário destacar o empreendimento de Figueredo (2011), que nos fornece uma descrição das três metafunções, abarcando em seu trabalho descritivo os perfis ideacional, interpessoal e textual do PB. Entretanto, a descrição do perfil ideacional realizada pelo estudioso deteve-se nas orações mentais, não contemplando os outros tipos de oração. O trabalho desse estudioso abriu uma seara por se trilhar na investigação dos sistemas oracionais de nossa língua.

Outros trabalhos que se propuseram à tarefa de descrever o perfil ideacional de dados do português brasileiro foram Souza (2006), que desenvolveu uma ampla análise da transitividade em editoriais, e Lima-Lopes (2008), que se deteve nos processos relacionais em cartas publicitárias. Ambos representam contribuições significativas à consolidação dos estudos de base sistêmico-funcional no país. Ainda que compartilhem com esses estudiosos o interesse pela descrição dos sistemas ideacionais, o presente estudo distingue-se por buscar um nível adicional de especificação no sistema relacional,

---

<sup>5</sup> No original: “it is descriptions of languages - not theories - that get used to help solve problems of various sorts in fields such as the teaching and learning of languages, translation between languages, studying how children learn their mother tongue, analyzing literary style, critical discourse analysis, and the like” (Fawcett, 2000, p.xvi)

por meio da proposição de um modelo probabilístico e uma representação em rede orientada à modelagem dos padrões do PB.

A descrição realizada por Souza (2008) focaliza os verbos realizadores de processos relacionais tradicionalmente agrupados na categoria dos verbos de ligação, analisando de modo sistemático seu funcionamento na construção das relações intensivas, circunstanciais e possessivas. Conforme a autora, “ser, estar, permanecer, continuar, ficar, tornar, parecer, mostrar, andar e encontrar representam a totalidade desses processos no português” (p. 138). A presente investigação dialoga diretamente com essa proposta e a toma como base, ampliando o recorte analítico ao incorporar também verbos usualmente classificados como nocionais, quando estes participam da construção do significado relacional. Além disso, enquanto nos verbos de ligação o tipo de relação tende a ser configurado prioritariamente pelos participantes, este estudo examina igualmente os casos em que o próprio Processo contribui decisivamente para a construção do tipo relacional, concebendo-o como uma zona de escolha situada em um contínuo que vai de opções mais generalizadas, como *ser*, *estar* e *permanecer*, a opções progressivamente mais especializadas, como *medir*, *significar* e afins.

Já o estudo de Lima-Lopes (2008) também enfoca as orações relacionais, demonstrando o papel central dos processos relacionais em cartas publicitárias. O autor se concentra em grande medida no estrato semântico do conteúdo, descortinando a relação entre a construção de significado e a representação discursiva de produtos/serviços, do destinatário e da empresa remetente.

Tendo em vista o instrumental teórico-metodológico proposto pela LSF, que possibilita uma descrição detalhada de diversos aspectos imbricados na constituição das estruturas gramaticais, consideramos necessária uma interpretação do perfil ideacional das orações relacionais em dados de uso do português brasileiro que seja, simultaneamente, quantitativamente significativa, visto que isso possibilita demonstrar com maior refinamento a riqueza potencial desse subsistema, tanto em termos de observação de maior amplitude variacional quanto de potencial de expansão.

Para isso, torna-se necessária a análise da relação entre o estrato semântico e o gramatical, assim como das classes inferiores à ordem oracional – grupos e sintagmas, palavras e morfemas. Conforme Figueredo (2011, p. 89), uma descrição desse tipo é caracterizada pela focalização “da “gramática alta” (ordem imediatamente inferior à semântica – a oração) e a “semântica baixa” (ordem imediatamente superior à gramática – figura, argumento e mensagem)”.

O relacionamento entre o estrato gramatical e o estrato semântico representa “um princípio inerente de organização na própria linguagem e parte de sua teoria da realidade, da qual ela própria é parte” (Matthiessen, 1991, p. 71)<sup>6</sup>. A gramática é o recurso utilizado para a criação e expressão dos significados como fraseados, instanciados concomitantemente como texto e sistema. A figura 2 sintetiza a natureza desse relacionamento, representando a cisão do plano do conteúdo entre esses dois estratos:

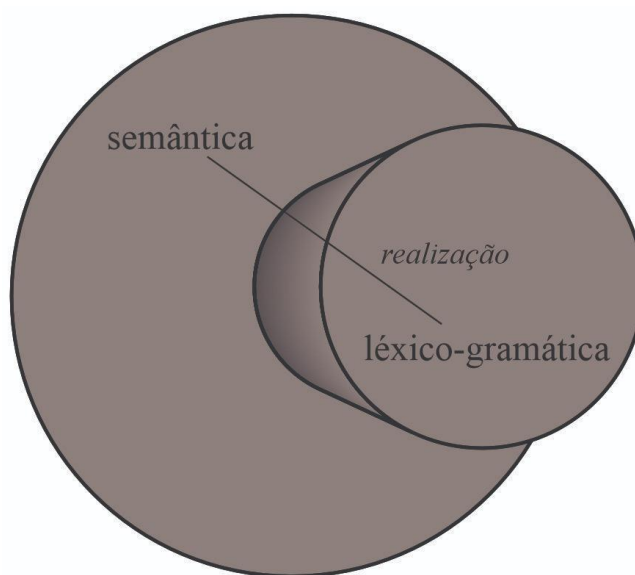


Figura 2 – Realização entre os estratos do conteúdo  
Fonte: adaptada de Matthiessen (1991).

*Realização* e *Instanciação* são princípios extremamente importantes para a perspectiva sistêmico-funcional. A realização opera como um *princípio estratal*, responsável por regular as relações entre os diferentes níveis da arquitetura da linguagem, de modo que significados em um estrato são sistematicamente realizados por formas em outro. Já a instanciação constitui um *princípio clinal*, uma vez que organiza a relação entre o potencial sistêmico da língua e suas manifestações no uso ao longo de um contínuo graduado, que vai do sistema mais abstrato às ocorrências textuais concretas. Essa distinção permite compreender, de um lado, como os significados são projetados entre estratos e, de outro, como tais significados se distribuem probabilisticamente no uso.

Como demonstra Davidse (1992), a conjunção dessas duas perspectivas opera tanto na dimensão global do sistema linguístico quanto em regiões restritas da gramática, como a das orações relacionais. É precisamente nesse domínio que os princípios de realização e instanciação se tornam particularmente visíveis, ao se incorporarem de

---

<sup>6</sup> No original: “an inherent principle of organization in language itself and part of its theory of the reality of which it itself is a part” (Matthiessen, 1991, p. 71).

maneira diferenciada nos modos atributivo e identificativo. Nas orações relacionais atributivas, o significado relacional tende a ser construído por meio de um movimento de instanciação, no qual classes de coisas, qualidades ou circunstâncias são atualizadas como Atributo de um Portador. Já nas orações relacionais identificativas, observa-se um predomínio do princípio de realização, uma vez que a relação equativa projeta correspondências mais estáveis entre funções participantes, ancorando identidades e promovendo um alinhamento mais direto entre níveis estratais. Dessa forma, os modos atributivo e identificativo podem ser compreendidos como especializações locais desses princípios gerais, evidenciando como a arquitetura sistêmico-funcional se desdobra simultaneamente em termos estratais e clinais no interior do sistema relacional. Nesse sentido, o presente trabalho se alinha a essa abordagem ao descrever como esses dois princípios revelam o contínuo entre a gramática e a semântica dessas orações – o *contínuo relacional* –, conectando atribuição e identificação.

Ao assumirmos a hipótese de Davidse (1992) na abordagem das orações relacionais, interpretamos os diferentes usos do verbo *ser*, forma verbal prototípica nessas orações, como instâncias representativas de sua funcionalidade polissêmica, evidenciando a complexidade de que são capazes as línguas naturais. Assim, a linguagem abarca uma teoria do conceito de Ser que possibilita a construção de conceitos em uma escala de abstração.

Como consequência, esse tipo de configuração centrada na representação do Ser originou múltiplas relações analógicas, relacionadas de maneira gradiente. Nas orações intensivas atributivas, a relação opera uma generalização em que uma entidade é atribuída a uma classe, como nas orações componentes dessa passagem de uma entrevista:

(1) Você pensa em voltar para a política?

Não, porque eu já ocupei os cargos mais importantes do Rio de Janeiro. **Não quero ser presidente da República, não quero ser governador.** Quero desenvolver a minha atividade. **Eu sou jornalista,** gosto de comunicação, **fui gestor, fui chefe de dois Poderes durante 16 anos, fui senador da República** e fui preso. Eu tenho uma vida e acredito que posso colaborar com as pessoas, com as empresas. Quero **ser consultor em comunicação, em gestão.** (Metrópoles, 2021)

No trecho analisado, produzido no contexto jornalístico de reportar, as orações relacionais intensivas atributivas funcionam como operações de categorização e,

portanto, de instanciação. Nessas configurações, uma entidade âncora é projetada como instância de classes socialmente estabilizadas, tais como profissões e funções institucionais, instaurando uma relação unidirecional típica da atribuição, na qual o Portador se vincula a uma classe de coisas ou qualidades. Esse funcionamento torna-se particularmente evidente nas sequências em que o verbo *ser* atua como elemento que viabiliza a associação do Portador a categorias como *jornalista*, *gestor*, *chefe de dois Poderes* e *senador da República*, convertendo experiências e trajetórias institucionais em pertencimentos categóricos. O mesmo princípio pode ser observado na exploração sistemática da polaridade, que atua como operador de inclusão ou de exclusão categorial, como ocorre quando o texto nega explicitamente a inserção do Portador nas classes correspondentes aos cargos de *presidente da República* e de *governador*. Em contraste, a projeção associada à construção *ser consultor em comunicação e em gestão* reinscreve o enunciador em um eixo de inclusão futura, ampliando o espaço de categorização possível. Desse modo, as orações analisadas por esta investigação oferecem sustentação empírica à hipótese de que as orações intensivas atributivas constituem um recurso altamente produtivo para a organização da experiência em termos de pertencimento categorial, tornando observável o princípio de instanciação na gramática relacional e sua lógica de funcionamento baseada em inclusão e exclusão.

Entretanto, os processos de atribuição intensiva não operam de maneira unívoca, mas configuram-se ao longo de um contínuo de instanciação, aqui denominado *contínuo de atribuição*. Esse modelo permite descrever a atribuição como uma relação unidirecional cuja realização varia gradualmente em função do tipo de classe instanciada e do *locus* gramatical em que essa classe é construída. Em um dos extremos do contínuo, observa-se uma orientação interna, na qual a classe de qualidade é instanciada como propriedade intrínseca do Portador e realizada como participante, configurando padrões altamente estáveis e generalizados. À medida que se avança em direção às regiões centrais do contínuo, a atribuição passa a envolver classes de coisas instanciadas como propriedades extrínsecas do Portador, igualmente construídas como participantes, mas já dependentes de enquadramentos situacionais e institucionais mais específicos. Em direção ao outro extremo, intensifica-se a orientação externa, e a classe deixa progressivamente de ser realizada como participante, passando a ser construída pelo próprio Processo, o que amplia o papel semântico do verbo na configuração da relação atributiva. No caso limite desse percurso, pode ocorrer o apagamento formal do Atributo, concentrando-se no Processo a responsabilidade pela instauração do significado

relacional. A caracterização desse contínuo de atribuição, em seus diferentes níveis de orientação e realização, será retomada e desenvolvida no Capítulo 3, onde se explicitam os pontos focais que estruturam esse modelo.

Já nas orações intensivas identificativas, a relação opera uma especificação em que uma identidade é atribuída a uma entidade ou a um símbolo, como no exemplo:

**(2) A operação da última quinta-feira (6) foi a ação policial mais letal da história do estado do Rio de Janeiro.** Um policial civil também morreu. Na ocasião, moradores relataram tiroteios, uso de helicópteros da polícia e blindados. Vídeos e fotos mostram manchas de sangue dentro de residências, além de corpos sendo carregados por agentes. (Folha de São Paulo, 2021)

No exemplo analisado, a oração *A operação da última quinta-feira foi a ação policial mais letal da história do estado do Rio de Janeiro* constrói uma relação identificativa na qual um evento específico é identificado por meio de um rótulo avaliativo que o singulariza no interior de um conjunto histórico mais amplo. Diferentemente das orações atributivas, não se trata de inscrever uma entidade em uma classe, mas de fixar uma identidade discursiva por meio da equivalência entre Identificado e Identificador, ambos dotados de forte densidade referencial. Como já discutido, essas orações se configuram com base no princípio de realização, noção introduzida por Hjelmslev (2013), segundo a qual a relação entre os termos se estabelece entre diferentes estratos semióticos do sistema linguístico e, portanto, entre distintas ordens de abstração. Nesse enquadramento, a realização instaura relações de codificação que se desdobram em duas direções complementares, uma voltada à expressão e outra à interpretação, permitindo que um conteúdo experiencial complexo seja condensado em uma formulação equativa de alto grau de estabilidade semântica. No âmbito da reportagem, essa operação cumpre uma função primária ao converter a multiplicidade de ocorrências empíricas associadas ao evento em uma designação única e historicamente localizada, fazendo da oração identificativa um recurso para a estabilização discursiva de identidades.

A investigação dessa rede de sistemas, todavia, não parte da oração como unidade autônoma. Por se tratar de uma perspectiva funcional, tomamos o texto como ponto de partida e a oração como unidade instanciada em sua ambiência. Com base nisso, assumimos o objetivo geral de:

- Seguindo a direção de instanciação que parte da instância (o texto) em direção ao potencial (sistema), proceder à identificação e à descrição sistêmico-funcional do sistema de orações relacionais, com foco nos tipos de estruturas léxico-gramaticais e nas categorizações semânticas, bem como nas formas gramaticais que codificam participantes e processos, lançando mão de um tratamento quali-quantitativo que associa uma interpretação sistêmico-funcional dessas orações à análise probabilística de seus sistemas gramaticais.

Desse objetivo geral derivamos os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as configurações léxico-gramaticais dessas orações, mapeando as formas verbais e as estruturas que codificam os participantes no português brasileiro.
- Categorizar os tipos de participantes (Portador, Atributo, Identificado e Identificador) e as características semânticas associadas, observando as correlações entre forma gramatical e função semântica.
- Propor um modelo sistêmico-funcional para o sistema de orações relacionais, representando suas opções e dependências em rede, de modo compatível com a arquitetura teórica da LSF.
- Analisar probabilisticamente as escolhas realizadas nos sistemas gramaticais identificados, calculando distribuições e medidas informacionais (como entropia, densidade e probabilidade condicional), de modo a integrar a interpretação funcional à variabilidade estatística dos dados.

Para a concretização desses objetivos, este estudo assume uma abordagem teórico-empirista, compreendida como um movimento contínuo entre a teorização e a análise de dados que ocorrem em contextos comunicativos reais. O percurso metodológico parte da teoria – isto é, dos princípios sistêmico-funcionais relativos à metafunção ideacional e à modelagem sistêmica – e avança em direção à análise empírica das orações no *corpus*, na qual as categorias teóricas são testadas, observadas e quantificadas. A análise empírica, por sua vez, retroalimenta a teorização, permitindo refinar, expandir ou reajustar o modelo. Essa circularidade – da teoria ao dado e do dado de volta à teoria – cumpre o princípio de que a descrição linguística deve ser concomitantemente teoricamente

motivada e empiricamente fundamentada (Halliday, 2005). Assim, esta tese busca não somente aplicar a teoria, mas também produzir teoria.

O *corpus*, constituído por aproximadamente 250.000 palavras, foi extraído de três gêneros representativos do registro jornalístico escrito, quais sejam: reportagens, artigos de opinião e entrevistas. Esses gêneros foram selecionados por oferecerem uma amostra suficiente para caracterizar os principais usos das orações relacionais no registro jornalístico brasileiro escrito. A amostra investigada foi coletada a partir dos principais grupos de comunicação do Brasil, como os grupos Globo, Folha de São Paulo e Abril, bem como portais jornalísticos de diversas regiões do país. Os textos selecionados abrangem o período de 2021 a 2023, e incluem 54 reportagens, 54 entrevistas publicadas e 54 artigos de opinião, dos quais foram extraídas 2.874 orações.

Para a análise textual, foi utilizada a ferramenta *WordSmith Tools*, que permite observar o uso de itens lexicais em seus contextos de ocorrência, além de fornecer gráficos de dispersão e recursos para a identificação de padrões. Complementando essa etapa, procedeu-se à anotação manual diretamente nos textos. As anotações foram realizadas em camadas, por meio de *tags XML*, que registram as características dos sistemas gramaticais analisados. Do ponto de vista computacional, esse esquema permitiu converter cada ocorrência anotada em uma instância de uma base de dados estruturada, na qual os sistemas registrados passaram a corresponder a variáveis categóricas. Um *script* desenvolvido em *Python* realizou o *parsing* automático dessas anotações, possibilitando o cálculo de distribuições de frequência, probabilidades condicionais, correlações e medidas informacionais das escolhas sistêmicas. Esses dados derivados da anotação serviram, ainda, de base para a modelagem da rede de sistemas das orações relacionais, na qual os sistemas são representados como nós e as dependências entre escolhas simultâneas como arestas ponderadas por probabilidades, permitindo explicitar formalmente a arquitetura relacional da rede de sistemas descrita.

A abordagem probabilística adotada é fundamentada nos princípios da teoria da informação de Shannon (1948) e na sua incorporação à LSF por Halliday (2005). Nesse modelo, as probabilidades sistêmicas são interpretadas como reflexos das tendências de escolha dentro do potencial de significação de uma língua, de modo que a frequência empírica de realização das opções constitui evidência de sua saliência funcional. Assim, a entropia é utilizada para medir o grau de previsibilidade ou incerteza associado a um sistema gramatical — isto é, quanto mais uniforme a distribuição das escolhas, maior a

entropia —, enquanto a assimetria e a surpresa informacional indicam a organização e a hierarquização das opções dentro da rede.

Como constatamos, no contexto do sistema relacional, a maior incidência de uma forma é indicativa de maior variabilidade configuracional, uma vez que sua frequência elevada reflete um potencial de uso mais expansivo dentro do sistema. Desse modo, a baixa informatividade observada em verbos de altíssima ocorrência, como *ser*, não implica homogeneidade estrutural, mas, ao contrário, amplitude funcional e flexibilidade combinatória. Já os itens de alta informatividade, menos previsíveis, tendem a apresentar baixo potencial de expansão, restringindo-se a contextos mais especializados. Assim, os resultados demonstram que, no domínio relacional, previsibilidade não equivale a uniformidade, mas a heterogeneidade funcional, revelando que a previsibilidade da escolha do verbo *ser* coexiste com seu uso em diversos subtipos de orações relacionais.

A investigação justificou-se pela necessidade de aprofundar a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, especificamente no âmbito do sistema de orações relacionais, cujo papel central na representação de relações simbólicas e de estados do Ser o torna fundamental para a compreensão da arquitetura ideacional da língua. No cenário brasileiro, como já dito, investigações relevantes como as de Souza (2006) e Lima-Lopes (2008) contribuíram para consolidar o estudo sistêmico-funcional da transitividade relacional, mas seus propósitos voltam-se a recortes distintos — o primeiro, à caracterização global do sistema ideacional em editoriais; o segundo, à análise discursiva de processos relacionais em cartas publicitárias. O presente trabalho, em contrapartida, busca aprofundar a delicadeza descritiva no domínio relacional, articulando uma abordagem qualitativa de base sistêmico-funcional com procedimentos quantitativos e probabilísticos inspirados em Matthiessen (1995), Fawcett (1995), Halliday (2005), dentre muitos outros, que defendem uma gramática probabilística ancorada na variação e na frequência das escolhas linguísticas.

Tal perspectiva alia-se à compreensão da língua como sistema de opções significativas, em que a frequência não é apenas um dado estatístico, mas um índice de probabilidade sistêmica e de tendência de instanciação. Desse modo, a análise estocástica, ao quantificar a distribuição das escolhas nas orações relacionais, torna-se também uma ferramenta de interpretação funcional, revelando padrões de instanciamento que refletem tanto propriedades estruturais da língua quanto configurações típicas de gêneros e registros do discurso jornalístico.

Do ponto de vista epistemológico, a pesquisa responde à demanda por uma integração entre teoria sistêmico-funcional e modelagem quantitativa, explorando a compatibilidade entre os níveis de abstração da LSF e as métricas informacionais que podem descrever o comportamento sistêmico das escolhas. Ao propor uma representação em rede do sistema relacional, fundamentada empiricamente em dados do *corpus* e interpretada probabilisticamente, este estudo contribui com a agenda de uma linguística funcional mais sensível à variabilidade contextual das escolhas de significado.

Por fim, justifica-se também pelo caráter aplicável e cumulativo da proposta. O modelo desenvolvido poderá subsidiar futuras implementações computacionais de análise e geração textual, como as já exploradas no âmbito da LSF e da Linguística Computacional, fortalecendo o diálogo entre descrição gramatical, modelagem probabilística e tecnologia da linguagem.

Um último ponto a ser destacado refere-se ao fato de que este estudo, ao partir de textos reais, distribuídos em três gêneros jornalísticos, não assume como objetivo central a descrição contrastiva desses gêneros nem a reconstrução de suas regularidades retóricas, discursivas ou socio-históricas. Essa delimitação é uma decisão epistemológica, visto que o foco do estudo recai sobre a modelagem do sistema gramatical das orações relacionais do português brasileiro — isto é, sobre a explicitação de um espaço de possibilidades (opções sistêmicas, configurações de participantes, padrões de realização e suas distribuições probabilísticas) com vistas à aplicação computacional. Nesse enquadramento, o gênero textual desempenha um papel instrumental, funcionando como condição de coleta e estratégia de diversificação controlada do *corpus*, garantindo variação suficiente para observar realizações relevantes do sistema, sem deslocar a investigação para um programa analítico distinto, como o da teoria de gêneros. Assim, em vez de tratar gênero como variável explanatória a ser discutida em profundidade, o estudo o toma como contexto de ocorrência que ancora a amostra em práticas de linguagem socialmente estabilizadas, mantendo a atenção no nível de descrição que interessa ao objetivo do projeto, qual seja: o da arquitetura probabilística do sistema relacional.

Essa escolha também se fundamenta na distinção entre (i) modelar o sistema e (ii) explicar a distribuição do sistema em contextos. A modelagem sistêmica, especialmente quando voltada a implementação, prioriza a identificação das categorias, das restrições de coocorrência e dos mecanismos de realização capazes de gerar/avaliar estruturas, ou seja, a construção de um objeto formal que possa ser operacionalizado. Já uma análise

contrastiva por gênero demandaria outro desenho, com hipóteses específicas sobre variação contextual, sobre controle de fatores retóricos e pragmáticos, sobre critérios robustos de comparabilidade entre gêneros e sobre procedimentos estatísticos voltados à inferência contrastiva (efeitos e interações). Incorporar esse segundo programa no interior do primeiro produziria um alto custo metodológico, tendo em vista que ampliaria o escopo, exigiria validações adicionais e deslocaria o eixo argumentativo do estudo do sistema para o uso situado do sistema. Em termos de economia explicativa, portanto, a decisão preserva a coerência do projeto, uma vez que o *corpus* é estratificado por gêneros para garantir cobertura e rastreabilidade, mas a tese não reivindica conclusões sobre ‘diferenças de gênero’, e sim sobre a organização do potencial de significado relacional tal como pode ser inferido a partir de dados de jornalismo escrito contemporâneo.

Além disso, a escolha por poucos gêneros não compromete a ambição descritiva do constructo, porque a relação entre amostra e sistema é tratada aqui de modo metonímico e incremental. O universo de gêneros de uma língua é, em princípio, aberto e expansível; por isso, nenhum *corpus* é exaustivo em sentido absoluto. O que esta investigação reivindica, com rigor, é que a amostra selecionada — embora restrita em número de gêneros, não em quantidade de textos e ocorrências — é suficiente para capturar um recorte expressivo do potencial sistêmico das orações relacionais em um registro altamente produtivo, permitindo estabilizar categorias, estimar probabilidades e testar consistências realizacionais. Trata-se de uma modelagem que assume explicitamente seu caráter provisório-forte: forte porque formaliza e quantifica um conjunto amplo de escolhas do sistema; provisória porque é projetada para ser ampliável, isto é, capaz de incorporar novos gêneros e registrar, como atualização do modelo, os deslocamentos probabilísticos (*drift*), as expansões categoriais e as readequações necessárias. Nessa perspectiva, o *corpus* não é apresentado como representação total do português brasileiro, mas como uma base empírica suficientemente diversa para sustentar uma primeira formalização implementável, sendo precisamente por isso adequada a um projeto de modelagem formal da Gramática orientada à implementação e ancorada em teoria.

Dividimos a tese em três capítulos de discussões sobre diferentes aspectos do trabalho empreendido e uma parte responsável pela síntese das discussões e conclusões gerais da pesquisa. O Capítulo 1 trata da fundamentação teórica. Nele, a revisão da literatura é mobilizada como base para formular nossa leitura do domínio relacional,

delineando o quadro conceitual que sustenta a definição de que o significado geral dos tipos de orações relacionais sustenta-se na lógica da *vinculação simbólica*. O capítulo 2 apresenta os procedimentos metodológicos adotados na análise, descrição e interpretação dos dados. O capítulo 3 apresenta nossa interpretação do perfil ideacional das orações relacionais instanciado em reportagens, artigos de opinião e entrevistas publicadas. Por último, nas considerações finais, retomamos os principais resultados, articulando-os ao quadro teórico. Além disso, consideramos os alcances e limitações do estudo e possíveis desdobramentos futuros, como a modelagem do sistema em ambiente de geração automática de texto.

## **CAPÍTULO 1: A CONFIGURAÇÃO DOS PROCESSOS RELACIONAIS EM ESTUDOS SISTÊMICO-FUNCIONAIS – CONTRASTES E CONVERGÊNCIAS**

A experiência humana pode ser comparada a uma esfera facetada de cristal, cujas faces refletem a realidade sob ângulos diversos — às vezes complementares, às vezes contrastantes. Cada face revela uma porção distinta do mesmo contínuo de vivência: ora o Fazer e o Acontecer, ora o Sentir e o Perceber, ora o Ser e o Relacionar-se. O sistema linguístico, enquanto sistema semiótico de representação da experiência, espelha essa multiplicidade, pois assim como a luz se refrata em feixes diferentes ao atravessar o cristal, a experiência se refrata em tipos de processo, cada qual projetando um modo particular de significar o mundo.

É nesse jogo de refrações que se delineiam os domínios da transitividade — material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial —, cada um deles representando um aspecto fundamental da experiência. Essa correlação não é arbitrária, considerando que a complexidade da experiência humana exige da linguagem mecanismos correlativamente multifacetados para dar forma a seus significados. Dizer que a linguagem constrói a experiência (Halliday; Matthiessen, 2014) é, nesse sentido, reconhecer que a gramática funciona como um espelho prismático da consciência e da realidade, projetando em suas estruturas os modos pelos quais os sujeitos, na e pela interação, percebem, agem, sentem e se reconhecem no mundo.

Entre esses modos de significação, os processos relacionais ocupam uma posição primária, sendo o ponto em que o mundo se transforma em rede de correspondências simbólicas. Se os processos materiais traduzem o movimento físico e os mentais refletem o movimento interno da consciência, os relacionais são o espaço da *vinculação simbólica*, por meio de processos de atribuição e de identificação.

Diante disso, impõe-se a necessidade de descrever o domínio gramatical em que se realizam as orações relacionais a partir de seus próprios princípios organizadores, de modo a possibilitar uma interpretação coerente com as especificidades que definem esse sistema. Tal postura analítica busca preservar a autonomia descritiva dos processos relacionais, em vez de interpretá-los segundo parâmetros herdados dos processos materiais, como a presença ou ausência de energia, formulação que ao ser estendida para o domínio relacional, gera uma caracterização por ausência, visto que as orações relacionais são definidas não pelo que fazem, mas pelo que não fazem, visto que não transformam, não investem energia, não produzem ação. Tal definição negativa obscurece

o entendimento de sua natureza constitutiva, que não se apoia na dinâmica da transferência de energia, mas em outro tipo de operação.

Defendemos, portanto, que as orações relacionais não se explicam pela falta de investimentos de energia, mas pela presença de um princípio próprio, o da *vinculação simbólica*. O que caracteriza essas orações é o fato de estabelecerem vinculações de identidade, de atribuição de classe, de atribuição e identificação de posse ou circunstanciação de entidades, por meio das quais o mundo é representado como estado de coisas, e não como sequência de eventos.

Desse modo, o contínuo *energia* ↔ *símbolo* traduz de forma mais adequada o funcionamento gramatical, ao conceber os diferentes tipos de processos não como categorias estanques, mas como regiões graduais de uma mesma escala de representação. No polo energético (+ *dinâmico*), localizam-se os processos materiais, que configuram o Fazer; no polo simbólico (+ *estático*), encontram-se os processos relacionais, responsáveis por representar o Ser das entidades no desenrolar textual; e, entre esses extremos, distribuem-se os processos mentais, verbais, comportamentais e existenciais, que articulam graus variáveis de energia e simbolização, revelando a natureza contínua e multifacetada das formas pelas quais a língua representa a experiência.

Com o propósito de fundamentar o posicionamento teórico adotado nesta tese, este capítulo apresenta e discute descrições dos processos relacionais elaboradas por estudiosos representativos da tradição sistêmico-funcional, tanto no cenário nacional quanto internacional. Essa discussão visa esclarecer em que medida a interpretação aqui proposta se aproxima ou se afasta das formulações já consolidadas. Entre as obras examinadas, destaca-se, como referência central, *An Introduction to Functional Grammar* (Halliday, 1985; 1994; Halliday; Matthiessen, 2004; 2014), cuja sistematização constitui a base das reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho. De modo complementar, dialogamos com a cartografia léxico-gramatical de Matthiessen (1995) e com a abordagem de Davidse (1999), cujas perspectivas apresentam maior afinidade com o desenho teórico-metodológico do estudo, ainda que alguns de seus pressupostos tenham sido reformulados à luz da interpretação aqui empreendida.

## 2.1. O lugar dos processos relacionais na representação da experiência

Na LSF, a gramática não reflete uma realidade pré-determinada, mas a constrói como potencial de significados, a partir da qual instâncias textuais se realizam (Halliday; Matthiessen, 1999). Nessa concepção, a linguagem não representa um conhecimento sobre o mundo, mas constitui o próprio sistema de significação através do qual o mundo é experienciado e interpretado. O que chamamos saber, na prática, é semiose gramaticalizada que organiza os fenômenos em *figuras* — compostas por processos, participantes e circunstâncias — e em redes de opções que articulam o potencial de escolha do sistema (Halliday; Matthiessen, 1999).

Com isso, os processos relacionais ocupam um lugar central porque codificam o Ser, o Estar e o Ter na língua, não como essência, mas como relações configuradas entre entidades e valores, frequentemente de natureza simbólica. Eles tensionam o contínuo entre o Fazer e o Significar, sendo que ao mesmo tempo em que perfilam estados, oferecem a matriz para *vinculação simbólica*, fundamento da identificação e da atribuição na experiência linguística (Matthiessen, 1991). Ao reconhecer que a gramática distingue sistematicamente realidade material e realidade semiótica, a tipologia relacional deixa de ser apenas um inventário de cópulas e passa a configurar uma cartografia da equivalência e da atribuição como práticas de construção da realidade.

Dessa forma, compreender o lugar dos processos relacionais na representação da experiência implica, antes, revisitar, ainda que brevemente, o próprio sistema de TRANSITIVIDADE como modelo de codificação da experiência (2.1.1), explicitar a natureza particular do Ser na gramática — do Ser como energia ao Ser como símbolo (2.1.2) — e, por fim, situar esse domínio dentro do contínuo *energia ↔ símbolo* que estrutura o conjunto dos tipos de processo (2.1.3).

### 2.1.1. A transitividade como sistema de representação da experiência

A transitividade, na teoria sistêmico-funcional, não se limita a uma relação entre verbo e complementos, como pressupõe a gramática tradicional. Ela designa um sistema semântico-gramatical de alto nível, responsável por estruturar a experiência humana em padrões de significação, um sistema que, como observa Halliday (1976, 1985, 1994), fornece os recursos com que a linguagem representa os fenômenos do mundo, externos

ou internos, materiais ou simbólicos. Trata-se, portanto, de um mecanismo de construção da experiência (Halliday; Matthiessen, 1999, 2014), por meio do qual a língua transforma o fluxo contínuo da realidade em *figuras*.

Ao eleger a *figura* como unidade central da semântica ideacional, Halliday e Matthiessen (2014) mostram que toda oração realiza escolhas dentro do sistema de TRANSITIVIDADE, em que cada tipo de processo — material, mental, relacional, comportamental, verbal ou existencial — representa um modo particular de experienciar e categorizar o mundo. Essa concepção tem implicações epistemológicas decisivas, pois a transitividade não descreve como a língua reflete o mundo, mas como o constitui como potencial de significados. Como argumenta Martin (1992), os modelos estratificacionais baseados em *event-lines* e *participant-lines* descrevem a organização semântica do texto em termos de sequências de ações e relações de papel. Em contraste, a abordagem sistêmico-funcional assume a gramática como um recurso de construção de significado, deslocando o foco da representação de eventos para a semiotização da experiência.

Em Matthiessen (1995), a transitividade é compreendida como um dos *macrossistemas ideacionais*, em interdependência com o Sistema de ERGATIVIDADE, sendo ambos responsáveis por codificar a experiência em termos de configuração e energia. A articulação desses sistemas dá forma ao que o autor denomina *cartografia da experiência*, isto é, um mapa semântico que localiza as figuras de acordo com a natureza do processo e com o papel semântico dos participantes. Essa perspectiva cartográfica mostra que cada escolha de tipo de processo se correlaciona a um domínio experiencial, e que a recorrência de determinadas configurações em um texto é índice do modo como um gênero ou registro constrói a realidade discursiva.

Sob esse prisma, a transitividade é não apenas um sistema de descrição, mas um *instrumento de interpretação da cultura*. Textos jornalísticos, por exemplo, tendem a favorecer tipos de processo que exprimem avaliação e atribuição de papéis sociais — daí o protagonismo dos processos relacionais —, enquanto gêneros literários narrativos podem privilegiar processos materiais e mentais, associados à dinâmica da ação e da percepção. Como observa Halliday (1978), a estrutura da experiência codificada na gramática é um reflexo do modo como uma comunidade de fala constrói o seu mundo. Essa afirmação, de caráter sociológico, é a base para uma abordagem probabilística da gramática, uma vez que se a linguagem é um sistema de escolhas, as probabilidades de realização dessas escolhas refletem a história funcional dos usos da língua.

O modelo de transitividade sistêmico-funcional permite: primeiro, identificar o domínio de experiência a que pertence cada figura; segundo, decompor essa figura em suas funções transitivas; e terceiro, observar quantitativamente as preferências de configuração no *corpus*, como as proporções entre processos intensivos, circunstanciais e possessivos, ou entre modos atributivo e identificativo.

Finalmente, é preciso ressaltar que a transitividade se ancora na arquitetura estratal da teoria, de modo que a semântica ideacional fornece o modelo lógico de figura, que é ‘naturalmente’ realizado pela gramática em padrões oracionais (Halliday; Matthiessen, 1999; Davidse, 1999). Essa correspondência não é mecânica, mas motivada, porquanto é nela que reside o princípio funcional de motivação entre forma e significado. Variações de estrutura, portanto, não são alternâncias superficiais, mas variações no modo de construir a experiência. Essa naturalidade, tal como concebida por Matthiessen (2009) no âmbito da linguagem entendida como recurso semiótico dinâmico, autoriza a leitura das distribuições probabilísticas como manifestações da própria dinâmica semântica da língua. É sob essa perspectiva que a transitividade deixa de ser um simples quadro classificatório e passa a ser um modelo interpretativo da experiência.

### ***2.1.2 A especificidade relacional: do ser como energia ao ser como símbolo***

Entre os tipos de processo, o relacional ocupa um lugar singular porque é nele que a gramática realiza de modo mais explícito a dimensão simbólica do significado. Enquanto os processos materiais codificam a energia da criação ou transformação e os mentais codificam o processamento da consciência, os relacionais constituem o domínio em que o Ser é significado como relação, não como substância (Halliday; Matthiessen, 1999). Neles, a experiência é construída solidariamente pela indissociabilidade das entidades evocadas, por vínculos de identificação ou de atribuição, seja quanto às propriedades e valores atribuídos a uma entidade, às condições circunstanciais em que ela se encontra ou às relações de posse que a vinculam a outras entidades. Por isso, Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que os processos relacionais têm um papel primário dentre as formas pelas quais o sujeito simboliza o mundo.

Essa natureza relacional revela o que Matthiessen (1991) chamou de transição do Ser como energia para o Ser como símbolo. Na perspectiva sistêmico-funcional, todos os tipos de processo são igualmente semióticos, na medida em que constituem diferentes

modos de construir a experiência por meio da linguagem. A distinção entre eles não é ontológica, mas funcional: enquanto os processos materiais configuram a experiência como acontecimento, ancorado na mudança e na ação, os processos do Ser operam uma reconfiguração da experiência em termos de estados, valores e identidades. É nesse sentido que, ao longo do contínuo que vai do Fazer ao Significar, os processos relacionais se situam no polo de maior abstração e estabilização semiótica, não por serem hierarquicamente superiores, mas por converterem eventos e qualidades em relações simbolicamente fixadas, passíveis de categorização, avaliação e negociação discursiva. Em vez de movimentar energia física, eles movimentam energia simbólica, estabelecendo correspondências entre Símbolo e Valor, Portador e Atributo, Identificado e Identificador. Assim, o que se transforma nesse domínio não é o estado material das coisas, mas o modo como elas são construídas enquanto entidades de sentido. Por isso, consideramos que o processo relacional é um operador semiótico de segunda ordem (mais abstrato/generalizado).

Essa concepção também encontra forte apoio na interpretação de Davidse (1992), para quem os processos relacionais constituem o ‘núcleo lógico’ do sistema de transitividade, pois expressam relações de identidade e de atribuição que permitem à gramática construir significados proposicionais complexos. Em sua análise, o verbo *ser* não é apenas um índice de equivalência, mas o ponto de ancoragem semântica de onde emergem os valores referenciais do discurso. Assim, quando uma oração como em 1 se realiza, o que está em jogo não é uma equivalência categorial simples entre duas entidades, mas uma operação de síntese semiótica, nos termos de Halliday (2005), pela qual valores referenciais emergem discursivamente a partir do ponto de ancoragem semântica instaurado pelo verbo *ser*.

(1) *A democracia é um processo constante.* (Brasil de Fato, 2023)

Matthiessen (1991) já antecipava essa perspectiva ao descrever os processos relacionais como a região central da *gramática da semiose*, pois neles a relação *Símbolo–Valor* projeta um tipo de metafunção secundária, um tipo de semântica de segunda ordem que torna a própria linguagem capaz de significar significados. O Símbolo representa a instância concreta, observável, e o Valor, o conceito ou categoria que a define. É essa correspondência que permite à gramática codificar fenômenos de generalização, abstração e categorização. Quando em um texto jornalístico orações como 2 e 3 são

instanciadas, o falante não está descrevendo fatos, mas estabelecendo equivalências simbólicas que se constituem na própria estrutura conceitual da cultura.

2 Governar **significa** definir prioridades e fazer escolhas. (Gaúcha ZH, 2023)

3 O levante do Ferro's **marca** o debate sobre a liberdade sexual. (Folha de São Paulo, 2023)

A especificidade relacional, portanto, não reside apenas no tipo de verbo empregado, mas na função semiótica que a oração desempenha. O Ser não apenas descreve o mundo, ele o interpreta. Martin e Rose (2008, p. 19)<sup>7</sup> observam que “a ideologia regula categorias sociais (geração, gênero, etnia, capacidade e classe), condicionando diferencialmente nosso acesso ao poder e ao controle”. Essa observação é relevante, neste trabalho, não como uma tese sobre ideologia, mas porque explicita a centralidade das categorias e valores sociais como objetos recorrentes de construção discursiva. É precisamente nesse ponto que os processos relacionais assumem papel central no plano léxico-gramatical, uma vez que constituem o principal recurso da transitividade para a atribuição, identificação e categorização de entidades no texto. O português brasileiro, em particular, oferece um terreno fértil para observar esse funcionamento, dada a ampla recorrência de orações relacionais na construção de descrições, avaliações e categorizações. Em 4, o trecho da reportagem reúne esses dois tipos de uso:

(4) De agosto de 2020 até o dia 30 de julho deste ano, houve alerta de desmatamento de 8.712 km<sup>2</sup> de área da floresta, uma área que **equivale a mais que cinco vezes o tamanho da cidade de São Paulo**. Entre agosto de 2019 e julho de 2020, esse número tinha ficado em 9.216 km<sup>2</sup>. Mesmo com a redução de 5% entre uma temporada e outra, o número **continua alto**, observam entidades ligadas ao meio ambiente. (G1, 2021)

O contraste entre as duas orações relacionais destacadas no trecho evidencia dimensões distintas do potencial semiótico desses processos. Na primeira oração, o processo *equivaler a* opera no domínio material e descritivo, pois estabelece uma relação de proporção quantitativa entre duas entidades *a área desmatada* e *o tamanho da cidade de São Paulo*. Trata-se de uma relação de equivalência objetiva, sustentada em mensuração e comparação espacial, que configura o mundo por meio de categorias

---

<sup>7</sup> No original: “ideology that regulates social categories, of generation, gender, ethnicity, capacity and class, to differentially condition our access to power and control.” (Martin; Rose, 2008, p. 19).

verificáveis. A função semiótica da oração, portanto, é descrever, dado que ela constrói o fenômeno como um fato do mundo empírico, convertendo a experiência em dado observável. Já no segundo caso, o processo *continuar* desloca o foco do domínio material para o domínio semiótico, instaurando uma perspectiva avaliativa sobre o fenômeno. Ao dizer que *o número continua alto*, o texto não descreve mais a dimensão física da área desmatada, mas interpreta a informação num eixo valorativo, *alto* implica um juízo de intensidade e, implicitamente, de anormalidade ou preocupação. Assim, o português brasileiro em textos jornalísticos mobiliza os recursos relacionais para transitar entre a objetividade da descrição e a subjetividade da avaliação, transformando dados ambientais em significados ideológicos que constroem a percepção pública do problema.

Esse funcionamento pode ser interpretado como uma metáfora semântica da experiência, pela qual o discurso jornalístico reconstrói avaliações como estados de ser, convertendo o contingente em aparentemente essencial e o argumentativo em constativo. Embora a teoria da Avaliatividade (Martin; White, 2005) descreva amplamente esse efeito de naturalização no plano discursivo, sustenta-se aqui que os processos relacionais desempenham papel central em sua realização léxico-gramatical, ao conferir estabilidade formal a tomadas de posição avaliativas.

A partir dessa perspectiva, o significado relacional deixa de ser uma simples conexão entre entidades para tornar-se um núcleo de alta densidade semântica, um ponto de condensação da experiência. É nesse domínio que a gramática concentra seu trabalho de estabilização simbólica da ideação. Sob essa ótica, a transitividade relacional pode ser abordada dentro da semiótica social, pois nela o ato de construir o Ser não é neutro, considerando que ele realiza operações semióticas de organização do conhecimento, pelas quais o múltiplo e o disperso são estabilizados como formas interpretáveis.

### **2.1.3 O contínuo de energia ↔ símbolo**

A distinção entre *energia* e *símbolo*, subjacente à teoria sistêmico-funcional desde seus primeiros empreendimentos, expressa a tentativa de integrar, em um mesmo modelo semântico, dois modos de organização da experiência, quais sejam: o material, que envolve transformação e movimento, e o semiótico, que envolve equivalência parcial ou total entre entidades. A transitividade é o domínio em que esses dois modos se encontram,

e é por meio dela que a língua projeta sobre o mundo o seu modelo metafísico de realidade (Halliday, 1978).

A concepção de um *contínuo de energia* ↔ *símbolo* rompe com a lógica tipológica tradicional, segundo a qual cada tipo de processo ocuparia uma categoria fixa e mutuamente excludente. Ao contrário, a visão sistêmica pressupõe espaços de indeterminação, em que as fronteiras entre os tipos são probabilísticas e não absolutas. Nesse sentido, as distinções entre Fazer, Sentir, Dizer e Ser são *zonas de preferência* que refletem o grau de energia semântica mobilizado na construção da experiência.

Do ponto de vista teórico, esse contínuo permite situar a função dos processos relacionais de modo mais preciso. Se os materiais transformam o mundo e os mentais o internalizam, os relacionais o estabilizam simbolicamente, conferindo forma categorial às entidades e suas inter-relações. Por isso, Matthiessen (1991) os considera o ponto de maior concentração simbólica da gramática, pois são neles que a linguagem cessa de representar eventos e passa a representar significados sobre eventos. O Ser, portanto, não é o oposto do Fazer, mas o seu limite simbólico.

Essa transição gradual entre experiência e simbolização constitui a base do que Lemke (1995) denomina dinâmica semântica, entendida como o caráter processual e emergente do significado, que se forma, se estabiliza e se transforma nas práticas discursivas. Nessa perspectiva, a gramática não opera como um campo de forças, mas como um conjunto de condições de estabilização semiótica, por meio das quais certos padrões de sentido se tornam recorrentes e previsíveis, sem deixarem de ser historicamente contingentes. No quadro da LSF, essa dinâmica semântica se expressa de modo indireto na organização probabilística das escolhas léxico-gramaticais, cujas recorrências e associações funcionam como indícios empíricos dos processos de estabilização do significado. É nesse ponto que o contínuo *energia* ↔ *símbolo* oferece uma topologia conceitual que pode ser formalizada estatisticamente.

Ao adotarmos uma abordagem probabilística da transitividade, na qual cada tipo de processo é compreendido como região de densidade no espaço energia–símbolo, faz-se possível descrever a distribuição funcional dos modos de significar. Em um *corpus* jornalístico, por exemplo, há a tendência de equilíbrio na distribuição de processos relacionais e materiais, o que revela a proeminência de representações voltadas à categorização e à estabilização de significados sociais. Vejamos como isso concretamente se realiza a partir da distribuição dos tipos de processo na reportagem (G1, 2022) a seguir:

| Texto 2.1 – Reportagem                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [ <b>Relacional</b> = A Amazônia teve recorde de alertas de desmatamento no mês passado].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| [ <b>Relacional</b> = Foi o pior janeiro desde 2016], quando [ <b>Material</b> = começou o monitoramento].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Geralmente, [ <b>Relacional</b> = janeiro é um mês em que [ <b>Material</b> = o desmatamento diminui por causa das chuvas constantes na Amazônia]].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Mas [ <b>Verbal/Simbólica</b> = o gráfico no site do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostra claramente como [ <b>Relacional</b> = este ano foi diferente]].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| [ <b>Relacional</b> = Os alertas de desmatamento detectados somaram 430 quilômetros quadrados — quatro vezes maior do que em janeiro de 2021].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| [ <b>Verbal</b> = Imagens de satélite mostram que [ <b>Material</b> = o desmatamento está acelerando também em partes da floresta antes preservadas, como o sul do estado do Amazonas, perto da divisa com Acre e Rondônia]].                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| [ <b>Relacional</b> = Na região, a destruição da floresta tem um ritmo de 420 campos de futebol por dia].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| [ <b>Verbal</b> = “[ <b>Relacional</b> = Pode estar [ <b>Material</b> = se construindo um novo flanco de abertura da Amazônia] [ <b>Material</b> = que vai chegar no centro mesmo da Amazônia,] [ <b>Relacional</b> = que é a parte mais preservada dela]]. [ <b>Relacional</b> = Esses números de janeiro são um alerta]. [ <b>Material</b> = A gente pode estar passando por [ <b>Relacional</b> = um ano que vai ser muito dramático em termos de desmatamento]]”, afirma Tasso Azevedo, coordenador do MapBiomias]. |
| [ <b>Verbal</b> = Pesquisadores, servidores e fiscais de órgãos como o Ibama [ <b>Material</b> = ouvidos pelo Jornal Nacional] afirmam que [ <b>Relacional</b> = o desmatamento registrado em janeiro é resultado da contínua falta de ação do governo federal para conter os crimes ambientais na Amazônia]].                                                                                                                                                                                                          |
| [ <b>Verbal</b> = Eles apontam o desmonte da fiscalização ambiental e a postura do presidente da República como incentivos à ação de criminosos].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| [ <b>Verbal</b> = Um estudo do Observatório do Clima mostra que, durante o governo Bolsonaro, [ <b>Material</b> = o desmatamento aumentou], enquanto [ <b>Material</b> = o número de multas aplicadas pelo Ibama caiu ao menor nível da série histórica]].                                                                                                                                                                                                                                                              |
| [ <b>Material</b> = No ano passado, os embargos de propriedades rurais com dano ambiental caíram 70% em relação a 2018, último ano do governo Temer].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| [ <b>Material</b> = As apreensões (caíram) 81%].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| [ <b>Material</b> = Em 2021, o Ibama gastou R\$ 89 milhões em ações de fiscalização], [ <b>Relacional</b> = o que representa 41% do orçamento previsto].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [ <b>Relacional</b> = Em campo, as intimidações e agressões contra fiscais têm se repetido com frequência].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| [ <b>Material</b> = Em dezembro de 2021, um escritório do órgão foi incendiado em Rondônia].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| [ <b>Material</b> = Em janeiro de 2022, dois helicópteros foram depredados no Amazonas].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| [ <b>Relacional</b> = De acordo com a associação de servidores, em fevereiro de 2019, início do governo Bolsonaro, o Ibama tinha 543 fiscais aptos para operações de campo em todo o Brasil].                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| [ <b>Relacional</b> = Agora, são apenas 168].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| [ <b>Verbal</b> = “[ <b>Verbal</b> = E isso eu estou falando para o Brasil inteiro. Para todos os biomas, incluindo todo o mar territorial]. Então, [ <b>Relacional</b> = de fato é um número que não é condizente com a realidade [ <b>Material</b> = que a gente tem de enfrentar]]. [ <b>Material</b> = A gente não tem como atender [ <b>Mental</b> = o que a sociedade espera] com esse número tão pequeno de fiscais]”, afirma Wallace Lopes, diretor-adjunto da Ascema]. |
| [ <b>Verbal</b> = O Ibama afirmou que [ <b>Material</b> = o valor empenhado para ações de fiscalização no ano passado pode ser usado em 2022]].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| E [ <b>Verbal</b> = o Ministério do Meio-Ambiente declarou que [ <b>Material</b> = o governo federal atuará de maneira mais contundente para combater crimes ambientais este ano]].                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

A compartimentalização oracional do texto revela uma configuração experiencial equilibrada entre o domínio material e o simbólico, com leve predomínio dos *fazer*es sobre as *relações*. Dos quarenta e seis processos identificados, 18 são materiais (39%), 16 relacionais (35%) e 11 verbais (24%), além de um mental (2%). Essa distribuição indica que a reportagem articula dois polos complementares do significado. De um lado, o Fazer, que não apenas ancora o texto em eventos observáveis, mas também imprime à sua unidade semântica dinamicidade, fluxo de mudança e transformação. De outro lado, o Ser, que interpreta e categoriza tais eventos no plano simbólico. Em orações como *A Amazônia teve recorde de alertas de desmatamento*, *Foi o pior janeiro desde 2016* ou *O desmatamento registrado é resultado da falta de ação do governo federal*, observa-se a reconstrução de processos energéticos — medir, monitorar, fiscalizar — em entidades interpretadas, convertendo a experiência em dado estabilizado e comparável. Logo, a arquitetura experiencial do texto não se organiza por oposição entre o Fazer e o Ser, mas por interdependência, configurando um contínuo entre o evento e a interpretação, que é a passagem da ação à significação sobre a ação, tão frequente no discurso jornalístico.

## 2.2 Descrições sistêmico-funcionais dos processos relacionais

Esta seção reúne e organiza descrições sistêmico-funcionais dos processos relacionais, com dois objetivos complementares. O primeiro é delimitar o núcleo teórico a partir do qual este trabalho define o domínio relacional na transitividade, explicitando como a tradição sistêmico-funcional modela o Ser, o Estar e o Ter em termos de tipos de relação, modos de relação e configuração de participantes. O segundo é isolar os pontos de variação e tensão relevantes para a descrição do português brasileiro, sobretudo aqueles que dizem respeito à simultaneidade de sistemas, ao estatuto das existenciais, à agnação com outras regiões da experiência e à distribuição da delicadeza lexical em verbos realizadores de processos relacionais.

A exposição é deliberadamente cronológica e cumulativa, partindo das formulações basilares de Halliday (1967a, 1967b, 1968, 1985) e de sua sistematização posterior em Halliday e Matthiessen (2014), em que o relacional é descrito como uma região de alta generalidade experiencial. Em seguida, discute-se a formalização reticulada proposta por Matthiessen (1995), que expande a rede relacional por meio da articulação com sistemas como o de AGÊNCIA. A esse núcleo somam-se leituras que tensionam ou refinam a fronteira do relacional, em especial Davidse (1999), cuja proposta reabre o debate sobre a inclusão das existenciais, e contribuições que operam a transição para uma gramática explicitável e computável (Arús; Lavid, 2001), além de descrições tipológicas e contrastivas (Hoang, 2005; Liu, 2021).

Por fim, a seção incorpora estudos aplicados ao português brasileiro e a gêneros específicos (Souza, 2006; Lima-Lopes, 2008; Pagano; Ferregueti; Figueredo, 2011; Figueredo, 2011; Damasceno, 2016). A comparação entre essas abordagens permite, ao fim do percurso, explicitar os compromissos teóricos assumidos nesta tese e delimitar sua contribuição. Esta consiste em modelar a rede de sistemas relacionais a partir de dados do português brasileiro, entendido como um espaço de variação sistemática, sensível tanto à organização paradigmática quanto à distribuição probabilística das escolhas léxico-gramaticais.

### 2.2.1 M. A. K. Halliday: processos do Ser, do Estar e do Ter

Desde o início de suas investigações, o linguista britânico M. A. K. Halliday tratou os processos relacionais como distintos dos processos materiais. Já em *Notes on Transitivity and Theme* (Halliday, 1967a, p. 13), observa-se a distinção fundamental proposta pelo autor ao afirmar que “dois tipos amplos de processo podem ser distinguidos: ação, como em *he threw the ball* (ele arremessou a bola), e aquilo que talvez possamos chamar de atribuição, isto é, o ato de atribuir propriedades ou qualidades, como em *he is clever* (ele é inteligente). Nos três artigos que compõem essa série (Halliday, 1967a, 1967b, 1968), ao descrever os diferentes usos do verbo *to be* no inglês, o autor distingue os usos atributivos dos usos equativos, apontando, quanto a estes últimos, uma diferença relacionada à direcionalidade da relação entre os participantes, que pode ser de codificação (*encoding*) ou de decodificação (*decoding*).

Posteriormente, Halliday (1985) apresenta uma descrição sistemática da tipologia dos processos relacionais na língua inglesa. Tal descrição, todavia, é enriquecida com a inclusão de diferentes tipos de orações relacionais – intensivas, circunstanciais e possessivas –, o que amplia a estrutura do sistema anteriormente delineado, que continha apenas a distinção entre o modo atributivo e o identificativo dessas orações. O sistema passa então a apresentar em seu nível primário de escolha dois subsistemas em cosseleção, como evidencia o Quadro 2.1.

Quadro 2 – Cruzamento de escolhas na condição de entrada

| <b>Modo / Tipo</b>    | <b>Intensiva</b>         | <b>Circunstancial</b>         | <b>Possessiva</b>         |
|-----------------------|--------------------------|-------------------------------|---------------------------|
| <b>Atributiva</b>     | Intensiva Atributiva     | Circunstancial Atributiva     | Possessiva Atributiva     |
| <b>Identificativa</b> | Intensiva Identificativa | Circunstancial Identificativa | Possessiva Identificativa |

Fonte: elaboração própria.

Assim, no domínio relacional, o Sistema de TIPO DE RELAÇÃO (intensiva/circunstancial/possessiva) e o sistema MODO DE RELAÇÃO (atributivo/identificativo) não se organizam hierarquicamente, mas de forma cruzada. Cada sistema constitui um macroeixo de significação dentro da rede relacional, sendo que o primeiro especifica a natureza da relação estabelecida entre as entidades – se de intensificação, de localização ou de posse –, enquanto o segundo define o modo de correspondência entre elas – se de atribuição de qualidade/classe ou de identificação. A

configuração relacional da oração resulta, portanto, da intersecção paradigmática desses dois eixos. Essa intersecção produz uma grade de combinações sistêmicas que compreende, por exemplo, orações intensivas atributivas, intensivas identificativas, circunstanciais atributivas ou possessivas identificativas. Tal organização cruzada evidencia o caráter não linear do sistema, em que diferentes dimensões do significado experiencial se combinam simultaneamente para construir a representação do Ser.

Halliday e Matthiessen (2014) propõem que de maneira similar às orações mentais, as orações relacionais também apresentam o potencial de construir seus participantes como coisas, atos e fatos. A diferença, entretanto, reside na maneira como essas últimas configuram a associação dos participantes na construção da experiência. Enquanto a figura mental constrói um de seus participantes — o Fenômeno — como conteúdo que emerge da consciência de outro participante oracional, o Experienciador — tal relação pode ser observada em ocorrências como “O fato de ela nunca ter ido embora os agradou” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 261)<sup>8</sup> –, a figura relacional representa um participante (Portador/Identificador) em termos do significado do outro (Atributo/Identificador), desde que pertencente ao mesmo domínio do Ser. Por exemplo, quando a atribuição instancia o Portador no domínio das qualidades, ocorre uma correlação entre a ordem abstracional deste – do mais concreto para o mais abstrato: *coisa* → *ato* → *fato* – e a da propriedade atribuída. Assim, nos exemplos de Halliday e Matthiessen (2014, p. 261)

(5)

|                        |                 |                                       |
|------------------------|-----------------|---------------------------------------|
| A água                 | era             | muito clara                           |
| <b>Portador: coisa</b> | <b>Processo</b> | <b>Atributo: propriedade material</b> |

(6)<sup>9</sup>

|                        |                                                               |                       |
|------------------------|---------------------------------------------------------------|-----------------------|
| é                      | claro                                                         | que ela nunca partiu  |
| <b>Portador: coisa</b> | <b>Atributo: propriedade semiótica +<br/>propensão mental</b> | <b>Portador: fato</b> |

<sup>8</sup> No original: “that she never left pleased them”.

<sup>9</sup> No capítulo 3, veremos que os dados investigados revelam que o português brasileiro escrito apresenta uma especificidade semântico-tipológica significativa no modo de realizar a relação intensiva de atribuição entre uma entidade fato e um qualidade. Em face disso, a ordenação de constituintes apresentada nessa tradução do exemplo de Halliday e Matthiessen (2014) busca representar o padrão realizacional desse tipo de configuração nesta língua, não consistindo em uma disposição meramente linear. Conforme Halliday (2005), a disposição dos elementos na oração reflete o modo de perspectivar a experiência, sendo que cada língua codifica de maneira particular a direção simbólica da relação. No português brasileiro escrito em registro jornalístico, a textualização focaliza em primeiro plano a qualificação e apenas depois apresenta o fato que a motiva. O Atributo, então, figura como foco temático e o Portador como rema que ancora a qualificação. O que parece ocorrer aqui é uma ressonância interpessoal-avaliativa na relação experiencial, operando um deslocamento na hierarquia de focalização informacional e no ponto de ancoragem da relação simbólica.

os elementos *água* e *clara*, no primeiro exemplo, se situam no domínio material, ao passo que em *que ela nunca partiu é claro*, no segundo exemplo, o domínio é semiótico.

É interessante observar ainda que, em orações mentais, *fatos* são representados como orações projetadas, pois “o fenômeno de consciência pode ser construído como uma ideia trazida à existência através do processamento da consciência” (Halliday; Matthiessen, 2014). Já em orações relacionais, a oração que codifica o *fato* não é construída como oração projetada. Cabe então lembrar que a *projeção* é um fenômeno motivado semanticamente, representando um tipo de relação lógica entre processos, cuja natureza experiencial essencial é a representação de ideias e locuções, e não apenas de articulação entre orações (Halliday; Matthiessen, 1999).

Nesse sentido, embora a realização prototípica de um *fato* seja por projeção, nas orações relacionais tal elemento não constitui projeção em sentido estrito, pois ao não representar um significado criado pela consciência de algum ente, nem um fraseado emitido por um ente, o fato é representado como entidade semiótica que funciona como participante em outro processo (Halliday; Matthiessen, 2014).

Outro ponto enfatizado por Halliday e Matthiessen (2014) diz respeito à inerência dos participantes relacionais, configurados como duas entidades distintas, porém interdependentes. A nosso ver, esse aspecto é decisivo para as escolhas teóricas e analíticas a serem realizadas no processo descritivo-interpretativo desse objeto de estudo, pois representa um eixo de bifurcação sistêmica: de um lado, posicionam-se as orações relacionais e existenciais em dois domínios semânticos distintos, ainda que topologicamente contíguos; de outro, há a possibilidade de compreender as existenciais como um subtipo de oração relacional, uma vez que, em ambas as classes, o que se representa são estados do Ser.

A primeira direção — adotada por Halliday e Matthiessen (2014) — parece-nos teoricamente mais produtiva, por apresentar maior grau de congruência entre forma e significado, uma vez que se fundamenta em um esquema semântico tripartite (Processo + Participante 1 + Participante 2) realizado por três constituintes na ordem do grupo. Já a segunda direção — defendida por Davidse (1999) — propõe que, nas orações existenciais, o esquema semântico também seria tripartite, considerando que o atributo nelas expresso é a própria existência. Ainda que a autora elabore uma argumentação consistente, a evidência léxico-gramatical parece enfraquecer sua posição, pois a relação entre os níveis semântico e gramatical mostra-se menos natural quando se considera a

estrutura nuclear da figura, na medida em que, nesse nível, apenas dois grupos são realizados, o verbal e o nominal.

Um posicionamento de fundamental importância defendido em Halliday e Matthiessen (2014, p. 262) é o de que na “configuração prototípica de Ser, o ‘peso’ experiencial é construído nos dois participantes, e o processo é meramente um vínculo altamente generalizado entre os dois participantes”<sup>10</sup>. Quanto à proeminência atribuída aos participantes na figura, há evidências tipológicas que a justificam. Há muitas línguas que não apresentam realização estrutural do processo na opção não marcada, realizando léxico-gramaticalmente apenas os dois participantes. É nesse sentido que a tradição gramatical e alguns paradigmas gramaticais da Linguística consideraram as orações relacionais como orações nominais, pois o verbo seria semanticamente esvaziado. Todavia, essa é apenas a *vista de baixo*, isto é, a uma caracterização eminentemente formal.

No que diz respeito ao vínculo altamente generalizado representado pelo processo relacional, é preciso destacar que ele não descreve uma propriedade definidora, mas apenas um padrão prototípico das orações desse tipo. Tal generalização, ainda que útil para fins de categorização, não dá conta da variação interna ao domínio relacional. Como evidenciam os dados, esse domínio abrange zonas semânticas especializadas, nas quais os verbos realizadores do processo exibem especificidade lexical e funcional — como *significar*, *simbolizar*, *custar*, *ocupar*, entre outros.

Assim, o critério que explica por que verbos de matizes semânticos distintos se agrupam em um mesmo paradigma sistêmico não é a especialização lexical de seu vínculo experiencial, mas o fato de todos eles instaurarem uma relação simbólica, na qual um participante é interpretado pelo significado do outro. É precisamente essa simbolicidade do vínculo que garante coerência ao sistema, ao mesmo tempo em que abarca sua heterogeneidade constitutiva.

Propomos, portanto, reinterpretar a natureza do vínculo relacional descrito por Halliday e Matthiessen (2014), Matthiessen (1995) e Davidse (1999), deslocando o foco das regiões mais salientes do sistema para a arquitetura global do domínio relacional, o que abrange suas regiões menos salientes. Com isso, o termo *simbólico* passa a designar não apenas uma dimensão de representação, mas também o potencial abstracional da configuração de participantes, isto é, a capacidade de o sistema relacional construir

---

<sup>10</sup> No original: “a prototypical configuration of ‘being’: the experiential ‘weight’ is construed in the two participants, and the process is merely a highly generalized link between these two participants”.

significados de equivalência entre entidades de diferentes ordens ontológicas (coisas, qualidades, atos e fatos etc.).

As diferentes versões de *An Introduction to Functional Grammar*, com especial atenção para a edição de Halliday e Matthiessen (2014), adquirem relevância central no contexto desta pesquisa, pois constituem o ponto de partida da argumentação teórica aqui desenvolvida. Com o propósito de articular generalidade e especificidade interpretativa, aproximamos essa base teórica mais ampla de posições particulares assumidas por Davidse (1999). Ao fazê-lo, não apenas integramos ambas as perspectivas, mas também reformulamos o quadro explicativo de modo a fundamentar, no quarto capítulo, uma interpretação capaz de abranger os três tipos de orações relacionais em português brasileiro, sendo um avanço que ultrapassa o escopo de Davidse (1999), cuja análise se concentrou nas orações intensivas e nas orações existenciais, concebidas pela autora como um subtipo de oração relacional.

### **2.2.2 Matthiessen (1995)**

Em sua obra, marco do mapeamento dos sistemas léxico-gramaticais do inglês, Matthiessen (1995) propõe o que talvez seja a mais sofisticada formalização das redes de sistema da Gramática Sistemico-Funcional até aquele momento. O trabalho se constitui como transição entre a descrição estratal de Halliday (1985) e o modelo topológico posterior de Halliday e Matthiessen (1999), articulando, de maneira inovadora, uma cartografia onde as opções gramaticais se distribuem como um espaço contínuo de significados potenciais.

Na parte em que aborda o sistema relacional, Matthiessen (1995) descreve esse domínio como uma região da rede de transitividade voltada à configuração do Ser, na qual os processos não representam acontecimentos, mas relações estáveis entre participantes. Nesse quadro, *to be* e *to have* emergem como realizações altamente generalizadas dessas relações, funcionando como pontos de convergência léxico-gramatical de diferentes tipos de vínculo relacional. Nessa concepção, Matthiessen (1995) retoma os três tipos básicos de processo relacional arrolados por Halliday (1995), cada um configurando-se nos modos atributivo e identificativo. O autor parece atribuir papel determinante ao sistema MODO DE RELAÇÃO, visto que se os tipos modulam diferentes eixos de representação do Ser – O Ser em relação com suas propriedades internas, o Ser

em relação às circunstâncias que o determinam, e o Ser como relação de posse –, o modo constrói a natureza do esquema lógico que os estrutura.

Quadro 3 – Exemplos de orações intensivas configuradas nos dois modos de relação (Matthiessen, 1995)

| Tipo de oração                  | Exemplo                    | Tradução           | Participante 1              | Participante 2                      |
|---------------------------------|----------------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
| <b>Intensiva atributiva</b>     | <i>The sky is blue</i>     | O céu é azul.      | (Portador): <i>the sky</i>  | (Atributo): <i>blue</i>             |
| <b>Intensiva identificativa</b> | <i>This is the problem</i> | Isto é o problema. | (Identificado): <i>this</i> | (Identificador): <i>the problem</i> |

Fonte: elaboração própria.

O mapa sistêmico-relacional proposto por Matthiessen (1995) não se organiza de modo linear, mas como uma rede reticulada de regiões semântico-gramaticais. Nessa cartografia, os diferentes tipos de processo cobrem o espaço gramatical da experiência, distinguindo-se entre “fazer e acontecer”, “sentir” e “ser e ter” (*doing and happening; sensing; being and having*), conforme o autor afirma ao definir que “os quatro tipos principais de processo — material, mental, verbal e relacional — cobrem o espaço gramatical-semântico dos acontecimentos” (Matthiessen, 1995, p. 221)<sup>11</sup>. É nesse quadro que a região relacional se mostra agnata às regiões material e mental, uma vez que os diferentes tipos de processo se relacionam topologicamente, com regiões intermediárias apresentando propriedades agnatas dos tipos vizinhos. No entanto, apesar dessa continuidade topológica, o domínio relacional distingue-se funcionalmente por não construir acontecimentos nem processos de consciência, mas configurações de ser que descrevem, categorizam ou identificam entidades.

Consequentemente, o *princípio de agnação* redefine o domínio relacional como um contínuo semântico entre Fazer, Sentir, Dizer e Ser. Por exemplo, a oração relacional *The door is open – A porta está aberta* – está em relação de agnação com a oração material *Someone opened the door – Alguém abriu a porta*; de igual modo, a oração relacional *He is afraid – Ele está assustado* – é agnata de *He fears it – Ele teme isso*. Ou seja, cada oração relacional condensa, em uma temporalização estática, processos com diferentes graus de dinamicidade situados em outras regiões da experiência. O relacional, portanto, reifica o Fazer, o Dizer e o Sentir, em um funcionamento comparável àquele descrito pela noção de metáfora gramatical em Halliday e Matthiessen (1999).

Além disso, Matthiessen (1995) reconhece, no interior das orações relacionais intensivas, a existência de construções atributivas com causação, como em *The News*

<sup>11</sup> No original: “the four major process types – material, mental, verbal and relational – cover the grammatical-semantic ‘space’ of ‘goings on’” (Matthiessen, 1995, p. 221)

*made John angry* – *A notícia deixou João zangado*. Diferentemente dos modos atributivo e identificativo, que constituem distinções nucleares do tipo intensivo, a causação não é tratada como um subtipo processual independente, mas como uma configuração estrutural de atribuição, na qual um participante externo — denominado Atribuidor — instiga uma mudança no Atributo. Esse tratamento evidencia que a transitividade relacional não se limita à representação de estaticidade, podendo também codificar relações de transformação configuracional, sem que isso implique a reclassificação do processo como material. Essa ampliação aproxima o significado relacional do material, sem dissolver sua natureza simbólica. Como propõe Matthiessen (1995), a causação, nesses casos, não implica a passagem para o domínio dos processos materiais, mas constitui uma opção estrutural interna ao domínio relacional.

A força do modelo está em sua capacidade explicativa generalizadora, pois ao tratar o domínio relacional como um campo de configurações de ser, Matthiessen (1995) fornece uma base para o estudo contrastivo de línguas sem realização obrigatória do Processo, como o vietnamita, ou com múltiplas opções de realização, como é o caso do português brasileiro. No entanto, a nosso ver, sua abstração tende a neutralizar as assimetrias lexicais e informacionais que surgem nas línguas naturais.

No português brasileiro, por exemplo, a oposição entre *ser*, *estar*, *durar*, *continuar*, *ficar* etc. mostra que o campo relacional se desdobra em subsistemas de fase e aspecto. Assim, *O céu é azul*, *O céu está azul*, *O céu permanece azul* e *O céu ficou azul* realizam, respectivamente, um estado não delimitado, um estado contingente, um estado durativo e uma mudança de estado. Sob esta vista geral, a cartografia de Matthiessen (1995) possibilita fundamentar a concepção de que o domínio relacional é um contínuo de vinculações simbólicas, fornecendo a base teórica que permite reinterpretar o português brasileiro como um sistema de vinculação perspectivada do Ser.

### **2.2.3 Davidse (1999)**

Com base em Halliday (1985), Davidse (1999) inicia sua reflexão ao considerar que no nível mais geral da gramática experiencial todos os processos são instanciações de algumas configurações altamente esquemáticas que expressam modos fundamentais de engajamento entre o processo e seus participantes. Em seu modelo, esses esquemas gerais — Meio–Processo, Meio–Processo–Alcance, Configuração–Processo–Meio e

Agente–Processo–Afetado — representam o nível mais abstrato da transitividade, em que a língua modela a experiência como fluxo de energia e transformação. De acordo com a linguista, tais configurações abarcariam ao menos os seguintes esquemas:

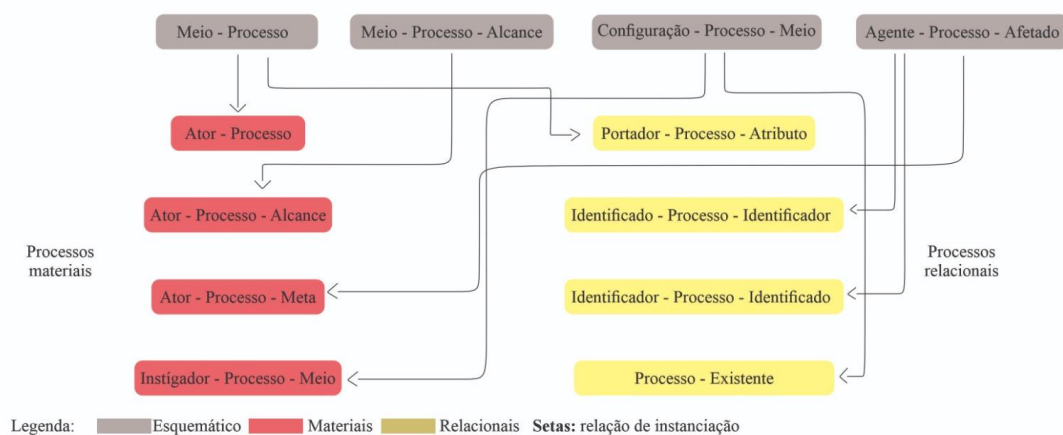


Figura 3 – Configurações experienciais: nível esquemático e instanciarções  
Fonte: adaptado com base em Davidse (1999).

Essas configurações gerais constituem o nível esquemático da transitividade; a língua modela a experiência como diferentes modos de engajamento experiencial, incluindo configurações de transformação e de equivalência simbólica. Para Davidse (1999), a causação, a efetividade e a passivização funcionam como ativadores desses esquemas gerais, que se concretizam, nos níveis inferiores da gramática, em categorias semanticamente especializadas. A autora adverte, porém, que não é coerente caracterizar um domínio por meio de outro, como quando se definem os processos materiais pela presença de energia e os relacionais pela sua ausência. Essa crítica desmonta a noção tradicional de oposição binária entre Fazer e Ser e desloca o olhar para a configuração simbólica da equivalência. Em vez de energia física, as orações relacionais mobilizam energia simbólica, na qual o verbo relacional não transforma o mundo, mas instaura relações de identificação, classificação ou existência entre entidades.

A partir dessas bases, Davidse (1999) propõe que o esquema Configuração–Processo–Meio dá origem aos processos relacionais, cuja função não é a de representar transformações materiais, mas de organizar o domínio ontológico do significado. Esses processos se realizam em subtipos que expressam diferentes modos de equivalência simbólica: Portador–Processo–Atributo (nas atributivas), Identificado–Processo–Identificador e Identificador–Processo–Identificado (nas identificativas) e Processo–

Existente (nas existenciais). Com isso, a autora abre caminho para a inclusão das orações existenciais como um subtipo de processo do Ser, argumentando que o verbo *to be* mantém, mesmo no grau mínimo, uma natureza relacional. O verbo não descreve uma ação, mas faz existir, e ao fazê-lo, ancora simbolicamente um participante no domínio do discurso.

Para Davidse (1999), os processos existenciais constituem uma subespécie das orações relacionais, na medida em que representam um modo particular de o sistema linguístico construir a presença de entidades no mundo do discurso. A seara inaugurada por Halliday (1985) e reelaborada em Davidse (1999, 2000) situa os processos do Existir como parte do mesmo contínuo semântico das orações intensivas, possessivas e circunstanciais. O que distingue os existenciais é o fato de que o processo de ser não tem aqui a função de atribuir qualidade/classe ou identificar entidades, mas de instaurar a própria existência de um participante — o chamado Existente — dentro de um domínio semiótico. Nas palavras de Davidse (1992, p. 125), a oração existencial “representa a relação entre uma entidade e a sua presença no domínio ontológico do discurso”. Essa perspectiva confere às orações existenciais o estatuto de figuras relacionais simbólicas, ainda que minimalistas, pois nelas o processo ser realiza-se sem qualquer transferência de energia e sem segundo participante lexicalizado.

Assim, a oração *There is a student in the room* é homóloga a *John is tall*, pois em ambos os casos, o processo estabelece uma relação simbólica. A diferença é que, em orações existenciais, o atributo é a própria existência. O contínuo relacional proposto pela autora — que une as orações intensivas, possessivas, circunstanciais e existenciais — delineia uma cartografia semântica do ser, na qual o verbo relacional percorre um gradiente que vai da atribuição de propriedades à postulação da existência. Trata-se, portanto, de uma região gramatical que se define pela presença, em que o Ser não é mera cópula, mas operador ontológico de perspectivação simbólica.

Essa configuração teórica pode ser observada nas séries paradigmáticas apresentadas por Davidse (1999). Em inglês, há um contínuo de formas em que o verbo *be* transita da atribuição à existência, sem ruptura categorial. Compare-se: *John is tall* — oração intensiva atributiva, em que o processo “ser” liga um Portador (*John*) a um Atributo (*tall*);

(7) *John is the tallest student* — oração identificativa, que equaciona Identificado e Identificador;

(8) *There is a student in the room* — oração existencial, em que o processo “ser” apenas faz existir o participante “student” dentro de um domínio situacional (*in the room*).

Como observa Davidse (1992), a forma existencial não nega a natureza relacional de *be*, mas a realiza com o grau mínimo de preenchimento, em que apenas o Existente e o domínio em que é postulado são selecionados. Para ela, a relação simbólica permanece, sendo que o que muda é a densidade de participação. Assim, *There is a student* é estruturalmente homólogo a *John is tall*, pois a diferença está em que o Atributo, na oração existencial, é a existência mesma.

Essa concepção é especialmente produtiva quando relida à luz dos dados do português brasileiro. Enquanto o inglês permite realizar todo o espectro relacional através do mesmo verbo (*to be*), o português brasileiro fragmenta a realização do princípio relacional em diferentes lexemas — *ser*, *estar*, *ter* e *haver* —, cada qual especializado em um subdomínio relacional. Essa dispersão não enfraquece a unidade do sistema, mas revela uma arquitetura policêntrica de realização, em que a coerência sistêmica se mantém por meio daquilo que estamos denominando como vinculação simbólica. Desse modo, *ser* e *estar* configuram modos distintos de instanciação atributiva, sendo o último não marcado em orações circunstanciais; *ter* realiza relações possessivas de transferência ou pertencimento; *haver*, por sua vez, representa o núcleo existencial do sistema, instaurando a presença simbólica de um participante em um domínio discursivo.

A partir dessa releitura, a proposta de Davidse (1999) serve de base para formulação de dois princípios que sustentam nosso modelo relacional: (i) o de *instanciação atributiva*, que descreve o modo como a gramática realiza a projeção qualitativa do Portador sobre si mesmo; (ii) o de *realização identificativa*, que define o movimento inverso, o da projeção de uma identidade compartilhada entre dois polos referenciais. Esses princípios são correlatos ao contínuo de atribuição proposto pela estudiosa, reinterpretados por este estudo de modo que a caracterização pode ser interna (intrínseca) ou externa (categorial/processual). Entretanto, ao reler o modelo para o português brasileiro, essa gradação assume uma dimensão mais complexa, atravessada pela referencialidade dos participantes e pela ergatividade da perspectiva. Enquanto nas orações atributivas o Portador tende a ser fortemente referencial e o Atributo fracamente referencial, nas identificativas tende a haver um estado de quase simetria referencial. Essa variação sistemática de densidade referencial demonstra que a relacionalidade é também

um sistema de gestão da individuação semântica, o que reforça a pertinência de sua integração à proposta de vinculação simbólica.

Além disso, Davidse (1999) introduz considerações relevantes sobre ergatividade e agência no domínio relacional, discutindo como certas construções identificativas podem manifestar assimetrias de perspectiva, especialmente em contextos em que o Identificador funciona como ponto de origem da atribuição. Essa discussão foi decisiva para a ampliação de nosso modelo, que concebe a ergatividade simbólica como uma medida da densidade de vinculação entre os participantes, ou seja, da força com que uma entidade é posta como fonte ou alvo da significação.

Em síntese, Davidse (1999) não apenas expande a tipologia das orações relacionais, mas também reformula o próprio conceito de Ser como operação simbólica fundamental. Ao incluir as existenciais no mesmo sistema e propor o contínuo de atribuição, a autora contribui para compreender a transitividade relacional em um espaço de variação ontológica que vai do individuado ao generalizado, do ser ao existir. Essa visão, reinterpretada à luz dos dados do português brasileiro e do conceito de vinculação simbólica, sustenta a hipótese de que as orações relacionais estão situadas no centro de representação semiótica localizada (nível da oração) da gramática.

#### **2.2.4 Arús e Lavid (2001)**

O estudo de Arús e Lavid (2001) propõe uma ambiciosa revisão computacional da gramática dos processos relacionais. Diferentemente dos estudos descritivos ou teórico-comparativos que dominam sobre o tema, o texto articula explicitamente o aparato sistêmico-funcional à abordagem computacional de linguagem, tomando como base o modelo *Nigel* (Matthiessen, 1995) e o ambiente *KPML – KOMET-Penman Multilingual* (Bateman, 1995, 1997), assumindo um duplo foco. De um lado, ele redefine o sistema de TRANSITIVIDADE a partir da interação entre três macrossistemas simultâneos — TIPO DE PROCESSO, AGÊNCIA e ERGATIVIDADE. Por outro lado, ele também explica como essa arquitetura é implementável para fins de geração multilíngue e tradução assistida por máquina.

No nível teórico, Arús e Lavid (2001), ao introduzirem a ergatividade como um sistema integrante do modelo, paralelo ao de AGÊNCIA e ao de TRANSITIVIDADE, propõem uma perspectiva tridimensional. Enquanto o modelo de *Nigel* previa apenas dois eixos

sistêmicos simultâneos, o da agência e o do tipo de processo, os autores propõem um terceiro, o ergativo, encarregado de distinguir processos causados externamente (efetivos) daqueles internamente desencadeados (médios). A separação conceitual entre agência e causação é de extrema importância para a proposta, tendo em vista que agência passa a referir-se à presença de um Agente e ergatividade à instigação semântica do processo. Assim, em

(9) *The news made me happy / La noticia me hizo feliz.*

o sistema ergativo marca o Atribuidor *the news/la noticia* como instigador da mudança de estado, diferindo do exemplo (1.10) onde não há instigação, mas apenas atribuição de qualidade.

(10) *The grass is green / La hierba está verde.*

A partir dessa configuração de simultaneidade tripla dos sistemas na condição de entrada, os autores projetam uma rede em que o sistema TIPO DE SER, se desdobra em dois subsistemas alternativos: EXISTENCIAL e EXPANDIDO. Este último apresenta as opções atributiva e identificativa, que são cruzadas com as opções transitiva/ergativa e meio/efetiva. Desse modo, o modelo permite formalizar 17 tipos relacionais distintos entre inglês e espanhol, ampliando a cartografia de Matthiessen (1995) ao introduzir maior delicadeza na representação da instigação e da ergatividade.

A aplicação contrastiva do modelo revela que o espanhol distribui mais amplamente a ergatividade entre verbos relacionais do que o inglês, o que tem consequências tanto para a análise teórica quanto para a geração automática. Nos exemplos

(11) *The grass turned brown / La hierba se puso marrón.*

(12) *The sun turned the grass brown / El sol puso la hierba marrón.*

a alternância entre as formas médias (*se puso*) e efetivas (*puso*) demonstra que o espanhol permite a alternância morfológica ergativa, enquanto o inglês realiza a distinção apenas lexicalmente (*turn*). Essa observação antecipa, de certo modo, o princípio de que as línguas não se diferenciam apenas pela presença de categorias, mas pela distribuição probabilística de trajetórias de realização dentro da rede sistêmica.

Outra contribuição importante do modelo é a clareza com que as funções participantes são redefinidas em função do sistema envolvido. Em construções atributivas transitivas, o Atributo realiza-se como um participante independente, o que pode ser diagnosticado por testes como o da pronominalização (*Sí, lo está / Yes, it is*). Já nas construções atributivas ergativas, o Atributo deixa de constituir um participante autônomo e passa a integrar o Meio do processo, configurando uma distinção que ecoa a análise de Davidse (1999) acerca da direcionalidade experiencial da ergatividade.

Essa especificação funcional dos papéis participantes fornece uma base formal sólida para a tradução automática, pois permite distinguir entre construções atributivas ergativas e transitivas. Sem essa distinção, o sistema pode mapear indevidamente verbos como *llamarse* (“chamar-se”), que realizam o participante nomeado como Meio, para estruturas transitivas do inglês, produzindo enunciados estruturalmente inadequados, como *I call George*, em lugar de *My name is George* ou *I am George*.

A segunda metade da discussão introduz um tratamento de delicadeza sistêmica na região de realização lexical, isto é, a modelagem do ponto em que o sistema atinge seu nível final de especificação antes da escolha do item verbal. Um exemplo paradigmático dessa abordagem é o contraste entre ser e estar. No subdomínio dos processos intensivos atributivos, seleções associadas ao traço de faseamento, como [faseado] → [estado], conduzem à realização estar, enquanto seleções não faseadas associadas a [classe] ou [qualidade] conduzem à realização ser.

Esse princípio pode ser ilustrado contrastivamente por orações como *Pedro está gordo* e *Pedro es gordo*: na primeira, o sistema seleciona um feixe de traços que inclui [estado], ao passo que, na segunda, a atribuição recai sobre uma caracterização de classe. Essa formalização representa um avanço em relação a abordagens sistêmicas anteriores, que tratavam tais alternâncias predominantemente como opções léxicas, e não como ramificações sistemáticas na rede de escolhas.

O empreendimento de Arús e Lavid (2001) se concentra em transformar a teoria sistêmico-funcional em engenharia de sistemas, demonstrando que as redes implementadas no modelo *Nigel* podem ser reconfiguradas para modelar múltiplas línguas. Ao formalizar o domínio relacional por meio de três sistemas simultâneos, os autores fornecem um protótipo operacional de ‘gramática cartográfica’, em que cada seleção é computável e replicável.

Por outro lado, a formalização proposta, embora robusta, permanece dependente de uma visão determinística da geração, considerando que cada seleção de expressão leva

a uma única realização. No modelo, não há espaço para o ‘ruído semântico’ ou para escolha ambígua. Além disso, a inclusão das orações existenciais dentro dos relacionais é assumida sem discussão teórica.

A nosso ver, Arús e Lavid (2001) representam um ponto de inflexão entre a Gramática Sistemática Descritiva e a Gramática Sistemática Operacional, ao modelar explicitamente as redes de processos relacionais de modo a gerar sentenças em mais de uma língua. No plano teórico, sua contribuição é a reintegração da ergatividade como princípio organizador transversal aos tipos de processo; simultaneamente, no plano metodológico, é a demonstração de que redes sistêmicas podem servir de base computacional para geração e tradução.

### 2.2.5 Hoàng (2005)

A interpretação de Hoàng (2005) oferece uma consistente aplicação do modelo sistêmico-funcional ao vietnamita. O linguista adota o modelo sistêmico-funcional de Halliday (1994), em diálogo com desenvolvimentos posteriores de Halliday e Matthiessen (2004), para descrever a organização experiencial do vietnamita. A análise evidencia que, apesar de seu perfil tipológico isolante e morfologicamente analítico, essa língua dispõe de um domínio relacional altamente estruturado, no qual relações de atribuição, identificação e existência são realizadas por meio de configurações léxico-gramaticais, e não por flexão. Segundo (Hoàng, 2005), a realização dos tipos de relação se dá por meio de um conjunto difuso de construções, nem sempre dependentes da presença explícita de um verbo. Nesse sentido, o autor apresenta uma ampla gama de relações semânticas:

Quadro 4 - Tipos de relação em vietnamita

| Tipo de relação   | Exemplo                       | Tradução literal | Tradução funcional    |
|-------------------|-------------------------------|------------------|-----------------------|
| <i>Atributiva</i> | <i>Con chim gáy hiền lành</i> | Pombo-rola dócil | O pombo-rola é dócil. |

| Tipo de relação       | Exemplo                      | Tradução literal           | Tradução funcional             |
|-----------------------|------------------------------|----------------------------|--------------------------------|
| <i>Identificativa</i> | <i>Tôi là Nhâm</i>           | Eu ser Nhâm                | Eu sou Nhâm / Meu nome é Nhâm. |
| <i>Circunstancial</i> | <i>Ông tôi ở ngoài sân</i>   | Meu avô estar fora quintal | Meu avô está no quintal.       |
| <i>Quantitativa</i>   | <i>Em Linh nặng tám kilô</i> | Linh pesar oito quilos     | Linh pesa oito quilos.         |
| <i>Possessiva</i>     | <i>Mũ này là của Quan</i>    | Chapéu este ser de Quan    | Este chapéu é de Quan.         |

Fonte: Elaboração própria com base em Vân (2005).

Esses exemplos revelam que o vietnamita não reserva um único verbo para expressar o Ser, mas o realiza por meio de uma composição léxico-gramatical distribuída, na qual diferentes recursos — como verbos relacionais específicos, marcadores locativos e configurações nominais — assumem a função de operadores relacionais. Assim, o significado relacional pode emergir da partícula copulativa *là*, em orações de identidade, como *Tôi là Nhâm* (*Eu sou Nham*); da posposição locativa *ở*, em orações de localização, como *Ông tôi ở ngoài sân* (*Meu avô está no quintal*); do verbo de posse *có*, em orações possessivas, como *Tôi có một cuốn sách* (*Eu tenho um livro*); ou ainda de nomes e quantificadores que equivalem a predicadores relacionais, como *nặng tám kilô* (*pesa oito quilos*) ou *bằng nhôm* (*feito de alumínio*).

Ao revisar abordagens anteriores, Hoàng (2005) evidencia a dificuldade de circunscrever o domínio relacional quando a análise se apoia exclusivamente no significado lexical de verbos como *là*, *ở* e *có*. Embora reconheça o valor descritivo dessas classificações, o autor argumenta que, sem uma teoria explícita de sistema e de metafunção, tais descrições permanecem limitadas à enumeração de formas, sem captar o funcionamento relacional da oração enquanto escolha gramatical.

Como nas outras interpretações tratadas nesta seção, o contraste entre modo atributivo e modo identificativo é central no estudo. O primeiro estabelece uma relação

de atribuição de qualidade ou classe, enquanto segundo estabelece uma identidade entre dois termos:

| Exemplo                           | Tradução              | Estrutura de papéis                                                                        | Interpretação semântica                                             |
|-----------------------------------|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| <i>Con chim gáy<br/>hiền lành</i> | O pombo-rola é dócil. | (Portador): <i>Con chim gáy</i><br>(Atributo): <i>hiền lành</i><br>(Processo): <b>nulo</b> | $x \text{ mang thuộc tính} \rightarrow$<br>“x possui o atributo a.” |

| Exemplo                | Tradução     | Estrutura de papéis                                                                 | Interpretação semântica                                            |
|------------------------|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| <i>Tôi là<br/>Nhâm</i> | Eu sou Nham. | (Identificado): <i>Tôi</i><br>(Identificador): <i>Nhâm</i><br>(Processo): <b>là</b> | $x \text{ là } a \rightarrow$<br>“x é a.” / “x e a são idênticos.” |

A inversão é possível apenas no modo identificativo – *Nham là tôi* –, não no atributivo – *\*Hiền lành con chim gáy* é considerado agramatical –, o que demonstra que a voz relacional no vietnamita é um índice semântico de simetria. Além disso, a presença do verbo *là* (ser) é opcional nas orações atributivas (*Con chim gáy hiền lành* e *Con chim gáy là hiền lành* são equivalentes), mas obrigatória nas identificativas.

Entre as delicadezas descritas por Hoàng (2005), destaca-se a distinção, no domínio dos processos relacionais intensivos, entre configurações que codificam estados estabilizados (*là* – ser) e aquelas que codificam mudança de estado (*trở nên* – tornar-se), interpretáveis como variações fásicas do mesmo campo relacional. O primeiro constrói uma relação de identidade ou inclusão, como em *Hổ là một loài động vật* (O tigre é um animal), em que o Portador (*Hổ*) é instanciado como membro da classe *động vật* (animal). O segundo, de natureza alterativa, introduz uma mudança de estado ou fase de transição, como em *Đê trở nên sung sướng, giàu có* (De tornou-se feliz e rico). Em vietnamita, essas duas formas pertencem ao mesmo campo de processos intensivos, pois ambas configuram modos de ser relacional, em que uma expressa o estado e a outra o desdobramento ou atualização desse estado. A diferença entre *là* (ser) e *trở nên* (tornar-se) não é de tipo processual, mas de fase temporal, tendo em vista que a segunda escolha introduz a noção de transformação interna do atributo, sem deslocar a oração para o domínio material. Assim, a gramática vietnamita mantém *ser* e *tornar-se* dentro de um mesmo contínuo de significação, que vai da estabilização à mudança, expressando internamente as gradações de caracterização.

Esse padrão guarda analogia direta com o português brasileiro, em que *ser* e *tornar-se* pertencem igualmente ao domínio intensivo, diferenciando-se apenas pelo traço aspectual de faseamento visto que *ser* corresponde ao estado estabilizado do vínculo,

enquanto *tornar-se* codifica a passagem a esse estado. Assim, tanto o vietnamita quanto o português brasileiro organizam a temporalização das relações de modo faseado e graduável.

Do ponto de vista crítico, contudo, como já dito, essa modelagem ancora-se fortemente na morfologia isolante do vietnamita, em que a relação de Ser não necessariamente se manifesta por um verbo obrigatório. Esse aspecto leva a uma ênfase maior na estrutura paradigmática do que na realização verbal, diferindo radicalmente do comportamento do português brasileiro. Na nossa língua, o verbo *ser*, bem como os demais verbos *estar*, *ficar*, *permanecer*, *tornar-se*, *parecer*, *revelar-se etc.*, é léxico-gramaticalmente exigido e apresenta altíssima incidência, funcionando, a nosso ver, como eixo de expansão metafórica. Essa redundância formal convive, paradoxalmente, com uma heterogeneidade funcional elevada, pois a previsibilidade estatística do verbo relacional não implica homogeneidade categorial, mas potencial ampliado de variação.

Enquanto o vietnamita tende a realizar o significado relacional por neutralização da marca verbal do processo, o português brasileiro o realiza por meio da proliferação de formas verbais e de ampla plasticidade semântica. Do ponto de vista probabilístico, essas estratégias correspondem a modos distintos de organização do sistema, e não a diferenças de complexidade intrínseca. No vietnamita, a baixa carga formal associada ao Processo desloca o peso semântico da relação para a configuração dos participantes, resultando em um padrão de alta previsibilidade formal. No português brasileiro, por sua vez, a recorrência de múltiplas formas verbais especializadas redistribui esse peso ao longo da rede léxico-gramatical, fazendo com que a estabilização do sistema se manifeste na regularidade estatística das escolhas condicionadas por registro e gênero. Trata-se, portanto, de dois regimes funcionais distintos de realização do Ser, igualmente complexos, mas estruturados segundo princípios diferentes.

#### **2.2.6 Liu (2012)**

O estudo de Liu (2012) propõe uma análise contrastiva dos processos relacionais em quatro línguas — inglês, espanhol, japonês e chinês — buscando evidenciar as diferenças de configuração semântico-gramatical na realização de orações que representam relações de Ser, Ter e Estar. O trabalho parte de um enquadramento sistêmico-funcional, reconhecendo que as orações relacionais servem para caracterizar e

identificar e que, por isso, articulam-se em torno das opções de atribuição e identificação, com os tipos intensivo, possessivo e circunstancial. Essa classificação de base é coerente com as posições discutidas anteriormente. Entretanto, sua aplicação às quatro línguas evidencia tanto convergências de ordem sistêmica quanto tensões tipológicas importantes, sobretudo na interpretação do estatuto das orações existenciais e na dependência, por vezes excessiva, de critérios morfossintáticos em detrimento dos semânticos.

No que se refere ao inglês, a autora adota a descrição relacional tal como estabilizada na tradição sistêmico-funcional posterior a Halliday (1985), distinguindo relações atributivas (*Mary is happy*) e identificativas (*Mary is the actress*), bem como relações de posse (*John has a car*) e de existência (*There is a problem*), estas últimas progressivamente integradas ao domínio relacional em trabalhos subsequentes, como Matthiessen (1995). Em todos os casos, reafirma-se que cada tipo de relação projeta uma configuração específica de participantes — Portador e Atributo ou Identificado e Identificador — e um Processo que, ainda que formalmente realizado por um verbo copular, desempenha função semântica plena. A discussão, contudo, tende a reancorar a caracterização dos processos relacionais na realização verbal, especialmente em torno de *to be* e *to have*, o que, do ponto de vista sistêmico-funcional, limita o alcance da generalização tipológica, uma vez que desloca o foco da configuração experiencial para o léxico verbal. A diferença entre dizer que *to be* expressa um processo relacional e dizer que *to be* realiza uma relação é decisiva, porquanto que, no primeiro caso, toma-se o verbo como portador do significado, enquanto no segundo, reconhece-se que o verbo apenas codifica uma função que, em certas línguas, pode ser estruturalmente implícita. A ausência de testes funcionais, como o da reversibilidade nas identificativas ou o da impossibilidade de tematizar o atributo como sujeito, faz com que algumas distinções fiquem ancoradas na superfície, e não na relação simbólica subjacente que o tipo de processo constrói.

A descrição do espanhol representa um avanço importante ao articular os contrastes entre *ser* e *estar* com o sistema de transitividade. A autora reconhece que *ser* tende a realizar relações de classe e identidade, enquanto *estar* expressa relações de estado e localização, e observa, com acuidade, que certos eventos de caráter circunstancial, como *La ceremonia es en el parque* (A cerimônia é no parque) exigem *ser* por estarem ancorados na representação de um evento como entidade. Essa distinção é fundamental para compreender a fronteira entre os domínios material e relacional. Contudo, quando

analisa as chamadas construções mais existenciais, em que o espanhol emprega *estar* ou *aparecer* com um tema locativo marcado, como em *Tras el jardín está el río* (Atrás do jardim está o rio), o estudo parece reclassificar automaticamente a oração como identificativa, com base apenas na ordem dos constituintes. De nosso ponto de vista, porém, a simples topicalização da circunstância não altera a natureza da relação, visto que o que define a identificação é a equivalência simbólica entre duas entidades de mesma ordem de abstração, *El río es el límite del parque* (O rio é o limite do parque), não a disposição linear dos elementos. Assim, para nós, *Tras el jardín está el río* continua a ser uma oração relacional circunstancial atributiva, cujo Portador é o rio e cujo Atributo circunstancial é a localização.

Outro ponto sensível na seção do espanhol é a tentativa de aproximar *turn* (inglês) e *poner/ponerse* (espanhol) como manifestação de ergatividade. Embora ilustrativa, essa comparação mistura fenômenos léxicos de alternância causativa com fenômenos tipológicos de alinhamento sintático. No LSF (Matthiessen, 1995), a ergatividade é uma opção de estruturação do fluxo de energia representada, não um traço morfológico da língua; portanto, a alternância *poner/ponerse* não configura, por si só, um padrão ergativo, mas um caso de recategorização léxica dentro de uma mesma rede processual.

A análise do japonês é, talvez, a mais rica do ponto de vista contrastivo. Seguindo a descrição de Teruya (2007), o estudo distingue entre construções expandidas (relacionais atributivas ou identificativas) e existenciais, mostrando que o verbo funciona como marcador de relação de ser, embora possa ser omitido em contextos em que o atributo é adjetival: *kare-wa takai* – Portador: (*kare*, “ele”); Marcador temático: (*wa*); Atributo: (*takai*, “alto”); processo relacional intensivo atributivo implícito (*ser*). Essa observação mostra como o japonês tende a realizar o processo relacional de modo estrutural, dispensando um verbo explícito, consistindo em um caso que ilustra exemplarmente a distinção entre olhar a oração *de baixo* e *de cima*. Do ponto de vista funcional, o Processo está presente na estrutura, ainda que sem forma lexicalizada.

No entanto, a suposição de que a alternância das partículas *wa* e *ga* implicaria automaticamente a inversão dos papéis de Identificador e Identificado constitui uma generalização problemática. Essa leitura decorre de uma interpretação estritamente sintática da ordem e da marcação dos constituintes, desconsiderando que, no japonês, *wa* e *ga* não codificam relações experienciais, mas funções textuais e informacionais. Enquanto *wa* introduz o participante tematizado, isto é, aquele tomado como ponto de partida do enunciado, *ga* destaca o participante focal, responsável pela informação nova

ou contrastiva. Trata-se, portanto, de uma distinção no plano da organização do discurso, e não de uma reconfiguração do vínculo semântico entre as entidades envolvidas.

De modo análogo, em *kare-wa gakusei* da (*Portador: kare wa, “ele”; Processo relacional intensivo atributivo implícito, “ser”; Atributo: gakusei, “estudante”*), a interpretação relacional admite tanto uma leitura atributiva quanto uma leitura identificativa. Essa ambiguidade não resulta de imprecisão semântica, mas do fato de que, no japonês, não há marcas morfossintáticas obrigatórias que distingam sistematicamente a atribuição de pertencimento a uma classe (*ser estudante*) da identificação de uma entidade singular (*ser o estudante*). Trata-se, portanto, de uma neutralização de delicadeza no plano da realização, pela qual a distinção entre Portador–Atributo e Identificado–Identificador permanece disponível no sistema, mas não é gramaticalmente explicitada na estrutura. No português brasileiro, ao contrário, essa distinção é regularmente codificada, por exemplo, pela presença ou ausência do artigo definido, o que permite contrastar *ele é estudante* (atributivo) e *ele é o estudante* (identificativo).

O chinês, por sua vez, confirma de modo interessante a hipótese sistêmica de que a fronteira entre existência e posse é fluida. Nessa língua, o verbo *yǒu* realiza tanto processos existenciais (*yǒu yī běn shū*, “há um livro”) quanto possessivos (*wǒ yǒu yī běn shū*, “eu tenho um livro”). O trabalho de Liu (2021) reconhece essa dualidade e apresenta exemplos que diferenciam a ordem *Processo ^ Existente ^ Circunstância*, típica da oração existencial, da ordem *Portador ^ Processo ^ Atributo*. Essa distinção está em perfeita sintonia com a concepção sistêmico-funcional de redes de delicadeza, nas quais o tipo possessivo é uma extensão do tipo intensivo, tal como formulado em Davidse (1999, 2000). Entretanto, ao tratar das orações em que *shì* é omitido, a autora sugere que a presença de marcadores aspectuais, como *le*, poderia “converter” a oração em um processo material. Essa formulação, contudo, pode induzir a uma leitura do fenômeno centrada na forma verbal. O que ocorre nesses casos não é uma conversão lexical ou morfológica do verbo, mas uma reconfiguração sistêmica da figura experiencial. A introdução do aspecto perfectivo desloca o foco da relação estática entre entidades para a representação de uma mudança ou de um evento delimitado no tempo. Em consequência, a oração passa a ser interpretada como material não porque um verbo relacional tenha se tornado material, mas porque a combinação entre aspecto e configuração de participantes ativa outro domínio de processo na rede experiencial. Consequentemente, distinguir esses níveis é fundamental para preservar a coerência funcional do sistema e evitar análises que reduzam o tipo de processo a uma propriedade morfológica do verbo.

De modo geral, Liu reconhece que as orações existenciais podem ser integradas ao domínio dos processos relacionais, uma posição teoricamente defensável e alinhada à proposta de Davidse (1999) para o inglês. No entanto, essa incorporação é assumida sem uma discussão mais aprofundada de suas consequências analíticas. Ao subsumir as existenciais ao sistema relacional, dilui-se a possibilidade de isolá-las como um conjunto funcionalmente específico, sobretudo em análises quantitativas sensíveis ao registro. Estratégias de apresentação de participante — como *there is*, *yǒu* ou *aparecer* — tendem a exibir padrões probabilísticos distintos daqueles observados em atribuições e identificações, operando com funções discursivas próprias. A ausência dessa distinção compromete a leitura fina da variação sistêmica e limita o potencial explicativo da análise.

À luz dessa discussão, o estudo de Liu representa uma contribuição importante à descrição contrastiva dos processos relacionais, mas ainda se mantém em uma zona híbrida entre a análise tipológica e a comparação lexical. A ausência de testes funcionais explicitados dificulta a compreensão do potencial explanatório do trabalho. Ainda assim, a principal contribuição do estudo está em tornar perceptível o que Halliday e Matthiessen (2004) chamam de *dimensão nominal profunda* das orações relacionais. Ao mostrar que *the house was old :: the old house* ou *the house was Thomas's :: Thomas's house* são equivalentes estruturais, Liu (2012) evidencia a continuidade entre o domínio da oração e o do grupo nominal. Essa equivalência projeta o princípio que fundamenta o sistema relacional, denominado por nós de *vinculação simbólica*. Para nós, em cada uma das línguas descritas pelas investigações arroladas nesta seção, essa vinculação se manifesta por diferentes meios — cópula, marcação de aspecto, partícula ou simples ordem —, mas a função semântica permanece a mesma, qual seja: construir equivalências parciais ou totais como operações simbólicas de configuração de entidades. É nesse sentido mais profundo que as orações relacionais podem ser consideradas nominais em seu princípio organizador, não porque careçam de verbo, mas porque, prototipicamente, reproduzem, no plano da oração, a mesma arquitetura de relações que estrutura a modificação no interior do grupo nominal. A realização explícita de temporalidade é, portanto, o traço que as situa na ordem da oração, e não no domínio do grupo.

### 2.2.7 Souza (2006)

A pesquisa empreendida por Souza (2006) constitui uma das descrições mais sistemáticas e empiricamente fundamentadas do sistema de TRANSITIVIDADE no português brasileiro, tomando como objeto textos do gênero editorial, um gênero caracterizado por elevada densidade argumentativa. Ancorada na teoria sistêmico-funcional, a investigação tem como objetivo descrever de que modo os diferentes tipos de processo e as configurações participantes associadas a esses processos contribuem para a construção de sentido nesse gênero específico do discurso jornalístico brasileiro.

O *corpus* analisado é composto por 72 editoriais (31.444 palavras) publicados em jornais e revistas de circulação nacional, representativos do português brasileiro escrito formal contemporâneo. Com o auxílio da ferramenta de análise textual *MicroConcord*, Souza identifica 767 orações realizadas pelos seis tipos de processo descritos por Halliday e Matthiessen (2004), articulando de forma rigorosa procedimentos quantitativos e qualitativos. Esse desenho metodológico confere ao estudo um elevado grau de confiabilidade descritiva e o insere entre os trabalhos pioneiros na aplicação sistemática da Linguística Sistêmico-Funcional ao português brasileiro, permitindo à autora traçar um perfil funcional do gênero a partir da distribuição e do funcionamento dos tipos de processo.

No que se refere aos processos relacionais, Souza demonstra que eles desempenham papel central na construção argumentativa do editorial em português brasileiro, sendo responsáveis pela classificação, definição e caracterização de entidades, frequentemente abstratas e institucionais. A autora adota a hipótese sistêmico-funcional da organização tripartite dos processos relacionais — intensivos, circunstanciais e possessivos — articulada a dois modos de relação, atributivo e identificativo, em consonância com Halliday e Matthiessen (2004).

A análise empírica revela 363 ocorrências de processos relacionais, correspondendo a 47% do total das orações analisadas, o que os torna o tipo de processo mais frequente no *corpus*. Observa-se ainda uma distribuição relativamente equilibrada entre os modos atributivo (185 ocorrências) e identificativo (178 ocorrências), evidenciando um perfil de equiprobabilidade funcional no gênero editorial. Tal predominância é interpretada como reflexo direto da função argumentativa do gênero, que demanda a estabilização semântica de referentes por meio de classificações e definições.

Ao articular descrição gramatical, análise quantitativa e interpretação discursiva, o trabalho de Souza (2006) consolida-se como uma referência fundamental para a compreensão do funcionamento dos processos relacionais no português brasileiro, especialmente em registros institucionais e opinativos, oferecendo uma base empírica sólida para investigações posteriores, como nesta que empreende uma interpretação de natureza probabilística e orientada à computação.

### **2.2.8 Lima-Lopes (2008)**

A investigação empreendida por Lima-Lopes (2008) é um texto originado da pesquisa de mestrado do autor, que oferece uma análise ampla dos processos relacionais em cartas publicitárias. O propósito do estudo é compreender os participantes (empresa remetente, produto/serviço e destinatário) são caracterizados nesses textos, com base em um *corpus* de 104 cartas de mala direta.

A metodologia adotada combina métodos da Linguística de *Corpus* e ferramentas computacionais para a análise textual, o que possibilita a descrição sistemática e quantitativa de grandes amostras textuais. O uso do *WordSmith Tools* e de um sistema de etiquetagem para classificar os elementos de transitividade imprime rigor e precisão na análise das orações relacionais.

O estudioso faz um trabalho meticuloso ao classificar e analisar os processos relacionais nas cartas, destacando como cada participante desempenha diferentes papéis nos textos. A empresa remetente é frequentemente retratada como benfeitora, enquanto o destinatário é visto como possuidor ou beneficiário dos serviços anunciados. O produto/serviço, por sua vez, é o foco central, sendo caracterizado por suas qualidades e benefícios, o que é coerente com os objetivos persuasivos das cartas.

A abordagem crítica de Lima-Lopes (2008) ao explorar a relação entre gramática e discurso nas cartas publicitárias é um dos pontos altos do estudo. Ele mostra como a LSF pode ser utilizada para revelar padrões ideológicos subjacentes na comunicação empresarial, algo que contribui significativamente para os estudos de linguística aplicada no contexto do português brasileiro.

O estudo de Lima-Lopes (2008) oferece uma contribuição relevante para a descrição dos processos relacionais no português brasileiro, ao investigar seu funcionamento em cartas publicitárias, um gênero fortemente orientado à persuasão.

Ancorado na LSF, o autor demonstra que os processos relacionais desempenham papel central na caracterização dos participantes discursivos, funcionando como recurso privilegiado para a construção de identidades e valores associados aos produtos e às instituições anunciantes.

A análise de Lima-Lopes (2008) distingue três categorias participantes recorrentes nas cartas publicitárias — produto ou serviço, destinatário e empresa remetente — e demonstra que cada uma delas tende a ocupar posições específicas nas configurações de transitividade realizadas por processos relacionais. Os produtos e serviços anunciados constituem o principal foco de caracterização do gênero, sendo majoritariamente representados como Portadores, o que evidencia o papel central da descrição, da classificação e da identificação na estratégia persuasiva. Ao serem inseridos em classes reconhecíveis ou apresentados como singulares dentro de um conjunto concorrencial, os produtos são associados a valores de utilidade, qualidade e superioridade.

O destinatário, por sua vez, é predominantemente configurado como Possuidor, estratégia que estabelece uma relação direta entre o leitor e o objeto anunciado, projetando a posse — real ou potencial — como benefício imediato. Essa escolha relacional opera como mecanismo de aproximação interpessoal, orientando a leitura para os ganhos individuais decorrentes da aquisição do produto ou serviço. Já a empresa remetente aparece com frequência como Portador ou em configurações identificativas, sendo caracterizada como responsável pelo produto e associada a atributos institucionais positivos, como confiabilidade, competência técnica e credibilidade.

Em conjunto, esses padrões revelam que o emprego dos processos relacionais no gênero não é aleatório, mas responde a objetivos comunicacionais bem definidos. Ao articular classificação, identificação e caracterização institucional, as escolhas relacionais contribuem para estabilizar atributos, construir vínculos simbólicos com o destinatário e sustentar a eficácia persuasiva das cartas publicitárias. Nesse sentido, o trabalho de Lima-Lopes (2008), assim como o de Souza (2008), evidencia que a distribuição e o funcionamento dos processos relacionais refletem estratégias discursivas sistemáticas, sensíveis às exigências do gênero.

### 2.2.9 Figueredo (2011)

Em sua tese de doutorado, Figueredo (2011) oferece uma descrição do português brasileiro que possa servir como recurso tanto para análises linguísticas quanto para estudos de tradução em contextos multilíngues. O estudo é denso, considerando a complexidade da teoria sistêmico-funcional e a falta de uma descrição sistematizada desse tipo para o português brasileiro até então.

Figueredo (2011) compilou um *corpus* de um milhão de palavras, organizado em *subcorpora* representativos de diferentes processos sociossemióticos. O estudo realiza uma análise aprofundada dos sistemas de TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE com o propósito de fornecer uma descrição tipológica do português brasileiro.

Ao propor uma descrição metafuncional do português brasileiro, Figueredo (2011) preenche uma lacuna importante nos estudos linguísticos. Sua abordagem tipológica oferece uma ferramenta valiosa para estudos comparativos entre o português brasileiro e outras línguas, especialmente em contextos de tradução. Além disso, o foco nos estudos multilíngues e na tradução torna a tese relevante não apenas para linguistas, mas também para tradutores e estudiosos da comunicação intercultural.

Contudo, é importante destacar que, ao se concentrar nas orações mentais para a análise do sistema de TRANSITIVIDADE, Figueredo (2011) deixa em aberto a descrição dos outros subsistemas experienciais. Isso não representa propriamente uma limitação do estudo, mas um recorte necessário, tendo em vista a complexidade das estruturas dos subsistemas experienciais. De todo modo, a investigação aponta um caminho para trabalhos sobre os outros subsistemas.

O tratamento dispensado às orações mentais abordou as três principais funções transitivas nas orações mentais, quais sejam: o Experienciador, participante consciente, o Processo, atividade mental, e o Fenômeno, que expressa ideia, sensação, percepção dentre outros conteúdos da consciência. Figueredo (2011) categoriza as orações mentais em quatro subtipos principais: *cognitivas*, quando envolvem processos de pensar, saber, entender etc.; *desiderativas*, relacionadas a desejos e vontades; *emotivas*, quando expressam sentimentos e emoções; e, *perceptivas*, associadas aos sentidos, como ver, ouvir, sentir etc.

O autor destaca que a descrição detalhada das orações mentais é de suma importância para os estudos da tradução, considerando a propriedade dessas estruturas linguísticas de carregarem nuances culturais e contextuais que são essenciais para uma

tradução precisa. Essa interpretação das orações mentais contribui significativamente para a compreensão do português brasileiro no contexto dos estudos sistêmico-funcionais e oferece uma base sólida para a análise de textos multilíngues e para a prática da tradução.

Para além dos resultados específicos sobre as orações mentais, a tese de Figueredo (2011) assume particular relevância para o presente trabalho por explicitar, de modo rigoroso, um procedimento de modelagem sistêmico-funcional do português brasileiro. Ao construir redes de sistemas, definir critérios de delicadeza e articular descrição gramatical, interpretação funcional e evidência empírica, o autor oferece um paradigma metodológico de análise que ultrapassa o subsistema investigado. Nesse sentido, a importância desse estudo, para esta tese, não reside na convergência temática, mas no modo como ele demonstra a viabilidade de descrever subsistemas léxico-gramaticais do português brasileiro em termos sistêmicos — procedimento que aqui é retomado como base no tratamento de sistemas oracionais.

#### **2.2.10 Damasceno (2016)**

A pesquisa empreendida por Damasceno (2016) se concentra no estudo da transitividade no interior do sistema de processos materiais em notícias jornalísticas. A estudiosa descreveu como as funções de transitividade são articuladas em textos jornalísticos para a realização dos propósitos sociocomunicativos desse gênero.

A pesquisadora utilizou um *corpus* de 31 notícias extraídas do Varport, um banco de dados composto por textos do final do século XX. A autora identifica e descreve 131 orações com processos materiais e lança mão de aprendizagem não supervisionada de máquina (Mapas Auto-Organizáveis) e da correlação de Pearson para analisar os padrões de transitividade nas notícias.

Damasceno (2016) contribui para a descrição gramatical em linguística sistêmico-funcional por lançar luz sobre como a transitividade é codificada e usada em um domínio relevante da produção textual jornalística, o domínio das notícias. Destaca-se a combinação de métodos qualitativos e quantitativos utilizada, especialmente o uso de Mapas Auto-Organizáveis (Self-Organizing Maps). Essa combinação possibilitou uma análise detalhada e robusta dos padrões de transitividade de processos materiais, possibilitando à autora *insights* sobre como as escolhas linguísticas configuram

construção de significado nas notícias.

O trabalho verifica padrões importantes, como a relação entre expressões metafóricas e a ocultação do agente da ação verbal, além da importância dos elementos circunstanciais na configuração dos fazeres intransitivos. Esses resultados clarificam o entendimento de como estratégias discursivas são empregadas no jornalismo.

Quanto à transitividade dos processos materiais, Damasceno (2016) enfatiza que não se restringe apenas à distinção entre verbos transitivos e intransitivos, mas abrange como ações, eventos, processos e estados são representados na língua. Segundo a linguista, no contexto de processos materiais, que são o foco da tese, a transitividade envolve:

Quadro 5 - Funções transitivas nas orações materiais

|                       |                                                                                                             |
|-----------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Ator</b>           | O participante que realiza a ação.                                                                          |
| <b>Meta</b>           | O participante que sofre a ação ou que é afetado por ela.                                                   |
| <b>Beneficiário</b>   | O participante que se beneficia ou é afetado de maneira indireta pela ação expressa pelo processo material. |
| <b>Escopo</b>         | O participante que delimita ou especifica o alcance ou o domínio da ação realizada                          |
| <b>Circunstâncias</b> | Elementos adicionais que oferecem informações sobre tempo, lugar, modo etc., do processo.                   |

Fonte: elaboração própria.

Para a análise das notícias jornalísticas, Damasceno propõe um conjunto integrado de oito parâmetros analíticos destinados a descrever e categorizar os padrões de transitividade dos processos materiais. Esses parâmetros contemplam, em primeiro lugar, a distinção entre fazeres transitivos e intransitivos, observando se a ação material incide diretamente sobre um participante ou se se realiza sem afetá-lo explicitamente, bem como o número de participantes envolvidos em cada processo, aspecto que revela diferentes graus de complexidade estrutural. A autora também considera a natureza semântica dos processos materiais, distinguindo ações concretas e abstratas, e identifica diferentes tipos de fazeres — como criação, transformação ou transferência —, o que permite mapear regularidades funcionais na representação das ações. Soma-se a isso a análise dos papéis temáticos, com atenção especial ao Ator/Sujeito enquanto locus de agência, além do exame das formas de expressão do significado, investigando se os processos são realizados de modo congruente ou por meio de metáforas gramaticais. Por fim, o modelo

incorpora os objetivos pragmático-discursivos que orientam as escolhas estruturais no texto jornalístico e a possibilidade de expansão dos processos materiais por meio de frases ou cláusulas adicionais, evidenciando como a gramática se articula à progressão informacional e à construção do sentido no discurso.

Os padrões de transitividade observados por Damasceno (2016) sugerem que as escolhas feitas no âmbito do sistema de transitividade em notícias jornalísticas não são arbitrárias, mas sim motivadas pelos objetivos comunicativos do gênero. Esses padrões contribuem para o impacto da notícia, influenciando como as ações são percebidas pelo leitor e como os eventos são narrados para moldar a opinião pública.

### **2.2.11 Santana (2021)**

A presente investigação tem sua origem no estudo desenvolvido no âmbito do mestrado, no qual se examinamos o papel das orações relacionais na construção discursiva de relatos de vítimas de violência homofóbica (Santana, 2021). A retomada desse trabalho não se justifica aqui como referência teórica central nem como marco conclusivo, mas como momento inaugural de formulação do problema que estrutura esta tese. Trata-se, portanto, de uma recuperação genealógica, cujo objetivo é explicitar as condições de emergência do problema de pesquisa, bem como os limites empíricos e conceituais que motivaram sua reformulação no doutorado.

Naquele primeiro momento, o foco recaiu sobre a recorrência e a função semântica das orações relacionais — sobretudo intensivas e possessivas — em narrativas de violência homofóbica, considerando-se que tais estruturas desempenhavam papel relevante na organização da experiência traumática e na construção da identidade das vítimas (Santana, 2021). A análise evidenciou que as orações relacionais operavam como recursos privilegiados para a categorização de si e do outro, para a atribuição de valores morais e para a delimitação de posições sociais.

Um dos principais resultados daquele estudo foi a constatação de que, em contextos de violência simbólica e física, a linguagem recorre de forma sistemática a estruturas relacionais para representar estados duradouros, condições estruturais e identidades socialmente marcadas. A predominância de processos do tipo *ser*, *ter*, *estar* e *pertencer* indicava que a experiência relatada não se organizava prioritariamente como sucessão de eventos, mas como configuração de estados e relações, muitas vezes

apresentadas como naturais, inevitáveis ou estruturais. Essa observação inicial já apontava para a relevância das orações relacionais como *locus* privilegiado da construção de sentido em determinados campos discursivos.

Todavia, embora a investigação de mestrado tenha permitido identificar padrões recorrentes e levantar hipóteses interpretativas relevantes, seu escopo teórico-metodológico apresentava limitações que se tornaram evidentes à medida que a análise avançava. Em primeiro lugar, o tratamento das orações relacionais permaneceu predominantemente tipológico e descritivo, centrado na distinção entre processos intensivos, possessivos e circunstanciais, sem que se avançasse para uma modelagem sistêmica mais ampla que contemplasse as interdependências paradigmáticas entre essas categorias (Halliday; Matthiessen, 2014). Em segundo lugar, a análise não incorporava uma formalização explícita das escolhas gramaticais em termos de redes de sistemas, permanecendo no nível da descrição funcional local – nos termos de Fawcett (2000), abordagem textual-descritiva.

Além disso, o *corpus* restrito aos relatos de violência homofóbica, embora metodologicamente adequado aos objetivos do estudo, limitava a possibilidade de generalização dos padrões observados. As regularidades identificadas poderiam estar fortemente condicionadas pelo campo discursivo específico, o que dificultava discernir até que ponto tais padrões eram propriedades centrais do sistema gramatical do português brasileiro ou efeitos locais de um registro, de um gênero ou de um tema particulares. Essa limitação empírica impunha a necessidade de ampliar o escopo do *corpus* e de testar as hipóteses formuladas em uma amostra quantitativamente significativa.

Outro ponto de atenção dizia respeito à ausência de uma abordagem quantitativa e probabilística das escolhas relacionais. Embora a pesquisa de Santana (2021) reconhecesse a importância da frequência e da recorrência como indícios de saliência funcional, não dispunha ainda de instrumentos metodológicos capazes de quantificar de modo sistemático o peso relativo das diferentes opções do sistema relacional, nem de modelar a distribuição dessas escolhas em termos probabilísticos. Isso restringiu a análise a generalizações qualitativas, sem permitir avaliar graus de preferência, força sistêmica ou variação condicionada.

Esses limites não invalidam os resultados obtidos naquela etapa. Ao contrário, foram precisamente eles que evidenciaram a necessidade de uma reformulação mais ambiciosa do problema de pesquisa. A passagem para o doutorado implicou, assim, um deslocamento teórico e metodológico significativo. Passamos do exame de usos

localizados das orações relacionais para a descrição do sistema relacional em sua organização paradigmática; da análise centrada em um tema (a violência homofóbica) para a modelagem gramatical; da descrição funcional qualitativa para a formalização probabilística; do corpus restrito para um conjunto amplo de escolhas.

Nesse novo enquadramento, as orações relacionais deixam de ser tratadas apenas como recursos discursivos associados a determinados conteúdos experienciais e passam a ser concebidas como um sistema gramatical complexo, dotado de subredes, restrições intersistêmicas e padrões de coocorrência que podem ser descritos, quantificados e modelados. A investigação de doutorado retoma, portanto, as intuições centrais do estudo de mestrado (Santana, 2021), mas as reinscreve em um aparato teórico-metodológico mais robusto, alinhado à LSF e à perspectiva probabilística da gramática.

A incorporação de nossa investigação de mestrado neste capítulo tem caráter contextual e genealógico, na medida em que permite explicitar a origem empírica e teórica do problema que se desenvolve nesta tese. Ao recuperar esse percurso, o trabalho não assume a dissertação como referência central de análise, mas como ponto de partida investigativo, a partir do qual se ampliam, reformulam e sistematizam as questões ali inicialmente colocadas. A presente tese pode, assim, ser compreendida como um desdobramento crítico das indagações formuladas em Santana (2021), agora tratadas em outro nível de formalização teórica e de abrangência descritiva.

### ***2.2.12 Síntese e perspectivas para esta interpretação***

Esta seção mostrou que as descrições sistêmico-funcionais do sistema relacional convergem em três pontos: (i) o domínio do Ser não é uma região própria da rede, organizada, em todos os trabalhos, por dois eixos simultâneos — MODO (atributivo × identificativo) e TIPO (intensivo × circunstancial × possessivo), como formula pioneiramente Halliday (1985); (ii) essa região é topológica e não linear, isto é, pode incorporar causação, ergatividade e até orações existenciais sem perder o estatuto relacional, como demonstram Matthiessen (1995), Davidse (1999), Arús e Lavid (2001) e Vãn (2005); e (iii) quando observamos outras línguas (vietnamita, espanhol, japonês, chinês), o que varia não é o princípio relacional, mas o modo de realizá-lo — ora por verbo obrigatório, ora por partículas e posposições, ora por faseamento aspectual.

É justamente aqui que descrever o sistema relacional do português brasileiro ganha interesse. Suas características mais marcantes é concentrar o vínculo na realização do Processo e apresentar, concomitantemente, alta previsibilidade formal do processo e alta heterogeneidade funcional. Em outras palavras, no português brasileiro, frequência não significa rigidez, pois, por exemplo, a alta incidência de *ser* indica que ele serve de um nó que agrupa muitas configurações. O que esta tese pretende acrescentar ao corpo de estudos já constituído é justamente essa leitura probabilística do domínio relacional do português brasileiro, mostrando que as mesmas opções sistêmicas reconhecidas pela tradição por investigações precedentes são desigualmente preferidas no português brasileiro e que essa desigualdade de escolha revela zonas de maior plasticidade (*ser/estar/ficar*) e zonas mais estáveis (*ter/haver*). Assim, a seção não só revê a literatura, mas a reorganiza para sustentar a hipótese de que o português brasileiro realiza o sistema relacional como rede probabilística de vínculos simbólicos, e não apenas como tipologia de estados.

### 2.3 Vinculação simbólica

A caracterização, exposta em Halliday (1985, 1994), Matthiessen (1995), Halliday e Matthiessen, 1999, 2004, 2014) e Davidse (1999), dos processos relacionais como menos energéticos do que os materiais decorre de uma leitura experiencial da gramática baseada em graus de dinamismo. Nessa interpretação, os processos materiais seriam os que apresentariam maior investimento de energia, por implicarem transformação ou criação física; os mentais, intermediários, por envolverem movimento na consciência; e os relacionais, os que não apresentariam nenhum investimento de energia, por apenas estabelecerem relações de identidade e atribuição. Compreendemos que tal distinção não elucida a natureza experiencial do processo relacional, por tratar-se de um modo metafórico de descrever o Fazer, derivado de propriedades externas à semiose.

Propomos um reajuste interpretativo no tratamento do domínio relacional, deslocando a análise de uma leitura negativa, que o concebe como polo de mínima energia ou de ausência de dinamismo, para uma leitura positiva, que o reconhece como região de máxima abstração semiótica no contínuo ideacional. Tal deslocamento implica compreender o subsistema relacional não em termos de carência, como o ponto em que cessaria o investimento de energia experiencial, mas, em termos de densidade teórica,

como o espaço de maior concentração da força semiótica da gramática. Conforme explicitam Halliday e Matthiessen (1999, p. 132), a distinção entre Fazer e Ser é formulada “em termos de tempo e energia, ambos envolvidos em sua atualização”<sup>12</sup>. Entretanto, esses parâmetros configuram metáforas de descrição no plano da semiose, e não propriedades físicas. A energia de que tratam é simbólica, isto é, uma medida do grau de mudança semiótica que a figura representa na rede de significados. Desse modo, a diferença entre processos materiais, mentais e relacionais não se projeta sobre o eixo ontológico, mas sobre o eixo epistemológico do sistema de experiência, refletindo níveis sucessivos de construção da experiência: do agir, que configura a transformação de entidades; ao sentir, que instaura o processamento interno da consciência; e ao ser, que constrói a experiência como relação de valor e de existência, a conversão do acontecer em configuração conceitual.

Por conseguinte, um posicionamento possível no âmbito da teoria sistêmico-funcional é assumir que o *contínuo de representação* não se restringe a uma escala de energia, sendo simultaneamente uma escala de abstração semântica, refletindo níveis progressivos de construção da experiência. Sob essa ótica, os processos relacionais são processos de ordem superior — ou meta-processos — porque atuam sobre significados já constituídos, estabilizando-os e organizando-os em estruturas de equivalência, parcial ou total, relacionando assim fragmentos da experiência (Halliday; Matthiessen, 2014).

Essa operação de equivalência é o que denominamos *vinculação simbólica*. Trata-se do princípio pelo qual o subsistema relacional converte o fluxo do acontecer em configuração conceitual, instaurando entre entidades semânticas um laço de interdependência funcional. Assim, realizações oracionais com os verbos *ser* e *estar* não exprimem ausência de força experiencial, mas realizam a força de coesão do significado, que é a capacidade de integrar diferentes ordens de sentido em uma única configuração semântica o que se manifesta no potencial de tais processos de associarem como participantes *coisas* (grupos nominais – GN), qualidades (grupos adjetivais – GA), circunstâncias (grupos adverbiais – GADV e sintagmas preposicionados – SPREP) e orações (atos e fatos). O domínio relacional não é, portanto, um ponto de ausência da ação, mas o ponto de convergência do sistema semântico, onde o *fazer* e o *sentir* tornam-se inteligíveis por meio da relação.

---

<sup>12</sup> No original: “in terms of time and energy, both involved in their actualization”.

A interpretação da ausência de investimento energético só se sustenta quando a linguagem é concebida como representação do mundo extralinguístico. A gramática, entretanto, é um sistema de potenciais de significado, e, nesse sistema, o domínio relacional é a zona de máxima densidade teórica. Toda oração relacional é um microcosmo de teorização, pois nela não é afetado algum ente, mas é definido; não é narrado o acontecer, mas é descrito; não é transformado o mundo, mas é estabilizado o fluxo da transformação. A vinculação simbólica, nesse sentido, materializa a energia metasemiótica da língua.

Uma constatação que vem corroborar nosso posicionamento é a de que nos processos relacionais, a possibilidade de nominalização não se distribui de modo uniforme. Os verbos *ser* e *estar*, que compõem o núcleo prototípico do sistema, dificilmente originam formas nominais. Isso ocorre porque, em sua própria configuração léxico-gramatical, já realizam a função de metáfora estrutural da língua. Diferentemente dos processos materiais e mentais, nos quais a metáfora gramatical surge quando um evento ou uma sensação é reificado e convertido em entidade, nos relacionais o próprio verbo já funciona como mecanismo de reificação. Em outros termos, nominalizá-los seria redundante, pois a ‘coisificação’ do *ser* já está implicada na própria lógica da oração.

Contudo, quando o processo relacional adquire densidade lexical, a produtividade nominalizadora torna-se evidente. Verbos como *significar*, *representar*, *simbolizar*, *medir* e *expressar* mantêm a natureza relacional, pois continuam a operar equivalências entre símbolos e valores, entre medições e grandezas. Nesses casos, a nominalização (*a significação*, *a representação*, *a simbolização*, *a medição*) atua como mecanismo de compactação semântica típico da metáfora gramatical. Observa-se, assim, uma gradação interna ao sistema relacional: quanto mais a escolha da forma verbal se afasta do significado de vínculo generalizado, como o dos verbos *ser* e *estar*, e se aproxima de significados especializados, maior sua aptidão para participar dos processos de compactação.

Do ponto de vista ideacional, a oração relacional converte o fluxo da experiência em relação de valor, tornando o significado meta-referencial — o processo passa a operar sobre representações, e não sobre o mundo material ou mental. Essa função meta-semiótica<sup>13</sup> esclarece por que as orações relacionais constituem o eixo da metáfora gramatical. Elas não são metáforas derivadas de configurações anteriores. Diferentemente

---

<sup>13</sup> Com esse termo nos referimos à propriedade de transformar significados em entidade, permitindo que processo e qualidades sejam configurados como *coisas*.

disso, consistem em um mecanismo que torna a metáfora possível, ao instaurar equivalências simbólicas capazes de reificar processos e qualidades em entidades. Em termos estritos, os relacionais não metaforizam a experiência; metaforizam a própria metaforização, oferecendo a arquitetura em que a língua estabiliza aquilo que, de modo congruente, seria apenas fluxo processual, passando assim a classificar e identificar esses significados como entidades referenciais no texto.

Quadro 6 – Conversão metafórica de processos em participantes nas orações relacionais

| Tipo de processo (congruente)                                                | Reconfiguração relacional                                       |
|------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <i>Material</i> : “Os pesquisadores <u>descobriram</u> falhas.”              | “A <u>descoberta</u> de falhas é alarmante.”                    |
| <i>Mental</i> : “Os autores <u>acreditam</u> que a medida falhou.”           | “A <u>crença</u> dos autores na falha da medida é controversa.” |
| <i>Interpessoal (modalidade)</i> : “ <u>Provavelmente</u> , o índice cairá.” | “É <u>provável</u> que o índice caia.”                          |
| <i>Existencial</i> : “ <u>Há</u> dúvidas.”                                   | “A <u>existência</u> de dúvidas é incontrolável.”               |

Fonte: elaboração própria.

O quadro exemplifica o que Halliday e Matthiessen (1999, p. 270) denominam como *reconstrução ideacional*, isto é, o processo pelo qual a língua “reinterpreta a experiência em um espaço semiótico de ordem superior”<sup>14</sup>. Essa função reconstrutiva é a mesma que, em nível léxico-gramatical, se manifesta na metáfora gramatical, definida por Halliday e Matthiessen (1999, p. 232) como “um remapeamento da relação congruente entre a semântica e a gramática”. Em ambos os casos, ocorre o mesmo princípio sistêmico: a reconfiguração da relação entre forma e significado, de modo que o conteúdo experiencial primário é reconstruído sob uma nova correlação semiótica.

Com base no exposto, no contínuo da complexidade gramatical, os processos relacionais situam-se no nível superior da abstração, pois enquanto os demais tipos de processo projetam a experiência sobre o plano simbólico, os relacionais projetam o simbólico sobre o simbólico, instaurando a possibilidade de a linguagem falar de si mesma (Matthiessen, 1991). Desse modo, esses processos introduzem, no tecido

<sup>14</sup> No original: “reinterprets experience in a higher-order semiotic space”.

gramatical, o princípio de equivalência que sustenta a formação de conceitos, como ocorre no registro científico (Halliday, 2004). Ainda, conforme Halliday e Matthiessen (1999), a oração relacional realiza o potencial da gramática para definir conceitos, construir categorias taxonômicas e relações lógicas no domínio do próprio significado.

Essa função se evidencia, conforme demonstram Halliday e Matthiessen (1999, p. 75-76), no domínio da ontogênese semântica. Analisando o desenvolvimento linguístico de Stephen e Nigel, os autores observam que a oração relacional consiste no meio gramatical pelo qual o aprendiz passa a construir o próprio significado como objeto de significação. Ao empregar orações identificativas, a criança não apenas descreve o mundo, mas define, delimita e categoriza entidades abstratas, o que sinaliza a transição da linguagem como representação do real para a linguagem como sistema de representação do próprio sistema. Nesse estágio, a oração relacional opera como modo gramatical de definição, instituindo relações Símbolo-Valor e equivalências simbólicas no interior do domínio do significado.

Tal operação, descrita pelos autores como reconstrução ideacional, já mencionada anteriormente, corresponde a um remapeamento sistêmico em que a relação congruente entre semântica e gramática é reinterpretada em um nível mais abstrato. Assim, a metáfora gramatical não constitui um fenômeno autônomo, mas a expressão léxico-gramatical da mesma capacidade reconstrutiva que sustenta o domínio relacional: em ambos os casos, o sistema reorganiza a experiência em termos de equivalência e valor, tornando possível a formulação conceitual e a teorização imanente, que são operações que, como evidenciam os dados ontogenéticos, se constroem gradualmente à medida que o potencial semântico do falante se expande de modo a abarcar a representação de representações.

Pelo exposto, postulamos que *vinculação simbólica é o conceito segundo o qual, nas orações relacionais, a linguagem organiza a experiência por equivalência semiótica parcial ou total*. Constitui, no nível mais geral, o mecanismo de coesão interna do sistema relacional, sendo responsável por converter o fluxo da experiência em configurações estáveis de significado. Em termos mais específicos, a vinculação simbólica é a operação pela qual duas entidades semânticas — representadas nas funções de Portador e Atributo, Identificado e Identificador, ou ainda Símbolo e Valor — são postas em interdependência, formando interseções dentro da rede ideacional.

A teorização de que os processos relacionais constituem o ponto de máxima abstração da semiose encontra fundamentação empírica nos dados que seguem, provenientes de gêneros distintos e representativos da organização discursiva da esfera

jornalística. Cada instância oracional analisada demonstra que o processo relacional é uma forma de construção simbólica, pela qual o texto pode projetar relações de valor, de identidade e de teorização sobre eventos, pessoas ou instituições. Observemos as orações:

(16) ***O gigantesco fracasso do governo do sr. Bolsonaro é indissociável das forças armadas brasileiras, , que é hoje o último grande sustentáculo de um governo que é de fato, em última instância, um governo militar.*** (Brasil de Fato, 2021)

(17) **O estudo mostra que os itens orgânicos mais consumidos são os hortifrútis (75%), seguidos por grãos (12%), cereais (10%), açúcar (8%) e biscoitos (6%).** (Correio Brasiliense, 2022)

(18) **É enganoso post de Carlos Bolsonaro que acusa Flávio Dino de defender o uso da cloroquina.** (Estadão, 2021)

O primeiro trecho (16), retirado do artigo de opinião *Perigoso exército de incapazes* (Brasil de Fato, 2021), gênero que realiza o processo semiótico explorar, apresenta duas instanciacões representativas da discussão que estamos conduzindo. A primeira oração relacional destacada é uma intensiva atributiva, cujo Portador “o gigantesco fracasso do governo do sr. Bolsonaro” condensa um evento em entidade semântica (nominalização). O Atributo indissociável avalia o grau de dependência entre duas instâncias do cenário institucional brasileiro. Com efeito, a oração teoriza uma dependência estrutural, convertendo o acontecer político em relação de valor. Já a segunda oração, radicaliza essa operação. Por meio da relação instância-classe, o processo caracteriza uma entidade particular como manifestação de um tipo conceitual. Nela, o processo relacional opera como o mecanismo que converte o contingencial – o governo de turno – em símbolo de uma generalidade.

Por sua vez, o exemplo 17, extraído de uma reportagem, apresenta um fenômeno análogo. A estrutura identificativa estabelece uma equivalência total entre um conjunto genérico de coisas “os itens orgânicos mais consumidos” e um grupo específico desse conjunto “os hortifrútis”. O processo atua como vinculador taxonômico, convertendo informação empírica em relação categorial de conhecimento, tendo em vista que a oração constrói o mundo como sistema de classificações. Desse modo, a oração espelha o modo como a gramática atua como modelo científico de ordenação da experiência.

Por último, o exemplo 18 atribui estatuto epistêmico a um ato de linguagem, reconstruindo o dizer como objeto de análise. O que se representa é uma representação; o que se avalia é uma avaliação. O significado se torna, por conseguinte, meta-avaliativo,

resultando na projeção da linguagem sobre a linguagem, do conhecimento sobre o conhecimento.

Em todos os exemplos observados, a oração relacional atua como recurso de equivalência teórica, capaz de reconduzir o fluxo do acontecimento a uma configuração de valor. Em cada instância, a gramática produz, a partir de eventos, entidades conceituais; a partir de percepções, categorias; e a partir de enunciados, juízos metalinguísticos.

## **2.4 Considerações finais**

Este capítulo busca contrastar diferentes abordagens teóricas sobre orações relacionais com a perspectiva sistêmico-funcional adotada nesta tese. A escolha pela visão sistêmico-funcional baseia-se na concepção da língua como um sistema semiótico que desempenha funções essenciais: interpretar a experiência, expressar relações lógicas, definir posições nas interações e integrar essas funções em um discurso contextualizado. Essas funções organizam o sistema gramatical, já que a tarefa da gramática é codificar os significados que emergem dessas diversas funções em estruturas articuladas (Halliday, 1982).

A penúltima seção, explorou alguns estudos sobre a aplicação da teoria sistêmico-funcional ao sistema de transitividade no português brasileiro, enfocando pesquisas que analisaram diversos gêneros textuais. As investigações de Souza (2006), Lima-Lopes (2008), Figueredo (2011) e Damasceno (2016), ilustram a versatilidade e a aplicabilidade da teoria sistêmico-funcional para a descrição de fenômenos linguísticos em gêneros textuais argumentativos, publicitários e jornalísticos.

Uma contribuição importante desses trabalhos é a capacidade de capturar nuances ideológicas, pragmáticas e funcionais das orações através da análise de processos relacionais, materiais e mentais. Souza (2006) e Lima-Lopes (2008), por exemplo, mostram como os processos relacionais moldam as estruturas argumentativas e persuasivas dos textos, ao passo que Figueredo (2011) expande a aplicação da LSF para o campo da tradução, destacando a importância de uma descrição tipológica do português brasileiro. Damasceno (2016), por sua vez, destaca como a transitividade influencia a construção do significado em notícias jornalísticas, evidenciando a estreita relação entre escolhas linguísticas e estratégias discursivas.

Apesar dos avanços significativos na descrição do sistema de TRANSITIVIDADE no português brasileiro, ainda restam questões a serem exploradas. Figueredo (2011), apesar de seu trabalho abrangente, concentra-se nas orações mentais, deixando em aberto a modelagem da rede de sistemas de outros domínios experienciais. Da mesma forma, o uso de Mapas Auto-organizáveis por Damasceno (2016) destaca uma metodologia inovadora, mas que precisa ser testada em contextos mais amplos para verificar sua eficácia e robustez na análise de outros gêneros textuais.

Em síntese, este capítulo cumpre a função de explicitar o percurso de aprofundamento teórico que resultou na interpretação que será apresentada no capítulo 3. Antes disso, cabe explicitar a dimensão metodológica adotada, que possibilitou concatenar teoria e verificação empírica em uma relação retroalimentar. Explicitaremos a dimensão metodológica da investigação no capítulo que segue.

## CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Introdução

O presente estudo ancora-se nos princípios e categorias da LSF, conforme formulada e sistematizada por Halliday (1973, 1978, 1985, 1993, 1994), Matthiessen (1991, 1995, 2024) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014), entre outros linguistas que contribuíram para o desenvolvimento do modelo. A escolha dessa base teórica não se limita a uma filiação conceitual, mas traduz-se diretamente em decisões metodológicas que orientam a descrição, a anotação e a modelagem probabilística das orações relacionais no *corpus* jornalístico constituído. Ao adotar o aparato teórico sistêmico-funcional, esta investigação reconhece a linguagem como um sistema de escolhas interdependentes que realiza simultaneamente significados ideacionais, interpessoais e textuais, articulando-os em contextos de uso social.

Segundo Halliday (1985) e Matthiessen (1995), a linguagem constitui-se como um sistema estratificado por realização, no qual cada estrato mais abstrato é realizado por outro mais concreto. O estrato semântico é realizado pela léxico-gramática, e esta pela fonologia ou grafologia. Cada estrato, por sua vez, realiza de modo simultâneo as metafunções — ideacional, interpessoal e textual — que, em conjunto, organizam o significado como uma totalidade funcional. Essa concepção de estratificação e de copresença metafuncional fornece o fundamento para o desenho analítico desta pesquisa, na medida em que cada escolha relacional é interpretada não apenas como estrutura, mas também como significado em funcionamento.

No contexto desta investigação, a arquitetura estratificada da linguagem foi operacionalizada na própria estrutura de anotação do *corpus*. O nível semântico-funcional corresponde ao sistema das orações relacionais, incluindo os tipos intensivo, circunstancial e possessivo, seus respectivos subtipos, e os modos atributivo e identificativo. O nível léxico-gramatical corresponde às realizações observáveis, como a configuração de participantes, o tipo de grupo, o verbo nuclear, o aspecto, o tempo, a polaridade e a modalidade. Já o nível textual abrange os parâmetros de organização informacional — tema e rema, progressão referencial e posição da oração no fluxo do texto jornalístico. Assim, cada unidade anotada representa uma instância de realização de um potencial de significado, e não uma mera ocorrência estrutural isolada. Essa postura analítica cumpre o postulado de que cada estrato interpreta o superior e é interpretado

pelo inferior (Halliday; Matthiessen, 2014).

A relação entre sistema e texto, formalizada por Matthiessen (1995, p. 46–48), é compreendida pelo par conceitual instanciação–logogênese. A instanciação refere-se ao processo pelo qual o potencial sistêmico da língua se atualiza em textos concretos; a logogênese, por sua vez, descreve o desdobramento desse processo ao longo da produção textual. A metodologia aqui adotada traduz tais conceitos na organização do *corpus* e nas análises estatísticas. A amostra do domínio jornalístico compreende três gêneros jornalísticos — reportagem, entrevista publicada e artigo de opinião —, que equivalem a subpotenciais de instanciação. Cada texto foi analisado logogeneticamente, observando-se a deriva das escolhas relacionais (por exemplo, a passagem de intensivas atributivas a identificativas) nas diferentes seções do texto (lead, desenvolvimento e fecho). Desse modo, cada texto é concebido como uma trajetória no potencial sistêmico de escolhas, conforme a formulação de Matthiessen (1995, p. 881)<sup>15</sup>, para quem “analisar instâncias textuais significa situá-las no interior do sistema léxico-gramatical como um todo, de acordo com as categorias que instanciam. Essa localização configura um percurso pelo sistema, isto é, o conjunto de traços selecionados e de funções realizadas”. Nessa perspectiva, a análise textual pode ser reinterpretada como um percurso probabilístico particular pelo sistema da língua, na medida em que instancia uma sequência específica de escolhas sistêmicas cuja distribuição pode ser estimada empiricamente. Sob essa ótica, justificamos o emprego de métricas probabilísticas como a entropia, que quantifica o grau de incerteza do sistema, a redundância, que expressa a recorrência e a estabilização das escolhas, a informação mútua, entendida como a dependência probabilística entre seleções sistêmicas, e o *drift*, que descreve deslocamentos graduais nas distribuições de probabilidade, uma vez que essas medidas permitem quantificar o grau de previsibilidade e de inovação semogênica das escolhas relacionais no interior de cada texto.

Um dos princípios centrais do primeiro capítulo de *Lexicogrammatical Cartography* é o da representação sistêmica. Matthiessen (1995) observa que o estudo da gramática deve revelar o mapa das opções sistêmicas e de suas realizações gramaticais. Para atender a esse postulado, a pesquisa articula três níveis complementares do modelo. O primeiro corresponde à representação sistêmica relacional, inferida a partir das regularidades empíricas observadas no corpus anotado e formalizada pela hierarquização

---

<sup>15</sup> No original: “analysis of instances from text means locating them somewhere within the overall lexicogrammatical system in terms of the categories they instantiate. Such a location is a path through the system — the features selected, the functions served” (Matthiessen, 1995, p. 881).

das opções em sistemas e subsistemas, cuja condição de entrada é a oração relacional e cujas escolhas simultâneas articulam os sistemas de tipo e de modo. O segundo nível diz respeito à instanciação empírica do modelo, materializada na tabela de anotação, em formato .csv, que explicita as variáveis observáveis derivadas da rede e suas instâncias no corpus. O terceiro nível refere-se à operacionalização computacional do modelo, realizada por meio de scripts desenvolvidos em *Python*, responsáveis pela estimação das distribuições probabilísticas e pela geração de visualizações analíticas, como redes de coocorrência.

Matthiessen (1995) também retoma o princípio trinocular de Halliday (1985), que estabelece que os fenômenos gramaticais devem ser analisados simultaneamente em termos de significado, de opções disponíveis, isto é, de variação paradigmática, e em termos de realização estrutural. Esta pesquisa adota tal princípio ao examinar cada oração relacional sob três visadas complementares, a saber: *de cima*, identifica-se a relação de sentido (atribuição, identificação, posse ou existência) e o domínio simbólico (ato, coisa, fato, símbolo-valor); *ao redor*, descreve-se o conjunto de opções léxico-gramaticais disponíveis; de baixo, observam-se as formas de realização léxico-gramatical das configurações participantes-processo e dos tipos de grupos que as instanciam. Esse procedimento assegura que a análise seja funcionalmente integrada, evitando a segmentação artificial entre níveis de descrição.

A noção de cartografia, em Matthiessen (1995), designa o mapeamento da delicadeza e das probabilidades dentro do sistema gramatical. Ao modelar estatisticamente as escolhas relacionais, o presente estudo realiza tal mapeamento em escala empírica. Cada tipo e modo relacional foi tratado como uma categoria probabilística, cuja frequência relativa expressa tendências de uso em diferentes textos. Seguindo o princípio de que a gramática pode ser concebida como um sistema probabilístico que organiza o potencial de significado (Halliday, 2005), as análises estocásticas foram integradas à descrição funcional. Assim, por exemplo, os valores de entropia e de informação mútua foram interpretados como indicadores de variação semogênica e de densidade informacional dos participantes, reforçando a concepção da gramática como um sistema dinâmico de escolhas, em que o sentido é continuamente atualizado e redistribuído no discurso.

As opções teórico-metodológicas aqui delineadas concretizam, no plano empírico, as premissas assentadas em Halliday e Matthiessen (2014), que podem ser assim sintetizadas: (i) a gramática é simultaneamente sistema e processo; (ii) a análise

linguística deve revelar o percurso das escolhas que constroem o significado no uso. Ao articular estratificação, instanciação e logogênese, esta investigação busca oferecer uma cartografia léxico-gramatical das orações relacionais no português escrito no jornalismo brasileiro, evidenciando como os processos de Ser, Estar e Ter se realizam discursivamente em um domínio de circulação pública que opera de forma híbrida, funcionalmente orientado à mediação dos saberes, no qual coexistem e se alternam diferentes padrões de uso linguístico, incluindo realizações associadas ao português brasileiro em registros técnico-científicos, ao padrão culto contemporâneo e a usos coloquiais, conforme as exigências comunicativas de cada situação. A seguir, apresenta-se uma síntese das correspondências entre as premissas da LSF e as decisões metodológicas da pesquisa:

Quadro 7 – Correspondências entre os princípios teóricos e o escopo metodológico do estudo

| <b>Princípio teórico</b>           | <b>Descrição</b>                                                                                                                        | <b>Decisão metodológica correspondente</b>                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Estratificação e realização</i> | Significado é realizado por estrutura, estrutura por expressão.                                                                         | Variáveis organizadas em camadas semântico-funcionais; anotação de atributos observáveis.                                                                                                                                                                     |
| <i>Instanciação e logogênese</i>   | Texto como trajetória probabilística pelo sistema.                                                                                      | Corpus dividido por gêneros; análise logogenética de deriva de escolhas; modelagem estatística.                                                                                                                                                               |
| <i>Representação sistêmica</i>     | Gramática como mapa de escolhas e realizações.                                                                                          | Construção da rede relacional                                                                                                                                                                                                                                 |
| <i>Perspectiva trinocular</i>      | Análise de cima (semântica experiencial), ao redor (variação interna entre tipos e subtipos) e de baixo (realização léxico-gramatical). | Análise de cada oração relacional em três planos complementares: interpretação do valor relacional construído, identificação das opções sistêmicas alternativas disponíveis e descrição da configuração participante-processo que realiza a escolha efetuada. |
| <i>Probabilidade e delicadeza</i>  | Sistema gramatical como espaço probabilístico de significados.                                                                          | Cálculo de entropia, redundância e informação mútua; interpretação dos resultados.                                                                                                                                                                            |

Fonte: elaboração própria.

O objeto empírico — as orações relacionais em textos jornalísticos brasileiros — foi escolhido justamente por permitir observar, em contexto real de uso, como a gramática realiza o Ser, o Estar e o Ter, categorias que, na teoria sistêmico-funcional, pertencem ao núcleo do sistema relacional. Descrever tais orações é, portanto, observar a semogênese do Ser em discurso público, alinhando-se à perspectiva de que a Gramática é uma teoria da experiência (Halliday; Matthiessen, 1999). A metodologia aqui delineada é o meio pelo qual se tornou possível, neste trabalho, explicitar a lógica de escolhas que constroem

o ‘real’ nos textos jornalísticos.

Tendo explicitado, nesta introdução, as bases teórico-metodológicas que orientam esta investigação, nas seções seguintes serão detalhados os procedimentos específicos de operacionalização do estudo. A próxima seção apresenta o tratamento metodológico do sistema, expondo os critérios de definição e representação das categorias relacionais no quadro sistêmico-funcional adotado. Em seguida, descreve-se o tratamento do corpus, abrangendo os critérios de seleção, organização, anotação e validação dos dados. Por fim, aborda-se o procedimento de análise probabilística, no qual as escolhas relacionais são examinadas em termos de suas distribuições, tendências e interdependências, de modo a evidenciar o comportamento sistêmico das orações relacionais no registro jornalístico brasileiro contemporâneo.

## 2.2 Sistema

A presente investigação ancora-se na concepção sistêmico-funcional de gramática, segundo a qual o sistema é o eixo organizador primário da linguagem. Nessa perspectiva, a estrutura é entendida como realização de escolhas sistêmicas, e não como ponto de partida da descrição. Como observa Halliday (2013, p. 21)<sup>16</sup>:

Uma rede de sistemas é a representação teórica de um potencial, isto é, do potencial que é inerente a um determinado conjunto de circunstâncias; como a língua é um recurso para fazer significado, referi-me a esse potencial como potencial de significado (Halliday, 1973). A rede pode ser lida tanto de modo procedimental, em que o significado é concebido como escolha (na circunstância *a*, escolhe-se *x*, *y* ou *z*), quanto de modo declarativo, em que o significado é concebido como o conjunto de escolhas disponíveis (na circunstância *a*, *x*, *y* ou *z* estão em jogo). O termo “sistema” é, na verdade, uma forma abreviada de “sistema-e-processo”. A rede não constitui um esquema de classificação — não pode ser reduzida a uma taxonomia estrita; antes, oferece um modelo, ou um mapa, do que as populações humanas fazem quando significam.

Assim, a Gramática é concebida não como um inventário classificatório, mas como a modelagem de um potencial de escolhas paradigmáticas, cabendo à descrição

---

<sup>16</sup> No original: “A system network is the theoretical representation of a potential, the potential that is inherent in some particular set of circumstances; since a language is a resource for making meaning, I referred to it as a meaning potential (Halliday 1973). The network may be read either procedurally, with meaning as choosing (in circumstance *a*, choose either *x* or *y* or *z*), or declaratively, with meaning as choice (in circumstance *a*, either *x* or *y* or *z* is on the cards); ‘system’ is really short for ‘system-&-process’. The network is not a schema of classification – it cannot be reduced to a strict taxonomy; rather, it offers a model, or map, of what human populations are doing when they mean” (Halliday, 2013, p. 21)

linguística mapear essas possibilidades, organizando-as em redes de sistemas e especificando os processos de seleção que sustentam a construção do significado.

A LSF desenvolve a herança teórica de Firth, reformulando a relação entre sistema e estrutura em uma abordagem na qual “o sistema é colocado em posição de prioridade sobre a estrutura — o eixo paradigmático é tratado como primário, e os padrões sintagmáticos são derivados por meio de declarações de realização” (Matthiessen, 2023, p. 200)<sup>17</sup>. Essa virada axial redefine a modelagem gramatical ao deslocar o foco da descrição de combinações lineares para a representação do potencial de significação da língua. O sistema, nesse sentido, torna-se o princípio fractal da linguagem, pois a mesma lógica de escolhas se repete em todos os estratos — semântico, léxico-gramatical e fonológico (Matthiessen, 2023).

A modelagem sistêmica é, portanto, uma prática científica de construção e teste de modelos explícitos da língua enquanto rede de sistemas. Para Matthiessen (2023), a modelagem sistêmica consiste em construir e testar modelos explícitos da língua como um sistema de produção de sentido; os modelos devem ser suficientemente explícitos para serem interpretáveis, testáveis e revisáveis. O estudioso afirma que

para que possam ser utilizadas em modelos computacionais, as redes de sistemas precisam ser acompanhadas por descrições teóricas e modelos explícitos dos processos sistêmicos; além disso, tais redes devem ser tornadas plenamente explícitas, por exemplo, por meio de alguma forma de representação computacional. (Matthiessen, 2023, p. 166)<sup>18</sup>

Cada sistema é descrito a partir de quatro componentes articulados entre si: uma condição de entrada, que delimita o domínio de aplicabilidade da escolha; um conjunto de opções paradigmáticas; uma seleção de expressão, que formaliza a trajetória de escolhas realizada na rede e instancia o potencial gramatical; e declarações de realização, responsáveis por estabelecer as correspondências sistemáticas entre essas escolhas e sua configuração estrutural (Arús; Lavid, 2001; Matthiessen, 2023).

No âmbito desta pesquisa, o sistema modelado corresponde ao sistema relacional do português brasileiro escrito, localizado no estrato léxico-gramatical, mais precisamente no domínio da transitividade. Trata-se de uma região de alta relevância para a representação gramatical da experiência, pois as orações relacionais constituem o

---

<sup>17</sup> No original: “system is given priority over structure — where the paradigmatic axis is treated as primary in the modelling of axial order and syntagmatic patterns are derived by means of realization statements” (Matthiessen, 2023, p. 200).

<sup>18</sup> No original: “To be used in computational models, system networks need to be made fully explicit, e.g. by being represented by means of some form of computational representation.” (Matthiessen, 2023, p. 166)

principal recurso da língua para representar relações de equivalência e atribuição. A descrição toma como base um *corpus* composto por reportagens, artigos de opinião e entrevistas, gêneros que representam instâncias prototípicas de um registro com forte orientação avaliativa e argumentativa, e que oferecem variação suficiente para observar o funcionamento probabilístico das escolhas relacionais.

A necessidade de modelar o sistema relacional especificamente para o português brasileiro decorre das diferenças de delicadeza e de simultaneidade em relação ao inglês. A língua portuguesa apresenta modos distintos de escolha para os processos intensivos, circunstanciais e possessivos, nos dois modos de configuração — atributivo e identificativo. Essas distinções requerem redes próprias que representem o conjunto de opções disponíveis ao falante-escritor do português brasileiro, de modo que a gramática não seja uma adaptação do modelo anglófono, mas uma teoria localizada da experiência linguística do PB.

Nos processos intensivos atributivos, por exemplo, o *corpus* revelou esquematizações que se distribuem em categorizações instância-qualidade, instância-tipo, tipo-instância e instância-instância. Essa gradação confirma que o sistema relacional do PB opera segundo diferentes níveis de abstração semântica, condicionados pela natureza do verbo relacional e pela realização dos participantes. Verbos de significado generalizado — como *ser*, *estar*, *permanecer*, *tornar-se* e *ficar* — realizam relações mais neutras ou genéricas, funcionando como esquemas de ligação entre Portador e Atributo. Já verbos de significado especializado — como *medir*, *custar*, *equivaler*, *marcar* e *ilustrar* — introduzem relações de maior especificação semântica, uma vez que o verbo lexicaliza operações como quantificação, equivalência, demarcação ou representação simbólica.

Essa diferenciação corresponde, em termos sistêmicos, a níveis distintos de delicadeza dentro do mesmo sistema relacional, em que opções mais gerais (verbos copulativos) abrem caminho para sistemas mais delicados (fase temporal, domínio de atribuição, categorização, tipo de Atributo), enquanto os verbos especializados delimitam regiões mais estáveis da rede. Cada escolha torna-se, assim, condição de entrada para sistemas subsequentes, representando formalmente a sequência de refinamentos que conduz do potencial geral ao particular (Matthiessen, 2023).

A modelagem proposta representa o sistema relacional como um conjunto de sistemas simultâneos — entre eles, os de tipo de processo (intensivo, circunstancial, possessivo) e de modo de configuração (atributivo, identificativo). Essa simultaneidade é

fundamental, pois, como postula Matthiessen (2023), dois ou mais sistemas podem ser simultâneos, compartilhando a mesma condição de entrada; é essa simultaneidade que define a natureza multidimensional da rede. O caráter multidimensional do modelo ora proposto permite representar a seleção simultânea de opções relativas ao tipo de processo, domínio de atribuição, fase temporal ou de realidade e tipo de categorização dos participantes, entre outros sistemas que se articulam no interior da rede.

O desenvolvimento da rede segue o ciclo metodológico inferido a partir de Matthiessen (2023) sobre modelagem sistêmica, envolvendo (i) *formulação de hipóteses*, (ii) *descrição explícita*, (iii) *teste empírico* e (iv) *revisão*. Desse modo, o modelo é sequencialmente formulado a partir da observação de padrões léxico-gramaticais, descrito por meio de diagramas de sistema, confrontado com os dados do *corpus* e posteriormente ajustado para incorporar novas distinções.

O *corpus* assume papel central na validação do sistema, uma vez que, como observa Matthiessen (2023), a descrição sistêmica deve ser ancorada em instâncias de uso, uma vez que é por meio delas que se observa como o potencial do sistema se realiza efetivamente. A aplicação do modelo a novos dados pode, assim, motivar sua extensão ou maior delicadeza, a fim de acomodar padrões ainda não representados na rede. A modelagem do sistema relacional por nós empreendida, portanto, apoia-se em evidências empíricas de textos reais, nas quais as escolhas entre processos copulares e especializados revelam padrões de uso probabilístico característicos do domínio jornalístico.

A rede é construída dentro do estrato léxico-gramatical, mas relacionada por realizações interestratais à semântica (acima), respeitando o princípio de estratificação (Halliday; Matthiessen, 2014). Além disso, combina macrossistemas (que abrangem o domínio relacional como um todo) e microssistemas (que descrevem subdomínios como *fase* ou *domínio de atribuição*), compondo um mapa multiescalar do sistema de transitividade do PB.

Por fim, o modelo é considerado dinâmico e expansível, visto que as redes de sistemas são modelos dinâmicos, que evoluem à medida que a descrição se aprofunda; novos sistemas podem ser acrescentados e antigos refinados (Matthiessen, 2023). Tal princípio assegura que o sistema relacional do PB, uma vez modelado, possa continuar a se desenvolver em consonância com a expansão do *corpus* e com a exploração de novas regiões de delicadeza não exploradas na rede.

O percurso de modelagem do sistema relacional do português brasileiro, desenvolvido nesta pesquisa, seguiu os princípios teórico-metodológicos da LSF

conforme delineados em Halliday (1973), Matthiessen e Halliday (2009), Martin (2013) e Matthiessen (2023). A construção da rede foi concebida como um processo iterativo, articulando formulação de hipóteses, explicitação das opções sistêmicas, testagem empírica e revisão sucessiva do modelo. Cada etapa corresponde a uma operação teórico-descritiva orientada para a representação do potencial de significação das orações relacionais. A seguir, o quadro 8 sintetiza o passo a passo metodológico empreendido na modelagem do sistema, relacionando as ações de pesquisa aos produtos gerados.

Quadro 8 – Percorso metodológico da modelagem do sistema

| <b>Etapa</b>                | <b>Ação empreendida</b>                                                                                                              | <b>Produto gerado</b>                 |
|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|
| 1. Formação de hipótese     | Identificação do domínio relacional no <i>corpus</i> e formulação da hipótese de subsistemas (intensivo, circunstancial, possessivo) | Esboço inicial da rede                |
| 2. Descrição explícita      | Definição das condições de entrada, termos e declarações de realização para cada sistema                                             | Primeira versão da rede sistêmica     |
| 3. Teste empírico           | Aplicação da rede a orações do corpus; verificação de adequação e exclusividade das escolhas                                         | Ajuste de delicadeza e simultaneidade |
| 4. Revisão teórica          | Integração de novas distinções observadas e exclusão de redundâncias                                                                 | Rede consolidada do PB                |
| 5. Validação probabilística | Levantamento das frequências das escolhas nos textos                                                                                 | Perfis probabilísticos do domínio     |
| 6. Publicização científica  | Representação visual e descrição metodológica do sistema                                                                             | Apêndice de rede sistêmica do PB      |

Fonte: elaboração própria.

## 2.3 Testes sistêmicos e critérios diagnósticos

Nesta investigação, foram desenvolvidos alguns testes e critérios diagnósticos, à luz das características do português brasileiro e com base na fundamentação teórica, para a tarefa de delimitar os processos relacionais como atributivos ou identificativos:

Quadro 9 – Testes sistêmicos aplicados na análise

| <b>Teste</b> | <b>Descrição e critérios de aplicação</b> | <b>Exemplo ilustrativo</b> |
|--------------|-------------------------------------------|----------------------------|
|--------------|-------------------------------------------|----------------------------|

|                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Critério da Morfossintaxe do segundo participante</i>      | Considera-se a categoria gramatical e o grau de definitude do segundo participante como indícios diagnósticos do modo relacional. Grupos adjetivais tendem a realizar qualificação de entidade; grupos nominais indefinidos, classificação genérica; e grupos nominais definidos ou orações encaixadas, identidade referencial.                                                                                                                                                                                                                                              | <i>O tempo está nublado.</i> → atributiva<br><i>Ela é a professora.</i> → identificativa                                                                                                                                                                           |
| <i>Teste de comutação do núcleo verbal</i>                    | Substitui-se o verbo ser/estar por representar ou significar. Se a comutação mantém a coerência semântica, há equivalência simbólica (identificativa), caso contrário a relação é de atribuição.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <i>A violência é um problema social.</i> → <i>representa um problema social</i> (identificativa)<br><br><i>A violência é terrível.</i> → <i>*representa terrível</i> (atributiva)                                                                                  |
| <i>Teste interrogativo funcional</i>                          | Formula-se a pergunta correspondente à relação semântica. Atributiva: <i>Como é X? O que é X? A que categoria/classe X pertence?</i> Identificativa: <i>Quem é X?, O que é X?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <i>A que categoria X pertence?</i> → <i>Ela é uma professora.</i> (atributiva)<br><br><i>Quem é X?</i> → <i>Ela é a professora.</i> (identificativa)                                                                                                               |
| <i>Teste de Agnação (voz operativa/receptiva)</i>             | Verifica-se a possibilidade de reversão dos participantes sem anomalia semântica. Reversibilidade indica simetria entre os termos, logo, identificação.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <i>O racismo é um problema estrutural.</i> ↔ <i>Um problema estrutural é o racismo.</i> (identificativa)<br><br><i>O racismo é terrível.</i> ↔ <i>Terrível é o racismo.</i> (atributiva)                                                                           |
| <i>Critério da individuação referencial dos participantes</i> | Avalia-se o grau de individuação referencial do segundo participante, concebido como um contínuo que vai de propriedades dependentes a entidades fortemente individuadas. Propriedades que só se interpretam em relação a uma entidade tendem a realizar orações atributivas. Entidades não individuadas, que designam classes ou categorias gerais, também favorecem leituras atributivas, por focalizarem a categorização. Já entidades fortemente individuadas, que introduzem um referente específico e singular no discurso, tendem a realizar orações identificativas. | <i>Ela é responsável.</i> → propriedade dependente → atributiva<br><i>Ela é uma professora.</i> → entidade não individuada (classe profissional) → atributiva<br><i>Ela é a professora.</i> → entidade individuada, referencialmente especificada → identificativa |
| <i>Teste de intensificação escalar</i>                        | Analisa se o segundo participante admite intensificação (muito, bastante, mais). Graduável: atributiva. Não graduável: identificativa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | A situação é <b>muito</b> grave. → atributiva<br><i>*A situação é muito o problema central.</i> → identificativa                                                                                                                                                   |

Fonte: elaboração própria.

Esses procedimentos são de natureza descritiva e não determinística, visto que sua função é orientar a interpretação das orações relacionais a partir de padrões recorrentes no *corpus*. Ao aplicarmos esses critérios e testes de maneira complementar, obtemos uma interpretação mais refinada do sistema relacional no português brasileiro, articulando aspectos da semântica experiencial com aspectos léxico-gramaticais. Cada parâmetro, ao focalizar um aspecto da relação, contribui para circunscrever a zona de transição entre os modos atributivo e identificativo. Ademais, tais procedimentos se coadunam com a concepção de que a oração é o resultado da realização de escolhas simultâneas, representando essas escolhas diferenças de orientação semântica (Halliday; Matthiessen, 2014). Assim, buscamos não apenas classificar estruturas, mas revelar padrões de representação do Ser.

Metodologicamente, os testes reunidos no quadro funcionam como instrumentos de operacionalização sistêmica, que tornam observável no *corpus* o que, em nível teórico, se define como variação de delicadeza dentro do sistema relacional. A síntese dos resultados obtidos a partir deles fornece a base para o cálculo de probabilidades condicionais e para a interpretação informacional do sistema — permitindo que o padrão de realização das orações relacionais seja examinado, posteriormente, sob a ótica da entropia, da correlação entre modos e da distribuição de escolhas no português brasileiro.

## 2.4 O corpus

A investigação em curso assume uma base epistemológica empirista (Halliday, 2005; Halliday; Matthiessen, 2014), pois considera como central a observação e a descrição do fenômeno à luz da posição do falante/escritor no evento comunicativo em que ele ocorre. Assim, privilegiando-se os usos reais do sistema linguístico, este estudo caracteriza-se por: i) adotar métodos de caráter indutivo, orientados por análise baseada em dados (*data-driven*), nos quais a modelagem emerge da observação sistemática de regularidades empíricas no *corpus*; (ii) consistir em uma investigação quali-quantitativa (Biber; Conrad; Reppen, 1998; Biber et al., 1995; Creswell; Plano Clark, 2018), uma vez que a descrição qualitativa das propriedades léxico-gramaticais e semânticas das orações relacionais é sustentada por análises quantitativas que permitem identificar padrões de recorrência em um *corpus* jornalístico de 251.084 palavras.

Na assunção dessa posição epistemológica, convergem os princípios da

Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985, 1994, 2006; Halliday; Matthiessen, 2004, 2014; Matthiessen, 1991, 1995) e da Linguística de Corpus (Stubbs, 1993; Sinclair, 2004; Leech, 1992; Kennedy, 1998, 2005; Halliday, 2005). O acoplamento do tratamento teórico-metodológico que a Linguística de Corpus emprega na coleta, compartimentalização e análise de dados linguísticos com o modelo teórico-metodológico de descrição gramatical sistêmico-funcional resulta em investigações teóricas que tendem a ser mais potencializadas. Nas palavras de Halliday (2005, p. 130):

O trabalho baseado em estudos de corpus já começaram a modificar nosso pensamento sobre o léxico, sobre padrões no vocabulário das línguas; e agora está começando a impactar em nossas ideias sobre gramática. Na minha opinião, esse impacto provavelmente será inteiramente benéfico. A linguística de corpus traz um novo e poderoso recurso para nossas investigações teóricas da linguagem.<sup>19</sup>

O *corpus* é a base metodológica que torna mensurável o princípio sistêmico de escolha, permitindo sustentar a integração de forma, significado e contexto em base empírica. Assentados sobre essa concepção, modelos computacionais como *Penman* e *Nigel* representam realizações práticas da teoria sistêmico-funcional, que foram fundamentadas sobre dados estatísticos sobre redes de sistemas, o que possibilitou o desenvolvimento de geradores de linguagem natural.

Partindo do *corpus* como base empírica, duas operações analíticas podem ser conduzidas no âmbito da LSF (He, 2018): (i) a abordagem *top-down*, que toma o modelo teórico como ponto de partida e o aplica aos dados para verificar hipóteses estruturais e relações de escala; e (ii) a abordagem *bottom-up*, que parte das instâncias observadas e testa a distribuição probabilística das escolhas linguísticas — como em Halliday e James (1993/2005), que calcularam proporções efetivas de ocorrência nos sistemas de POLARIDADE e TEMPO. Entretanto, longe de configurarem procedimentos estanques, esses dois movimentos se interpenetram e se complementam na descrição, análise e interpretação dos fenômenos linguísticos, articulando o percurso do sistema às instâncias e das instâncias ao sistema — perspectiva na qual se ancora a presente tese. Segundo MecEnary e Wilson (1996), um *corpus* estruturado com rigor e empiricamente viável

---

<sup>19</sup> Tradução livre de “Work based on corpus studies has already begun to modify our thinking about lexis, about patterns in the vocabulary of languages; and it is now beginning to impact on our ideas about grammar. In my view, this impact is likely to be entirely beneficial. Corpus linguistics brings a powerful new resource into our theoretical investigations of language” (Halliday, 2005, p. 130).

deve apresentar *amostragem* e *representatividade*. Essas noções dizem respeito à necessidade de que os dados selecionados para a constituição do *corpus* sejam suficientes para representar determinada língua ou variedade linguística.

Nesse sentido, a coleta do *corpus* que forneceu os dados a serem descritos por este estudo se restringiu a três gêneros representativos do registro jornalístico brasileiro (Kaufman; Rodríguez, 1995, p. 13): a Reportagem, o Artigo de opinião e a Entrevista jornalística publicada. Considerou-se que esses gêneros forneceriam uma amostra suficiente para caracterizar os principais usos das orações relacionais no domínio jornalístico escrito.

A seleção do *corpus* investigado neste trabalho foi orientada pela relação do uso da língua na ambiência de seu contexto de cultura. Por meio dessa relação, podemos arrolar as variáveis interagentes na classificação dos diferentes tipos de textos. Assumindo essa orientação, a tipologia textual adotada neste estudo é fundamentada no *método de grade*. De acordo com Ure (1969, p. 212),

Começa-se decidindo sobre as situações de linguagem que se deseja estudar: qual meio, falado ou escrito, ou ambos? Quais funções: linguagem em ação ou situação secundária, ou ambos? E assim por diante. Constrói-se um diagrama mostrando essas dimensões de intersecção e procede-se à coleta de textos para preencher os espaços<sup>20</sup>

Figueredo (2011), com base em Ure (1969), lança mão de uma tipologia textual que identifica cinco variáveis que interferem na categorização dos textos conforme o contexto cultural: i) o papel da língua na situação, podendo ser reflexivo ou acional; ii) a especialização ou não do uso da língua; iii) o modo de constituição do texto, se falado ou escrito; iv) a natureza da interação. O quadro 10 organiza tipos de textos com base nessas variáveis, facilitando o entendimento de como elas interferem na alocação dos tipos de texto na grade.

Quadro 10 - Mapeamento dos tipos de texto com base no contexto de cultura

|               |                        | escrito       |             | falado   |         |
|---------------|------------------------|---------------|-------------|----------|---------|
|               |                        | diálogo       | Monólogo    |          | diálogo |
| Especializada | EXPLICAR<br>(Reflexão) | Carta pessoal | Livro texto | Palestra | Debate  |

<sup>20</sup> Tradução livre de “This method of collecting a corpus may be called the grid method. One starts by deciding on the language situations one wishes to study: which médium, spoken or written, or both? What functions: language in action or secondary situation, or both? And so on. One constructs a diagram showing these intersecting dimensions and proceeds to collect texts to fill the slots” (Ure, 1969, p. 212).

|                          |                                   |                           |                  |             |                       |
|--------------------------|-----------------------------------|---------------------------|------------------|-------------|-----------------------|
| <b>Não-especializada</b> | <b>REPORTAR</b><br>(Reflexão)     | Questionário              | Reportagem       | Depoimento  | Entrevista            |
|                          | <b>RECRIAR</b><br>(Reflexão)      | Tira em quadrinhos        | Romance          | Causo       | Peça teatral          |
|                          | <b>COMPARTILHAR</b><br>(Reflexão) | E-mail pessoal            | Blog (diário)    | Lembranças  | Bate-papo             |
|                          | <b>FAZER</b><br>(Ação)            | Carta comercial           | Lista de compras | Instruções  | Co-operação           |
| <b>especializada</b>     | <b>RECOMENDAR</b><br>(Reflexão)   | Auto-ajuda                | Anúncios         | Orações     | Consulta médica       |
|                          | <b>HABILITAR</b><br>(Reflexão)    | Perguntas mais frequentes | Panfletos        | Orientações | Perguntas e respostas |
|                          | <b>EXPLORAR</b><br>(Reflexão)     | Carta ao editor           | Artigo acadêmico | Discurso    | Discussão             |

Fonte: Adaptado de Figueredo (2011, p. 91).

No âmbito desta tese, não foram abordados todos os tipos de textos presentes na tabela e selecionados por Figueredo (2011) em seu estudo. O foco desta investigação recaiu sobre textos jornalísticos escritos cujos processos sociossemióticos são REPORTAR e EXPLORAR. O primeiro processo atua no acionamento da língua para a reconstrução linguística de acontecimentos no mundo biossocial. O segundo processo opera, por meio da língua, “a criação de novos significados que deverão ser postos à negociação com outros membros da comunidade” (Figueredo, 2011, p. 90). A seleção das reportagens e das entrevistas representa textos que realizam o processo REPORTAR. Já a seleção dos artigos de opinião representa textos que realizam o processo EXPLORAR.

Para a escolha dos sites jornalísticos e das revistas, tomou-se como parâmetro o levantamento realizado pelo *Coletivo Intervezes* em colaboração com o *Repórteres sem Fronteiras*, intitulado *Monitoramento da propriedade de mídia no Brasil (Media Ownership Monitor – MOM)*. Com base nesse levantamento, selecionamos textos veiculados pelos principais grupos de comunicação no Brasil, quais sejam: o grupo Globo, o grupo Folha e o grupo Abril. Além desses grupos renomados, também selecionamos textos de portais jornalísticos das diferentes regiões brasileiras.

A seleção das reportagens, das entrevistas e dos artigos de opinião restringiu-se ao intervalo de tempo que compreende os anos de 2021 a 2023. Ao todo, somaram-se 54 reportagens e 54 entrevistas e 54 artigos de opinião, totalizando um conjunto de 162 textos compostos por 251.084 palavras, dos quais foram extraídas 2874 orações relacionais.

A escolha de analisar orações relacionais em textos jornalísticos escritos se fundamenta no fato de que esse tipo de processo constitui o eixo estrutural do que Halliday (1998) denomina *estilo nominal* — o ponto mais alto do “empacotamento”

(*packing*) linguístico. À medida que a linguagem evolui do modo falado para o escrito, e do senso comum para o técnico, o texto tende a condensar sua carga semântica em grupos nominais longos e complexos, sustentados por um processo relacional, frequentemente realizado pelo verbo *ser*. Halliday (1998) demonstra que, no discurso escrito técnico, cada sentença tende a conter uma única oração, formada por um ou dois grupos nominais densos e por um processo relacional que serve de eixo centrípeto para essas entidades conceituais. Assim, o verbo deixa de expressar energia ou evento, e passa a representar equivalência simbólica — é o processo *Ser* que estabiliza o conhecimento, transformando processos e qualidades em *coisas*. Nesse sentido, a oração relacional é o *locus* privilegiado da metáfora gramatical, sendo o mecanismo pelo qual a língua reconstrói a experiência como sistema de relações.

Os textos jornalísticos escritos, por sua vez, oferecem um terreno fértil para observar esse fenômeno. Por ocuparem uma posição intermediária entre a linguagem do senso comum e a linguagem técnica — traduzindo o saber especializado para a esfera pública —, eles exibem graus variáveis de empacotamento e de densidade lexical (Halliday, 1998)<sup>21</sup>. Em artigos de opinião, entrevistas publicadas e reportagens, observa-se a alta frequência de orações relacionais intensivas identificativas e atributivas, nas quais se definem, classificam, situam e avaliam entidades e acontecimentos. O jornalismo, assim, opera como uma forma de ‘teoria pública’, estabilizando significados sociais por meio de relações de identidade e atribuição.

Descrever as orações relacionais em textos jornalísticos escritos, portanto, permite observar como, no português brasileiro, a escrita pública contemporânea realiza o processo de teorização do mundo social. O *corpus* jornalístico funciona, assim, como um espaço onde a língua torna visível o deslocamento do eixo de complexidade, que se afasta da intricácia sintática típica da fala para a densidade lexical característica da escrita.

---

<sup>21</sup> Em Halliday (1994), os conceitos de empacotamento e densidade lexical dizem respeito a dois aspectos complementares da organização semiótica do significado ideacional. O empacotamento refere-se ao modo como figuras de experiência — isto é, configurações compostas por processo, participantes e circunstâncias — podem ser reconfiguradas estruturalmente, sobretudo por meio do rebaixamento de nível hierárquico (*mudança de nível*, denominada *rankshift*) e da metáfora gramatical ideacional. Nesses casos, significados que poderiam ser realizados de forma congruente em orações passam a ser condensados em unidades de nível inferior, especialmente grupos nominais, permitindo que experiências complexas sejam tratadas discursivamente como entidades estáveis. A densidade lexical, por sua vez, corresponde ao grau de concentração de itens lexicais em relação ao total de palavras de um trecho textual, sendo tipicamente mais elevada em textos escritos e técnicos, justamente porque esses textos recorrem de modo sistemático ao empacotamento metafórico. Assim, quanto maior o número de significados ideacionais comprimidos no interior dos grupos — em especial por meio de nominalizações —, maior tende a ser a densidade lexical do texto, sinalizando um estilo discursivo mais abstrato, técnico e informacional (Halliday; Matthiessen, 2004; Halliday; James, 1993/2005).

### 2.4.1 Anotação

A etapa de anotação linguística constituiu um dos núcleos operacionais deste estudo, viabilizando o tratamento empírico das ocorrências de orações relacionais no *corpus*. O esquema de anotação foi concebido de modo a espelhar o arcabouço teórico da LSF, particularmente no que diz respeito à organização em sistemas de escolhas e às relações entre significado e realização (Halliday; Matthiessen, 1999, 2014). Ao mesmo tempo, sua estrutura foi deliberadamente orientada para funcionar como um recurso intermediário de extração de dados e de preparação para a modelagem de redes sistêmicas com aplicação computacional. Nesse sentido, as propostas de modelagem e geração de linguagem desenvolvidas no âmbito da tradição sistêmico-funcional computacional não são tomadas como modelos de anotação propriamente ditos, mas como fundamentos conceituais e técnicos que informam o desenho do modelo de anotação enquanto interface entre descrição linguística e operacionalização computacional (Halliday; Matthiessen, 1999, 2014) e em procedimentos de modelagem (Bateman, 1990; Matthiessen; Bateman, 1991; Bateman, 1997; Fawcett, 1998; Reiter; Dale, 2000; Bateman; Matthiessen, s.d.).

Esse sistema tem como propósito principal traduzir para uma linguagem formal os parâmetros semântico-gramaticais relevantes à descrição das orações relacionais — intensivas, possessivas e circunstanciais —, permitindo o cruzamento quantitativo-qualitativo dos dados, o cálculo de probabilidades condicionais e a abstração da rede sistêmica resultante.

A etiquetagem adotada não se limita à função descritiva, sendo também instrumento teórico. Ao formalizar as escolhas de sistema em termos de rótulos e valores, o modelo aproxima-se da noção de realização gramatical como percurso de opções (*systemic traversal*), o que garante fidelidade ao modo de funcionamento da língua conforme descrito pela LSF.

Cada linha de anotação corresponde a uma instanciação da oração relacional, concebida como realização concreta de um caminho de escolha dentro do sistema de TRANSITIVIDADE. As etiquetas codificam simultaneamente:

| <b>Dimensão de análise</b>                 | <b>Descrição</b>                                                                                                                  | <b>Exemplos de categorias codificadas</b>                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1. Opções paradigmáticas</b>            | Representam as escolhas sistêmicas que definem o tipo de processo e suas variações internas.                                      | Tipo (intensiva, circunstancial, possessiva, existencial);<br>Modo (atributiva, identificativa);<br>Orientação (Símbolo > Valor / Valor > Símbolo);<br>Voz (operativa, receptiva);<br>Congruência (congruente, metafórica). |
| <b>2. Variáveis temporais e aspectuais</b> | Codificam as escolhas que situam o processo em relação ao tempo e ao desenvolvimento interno da ação ou estado.                   | Tempo (presente, passado, futuro);<br>Aspecto (estativo, dinâmico);<br>Fase (neutra, inceptiva, terminativa etc.).                                                                                                          |
| <b>3. Realizações estruturais</b>          | Descrevem a forma de realização morfossintática dos participantes e do processo, permitindo comparações entre textos e registros. | Realização do processo<br>Realização dos participantes (grupo nominal, oração, grupo adjetival, grupo preposicionado);<br>Distribuição temática e informacional.                                                            |
| <b>4. Interpretações semânticas</b>        | Expressam a natureza conceitual dos papéis participantes e suas funções no domínio relacional.                                    | Papéis semânticos (Portador / Atributo; Identificado / Identificador);<br>Esquematização (Instância → Tipo / Instância → Instância / Instância → Lugar etc.)<br>Tipo semântico (coisa, fato, qualidade, ato).               |

Fonte: elaboração própria

Essa formalização apoia-se em dois princípios metodológicos fundamentais. O primeiro é o *princípio da explicitabilidade*, formulado por Halliday (2005), segundo o qual toda descrição linguística deve poder ser explicitada em termos de uma rede de sistemas, de modo que cada ocorrência observada corresponda a um percurso de escolha possível dentro desse sistema. O segundo é o *princípio da comparabilidade*, proposto por Hasan (1985), que exige que as escolhas sejam codificadas de maneira consistente, de forma a tornar as instâncias comparáveis entre si em diferentes textos, registros e textos. Esses princípios garantem, conjuntamente, que a modelagem sistêmica da língua preserve a coerência interna da teoria e permita a análise contrastiva e probabilística das ocorrências em contextos diversos. O sistema de anotação foi concebido em dois níveis complementares:

(I) **Nível documental (metadados do texto)** — cada texto do *corpus* inicia com um cabeçalho de metainformações, em linha simples, no formato chave-valor:

| Modelo de cabeçalho                                                                                                                        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| id=CB_25_07_2022_003; genero=reportagem;<br>processo_semiotico=reportar; veiculo=Correio_Brasiliense;<br>caderno=economia; data=2022-07-25 |

(II) **Nível oracional (anotação relacional)** — cada oração é representada em uma linha estruturada, também em pares chave-valor, seguindo a sintaxe do exemplo abaixo:

| Modelo de anotação oracional                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| id=R001; txt="O grande legado que a pandemia deixou é que o orgânico cresce na mente das pessoas"; sistema=relacional; rel_tipo=intensiva; rel_modos=identificativa;<br>papel_orient=Token>Valor; voz=operativa; atribuicao=nao_atribuida; proc_lemma=ser;<br>proc_fase=neutra; tempo=presente; aspecto=estativo; polaridade=+; modalidade=0;<br>ident_realiz=GN Or; ident_semtipo=coisa/fato; congruencia=congruente;<br>observ="Identificado(Token)='legado'; Identificador(Valor)=oração 'que...'" |

A fim de trazer clareza para a compreensão do que representa cada campo, sintetizamos a explicação na tabela a seguir:

Quadro 12 - Campos e valores do modelo de anotação das orações relacionais

| Campo <sup>22</sup> | Descrição / Função             | Valores possíveis (exemplos)                       |
|---------------------|--------------------------------|----------------------------------------------------|
| id                  | Identificador da ocorrência    | R001, R002...                                      |
| txt                 | Texto literal da oração        | (string)                                           |
| sistema             | Sistema gramatical analisado   | relacional                                         |
| rel_tipo            | Subtipo de processo relacional | intensiva, circunstancial, possessiva, existencial |

<sup>22</sup> Legenda: *id*, Identificador da ocorrência; *txt*, Texto literal da oração; *sistema*, Sistema gramatical analisado; *rel\_tipo*, Tipo de processo relacional; *rel\_modos*, Modo de configuração da relação; *papel\_orient*, Orientação do papel semiótico; *voz*, Voz relacional; *atribuicao*, Atribuição semiótica; *proc\_lemma*, Lema do processo; *proc\_fase*, Fase do processo; *tempo*, Tempo verbal; *aspecto*, Aspecto semântico; *polaridade*, Polaridade lógica; *modalidade*, Modalidade; *ident\_realiz/car\_realiz*, Realização morfossintática dos participantes; *ident\_semtipo/car\_semtipo*, Tipo semântico dos participantes; *circ*, Circunstância; *congruencia*, Congruência gramatical; *tema*, Tema; *info\_foco*, Foco informacional; *observ*, Observações analíticas.

|                                |                                              |                                                    |
|--------------------------------|----------------------------------------------|----------------------------------------------------|
| rel_modo                       | Modo de configuração da relação              | atributiva, identificativa                         |
| papel_orient                   | Direcionalidade (identificação)              | Token^Valor; Valor^Token                           |
| voz                            | Direção de relação                           | operativa, reversa                                 |
| atribuicao                     | Existência de atribuição semiótica           | atribuida, nao_atribuida                           |
| proc_lemma                     | Verbo nuclear                                | ser, estar, permanecer, tornar-se ...              |
| proc_fase                      | Fase aspectual                               | neutra, inceptiva, culminativa                     |
| tempo                          | Tempo verbal                                 | presente, passado, futuro e suas subclassificações |
| aspecto                        | Aspecto semântico                            | Estativo, dinâmico e suas subclassificações        |
| polaridade                     | Polaridade lógica                            | + (afirmativa), – (negativa)                       |
| modalidade                     | Modalidade                                   | 0 (ausente), epistêmica, deôntica                  |
| ident_realiz /<br>car_realiz   | Realização morfossintática dos participantes | GN, Or, Adj, etc.                                  |
| ident_semtipo /<br>car_semtipo | Tipo semântico do participante               | coisa, fato, qualidade, ato                        |
| circ                           | Circunstâncias associadas                    | tempo, lugar, causa, 0                             |
| congruencia                    | Relação entre forma e significado            | congruente, metafórica                             |
| tema                           | Tipo de Tema                                 | dado, marcado, 0                                   |
| info_foco                      | Status informacional                         | dado, novo, 0                                      |
| observ                         | Campo livre para observações analíticas      | texto livre                                        |

Fonte: elaboração própria.

O desenvolvimento do sistema de etiquetagem, embora tenha ocorrido continuamente ao longo da investigação, teve sua proposição iniciada na segunda fase do percurso metodológico geral, posicionando-se entre a constituição do *corpus* e a análise sistêmico-probabilística. A sequência metodológica pode ser assim esquematizada:

Quadro 13 – Etapas do percurso metodológico e produtos associados à análise das orações relacionais

| <b>Etapas</b> | <b>Descrição resumida</b> | <b>Ferramentas / produtos</b> |
|---------------|---------------------------|-------------------------------|
|---------------|---------------------------|-------------------------------|

|                                    |                                                                              |                                            |
|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| 1. Seleção e organização do corpus | Coleta de reportagens, artigos e entrevistas em veículos jornalísticos       | Arquivo bruto em formato .txt              |
| 2. Etiquetagem relacional          | Aplicação do sistema descrito acima para cada oração relacional identificada | Arquivo anotado (.txt / .csv)              |
| 3. Processamento automatizado      | Extração e tabulação de campos; cálculo de probabilidades condicionais       | <i>LSF</i> Analisador Relacional           |
| 4. Modelagem e interpretação       | Construção das redes sistêmicas e análise probabilística                     | Gráficos, redes e matrizes interpretativas |

Fonte: elaboração própria.

A escolha por um modelo formalizado e paramétrico de etiquetagem justifica-se pela natureza da investigação, que busca integrar a descrição sistêmica e a observação probabilística das orações relacionais no português brasileiro escrito contemporâneo. Ao representar cada instância como um conjunto explícito de escolhas, a anotação permite reconstituir o percurso sistêmico que levou à forma observada, favorece a replicabilidade e a checagem empírica dos resultados, além de oferecer uma base computacionalmente processável. Em suma, o sistema de etiquetagem foi concebido não apenas como um instrumento de marcação, mas como um modelo de interface entre teoria e dado, assegurando que as análises posteriores reflitam fielmente a concepção sistêmico-funcional de língua como um sistema de escolhas significativas.

## 2.5 Interpretação probabilística do sistema

Modelar probabilisticamente o sistema implica anexar na descrição os valores de assimetria ou equiprobabilidade que distinguem as alternativas no interior de um sistema. Assim, a abordagem quantitativa de orientação sistêmico-funcional tem como princípio fundamental a assunção de que “uma propriedade inerente de qualquer sistema linguístico é a probabilidade relativa de seus termos” (Halliday, 2005, p. 133)<sup>23</sup>.

O trabalho descritivo com base em *corpus* possibilita uma abordagem quantitativa rigorosa de características gramaticais (Halliday, 2005). Por meio desse tipo de abordagem, um procedimento simples que podemos adotar é investigar probabilidades

<sup>23</sup>No original: “an inherent property of any linguistics system is the relative probability of its terms” (Halliday, 2005, p. 133).

associadas a essas características no interior de um sistema gramatical, como o sistema de ASPECTO, por exemplo.

Esse método nos permite aprofundar a análise, tendo em vista que por essa via metodológica torna-se possível investigar a probabilidade de escolhas em um determinado sistema serem afetadas por escolhas em outros. Conforme relata Halliday (2005, p. 133), “Com base neste trabalho quantitativo, embora obviamente eu só tenha conseguido acessar amostras muito pequenas da linguagem moderna, adotei o princípio de que a frequência no texto instanciava a probabilidade no sistema”<sup>24</sup>.

A adoção de uma perspectiva probabilística da gramática se coaduna com o modelo paradigmático de gramática proposto pela LSF. Como explicitado na primeira sessão deste capítulo, um modelo paradigmático de gramática consiste em uma rede de sistemas. Um sistema abarca uma série de oposições no conjunto de alternativas disponíveis. Ao escolher entre as alternativas contidas por um sistema, o falante atribui valor aos elementos integrantes da estrutura.

Ao lançar mão desse método, Halliday (2005) se fundamentou nos postulados da teoria da informação, apresentados por Shannon (1948). Nesse sentido, Halliday (2005) discute como os sistemas gramaticais podem ser compreendidos não apenas em termos de estruturas sintáticas, mas também por meio de relações probabilísticas. Ele se baseia em conceitos propostos por Shannon (1948) para explicar como escolhas na língua — como entre polaridade positiva e negativa ou voz ativa e passiva — têm probabilidades inerentes que refletem sua frequência de uso.

Halliday (2005) argumenta que a linguagem não é determinística, mas oferece escolhas ponderadas com base no uso, o que significa que algumas opções (como a voz ativa ou a polaridade positiva) são mais prováveis de ocorrer do que outras. Essa distribuição não é aleatória, mas segue padrões que podem ser analisados sistematicamente. Ele aponta que os sistemas gramaticais tendem a exibir dois tipos principais de distribuição: sistemas equiprováveis (onde as opções são igualmente prováveis) e sistemas assimétricos (onde uma opção domina). Por exemplo, o sistema de polaridade (positivo/negativo) é tipicamente inclinado para declarações positivas, com uma razão típica de 0.9:0.1, consistindo, portanto, em um sistema assimétrico. Em geral, sistemas equiprováveis são raros na linguagem natural, pois as escolhas linguísticas

---

<sup>24</sup>No original: “On the basis of this quantitative work, although obviously I was able to access only very minute samples from the modern language, I adopted the principle that frequency in text instantiated probability in the system” (Halliday, 2005, p. 133).

tendem a refletir as necessidades comunicativas e contextuais, o que faz com que certas opções sejam mais comuns e, portanto, gerem assimetria no sistema.

Conforme Halliday (2005), a abordagem baseada em *corpus* para o estudo da gramática ajuda a identificar esses padrões de probabilidade, ressaltando que a gramática não pode ser separada do uso real. Halliday (2005) também enfatiza que essa abordagem probabilística fornece uma compreensão mais sutil das escolhas linguísticas, contribuindo tanto para a gramática teórica quanto para aplicações práticas, como sistemas de processamento de linguagem natural.

Para compreender o método adotado por Halliday (2005), é preciso apresentar sucintamente os principais conceitos da Teoria da Informação utilizados. Em seu modelo, Shannon (1948) introduz o conceito de *entropia* ( $H$ ) como uma medida de incerteza associada a um conjunto de eventos. Com base nesse conceito, foram desenvolvidos os parâmetros para os cálculos de (i) entropia, (ii) entropia máxima, do (iii) nível de assimetria de um sistema informacional e da (iv) redundância.

**(i) Entropia** – é o principal parâmetro. A entropia  $H$  de um sistema é calculada por meio da equação de Shannon (1948):

$$H = - \sum_{i=1}^n p_i \log_2(p_i)$$

Nesta equação,  $p_i$  é a probabilidade do estado  $i$  e  $n$  é o número total de estados possíveis. Essa fórmula fornece a medida de incerteza ou o grau de aleatoriedade em um sistema. A entropia quantifica o valor médio de informação necessária para descrever o estado do sistema.

**(ii) Entropia máxima** – a entropia máxima ( $H_{max}$ ) é a entropia de um sistema quando todos os estados são igualmente prováveis. A equação que calcula a entropia máxima é:

$$H_{max} = \log_2(n)$$

Nesta fórmula,  $n$  representa o número de estados possíveis no sistema. Seu propósito é representar a maior incerteza possível para um determinado sistema, ocorrendo quando todos os estados são equiprováveis.

**(iii) Nível de Assimetria** – o nível de assimetria é resultado da diferença entre a entropia máxima e a entropia real do sistema. A função que quantifica o nível de assimetria corresponde a:

$$\textit{Assimetria} = H_{max} - H$$

A aferição do nível de assimetria possibilita medir o quanto um sistema é ordenado ou previsível em comparação com um sistema equiprovável. Nesse sentido, um nível de assimetria alto indica uma maior previsibilidade ou ordem. É importante destacar que esse conceito não foi nomeado por Shannon (1948), mas deriva de sua perspectiva teórica sobre entropia.

A aplicação dos conceitos de equiprobabilidade e assimetria na descrição dos sistemas gramaticais das orações relacionais permite uma análise mais profunda das escolhas feitas pelos falantes e oferece inferências valiosas sobre o funcionamento desses sistemas. Ao descrever os sistemas de processos relacionais (intensivos, possessivos, circunstanciais), os conceitos de assimetria e equiprobabilidade ajudam a identificar padrões de escolha, que podem revelar tendências de uso em contextos específicos. Por exemplo, ao observar que certas construções, como as orações intensivas, ocorrem com maior frequência do que outras, como as possessivas, pode-se inferir que há uma assimetria no uso, indicando uma preferência dos falantes por certas formas para expressar relações de identidade ou atribuição.

Esse tipo de análise permite que a descrição dos sistemas gramaticais seja mais precisa, especialmente quando se trata de entender quais opções são privilegiadas em contextos específicos e como isso reflete uma organização interna da língua. Ao aplicar a noção de entropia (medida de incerteza), é possível avaliar a variabilidade nas escolhas dentro dos sistemas relacionais, o que permite inferir até que ponto o sistema oferece liberdade ao falante ou se tende a ser mais determinístico. Em sistemas com baixa entropia, onde as escolhas são mais previsíveis, é possível inferir uma maior regularidade e convencionalização das estruturas utilizadas.

Além disso, o uso dos conceitos de redundância e assimetria no estudo dos participantes e dos processos permite descrever com maior clareza as relações semânticas e gramaticais que se estabelecem em diferentes tipos de oração relacional. Se, por exemplo, um sistema apresenta uma alta assimetria no uso de grupos nominais como Identificadores, isso pode levar à inferência de que há uma forte preferência por

construções que categorizam e definem entidades, o que pode ser um traço típico em certos domínios, como o do discurso científico ou o do discurso jornalístico.

Essas informações também podem ser aplicadas para descrever como os participantes são configurados dentro das orações relacionais. Se uma análise probabilística revelar que em orações atributivas os grupos adjetivais são frequentemente utilizados para realizar o papel de Atributo, enquanto os grupos nominais são dominantes como Portadores, pode-se inferir uma tendência semântica e estrutural que caracteriza a forma como a língua lida com a atribuição de qualidades e propriedades.

Em resumo, a aplicação desses conceitos na descrição dos sistemas gramaticais das orações relacionais permite inferências sobre:

- *Padrões de escolha e preferências estruturais* entre os diferentes tipos de orações relacionais.
- *Previsibilidade e variabilidade* na seleção de processos e participantes.
- *Tendências semânticas e discursivas*, onde determinados subtipos de processo podem ser mais comuns.
- *Diferenças contextuais* que podem revelar a predominância de certas configurações gramaticais em determinados registros.

Essas inferências possibilitam uma descrição mais rica e detalhada dos sistemas gramaticais, ajudando a capturar as especificidades da língua em uso, o que é essencial para uma compreensão completa da funcionalidade dos processos relacionais no português brasileiro. A seguir apresenta-se o quadro-síntese do procedimento probabilístico desenvolvido neste estudo.

Quadro 14 – Etapas do procedimento probabilístico para a análise sistêmico-funcional das orações relacionais

| <b>Etapas</b>                             | <b>Descrição</b>                                                                                                                                                           | <b>Operação matemática / interpretativa</b>                  |
|-------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| 1. <i>Definição do domínio sistêmico</i>  | Identificação das variáveis sistêmico-funcionais analisadas (tipos de relação, modos de relação, papéis participantes, tipos de atributo, realização morfosintática etc.). | Construção da matriz de frequências observadas (instâncias). |
| 2. <i>Normalização das probabilidades</i> | Conversão das frequências em probabilidades relativas, assegurando que a soma de todas as opções do sistema seja igual a 1.                                                | $P_i = f_i / \Sigma f$                                       |
| 3. <i>Cálculo da entropia (H)</i>         | Medida da incerteza média do sistema — isto é, da quantidade média de informação necessária para prever a escolha de uma categoria.                                        | $H = -\Sigma P_i \log_2 P_i$                                 |

|                                                                 |                                                                                                                                                          |                                                                      |
|-----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|
| 4. Cálculo da assimetria / desequilíbrio                        | Identificação do grau de favorecimento de determinadas escolhas em relação às demais (distribuição não equiprovável).                                    | Diferença entre distribuição empírica e equiprovável.                |
| 5. Inferência da propensão sistêmica (tendência probabilística) | Interpretação das probabilidades como “tendências de realização” do sistema, não como frequências acidentais.                                            | <b>Propensão(x)=<br/><math>P(x)/H_{total}</math></b>                 |
| 6. Análise condicional entre sistemas correlatos                | Cálculo da probabilidade condicional entre variáveis interdependentes (ex.: tipo de oração × modo de relação).                                           | <b><math>P(A B) = P(A \cap B)/P(B)</math></b>                        |
| 7. Interpretação da informação mútua (MI)                       | Medida do grau de dependência entre sistemas simultâneos, indicando o quanto uma escolha reduz a incerteza da outra.                                     | <b><math>MI(A,B) = \sum P(A,B) \log_2 [P(A,B)/(P(A)P(B))]</math></b> |
| 8. Cálculo da densidade informacional (IDI)                     | Avaliação da concentração de informação nos participantes (ex.: Portador, Atributo, Identificador), considerando lexicalidade e complexidade estrutural. | <b>IDI = nº itens lexicais / nº total de palavras da oração</b>      |
| 9. Modelagem das distribuições e visualização probabilística    | Representação gráfica das distribuições e relações (mapas de calor, distribuições de probabilidade, curvas de densidade).                                | Script em Python.                                                    |
| 10. Interpretação sistêmica dos resultados                      | Atribuição de valor sistêmico às probabilidades observadas: equilíbrio, dominância, especialização ou fusão entre sistemas.                              | Interpretação qualitativa integrada ao modelo teórico.               |

Fonte: elaboração própria.

### 2.5.1 O índice probabilístico de compactação relacional (ICR)

Um aprofundamento metodológico deste trabalho consiste na formulação de um *Índice Probabilístico de Compactação Relacional (ICR)*, elaborado para quantificar o grau de condensação estrutural e lexical das orações relacionais do português brasileiro. O índice constitui uma operacionalização numérica de conceitos teóricos amplamente discutidos no âmbito da LSF, sobretudo aqueles de mudança de classe, metáfora gramatical e custo composicional (Matthiessen, 1995; Halliday, 2005; Halliday; Matthiessen, 1999, 2014).

Na perspectiva sistêmico-funcional, a compactação é interpretada como o processo pelo qual significados que poderiam ser expandidos em estruturas de maior porte (por exemplo, orações encaixadas ou grupos oracionais) são condensados em realizações de ordem inferior, como grupo, por exemplo. Essa propriedade de ‘rebaixar’ unidades de um nível estrutural para outro representa uma estratégia de eficiência semiótica: a língua

redistribui a complexidade entre estrutura e léxico, aumentando a capacidade de empacotar informação sem ampliar a estrutura de participantes da oração. Assim, a compactação pode ser vista como um indicador quantitativo de metaforização gramatical, já que decorre da tensão entre expansão experiencial e condensação estrutural.

Nesse sentido, a noção de compactação adotada nesta tese insere-se na perspectiva conceitual formulada por Halliday (1998) para descrever o processo de *empacotamento*, ou seja, a condensação semântica do texto. Conforme o linguista, o *empacotamento* ocorre quando mais significados são condensados em menos estrutura, de modo que “à medida que o texto é compactado, mais significado é de algum modo condensado em sua estrutura; sua densidade semântica aumenta, enquanto sua complexidade gramatical diminui.” (Halliday, 1998, p. 33)<sup>25</sup>. Esse fenômeno representa, em termos sistêmicos, o movimento da língua em direção à metaforização gramatical, em que processos e qualidades passam a ser representados como entidades nominais, ampliando a capacidade de abstração e generalização da linguagem. A compactação relacional, tal como formalizada neste trabalho, constitui uma operacionalização probabilística desse mesmo princípio: mede-se, de forma quantitativa, o equilíbrio entre eficiência estrutural (grau de economia oracional) e densidade lexical (grau de empacotamento semântico dos participantes). Assim, enquanto Halliday (1998) caracteriza a compactação como um processo de maturação semiótica do sistema, aqui ela é tratada como uma variável probabilística mensurável, expressa pelo *Índice de Compactação Relacional* (ICR), que permite observar, no nível da oração, o mesmo princípio de condensação que Halliday descreve no nível do texto. Trata-se, portanto, de uma extensão metodológica de sua perspectiva de modo que processo de *packing* torna-se, na proposta aqui delineada, uma métrica de eficiência semiótica, capaz de quantificar a tendência, verificada nos textos, de empacotar o significado relacional em estruturas cada vez mais densas e economicamente configuradas.

O índice de compactação relacional combina dois eixos complementares: 1. *Eixo estrutural*, que avalia o custo composicional da oração em função das realizações de seus elementos ideacionais nucleares — os participantes (Portador/Atributo ou Identificado/Identificador) e o Processo relacional — conforme o quadro sistêmico de transitividade (Halliday; Matthiessen, 2014); 2. *Eixo lexical*, que mensura a densidade informacional interna de cada participante, isto é, a proporção de itens lexicais

---

<sup>25</sup> No original: “as the text is packed, more meaning is somehow condensed into it; its semantic density increases, while its grammatical intricacy decreases”.

(substantivos, adjetivos, numerais, verbos não finitos e advérbios de conteúdo) em relação ao total de palavras do grupo.

Cada elemento recebe um custo estrutural básico (variando de 1 a 2, de acordo com o grau de expansão sintagmática ou a presença de orações encaixadas) e um fator de densidade proporcional à razão entre a densidade lexical observada e uma densidade de referência do *corpus*. Esse custo tem por objetivo estimar o grau de complexidade gramatical envolvido na realização dos participantes, do processo relacional e de eventuais expansões, permitindo comparar orações quanto ao seu nível de compactação estrutural e densidade informacional.

O custo é atribuído de forma diferencial conforme o tipo de realização léxico-gramatical observada na amostra. Realizações mais simples, como grupos nominais ou adjetivais pouco expandidos e cópulas simples, recebem custo menor, enquanto realizações estruturalmente mais pesadas, como grupos expandidos, orações encaixadas ou processos relacionais lexicalizados, recebem custo maior. Adicionalmente, realizações metafóricas condensadoras — como nominalizações que incorporam processos — são tratadas como estratégias de aumento de densidade sem ampliação estrutural, recebendo assim custo reduzido. O quadro a seguir apresenta os valores relativos ao custo composicional dos elementos na oração relacional:

Quadro 15 – Escala de custo composicional das realizações léxico-gramaticais nas orações relacionais

| <b>Componente</b>          | <b>Tipo de realização</b>                                                                                            | <b>Custo</b> |
|----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
| <i>Participantes</i>       | Grupo nominal, adjetival ou preposicional simples<br>(até 1 núcleo + 1 modificador curto)                            | 1,0          |
|                            | Grupo nominal ou preposicional expandido<br>+ <i>nominalização expandida</i><br>(qualificador, PP longo, enumeração) | 1,5          |
|                            | grupo oracional                                                                                                      | 2,0          |
|                            | Realização metafórica condensadora<br>nominalização simples<br>(processo incorporado sem expansão interna)           | 0,75         |
| <i>Processo relacional</i> | Cópula simples ( <i>ser, estar, ter</i> )                                                                            | 1,0          |
|                            | Processo relacional lexicalizado ou complexo<br>( <i>permanecer, revelar-se, significar, representar etc.</i> )      | 1,5          |
|                            | Cópula zero (quando aplicável)                                                                                       | 0,5          |

Fonte: elaboração própria.

O custo composicional total de cada oração resulta da soma dos custos atribuídos aos seus constituintes nucleares e às expansões relevantes, conforme a fórmula:

$$C_{\{real\}} = C_{\{p1\}} + C_{\{proc\}} + C_{\{p2\}} + \sum C_{\{adjuntos/expansões\}}$$

Consideramos como custo mínimo teórico de uma oração relacional nuclear a realização simples de ambos os participantes e do processo:

$$C_{\{min\}} = 1 + 1 + 1 = 3$$

A fim de estabelecermos a normalização do índice, definimos como custo máximo razoável a realização mais complexa dos participantes (2,0) combinada a um processo relacional especializado (1,5), obtendo

$$C_{\{max\}} = 2 + 1,5 + 2 = 5,5$$

Com base no custo composicional calculado para cada oração, definimos o grau de compactação (GC) como uma medida normalizada de distância em relação ao custo mínimo teórico, conforme a fórmula

$$GC = 1 - \frac{C_{real} - C_{min}}{C_{max} - C_{min}}$$

O índice assume valores no intervalo  $GC \in (0,1]$ , em que  $GC = 1$  corresponde a orações maximamente compactas, com realização estrutural mínima, enquanto valores tendentes a zero indicam orações progressivamente mais expandidas, com maior número de encaixamentos e maior peso composicional. A formulação captura, em termos numéricos, o princípio sistêmico-funcional segundo o qual o rebaixamento de figuras a unidades de menor rank aumenta a densidade semiótica da gramática, ao passo que a necessidade de recorrer a estruturas de maior extensão implica custo estrutural adicional, reduzindo o grau de compactação da oração (Halliday, 1998).

O teste inicial de aplicabilidade do índice na análise das orações relacionais evidenciou que a compactação não se manifesta apenas na arquitetura estrutural da oração, isto é, na escolha entre grupos e orações, mas também na organização interna dos

próprios participantes. Observamos que orações formalmente enxutas podem concentrar elevada carga informacional em grupos nominais densamente preenchidos, de modo que a aparência de simplicidade estrutural encobre um custo composicional significativo. Essa percepção motivou a reformulação final do índice, no sentido de incorporar, além da compactação estrutural já modelada, uma dimensão sensível à densidade lexical dos participantes, permitindo que o cálculo do grau de compactação relacional reflita não apenas o quanto de estrutura gramatical é mobilizada, mas também quão carregados semanticamente são os constituintes que realizam a relação.

O índice então foi estendido para uma versão bivariada, que integra a compactação estrutural já definida a um fator de compactação lexical, calculado a partir da densidade de itens lexicais nos participantes. Cada participante tem seu custo estrutural ajustado por um fator de densidade lexical, de modo que grupos internamente mais densos incorrem em maior custo composicional efetivo, ainda que não apresentem expansão estrutural visível. O custo total da oração passa, assim, a refletir simultaneamente o peso estrutural mobilizado e a carga informacional interna dos participantes. A formulação resultante permite distinguir orações compactas por redução estrutural, orações compactas por densificação lexical e orações que combinam ambas as estratégias, alinhando a métrica ao entendimento sistêmico-funcional da metáfora gramatical como mecanismo de expansão do potencial semântico mediante custo estrutural mensurável:

$$C_{\text{real}} = \sum_i (C_{p_i}^{\text{estr}} \cdot [1 + \beta \cdot \max(0, \frac{LD_{p_i} - LD_{\text{ref}}}{LD_{\text{max}} - LD_{\text{ref}}})]) + C_{\text{proc}}$$

Na fórmula, o símbolo  $\sum_i$  indica que o custo total da oração é obtido somando-se, para cada participante  $p_i$  considerado no modelo – por exemplo,  $p_1$ =Portador/Identificado,  $p_2$ =Atributo/Identificador e, quando aplicável, um participante circunstancial tratado como termo adicional –, um custo parcial. Esse custo parcial começa por  $C_{p_i}^{\text{estr}}$ , isto é, o custo estrutural atribuído à forma de realização do participante (GN simples, GN expandido, grupo oracional etc.), e é multiplicado por um fator de ajuste lexical representado pelos colchetes [ ]. No interior desse fator, o termo  $1 + \beta \cdot (\cdot)$  garante que, na ausência de ajuste por densidade lexical, o multiplicador seja 1 – isto é, o custo do participante permanece apenas estrutural –, e que o ajuste cresça proporcionalmente ao peso definido por  $\beta$  – coeficiente que controla o quanto a densidade lexical incide sobre o valor do custo. A função  $\max(0, \cdot)$  define que o ajuste por densidade lexical só

se aplica quando o conteúdo interno do participante excede um patamar de referência, de modo que, se a quantidade  $\frac{LD_{p_i} - LD_{ref}}{LD_{max} - LD_{ref}}$  for negativa, ela é fixada em 0, evitando reduzir artificialmente o custo de participantes pouco densos. O quociente  $\frac{LD_{p_i} - LD_{ref}}{LD_{max} - LD_{ref}}$  é a distância normalizada da densidade lexical do participante  $LD_{p_i}$  em relação a um valor de referência  $LD_{ref}$ , escalada pelo intervalo até um teto plausível  $LD_{max}$ . Assim, quando  $LD_{p_i} = LD_{ref}$ , o termo normalizado é 0 (sem ajuste), e quando  $LD_{p_i} = LD_{max}$ , ele tende a 1 (ajuste máximo, de magnitude  $\beta$ ). Por fim,  $+ C_{proc}$  adiciona ao somatório o custo do processo relacional (cópula simples, processo complexo etc.), compondo o custo composicional efetivo  $C_{real}$  que será usado na normalização do índice de compactação.

Em síntese, o valor resultante do *ICR* varia entre 0 e 1, sendo 1 o extremo de máxima compactação (estrutura mínima e participantes simples) e 0 o extremo de mínima compactação (estruturas altamente expansivas e participantes oracionais). Essa normalização permite comparar orações de diferentes tipos e modos em uma mesma escala.

O caráter probabilístico do índice advém de duas propriedades centrais. Em primeiro lugar, as probabilidades de realização estrutural dos participantes e dos processos são calculadas empiricamente a partir do *corpus* anotado. Em segundo lugar, cada probabilidade reflete uma tendência de escolha sistêmica, consistindo em uma força de preferência dentro da rede de sistemas da transitividade relacional — que pode ser interpretada, como a probabilidade de ocorrência de uma opção dentro do potencial de significados da língua. Portanto, o *ICR* sintetiza a combinação entre escolha estrutural e densidade lexical, expressando numericamente a propensão de uma oração realizar-se de modo mais condensado ou mais expandido no espaço gramatical. Desse modo, o índice contribui ao permitir traçar perfis probabilísticos entre realização oracional e instanciação em textos, configurando-se como um parâmetro comparativo que pode ser aplicado ao estudo de registros e estilos, por exemplo, fornecendo um instrumento rigoroso de descrição sistêmica.

Por último, cabe destacar que o potencial de aplicação do índice ultrapassa a descrição linguística, visto que ele pode integrar modelos computacionais de linguagem, como sistemas de geração automática de texto (NLG) baseados em redes sistêmico-funcionais, auxiliando a prever a realização estrutural mais provável de um significado relacional em contextos distintos. Além disso, ele também pode ser explorado em análises

de complexidade textual e legibilidade, uma vez que correlaciona diretamente densidade informacional e economia estrutural — dois fatores decisivos na carga cognitiva da leitura. Por fim, o índice também pode ser estendido à modelagem de processos de aprendizagem linguística, oferecendo uma métrica de compressão semântica que dialoga com abordagens de processamento informacional e de entropia linguística.

### **CAPÍTULO 3: O PERFIL IDEACIONAL DAS ORAÇÕES RELACIONAIS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS BRASILEIROS**

*O objetivo desta cartografia é delinear as principais regiões da léxico-gramática do inglês; trata-se de um mapa do terreno da experiência, tal como construído pelos sistemas da gramática — Matthiessen (1995)*

A epígrafe sintetiza de modo exemplar a perspectiva que orienta este capítulo. Se, para Matthiessen (1995), a gramática constitui uma cartografia que modela o mundo pela organização sistêmica de significados, nesta tese esse princípio é retomado e situado no contexto do português brasileiro, por meio de uma modelagem teórica da topografia do sistema relacional. O propósito é demonstrar como este abarca trajetórias no interior de paradigmas de escolhas léxico-gramaticais. Assim, a modelagem aqui proposta busca tornar visível o modo como o português brasileiro mapeia a experiência através do Ser.

Orientados por este propósito, apresentamos, neste capítulo, uma interpretação sistêmico-funcional das configurações dos processos relacionais com base em dados coletados de textos oriundos do registro jornalístico brasileiro. Assim, buscamos explicitar como a gramática do português brasileiro escrito no registro jornalístico constrói as figuras do Ser, do Estar e do Ter, que relacionam fragmentos de nossa experiência dos fenômenos do mundo físico, do “mundo interior” e do mundo semiótico. Para isso, compilamos um *corpus* composto por reportagens, artigos de opinião e entrevistas publicadas, de onde foram extraídas 2874 orações.

A escolha do registro jornalístico como fonte de coleta dos dados apoia-se, sobretudo, na constatação de Santana (2021) de que esse registro mobiliza de forma significativa processos relacionais, em virtude da necessidade de construir explicações, caracterizar atores sociais, estabelecer identidades, atribuir valores, demarcar relações de posse, composição e papel, bem como explicitar as circunstâncias em que as entidades representadas se encontram. O domínio jornalístico é um dos muitos domínios sociosemióticos nos quais se evidencia o potencial da língua para funcionar como recurso de atribuição e identificação, conectando fatos a interpretações. Desse modo, os textos jornalísticos configuram instâncias privilegiadas para observar o potencial do sistema do português brasileiro para projetar figuras relacionais.

Do ponto de vista metodológico, o *corpus* jornalístico oferece instâncias altamente relevantes para a descrição de orações relacionais. Conjuntamente, também possibilita reunir um número expressivo de ocorrências, condição essencial para a observação das tendências probabilísticas. Assim, o registro em que foram coletados os dados equilibra densidade qualitativa e amplitude quantitativa, favorecendo a integração entre análise interpretativa e cálculo probabilístico.

A descrição das orações relacionais orienta-se pelas três perspectivas propostas por Halliday e Matthiessen (2014): *de baixo*, *ao redor* e *de cima*. Pela perspectiva *de baixo*, a análise interroga a realização léxico-gramatical, focalizando os elementos constituintes que configuram os papéis transitivos nas orações. Pela perspectiva *ao redor*, busca-se mapear as opções variantes que o sistema disponibiliza, identificando regularidades e alternativas de realização. Já pela perspectiva *de cima*, a atenção se volta para o modo como tais orações modelam a experiência, configurando identidades, atribuições e relações de posse, composição e circunstância. Esse enquadramento triplo busca fortalecer a interpretação de como essas escolhas contribuem para a modelagem da experiência nos textos jornalísticos. Assim, cada perspectiva se complementa, assegurando uma análise integrada.

Antes de adentrarmos a exposição da interpretação proposta para o sistema relacional do português brasileiro e de apresentarmos a modelagem desenvolvida, é necessário retomar a representação da rede de sistemas apresentada por Halliday e Matthiessen (2014, p. 264). Essa retomada cumpre um papel metodológico essencial, que é o de situar a modelagem aqui empreendida no interior de uma tradição descritiva que concebe o sistema como instrumento de teorização sobre o funcionamento da língua.

Nesse sentido, a representação original é tomada como modelo de arquitetura sistêmica, não como descrição acabada. Ela fornece a estrutura lógica das interdependências que definem o sistema, suas condições de entrada, seus sistemas simultâneos e o princípio de delicadeza progressiva, servindo de base para o processo de reinterpretação e reconfiguração que orienta esta pesquisa. O procedimento metodológico consistiu, assim, em retomar a rede de Halliday e Matthiessen (2014) como matriz de organização das escolhas gramaticais, submetendo-a, porém, a um processo de reconstrução empírica, com cada sistema, cada opção e cada relação de simultaneidade sendo reavaliados à luz dos dados do português brasileiro, de modo a verificar até que ponto as distinções propostas para o inglês se mantêm operativas e quais novas distinções

se impõem para descrever adequadamente seu funcionamento. Os autores propõem a seguinte modelagem para o subsistema relacional do inglês:

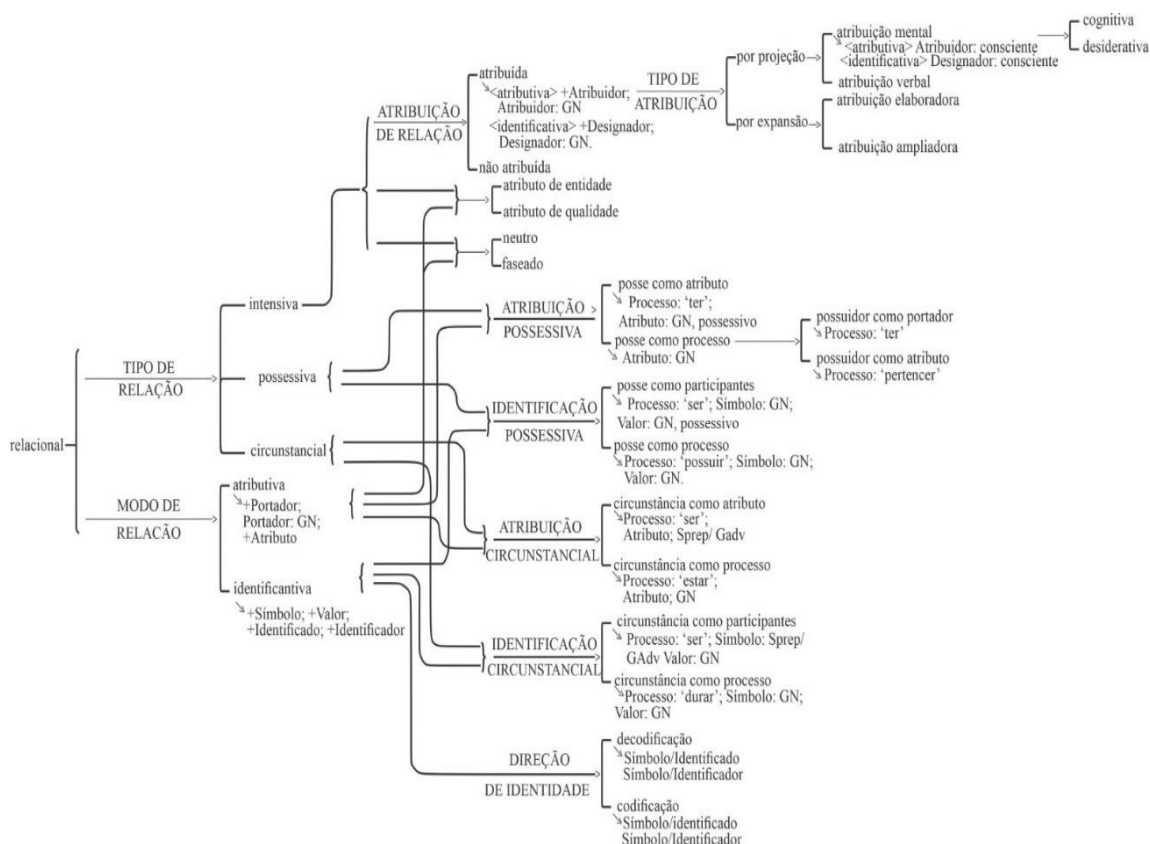


Figura 4 - Rede de sistemas relacionais  
Fonte: traduzido de Halliday e Matthiessen (2014, p. 264).

A rede apresentada por Halliday e Matthiessen (2014) constitui uma representação esquemática do sistema de transitividade relacional. O diagrama explicita a arquitetura sistêmica que subjaz às orações relacionais, na qual o TIPO DE RELAÇÃO e o MODO DE RELAÇÃO são os sistemas primários que abrem caminhos para distinções mais delicadas, como ATRIBUIÇÃO DE RELAÇÃO, TIPO DE ATRIBUIÇÃO e FASEAMENTO DE ATRIBUIÇÃO.

Nesta tese, optamos por excluir do escopo analítico o sistema de ATRIBUIÇÃO DE RELAÇÃO e os subsistemas que, por delicadeza, dele se desdobram. Essa decisão decorre do fato de que o foco deste estudo recai sobre as relações temporais, isto é, sobre aquelas em que o verbo relacional ancora o significado no tempo e participa do fluxo experiencial da oração. As relações atribuídas, ao contrário, são de natureza atemporal, pois o estado que expressam não se constitui no interior da figura relacional, mas é resultado de outro processo, geralmente de ordem material, cognitiva ou verbal. Nelas, o Ser não é processo, mas produto semiótico de um ato de atribuição, o que desloca a representação para fora da temporalidade relacional.

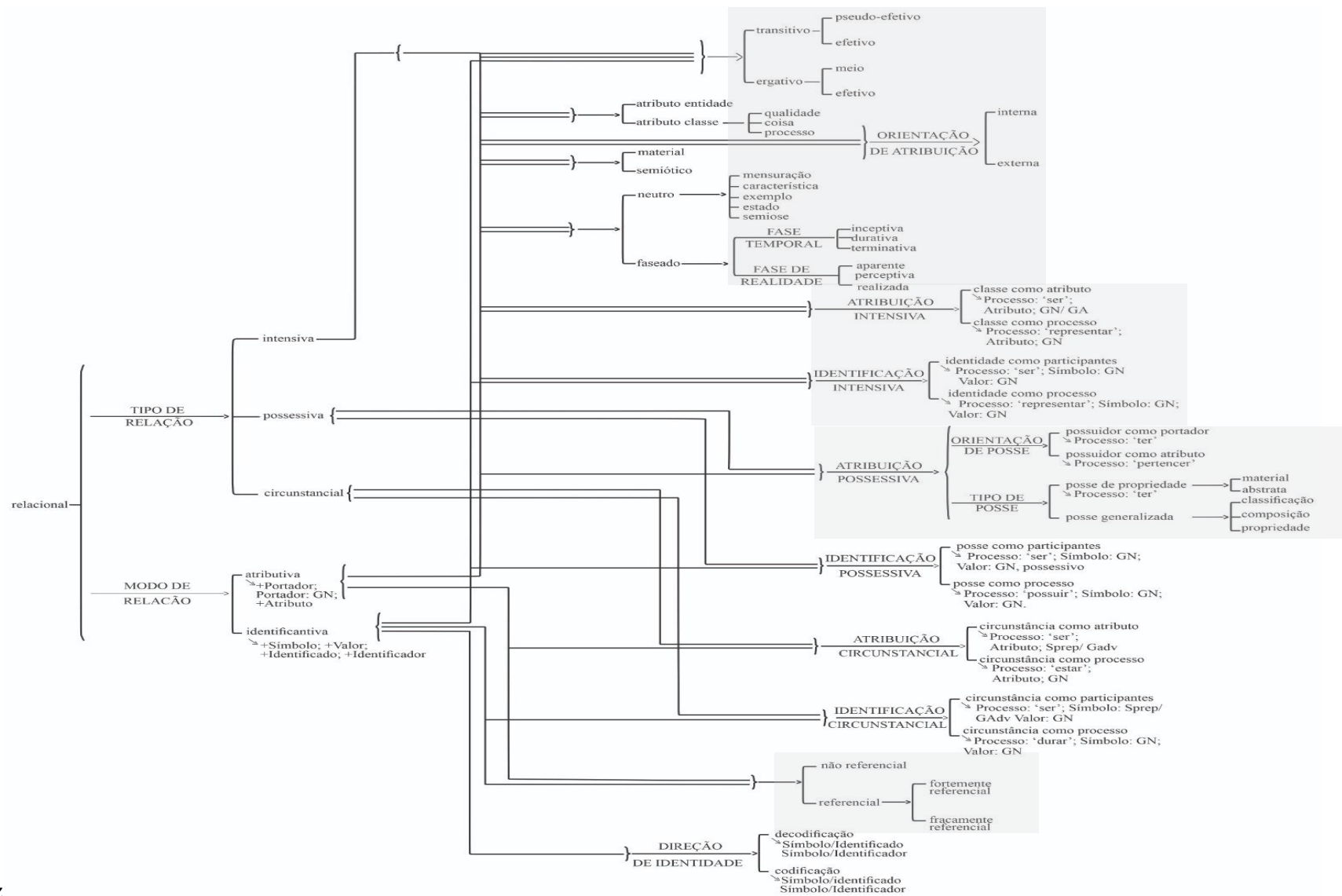
Essa distinção metodológica encontra respaldo na proposta de Davidse (1999), que diferencia as relações temporais das atemporais com base em sua codificação congruente. Segundo a autora, as *ações* e *eventos* são representados apenas como processos, enquanto as *relações* podem ser representadas tanto em nível oracional (temporal) quanto em nível de grupo ou sintagma (atemporal). Nos exemplos por ela analisados — “*Pedro levou a bandeja cheia, Ele pintou o galpão de branco, Eles construíram a torre alta*” (Davidse, 1999, p. 181)<sup>26</sup> —, observa-se que o atributo (*full, white, high*) não constitui um participante relacional, mas um elemento que se integra ao escopo do processo material, caracterizando uma fase do desenvolvimento do evento. Esses casos intermediários evidenciam que a língua pode representar o Ser como estado transitório ou resultante. Em contraste, as orações atributivas, como *Maria estava feliz naquele então*, configuram estados plenamente estabilizados, cuja validade se estende além do tempo de referência.

À luz dessa distinção, a exclusão do sistema de ATRIBUIÇÃO DE RELAÇÃO visa garantir que a modelagem aqui proposta permaneça restrita ao domínio relacional das figuras temporais, nas quais o Ser, o Estar e o Ter se realizam como processos primários da experiência, e não como interpretação derivada de outro ato semiótico. Essa delimitação repercute diretamente na arquitetura da rede remodelada, que passa a concentrar-se nos sistemas que efetivamente descrevem o funcionamento do processo relacional no interior da oração. A retirada do eixo de atribuição e de seus desdobramentos não empobrece a rede, mas restringe seu alcance descritivo.

À luz das considerações acima, propomos uma remodelagem da rede sistêmica do domínio relacional (figura 5) voltada especificamente para a descrição das orações relacionais do português brasileiro. A modelagem desenvolvida preserva a arquitetura geral da representação de Halliday e Matthiessen (2014), em especial no que diz respeito à concepção do sistema como um espaço de escolhas interdependentes, mas procede a uma reconfiguração seletiva de seus eixos, orientada por critérios empíricos derivados da análise do *corpus*.

---

<sup>26</sup> No original: “*Peter carried the tray full, He painted the shed white, They built the tower high*” (Davidse, 1999, p. 181)



Z

Figura 5 – Rede de sistemas relacionais no PB  
 Fonte: elaboração própria com base em Halliday e Matthiessen (2014) e Arús e Lavid (2001).

A rede proposta mantém como condição de entrada a categoria [relacional], a partir da qual se ativam dois sistemas primários que operam em simultaneidade, quais sejam: o TIPO DE RELAÇÃO (intensiva, circunstancial, possessiva) e o MODO DE RELAÇÃO (atributivo, identificativo). Esses sistemas não se encadeiam hierarquicamente, mas funcionam por cosseleção, de modo que cada instanciação relacional resulta da combinação de um tipo e de um modo, configurando famílias estruturais distintas de orações relacionais.

A partir dessa base, a rede remodelada introduz sistemas que visam capturar com maior precisão o modo como o processo relacional participa do fluxo experiencial e da organização semântico-temporal da oração. Nesse sentido, incorporam-se explicitamente os sistemas de AGÊNCIA e ERGATIVIDADE, conforme propostos por Arús e Lavid (2001), permitindo distinguir entre realizações médias, efetivas e pseudo-efetivas. A inclusão desses sistemas responde à necessidade de superar a caracterização tradicional das orações relacionais como inerentemente não energéticas, mostrando que, mesmo em domínios estativos, há variação quanto à causalidade e à instigação na configuração da experiência.

No eixo atributivo, a rede passa a discriminar a ORIENTAÇÃO DE ATRIBUIÇÃO, distinguindo entre atribuições internas e externas, bem como o tipo de classe atribuída, seja ela interpretada como qualidade, coisa ou processo. Além disso, reformulamos o sistema de FASEAMENTO, que se bifurca em FASE TEMPORAL (inceptiva, durativa, terminativa) e FASE DE REALIDADE (aparente, perceptiva, realizada), com o objetivo de descrever variações aspectuais e epistêmicas frequentemente mobilizadas em textos. Esses sistemas permitem captar o fato de que estados relacionais podem ser apresentados como estáveis, emergentes, transitórios ou perspectivados.

No eixo identificativo, a modelagem incorpora o sistema de DIREÇÃO DE IDENTIDADE, retomando a distinção entre codificação e decodificação. Esse sistema é fundamental para explicar como as orações identificativas organizam a equivalência simbólica entre participantes, ora partindo de um símbolo para um valor, ora realizando o percurso inverso. A direção de identidade articula-se diretamente à organização informacional do texto e à função discursiva da oração, especialmente em contextos definicionais, explicativos e argumentativos.

A rede também detalha os desdobramentos específicos de cada tipo relacional. Nas orações possessivas, distinguem-se orientações de posse e tipos de posse, bem como as diferentes formas de realização do processo possessivo. Nas orações circunstanciais,

diferenciam-se configurações em que a circunstância funciona como atributo, como processo ou como participante, tanto em modos atributivos quanto identificativos. Esses refinamentos respondem a padrões recorrentes do português brasileiro, nos quais a circunstanciação desempenha papel central na construção de estados, localizações e enquadramentos situacionais.

Cumprе ressaltar que a remodelagem aqui proposta não tem por objetivo esgotar todas as possibilidades de descrição do domínio relacional, mas estabelecer um recorte teórico-operacional consistente com os objetivos desta pesquisa. A elevada densidade da rede decorre de uma opção metodológica deliberada, orientada a privilegiar a delicadeza descritiva e a explicitação das escolhas sistêmicas, ainda que isso implique maior complexidade visual. Essa complexidade, contudo, não é rígida nem definitiva, pois a rede admite desdobramentos em sub-redes organizadas por tipo ou por modo de relação, passíveis de mobilização tanto em análises qualitativas quanto em procedimentos computacionais. Nesses termos, a modelagem apresentada configura-se não apenas como um instrumento de descrição gramatical, mas também como uma base formal compatível com abordagens probabilísticas e com futuras aplicações em geração automática de texto.

Nas próximas seções, serão examinadas as funções transitivas que configuram as orações relacionais, com atenção especial aos tipos de significados codificados nessas funções (perspectiva de cima) e às suas realizações léxico-gramaticais (perspectiva de baixo). As três seções subsequentes apresentam a interpretação das orações intensivas, circunstanciais e possessivas, respectivamente, buscando evidenciar suas características definidoras e suas distribuições no *corpus* analisado.

Para tal, a exposição organiza-se a partir de recortes dos subdomínios semânticos que compõem a rede remodelada. Cada sistema é abordado como uma região funcional da rede, cujo exame exige atravessar transversalmente os sistemas interdependentes que o constituem. Assim, ao tratar das orações intensivas, o percurso analítico realiza o atravessamento dos sistemas relativos — como TIPO DE RELAÇÃO, MODO DE RELAÇÃO, TIPO DE ATRIBUTO E FASEAMENTO, por exemplo —, revelando o modo como se articulam na configuração da experiência. O mesmo princípio de recorte será adotado nas seções dedicadas às orações circunstanciais e possessivas, de modo que a descrição se mantenha coerente com a natureza sistêmica do modelo. As três perspectivas que estruturam a análise — *de cima, de baixo e ao redor* — encontram-se resumidas na Figura 3 e orientam a leitura das seções seguintes como um percurso interpretativo que parte do sistema e

retorna a ele, projetando as relações de significado, forma e variação que caracterizam o sistema relacional do português brasileiro escrito.

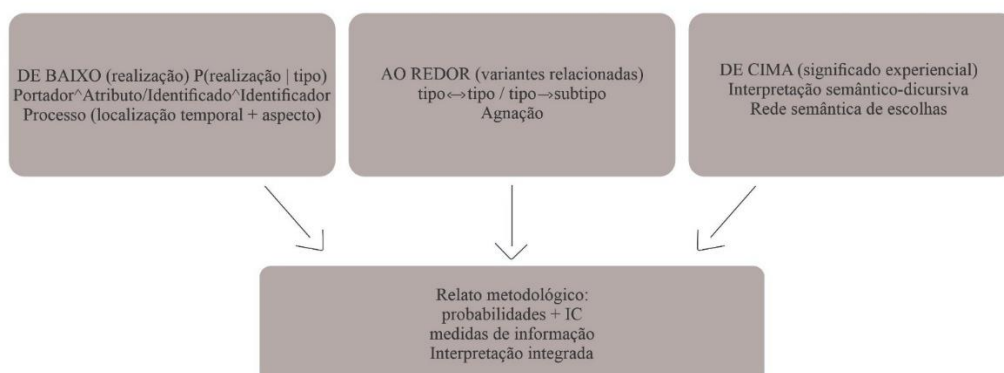


Figura 6 - Modelo estratificado de análise das orações relacionais nesta investigação

Fonte: elaboração própria.

### 3.1 Panorama probabilístico dos sistemas na condição de entrada: aspectos quantitativos gerais

Esta seção apresenta a dimensão quantitativa geral do *corpus*, focalizando os dois sistemas simultâneos de maior hierarquia na rede das orações relacionais — o TIPO DE RELAÇÃO e o MODO DE RELAÇÃO. Essa exposição inicial é indispensável para a compreensão das tendências probabilísticas que estruturam o sistema e fundamentam as interpretações qualitativas desenvolvidas nas seções subsequentes. Mesmo quando a análise posterior assume uma perspectiva mais qualitativa, ela permanece ancorada nessa

vista probabilística, que permite observar como as escolhas de tipo e modo ao se desdobrarem em delicadeza configuram os padrões de organização relacional no *corpus*.

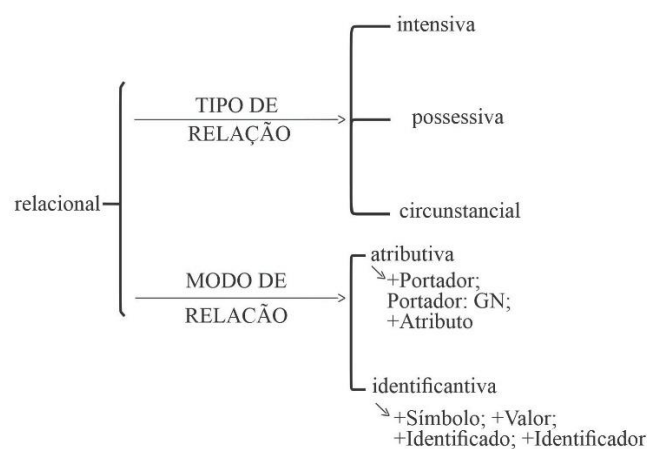


Figura 7 - Sistemas gerais simultâneos na condição de entrada.  
Fonte: Traduzido de Halliday e Matthiessen (2014).

### 3.1.1 Incidência intensiva atributiva

A análise da contribuição das orações relacionais no processo contextualizado de construção de significados em reportagens, artigos de opinião e entrevistas jornalísticas publicadas revelou as orações intensivas como o tipo de oração relacional mais frequente. A análise da frequência indica um nível de assimetria significativo quanto à probabilidade das escolhas associadas a cada subtipo. A tabela a seguir apresenta os valores de frequência de ocorrência dos tipos de orações relacionais:

Tabela 1 - Frequência dos tipos de orações relacionais

| <b>Tipos de orações relacionais</b> | <b>Número de ocorrências</b> | <b>Percentual de ocorrências</b> |
|-------------------------------------|------------------------------|----------------------------------|
| Intensivas                          | 2041                         | 71,03%                           |
| Circunstanciais                     | 531                          | 18,48%                           |
| Possessivas                         | 302                          | 10,49%                           |
| Total                               | 2874                         | 100%                             |

Fonte: elaboração própria.

Com base nos dados de frequência, calculamos as probabilidades de escolha associadas a cada tipo de oração relacional, obtendo o perfil probabilístico de [0.71: 0.18: 0.11], que se refere à probabilidade anexada às intensivas, circunstanciais e possessivas respectivamente. Por conseguinte, a categoria Intensiva predomina quantitativamente,

com uma proporção muito maior em comparação com as outras duas categorias. As orações Circunstanciais e Possessivas são menos frequentes, com as Possessivas sendo as menos comuns.

Consequentemente, podemos inferir que as orações intensivas são a forma não marcada de construção relacional no *corpus* analisado, podendo indicar uma preferência por relações que enfatizam a relação de pertencimento a classes e de individuação de entidades. A baixa frequência das orações possessivas pode sugerir que a construção de relações de posse é menos central ou menos comum no discurso analisado. O gráfico 1 apresenta o percentual de orações relacionais em textos do domínio jornalístico e o gráfico 2 sintetiza como se distribuem os tipos de orações relacionais em cada subconjunto amostral:

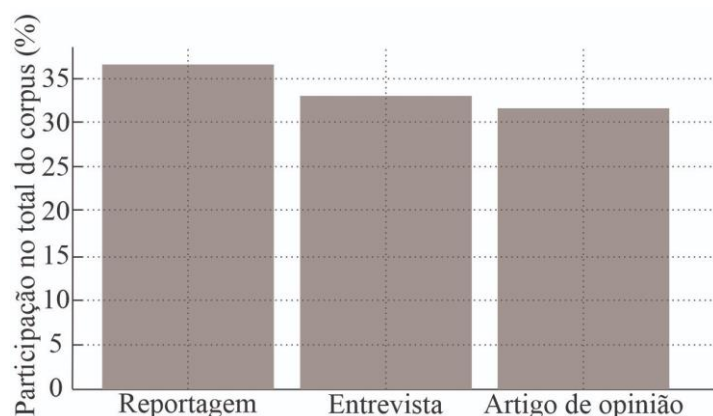


Gráfico 1 – Participação de cada subconjunto amostral no total do *corpus*  
Fonte: elaboração própria.

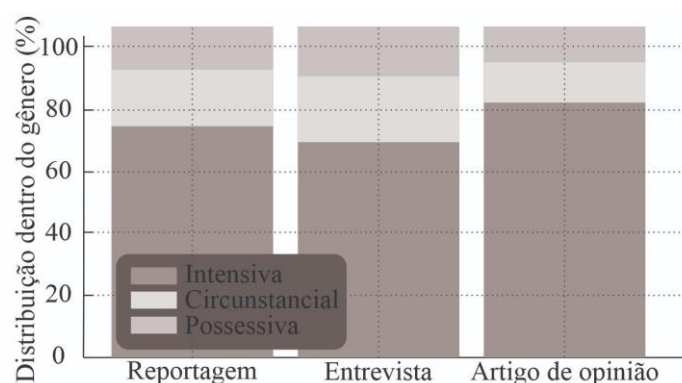


Gráfico 2 – Distribuição de orações relacionais por subconjunto amostral  
Fonte: elaboração própria.

O Gráfico 1 mostra a distribuição dos subconjuntos amostrais no total do *corpus*, indicando que as reportagens representam 36%, as entrevistas 33%, e os artigos de opinião 31% das ocorrências de orações relacionais analisadas. Essa distribuição revela

uma amostra relativamente equilibrada em termos de subconjunto amostral, o que favorece a comparação probabilística entre eles. O fato de as reportagens ocuparem o maior espaço quantitativo é coerente com seu papel no domínio jornalístico, pois elas tendem a integrar descrição, avaliação e contextualização temporal. A entrevista, por sua vez apresenta uma organização discursiva mais dialogal, o que se reflete nas escolhas relacionais de natureza situacional (circunstancial) e identificativa. O artigo de opinião destaca-se pela densidade semântica de suas orações intensivas, o que reforça seu caráter avaliativo e interpretativo, cumprindo, assim, função textual de construir julgamentos e posições ideológicas.

Por sua vez, o gráfico 2 evidencia a configuração interna dos três subconjuntos textuais jornalísticos considerados quanto à proporção relativa dos tipos de orações relacionais. Observa-se que, em todos os subconjuntos textuais, há uma predominância expressiva das orações intensivas, o que confirma a tendência geral verificada no *corpus*. Essa predominância é mais acentuada nos artigos de opinião (81%), seguidos pelas reportagens (76%) e entrevistas (73%). A presença majoritária das intensivas indica que, nos textos das três subamostras, a construção relacional se ancora preferencialmente em relações de categorização e atribuição, nas quais entidades e eventos são definidos ou caracterizados. Os resultados do cruzamento dos tipos de relação com o subconjunto textual estão apresentados no quadro:

Tabela 2- Distribuição dos tipos de orações relacionais por subconjunto textual

| Subconjunto Textual | Intensiva | Circunstancial | Possessiva | Total do Subconjunto |
|---------------------|-----------|----------------|------------|----------------------|
| Reportagem          | 786       | 155            | 93         | 1.035                |
| Entrevista          | 692       | 152            | 104        | 948                  |
| Artigo de opinião   | 722       | 71             | 98         | 891                  |

Fonte: elaboração própria.

A entropia (H) do sistema indica que se trata de um sistema assimétrico, uma vez que os estados que o compõem não são igualmente prováveis. Em um sistema ternário plenamente equiprovável, a entropia máxima seria  $H = 1,585$  bits; no entanto, o valor observado para os dados analisados é de  $H = 1,02$  bits, significativamente inferior a esse limite teórico.

Esse desvio em relação à entropia máxima evidencia uma concentração probabilística acentuada em torno de um dos estados do sistema, o que reduz

substancialmente o nível de incerteza associado à determinação do tipo de oração relacional efetivamente realizado. Em termos informacionais, isso se traduz em uma redundância aproximada de 36% ( $R \approx 0,36$ ), indicando que uma parcela expressiva do potencial informacional do sistema não é explorada de forma equiprovável.

Tal configuração aponta para um sistema relacional altamente previsível e funcionalmente estabilizado, no qual a seleção dos estados é orientada por regularidades discursivas próprias do jornalismo escrito em português brasileiro, e não por um comportamento aleatório ou indiferenciado.

Com base no exposto, podemos caracterizar a instanciamento de orações relacionais em textos do jornalismo brasileiro por uma incidência intensiva. Essa tendência pode ser observada no texto 3.1:

### Texto 3.1 – Reportagem (Folha de São Paulo, 2023)

#### *84% dos crimes raciais em SP são registrados como injúria, mostra pesquisa*

Levantamento da FGV com dados da Polícia Civil aponta que **ORII**<sup>27</sup><residências são os principais locais das ofensas>**ORII**, o que dificulta provas.  
17.jan.2023 às 20h32

A maioria das denúncias de crimes raciais no estado de São Paulo é registrada como injúria racial, e não racismo. De 2010 a 2018, foram 1.001 casos do primeiro e 192 registrados como o segundo, cuja pena era mais severa, sem a possibilidade de fiança.

**ORII**<Os locais onde mais ocorrem os crimes são as residências>**ORII**, dificultando a coleta de provas. Mulheres brancas lideram entre os autores e **ORII**<mulheres negras são as vítimas mais comuns>**ORII**.

**ORPI**<Os dados são de um estudo do Núcleo de Justiça Racial e Direito da FGV (Fundação Getúlio Vargas)>**ORPI** que reúne informações disponibilizadas pelo DHPP (Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa) e pela Decradi (Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância), da Polícia Civil.

De acordo com os boletins de ocorrência, casos de injúria racial sempre superaram os de racismo. Mesmo em 2016, ano da série com mais registros, **ORIA**<o primeiro crime ainda teve quatro vezes o número de registros do segundo>**ORIA**.

A legislação define como injúria racial quando a agressão é direcionada a um único indivíduo, enquanto o racismo ocorre quando a ofensa é dirigida a uma coletividade. **ORIA**<A punição para a injúria era mais branda que a do racismo>**ORIA**, com pena de um a três anos e multa. "Ou seja, **ORPA**<apesar de o crime de racismo abarcar diversas situações>**ORPA**, na prática, **ORIA**<ambos os crimes ganham materialidade a partir da ofensa proferida pelo autor>**ORIA** e diferenciam-se apenas pela forma como as ofensas são proferidas", diz o texto da pesquisa.

<sup>27</sup> As abreviações significam: **ORIA** – oração relacional intensiva atributiva; **ORII** – oração relacional intensiva identificativa; **ORPA** – oração relacional possessiva atributiva; **ORPI** – oração relacional possessiva identificativa.

Na última quarta (11), um decreto do presidente Lula sancionou uma lei, aprovada pelo Congresso no ano passado, que equipara os dois crimes, aumentando a pena de injúria para de dois a cinco anos de prisão. **ORIA**<O crime também passa a ser inafiançável e imprescritível, como já ocorria com o racismo>**ORIA**.

Apesar do volume de registros, nem todos os casos resultam em investigação. Para os pesquisadores, **ORIA**<o baixo número de inquéritos pode refletir a dificuldade da polícia e do Judiciário de considerar o racismo como motivador de uma demanda jurídica>**ORIA**.

Segundo Luã Ferreira, pesquisador do núcleo da FGV Direito SP, **ORCA**<a forma de enfrentamento desses crimes, com a predominância dos de injúria, pode ter relação com a história do racismo no Brasil>**ORCA**.

"**ORII**<O maior obstáculo é justamente o que os dados apontam>**ORII**, **ORPA**<temos um racismo que foi historicamente legitimado a nível de política governamental>**ORPA**, que **ORIA**<é essa crença da harmonia entre as raças, o mito da democracia racial>**ORIA**", afirma. Entre os autores dos crimes, mulheres brancas lideram (316), seguidas por homens brancos (277), homens negros (112) e mulheres negras (93).

As mulheres negras lideram entre as vítimas (339), seguidas por homens negros (301), homens brancos (163) e mulheres brancas (88).

Ferreira explica que as delegacias também registram injúria racial contra pessoas brancas por motivos como a intolerância a religiões de matrizes africanas e ódio direcionado a um grupo, como judeus.

O estudo aponta ainda que crimes ocorrem com mais frequência em residências, com 358 ocorrências para injúria racial e 53 para racismo.

**ORIA(?)**<Os outros locais mais frequentes em injúria racial seguem com via pública (129), comércio e serviços (104), condomínio residencial (74), que é separado pela polícia das residências, e estabelecimentos de ensino (69)>**ORIA(?)**.

Em relação ao racismo, **ORIA**<além de residências, os outros locais com mais registros são comércio e serviços (30), estabelecimentos de ensino (23), condomínios residenciais (14) e vias públicas (14)>**ORIA**.

Para o pesquisador, a recente mudança na legislação, tornando a punição para a injúria mais rigorosa, **ORIA**<é um avanço>**ORIA**. "**ORIA**<Não é mais um crime que prescreve>**ORIA**, **ORIA**<a pena é maior>**ORIA** e **ORIA**<é inafiançável também>**ORIA**. **ORIA**<É uma conquista importante>**ORIA** e **ORIA**<é uma mudança em termos formais>**ORIA**", diz Ferreira.

Mas ele aponta, por outro lado, o entendimento, no Judiciário, de que **ORIA**<as provas testemunhais são frágeis>**ORIA** e **ORIA**<que é preciso lidar com o tema em outras instâncias>**ORIA**.

"**ORIA**<É uma instituição específica para tentar combater um problema>**ORIA** que, na verdade, **ORIA**<é estrutural>**ORIA**", afirma.

A marcação dos tipos de orações relacionais componentes dessa reportagem nos permite visualizar a incidência intensiva apontada. O conjunto dos trechos de discurso

indireto – quando o jornalista relata em suas palavras os fatos e dados concernentes ao tema da reportagem – e direto – quando o jornalista insere a transcrição da fala de algum entrevistado ou de falas de personalidade públicas sobre o tema – contabilizam 26 orações relacionais, dentre essas um total de 22 orações intensivas.

Podemos observar já no *Lide* a presença da oração intensiva identificativa *residências são os principais locais das ofensas*, que representa a evidência científica mais importante obtida pela pesquisa da FGV sobre crimes de injúria racial e racismo. Ao compor o *Lide*, estrutura da reportagem responsável por destacar os fatos, dados ou assuntos integrantes do plano principal do texto, essa oração orienta a atenção do leitor para o dado mais relevante do estudo. É importante observar que a configuração semântica dos participantes é do tipo Identificado/Símbolo ^ Identificador/Valor, sendo *residências* o Símbolo e *os principais locais das ofensas* o Valor. A proeminência discursiva atribuída ao Símbolo, que corresponde à informação mais específica, decorre da organização informacional da oração.

Do ponto de vista da organização textual, a articulação hipotática entre a oração projetante e a oração projetada não apenas estabelece uma relação de dependência semântica, mas também orienta a progressão informacional da sequência. A oração projetante cria o enquadramento discursivo a partir do qual a oração projetada introduz a informação nuclear, favorecendo a focalização discursiva do Símbolo nas orações intensivas identificativas, ainda que o Valor permaneça responsável pela categorização semântica do referente.

No segundo parágrafo, o conteúdo dessa oração é retomado, mas com uma reorganização interna da configuração relacional. Nessa retomada, a posição dos participantes é revertida pelo autor do texto, de modo que o Valor passa a ocupar a posição de Identificado/Sujeito, enquanto o Símbolo passa a exercer a posição de Identificador/Complemento, como se observa na oração *Os locais onde mais ocorrem os crimes são as residências*.

Nesse exemplo, o participante *os locais onde mais ocorrem os crimes* realiza o Valor, isto é, a categoria que estrutura a identificação, ao passo que o participante *as residências* realiza o Símbolo, fornecendo a entidade específica que instancia essa categoria. Embora o conteúdo dessa identificação já seja recuperável para o leitor a partir do parágrafo anterior, sua retomada desempenha papel central na organização do segundo parágrafo, uma vez que o jornalista a utiliza como âncora discursiva para a construção da

sequência paratática na qual é introduzida a segunda oração intensiva do texto, igualmente construída no modo identificativo. A oração

(1) mulheres negras são as vítimas mais comuns.

identifica, no espaço doméstico, as principais vítimas dos crimes de racismo e injúria racial. Assim como o dado presente no *Lide*, essa oração é construída pela configuração Identificado/Símbolo (mulheres negras) ^ Identificador/Valor (*as vítimas mais comuns*). Novamente, o ponto de entrada discursivo do significado oracional recai sobre a informação mais específica, isto é, sobre o Símbolo.

O parágrafo seguinte traz uma oração possessiva identificativa. Essas orações podem ser construídas na voz passiva por meio da estrutura “ser + de”. Essa oração identifica o possuidor dos dados que motivaram a escrita da reportagem. A partir desse parágrafo, podemos verificar a predominância de orações intensivas atributivas dentre as escolhas de orações relacionais para construção semântica do texto. A reportagem então realiza uma série de classificações e qualificações de entidades materiais e semióticas (pessoas, dados e fatos), demarcando os posicionamentos dos sujeitos (repórter/veículo e entrevistado) na progressão do texto.

Como adverte Halliday (2005, p. 45), “frequência em texto é a instanciação de probabilidade no sistema. Um sistema linguístico é inerentemente probabilístico por natureza”<sup>28</sup>. Por isso, nosso primeiro passo é observar como a frequência do tipo de relação se distribui em função do modo de relação nas descritas. A tabela apresenta a frequência dos modos de relação:

| Tabela 3 - Frequência dos modos de relação |                       |
|--------------------------------------------|-----------------------|
| Modo de relação                            | Número de ocorrências |
| Atributivo                                 | 2330 (81,04%)         |
| Identificativo                             | 544 (18,96%)          |
| <b>Total</b>                               | <b>2874 (100%)</b>    |

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 3 evidencia a predominância do modo atributivo, com 2330 ocorrências (81,04%), em contraste com o modo identificativo, com 544 (18,96%). Contudo, essa tabela ainda não informa como os modos de relação se distribuem quando condicionados

<sup>28</sup> No original: “Frequency in text is the instantiation of probability in the system. A linguistic system is inherently probabilistic in nature”.

pelos tipos de relação. O passo seguinte, portanto, é entrecruzar as frequências dos dois sistemas, o que permite observar a distribuição condicionada apresentada na Tabela 4.

Tabela 4 - Frequência cruzada dos tipos de relação com os modos de relação

| <b>Tipo de Relação/Modo de Relação</b> | <b>Atributiva</b> | <b>Identificativa</b> | <b>Número de Orações</b> |
|----------------------------------------|-------------------|-----------------------|--------------------------|
| <b>Intensiva</b>                       | 1679 (72,06%)     | 362 (66,54%)          | 2041 (71,03%)            |
| <b>Circunstancial</b>                  | 391 (16,78%)      | 140 (25,74%)          | 531 (18,48%)             |
| <b>Possessiva</b>                      | 260 (11,16%)      | 42 (7,72%)            | 302 (10,49%)             |
| <b>Total</b>                           | 2330 (100%)       | 544 (100%)            | 2874 (100%)              |

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 4 apresenta o cruzamento entre os sistemas simultâneos de TIPO DE RELAÇÃO e MODO DE RELAÇÃO, evidenciando como as diferentes categorias se distribuem probabilisticamente no interior do sistema relacional. Os dados revelam que o modo atributivo constitui a escolha majoritária em todo o *corpus* (81,04%), enquanto o modo identificativo representa cerca de um quinto das ocorrências (18,96%). Essa assimetria não é meramente numérica, tendo em vista que ela traduz uma tendência sistêmica de realização preferencial das orações relacionais em configurações de atribuição, isto é, em estruturas que constroem o mundo em termos de pertencimento a classes e caracterização, e não de identificação simbólica entre entidades.

Quando observamos a distribuição condicional de cada tipo de relação, constatamos, na tabela 4, que a probabilidade de uma oração ser atributiva, dado o tipo intensivo, é de 0,82; no tipo circunstancial, de 0,74; e no tipo possessivo, de 0,86. Esses valores indicam que, independentemente do tipo de relação, o sistema tende a projetar a escolha pelo modo atributivo, sendo uma propriedade de redundância funcional, que estabiliza o comportamento do sistema. Em outras palavras, o escritor/falante que opta por uma oração relacional tende fortemente a realizar essa relação sob a forma de atribuição, não de identificação.

Do ponto de vista semântico, o predomínio dessa combinação reflete uma gramática taxonômica, na qual os fenômenos são categorizados em classes, e as entidades são qualificadas segundo propriedades atribuídas, frequentemente com viés avaliativo. Já o fato de as orações circunstanciais identificativas apresentarem a maior proporção relativa dentro do modo identificativo ( $\approx 26\%$ ) sugere que, quando o sistema recorre à

identificação, há uma tendência a fazê-lo por meio de relações de lugar, tempo ou meio, em outras palavras, por circunstâncias que funcionam como identificadores.

Em síntese, o cruzamento probabilístico entre os dois sistemas na condição de entrada mostra que a rede relacional não é um campo equiprovável de possibilidades, mas uma topologia assimétrica de preferências, sendo que a escolha mais provável é a oração intensiva atributiva. Essa assimetria define o perfil probabilístico de base do sistema e antecipa a direção de delicadeza que as análises seguintes aprofundarão, quando forem considerados os subtipos e as realizações léxico-gramaticais dos participantes.

Quanto à entropia, no caso do cruzamento entre TIPO DE RELAÇÃO e MODO DE RELAÇÃO, o cálculo resultou em aproximadamente 1,836 bits. Esse valor indica um sistema moderadamente previsível, dominado por uma combinação altamente provável, mas ainda aberto a variações. O gráfico 4 apresenta a distribuição com a entropia total:

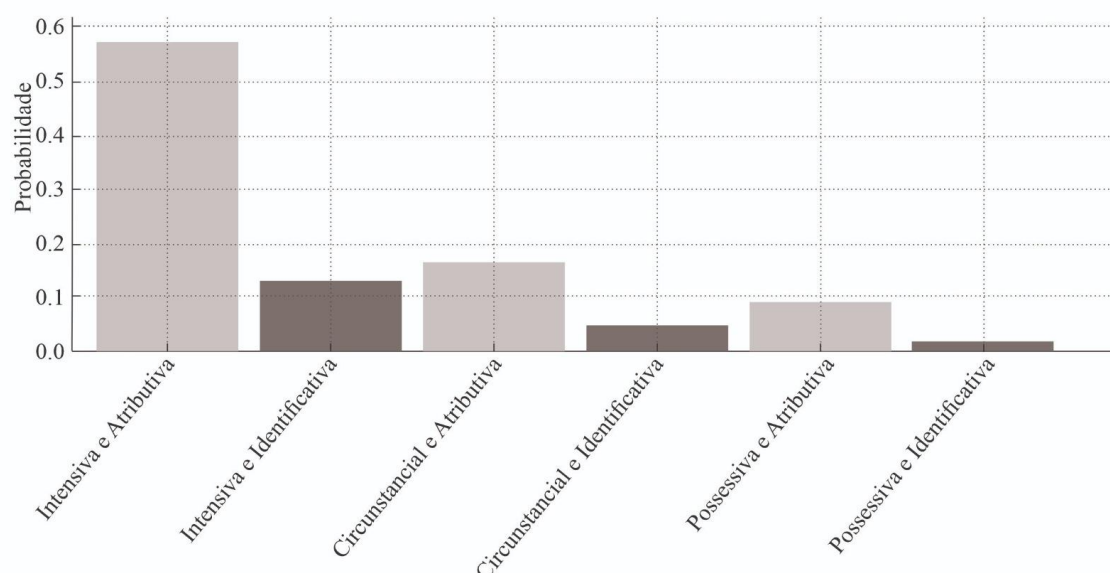


Gráfico 3 – Distribuição probabilística condicional dos tipos e modos de relação e entropia total  
Fonte: elaboração própria.

### 3.1.2 O comportamento probabilístico da compactação relacional no português brasileiro

A análise global das 2.874 orações relacionais do corpus indica que o sistema relacional, tal como instanciado nos textos jornalísticos analisados, organiza-se em torno de um padrão probabilístico de condensação estrutural, cuja média de compactação (ICR

= 0,54) funciona como um valor caracterizador do comportamento global do sistema, e não como um valor fixo. Esse índice médio expressa um centro de tendência, em torno do qual se distribuem realizações mais ou menos compactas, conforme o tipo de relação, o modo de configuração e a forma de realização dos participantes. Nesse sentido, o valor de 0,54 sintetiza a propensão sistêmica da língua a realizar significados relacionais por meio de estruturas economicamente configuradas, nas quais parte da complexidade experiencial é deslocada para o interior dos grupos nominais e preposicionados. Assim, a economia sintática não implica empobrecimento semântico, mas coexiste com níveis variados de densidade lexical interna, revelando um sistema sensível ao equilíbrio entre eficiência estrutural e carga informacional. Os exemplos apresentados a seguir ilustram essa variação interna, evidenciando como diferentes tipos de oração relacional — intensivas, circunstanciais e possessivas — se distribuem em torno desse centro probabilístico de compactação.

(2) Casos, hospitalizações e mortes: apesar de alívio nos números, **acompanhamento é primordial**. (G1, 2023)

(3) Quando Elize Matsunaga foi presa, **a filha dela era bebê de colo**. Foi criada pelos avós paternos. A menina chama a avó de mãe e o avô de pai. **Elize está em regime aberto**. (R7, 2023)

(4) Das três filhas do primeiro casamento, duas já tinham ficado grávidas e **a outra tinha 40 anos, não era tão jovem para o caso. Ana tinha o perfil ideal**. (R7, 2023)

No exemplo, a oração intensiva atributiva *acompanhamento é primordial* situa-se em um polo de alta compactação, uma vez que tanto o Portador quanto o Atributo são realizados por itens lexicais simples, sem expansão estrutural, resultando em um índice significativamente superior à média do sistema ( $ICR \approx 0,78$ ). No segundo exemplo, observa-se um contraste interno, no qual a intensiva *a filha dela era bebê de colo* mantém compactação elevada ( $ICR \approx 0,62$ ), embora inferior ao exemplo anterior, devido à expansão nominal interna do Atributo, enquanto a oração circunstancial *Elize está em regime aberto* aproxima-se do valor médio global ( $ICR \approx 0,54$ ), já que a economia estrutural da cópula é parcialmente compensada pela realização do Atributo por um grupo preposicionado.

O terceiro exemplo reforça a tendência das possessivas à compactação relativamente alta. A oração *a outra tinha 40 anos* apresenta índice elevado ( $ICR \approx 0,70$ ), em razão da realização do Possuidor e do Possuído por grupos nominais simples. Em contraste, *não era tão jovem para o caso* situa-se em uma faixa intermediária ( $ICR \approx 0,56$ ), pois a avaliação graduada e o grupo preposicionado no Atributo introduzem maior densidade lexical. Já *Ana tinha o perfil ideal* apresenta compactação intermediária-alta ( $ICR \approx 0,63$ ), combinando Portador nominal simples e Possuído pouco expandido.

No conjunto de orações componentes da amostra, as intensivas constituem, como já explicitado, o núcleo probabilístico do sistema, representando aproximadamente sete em cada dez ocorrências oracionais. As circunstanciais perfazem cerca de um quinto do total, enquanto as possessivas configuram a porção menos frequente. O índice médio de compactação por tipo de relação distribui-se da seguinte forma:

Quadro 16 – Índice médio de compactação relacional (ICR) segundo o tipo de relação

| Tipo de relação        | ICR médio   | Interpretação                                                                  |
|------------------------|-------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Intensivas</i>      | <b>0,56</b> | Realizações prototípicas do sistema; alto grau de condensação estrutural.      |
| <i>Circunstanciais</i> | <b>0,59</b> | Compactação intermediária; projeção de contingência por preposição ou adjunto. |
| <i>Possessivas</i>     | <b>0,68</b> | Mais compactas; predomínio de grupos nominais curtos e elipses do portador.    |

Fonte: elaboração própria.

No quadro, a predominância de índices acima de 0,5 demonstra que, dentro do espaço potencial da transitividade relacional, o português brasileiro em registro jornalístico tende a privilegiar configurações condensadas, nas quais a expansão oracional tende a ser substituída por densidade interna de constituintes. O comportamento probabilístico global revela, portanto, um potencial inclinado à eficiência estrutural, mas sensível às pressões semânticas do contexto.

Ao cruzarmos os valores de compactação com os subconjuntos textuais jornalísticos selecionados obtemos que o grau de densidade lexical dos participantes é o principal fator de oscilação do índice. Em reportagens, os Portadores e Atributos tendem a ser longos e informativos, compostos por grupos nominais com qualificadores e preposições (*o relatório do Inpe sobre o desmatamento, as áreas mais críticas do país*). Esse perfil reduz ligeiramente o ICR médio para  $\approx 0,55$ , pois o custo lexical interno compensa a economia estrutural. Já em entrevistas, predominam participantes curtos e pronominais (*ele, a senhora, o ministro*), o que eleva o índice a  $\approx 0,56$ , sinalizando maior

propensão à condensação sintática. Por último, os artigos de opinião apresentam o menor ICR médio ( $\approx 0,51$ ), resultado de sua forte nominalização argumentativa: as orações são estruturalmente enxutas, mas lexicalmente densas, com Portadores do tipo *a precarização estrutural do trabalho docente* ou *o enfraquecimento progressivo da democracia brasileira*, por exemplo. O quadro e os exemplos a seguir sintetizam o ICR médio das orações por subdomínio textual-jornalístico, demonstrando os padrões estruturais correspondentes.

Quadro 17 - Índice médio de compactação relacional (ICR) por subdomínio jornalístico

| Subdomínio Jornalístico  | ICR médio | Perfil lexical dos participantes                                                | Tendência sistêmica                               |
|--------------------------|-----------|---------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|
| <i>Reportagem</i>        | 0,55      | Grupos nominais informativos, frequentemente expandidos (LD $\approx 0,60$ )    | Condensação estrutural com expansão lexical.      |
| <i>Entrevista</i>        | 0,56      | Participantes curtos, pronominais ou nominais simples (LD $\approx 0,55$ )      | Máxima economia estrutural. Participantes curtos. |
| <i>Artigo de opinião</i> | 0,51      | Grupos nominais e preposicionados densamente nominalizados (LD $\approx 0,65$ ) | Condensação ideacional com custo lexical elevado  |

Fonte: elaboração própria.

### Reportagem

- (5) *As novas mortes são de pessoas residentes dos municípios do Cabrobó, Carpina e Goiana.* (Diário de Pernambuco, 2021)
- (6) *O orçamento paralelo seria de R\$ 3 bilhões em emendas.* (Diário de Pernambuco, 2021)

### Entrevista publicada

- (7) *Ele era instrutor de equitação dela.* (Metrópoles, 2021)
- (8) *O Talibã realmente não se importa com o que o resto do mundo pensa. E isso é perigoso.* (FENAE, 2023)

### Artigo de opinião

- (9) *A apreensão de armas é uma parte relevante da ofensiva.* (Gaúcha ZH, 2023)

(10) *É positiva ainda a concordância de atualização dos registros dos eleitores.*  
(UOL, 2023)

A distribuição do índice médio de compactação por subconjunto textual sugere que as diferenças observadas não derivam de mudanças radicais na configuração nuclear das orações relacionais, mas de variações probabilísticas na forma de realização dos participantes e, consequentemente, no custo composicional interno que o ICR captura. Nas reportagens, os exemplos *As novas mortes são de pessoas residentes dos municípios do Cabrobó, Carpina e Goiana* e *O orçamento paralelo seria de R\$ 3 bilhões em emendas* mostram um padrão em que a cópula simples sustenta economia estrutural, ao passo que a informatividade é deslocada para grupos nominais e preposicionados com expansão controlada (especificação locativa, enumeração toponímica, quantificação monetária e complemento preposicionado), o que tende a estabilizar o ICR em torno de 0,55. Na entrevista publicada, a compactação média ligeiramente superior ( $\approx 0,56$ ) é compatível com um perfil de participantes mais enxutos e com menor carga descritiva, como em *Ele era instrutor de equitação dela*, ainda que a interação permita também predicções avaliativas curtas e categóricas, como em *isso é perigoso*, em que a estrutura permanece mínima e a densidade lexical do Atributo é baixa, favorecendo valores altos de compactação. Já nos artigos de opinião, os exemplos *A apreensão de armas é uma parte relevante da ofensiva* e *É positiva ainda a concordância de atualização dos registros dos eleitores* evidenciam a tendência do subconjunto textual a concentrar significados ideacionais no interior de participantes abstratos e densamente nominalizados, frequentemente encadeados por relações preposicionais, o que eleva o custo lexical interno dos participantes mesmo quando a oração é estruturalmente curta e, por isso, desloca o ICR médio para baixo ( $\approx 0,51$ ). O quadro, assim, sintetiza um gradiente em que a compactação estrutural permanece relativamente estável, enquanto a densidade lexical e o grau de nominalização dos participantes reponderam probabilisticamente o valor do ICR entre os subconjuntos amostrais.

Refinar a análise por meio do cruzamento entre o TIPO DE RELAÇÃO e o MODO DE RELAÇÃO demonstrou que a distribuição do índice segue um gradiente de probabilidade coerente com a hierarquia semântica do sistema. Nesse sentido: (i) o modo atributivo manifesta alta probabilidade de compactação por realizar processos de caracterização que se estabilizam em estruturas curtas e previsíveis; (ii) o modo identificativo opera com baixa probabilidade de compactação, pois a função de definir identidades exige maior

densidade referencial, frequentemente com encaixamento ou nominalizações, representando o ponto de máxima expansão do sistema.

Uma vez estabelecido o comportamento global de compactação do sistema ( $ICR \approx 0,54$ ) e a distribuição dos tipos de oração pelos subconjuntos textuais jornalísticos, é necessário mostrar como os participantes das orações relacionais são realizados efetivamente no *corpus*. Isso é crucial porque a compactação não é apenas efeito da estrutura da oração (processo + participantes), mas é fortemente condicionada pela forma de realização dos papéis ideacionais: Portador/Identificado (primeiro participante) e Atributo/Identificador (segundo participante).

No conjunto das orações, o primeiro participante (Portador, Identificado, Portador-possuinte ou Âncora circunstancial) distribuiu-se assim:

Tabela 5 – Distribuição das formas de realização do primeiro participante nas orações relacionais

| <b>Realização do 1º participante</b> | <b>Ocorrências</b> | <b>%</b> |
|--------------------------------------|--------------------|----------|
| <i>Nome simples</i>                  | 559                | 19,45    |
| <i>Grupo nominal simples</i>         | 1.080              | 37,58    |
| <i>GN complexo não nominalizado</i>  | 563                | 19,59    |
| <i>Nominalização</i>                 | 375                | 13,05    |
| <i>Oração</i>                        | 297                | 10,33    |
| <i>Total</i>                         | 2.874              | 100      |

Fonte: elaboração própria.

É importante destacar que quase 60% da realização do primeiro participante é por *nomes e grupos nominais simples*, sendo um padrão informacionalmente menos custoso. Entretanto, cerca de 23% das realizações estão em faixas de maior empacotamento, por meio de grupos nominais complexos e nominalizações. Por sua vez, as orações realizam em 10,33% dos casos o primeiro participante, consistindo no padrão menos incidente, mas suficiente para abaixar o ICR no modo identificativo.

De outro lado, o segundo participante – Atributo/Identificador – é mais variado, tendo em vista que nas intensivas atributivas há forte presença de grupo adjetival, e nas circunstanciais de grupos preposicionados. O quadro apresenta essa distribuição:

Tabela 6 – Distribuição das formas de realização do segundo participante (Atributo/Identificador) nas orações relacionais

| <b>Realização do 2º participante</b> | <b>Ocorrências</b> | <b>%</b> |
|--------------------------------------|--------------------|----------|
| <i>GA</i>                            | 655                | 22,79    |
| <i>N</i>                             | 316                | 10,99    |
| <i>GN simples</i>                    | 793                | 27,59    |
| <i>GN complexo não nominalizado</i>  | 218                | 7,59     |
| <i>GN complexo nominalizado</i>      | 145                | 5,05     |
| <i>Oração</i>                        | 382                | 13,29    |
| <i>GP</i>                            | 365                | 12,70    |
| <i>Total</i>                         | 2.874              | 100,00   |

Fonte: elaboração própria.

Quanto a essas realizações, é importante destacar que o estado de quase equilíbrio na realização do Atributo das intensivas por GN simples ou GA explica por que a compactação das intensivas atributivas é mais alta. Adicionalmente, a ocorrência de cerca de 13% de grupos preposicionados representa um fator que puxa a compactação para baixo nas circunstanciais.

Para relacionar esses resultados com as três subamostras textuais, temos que lembrar que, nelas, aferimos a tendência de organizar de modo diferente as estruturas que realizam o primeiro participante. Nas reportagens, o grupo nominal tende a ser complexo não nominalizado, seguido por grupos nominais complexos nominalizados. Nas entrevistas, tende a ser realizado por nominais simples ou grupos nominais simples. Já nos artigos de opinião, tende a apresentar mais nominalizações, seguidas por grupos nominais complexos não nominalizados. Desse modo, mesmo quando o tipo de oração é o mesmo, por exemplo, intensiva atributiva, o subdomínio textual desloca a probabilidade de compactação, tendo em vista que o primeiro participante pode ser mais ou menos denso.

Em síntese, os dados permitem delinear um padrão relacional probabilístico de compactação média-alta ( $ICR \approx 0,54$ ), que se distribui de modo previsível. Trata-se de um perfil gramatical de condensação informacional, na qual a probabilidade de compactação depende inversamente da densidade lexical dos participantes e diretamente do grau de caracterização ou identificação atribuído pela oração. Esse comportamento evidencia que o sistema relacional é um espaço de equilíbrio entre eficiência estrutural e densidade semântica.

O quadro que se delineia, a partir de todas as evidências quantitativas e probabilísticas, é o seguinte: o sistema relacional do português brasileiro manifesta-se como globalmente compacto ( $ICR \approx 0,54$ ), uma vez que cerca de 60% dos primeiros participantes são nominais pouco custosos. Essa tendência sistêmica, contudo, sofre reconfiguração quando o sistema precisa identificar e não apenas atribuir. Nesse caso, o preenchimento oracional do participante sobe para 41–47%, e o índice de compactação cai para a faixa de 0,45, revelando o custo estrutural e lexical inerente à realização de identidades e relações referenciais. Os subconjuntos textuais selecionados não alteram o centro de preferência do sistema, mas reponderam a probabilidade de uso das mesmas opções: a reportagem e o artigo de opinião ampliam o uso de grupos nominais complexos e nominalizações, enquanto a entrevista tende a favorecer nomes e grupos nominais simples, mais compactos e imediatos.

Por conseguinte, a fórmula para o cálculo da compactação, que propomos neste estudo, encontra confirmação empírica, justificando-se pelo seguinte: ela precisa multiplicar o custo estrutural pelo fator de densidade lexical, porque o participante não é homogêneo, pois dentro do mesmo sistema convivem desde nomes simples até orações encaixadas. Probabilisticamente, podemos chamar esse comportamento de padrão sistêmico-relacional de compactação do português brasileiro.

### 3.2 Modelagem da Experiência no Domínio do *Ser*, do *Estar* e do *Ter*

*Fazer e ser focalizam, portanto, fases diferentes de um mesmo quantum de mudança; mas cada um pode ser estendido na direção do outro para indicar — com o ‘ser’, a origem da mudança, ou — com o ‘fazer’, o resultado da mudança. Quando isso ocorre, as formulações que realizam uma figura do fazer e uma figura do ser podem passar a se assemelhar entre si. (Halliday; Matthiessen, 1999, p. 160)<sup>29</sup>*

---

<sup>29</sup>No original: “Doing and being thus focus on different phases of a quantum of change; but either can be extended in the direction of the other to indicate (with ‘being’) the source of change or (with ‘doing’) the outcome of change. When this happens, the wordings that realize a figure of doing and a figure of being may come to resemble one another.”.

Se é preciso energia para mover, criar ou transformar, também o é para conter, sustentar e manter. O fluxo da experiência não conhece repouso, visto que é um acontecer permanente, um curso de transformações cuja própria constância se manifesta como estabilidade. O movimento é, por natureza, a condição do ser; é nele que o real se reconhece e se conserva.

Parar, ao contrário, é o gesto que introduz o desequilíbrio, sendo o instante em que a dinamicidade se retrai e o estado se transforma em acontecimento.. A pausa é o acontecimento do que se mantinha contínuo, a ruptura do que fluía em equilíbrio. Nessa inversão de ótica, o movimento não se opõe ao estado, pois é o seu modo mais profundo de existir.

Toda estabilidade é movimento em equilíbrio, e toda interrupção é uma explosão de inércia. O paradoxo entre energia e tempo mostra que o real não se divide entre o que age e o que permanece, mas oscila num mesmo campo de forças em que criar e sustentar, transformar e conservar, agir e ser são expressões complementares do mesmo fluxo.

É nesse ponto que o Ser revela sua natureza positiva, consistindo não na ausência de energia, mas em sua forma condensada, um tipo de energia semiótica que não move entidades, mas simboliza-as; que não transforma ou cria o mundo, mas constrói teorias a seu respeito. O fluxo temporal do Ser é ilimitado, sendo a corrente simbólica que estabiliza a mudança, o instante em que o tempo não avança, mas se condensa.

À luz dessa leitura, as orações relacionais situam-se no nível mais alto da escala de abstração da experiência, ponto em que a linguagem organiza o mundo não por meio da ação, mas por meio da relação entre fragmentos da experiência. É essa natureza associativa, centrada na articulação entre entidades de diferentes domínios — coisas e coisas, coisas e qualidades, atos e fatos, fatos e qualidades — que aproxima o princípio das figuras relacionais do princípio que governa a metáfora gramatical.

Conforme Halliday (1994, 2005), a metáfora gramatical consiste na reconfiguração das relações típicas entre significados e formas, de modo que uma categoria experiencial seja expressa através da estrutura de outra. Essa operação metafórica — deslocar um processo para a posição de entidade, ou uma qualidade para o estatuto de coisa — reproduz, em outro nível, o mesmo movimento de vinculação simbólica que define as figuras do *ser*, do *estar* e do *ter*. A afinidade não é de origem, mas de princípio: ambas manifestam o poder reflexivo da língua de rearticular seus próprios significados, estabilizando o fluxo da experiência por meio da forma.

Nesse sentido, como argumentado no segundo capítulo, a metáfora gramatical e as figuras relacionais compartilham um mesmo impulso sistêmico. Enquanto a metáfora realiza esse impulso no plano das categorias, as orações relacionais o realizam no plano das relações, sendo duas expressões complementares de uma mesma energia semiótica que faz da linguagem um sistema capaz de criar, relacionar e sustentar significados. Observemos os dados abaixo:

(11) [Processo:] É [Atributo:] lastimável [Portador:] que o Congresso Nacional, um dos mais caros do mundo, tenha consolidado a tradição de apresentar baixa produtividade a cada período eleitoral. (Gaucha ZH, 2022)

(12) Na verdade, [Portador:] a abolição [Processo:] é [Atributo:] decorrente de um dos maiores processos de mobilização social e democrática do Brasil na história, construído por homens e mulheres negros, com festas contra a escravidão, panfletagens, associações, algumas delas clandestinas, e imprensa abolicionistas" (Correio Brasiliense, 2023)

(13) [Portador:] O que ocorre agora [Processo:] é [Atributo:] inaceitável. (Diário de Pernambuco, 2021)

(14) [Portador:] Os valores anunciados pelos três primeiros SAFs, de Cruzeiro, Botafogo e Vasco, [Processo:] foram [Atributo:] justos? [Processo:] É [Atributo:] difícil [Portador:] ter uma base mais concreta neste início de criação do mercado. (R7, 2022)

Em (11), a oração estabelece uma relação entre uma entidade de terceira ordem — um *fato*, politicamente situado, realizado pelo Portador sob a forma de uma oração encaixada (*que o Congresso Nacional [...] tenha consolidado a tradição de apresentar baixa produtividade a cada período eleitoral*) — e um Atributo avaliativo (*lastimável*). Nessa configuração, o complexo de processos materiais (*consolidar, apresentar*) não é desenvolvido como evento, mas reempacotado gramaticalmente como entidade experiencial. O processo relacional intensivos opera, assim, uma reinterpretação metafórica do agir institucional, considerando que o que poderia ser representado como Fazer é reconstruído como estado simbólico passível de julgamento. Desse modo, a estrutura *é lastimável* não apenas comenta o acontecimento, mas o estabiliza semanticamente no domínio do Ser, convertendo ação política em categoria avaliativa.

Em (12), o Portador *a abolição* não designa uma entidade concreta, nem um processo em curso, mas um evento histórico nominalizado, que, ao ser gramaticalmente

reificado, assume o estatuto de entidade de segunda ordem. Ao ocupar a função de Portador em uma oração relacional, a abolição deixa de ser representada como o fazer de abolir e passa a ser tratada como objeto de caracterização, definido em termos de origem e causalidade (*decorrente*). O processo relacional não descreve, portanto, a ação histórica, mas institui o evento como resultado estabilizado de forças antecedentes. Essa configuração reorganiza a temporalidade da experiência: o que poderia ser modelado como fluxo dinâmico — processos de mobilização social e política — é convertido em estado histórico, produzindo a passagem do fazer coletivo para o ser historicamente sedimentado.

Em 13, o portador, que representa um acontecimento em movimento – “*o que ocorre agora*” –, ao ser relacionado ao Atributo “*inaceitável*” é reclassificado como estado avaliativo. A contribuição do processo relacional “*é*” consiste em marcar a passagem da experiência dinâmica para a estabilização simbólica do juízo. Essa transformação – [*ocorrer* → *ser*] – materializa a operação de *vinculação simbólica*, tendo em vista que ao integrar o evento em uma categoria de sentido, o do “*inaceitável*”, atua como mecanismo de cristalização discursiva.

Em 14, nas duas orações, o processo relacional atua como eixo de abstração do julgamento econômico. Em “*foram justos?*”, a experiência financeira — múltipla, processual, flutuante — é comprimida em um valor ético e jurídico (*justo*), representado como estado de ser. Já em “*É difícil ter uma base mais concreta*”, o *ser difícil* expressa uma condição cognitiva, estabilizando a incerteza do mercado como estado de saber. Em ambos os casos, o processo funciona como operador de equilíbrio: converte flutuação e contingência (preços, valores, expectativas) em categorias simbólicas de julgamento e possibilidade. Assim, as orações sustentam a transição entre a realidade econômica e sua representação discursiva, representando o Ser como ponto de estabilização entre a variação do mercado e o valor do julgamento.

Ao observarmos a densidade lexical dos Portadores nas instâncias de 11-14 e a presença de orações encaixadas e nominalização, podemos delinear o potencial das orações relacionais em funcionarem como ambiente de compactação experiencial, como já referido. A realização dos Portadores por esses recursos léxico-gramaticais evidencia o potencial de transformar experiência em metarreferência experiencial. Por isso, não ocorrem casos de projeção em orações relacionais, pois o que ocorre é uma conversão do fluxo experiencial em entidade simbólica.

É nesse sentido que reinterpretamos a função de relacionar fragmentos da experiência nas orações relacionais (Halliday; Matthiessen, 2014). Tal função implica reconstituir a experiência de primeira ordem em experiência de segunda ordem, e esse movimento é, ao mesmo tempo, metafórico e sistêmico. A metáfora gramatical aparece, então, como manifestação léxico-gramatical da energia de compactação semiótica.

Essa propriedade explica por que o domínio relacional ocupa o nível mais abstrato da escala experiencial, sendo o domínio preferencial para a compactação e reificação de processos, em *recursividade experiencial*<sup>30</sup>. Nele, a gramática atinge sua máxima capacidade de reformular a experiência como estrutura de significados, transformando processos em entidades e acontecimentos em categorias avaliativas. Assim, reafirmamos, a figura relacional é um espaço sistêmico favorecedor da metáfora gramatical (Halliday, 2004), onde a linguagem realiza, de modo simultâneo, a compressão da experiência e sua recategorização metafórica.

Essa afinidade entre o princípio relacional e o princípio metafórico revela, portanto, que essas orações não apenas descrevem o mundo, mas constituem a arquitetura mesma da significação, pois nelas a língua se volta sobre si para representar suas próprias relações. É nesse ponto que a reflexão pode retomar o plano sistêmico, em que Halliday e Matthiessen (2014) descrevem formalmente o subsistema relacional como o domínio responsável pela instanciação das figuras do Ser, do Estar e do Ter, cujas funções são caracterizar e identificar. Essas duas funções originam, respectivamente, os modos atributivo e identificativo de organização das orações relacionais, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(15) – Halliday e Matthiessen (2014, p. 259)<sup>31</sup>

| Caracterização                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Um quarto de toda a população da África <b>está</b> na Nigéria, logo nós dizemos que um de quatro africanos <b>é</b> nigeriano. |

(16) – Halliday e Matthiessen (2014, p. 259)<sup>32</sup>

| Identificação |
|---------------|
|---------------|

<sup>30</sup> Cunhamos esse termo para expressar o processo pelo qual figuras de segunda ordem – tipicamente relacional – absorve e integra fluxos de experiência de primeira ordem.

<sup>31</sup> No original de Halliday e Matthiessen (2014, p. 259): “One quarter of the entire population of Africa **is** in Nigeria, so we say that every fourth African **is** a Nigerian”.

<sup>32</sup> No original de Halliday e Matthiessen (2014, p. 259): “The three major groups in the nation **are** the Yoruba in the southwest, the Ibo in the southeast, and the Hausa, finally, in the North/ ... because its final requirement **was** [[ that the man [[Who aspires to be king]] would first pay all the debt [[owed by every single man every and single woman in the community ]] ]]

Os três principais grupos na nação **são** o Yorubá no sudoeste, o Ibo no sudeste, e o Hausa, finalmente, no norte.

... porque sua demanda final **era**[[que o homem [[que deseja se tornar rei]] deveria primeiro pagar todo o débito [[devido por cada homem e por cada mulher na comunidade]]]]!

Os exemplos acima apresentam os verbos *ser* e *estar* como realizadores do processo, seja no presente simples ou no pretérito imperfeito. Além disso, esses exemplos apresentam uma configuração oracional em que o processo seleciona dois participantes, podendo ser o segundo participante indefinido – “nigeriano” (caracterização) – ou definido, como no segundo exemplo – “o Yorubá no sudoeste, o Ibo no sudeste, e o Hausa, finalmente, no norte” (identificação). A presença inerente de dois participantes na configuração desse tipo de processo e sua natureza temática pareada levou-nos a definir a relação entre os participantes desse tipo de oração por meio da noção de *emparelhamento* (Perini, 2019). Tal característica diferencia, em termos de estrutura, as orações relacionais das orações materiais, mentais, comportamentais e existenciais, tendo em vista que nessas apenas um participante tende a ser inerente<sup>33</sup>.

Os dados do português brasileiro nos permitem diagnosticar três tipos principais de orações relacionais, quais sejam: intensivas, circunstanciais e possessivas. Esses três tipos oracionais podem ainda se apresentar nos modos atributivo e identificativo. Logo, podemos constatar o funcionamento de dois sistemas simultâneos na região da gramática em que está situado o domínio relacional. A interseção desses dois sistemas origina seis categorias de orações relacionais, apresentadas no quadro:

Quadro 18 - Tipologia das orações relacionais segundo tipo e modo de relação

|                                          | <b>Atributiva</b>                                                                                                                                         | <b>Identificativa</b>                                                                                                                                                               |
|------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (1) intensiva<br><i>X é A</i>            | Mohammad Edris Aimaq, 20 anos, disse que viu quando os talibãs chegaram à cidade. <b>“A situação por aqui é muito tensa”</b> (Diário de Pernambuco, 2021) | <b>Luciano Aragão Bezerra é o novo presidente eleito do Sindicato da Indústria Gráfica do Estado do Ceará (Sindgrafica-CE)</b> , eleito para o biênio 2022-2024. (Nosso Meio, 2022) |
| (2) circunstancial<br><i>X está em A</i> | A superlua ocorre quando <b>a Lua está no ponto mais próximo da Terra em sua fase cheia</b> (Correio Brasiliense, 2021)                                   | <b>Hoje é a data que nos lembra da importância da gente continuar lutando</b> , sempre com a cabeça erguida (Veja, 2022)                                                            |
| (3) possessiva<br><i>X possui A</i>      | <b>se você tem um pai ou mãe, se você tem um filho que é da população</b>                                                                                 | Por que <b>o Brasil tem a população mais ansiosa do mundo</b> (G1, 2023)                                                                                                            |

<sup>33</sup> As orações verbais também apresentam dois participantes inerentes, o Dizente e a Verbiagem, entretanto, nesse tipo de oração, há a possibilidade de ocorrência de mais um participante, o Receptor, o que não ocorre com as orações relacionais, que constituem-se prototipicamente por pares de papéis participantes no interior do sistema de modo da relação.

|  |                                                                                                     |  |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|  | <b>LGBTQIA+, mãe, tio, sobrinho,</b><br>abraça ele incondicionalmente<br>(Folha de São Paulo, 2022) |  |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Fonte: elaboração própria.

Essa representação das orações relacionais nesses dois modos de organização se justifica frente a diferenças relevantes em seus estatutos gramaticais. De modo geral, as orações identificativas permitem a reversão posicional dos participantes em torno do eixo processual sem que isso implique alteração na proeminência temática, produzindo variantes semanticamente correlatas, como em (17).

No entanto, nas orações possessivas identificativas, a reversão posicional dos participantes não esgota a operação gramatical envolvida. Diferentemente das intensivas identificativas, em que a reversão preserva o mesmo tipo de processo, a alternância entre formas ativas (*X tem/possui Y*) e formas passivas (*Y é de X / Y pertence a X*) implica uma mudança no modo de realização do vínculo possessivo. As formas ativas, amplamente mais frequentes *no corpus*, recorrem a uma variedade lexical expressiva de verbos de posse; já as formas passivas tendem a se estabilizar em realizações altamente esquemáticas do processo, como *ser de* e *pertencer a*. Essa regularidade não decorre de uma passivização congruente, mas da especialização dessas formas como estratégias prototípicas de codificação da posse quando esta funciona como critério de identidade. Assim, a configuração passiva não opera por espelhamento formal da estrutura ativa, mas por reanálise relacional da posse, que passa a constituir um traço definidor do ente identificado.

(17) O novo presidente eleito do Sindicato da Indústria Gráfica do Estado do Ceará (Sindgrafica-CE) é Luciano Aragão Bezerra, eleito para o biênio 2022-2024 – *oração relacional intensiva identificativa*.

(18) Porque a população mais ansiosa do mundo é do Brasil – *oração relacional possessiva identificativa*.

Já as orações atributivas tendem a não apresentar essa propriedade. Além disso, as orações atributivas constroem uma relação abstrata em que uma entidade é considerada membro de uma determinada classe, ao passo que as orações identificativas relacionam dois participantes com a mesma identidade referencial. Ao aplicarmos a agnação nos exemplos do quadro anterior, obtemos:

(19) (?) Mohammad Edris Aimaq, 20 anos, disse que viu quando os talibãs chegaram à cidade. **“Muito tensa é a situação por aqui”**.<sup>34</sup>

(20) (?) A superlua ocorre quando **no ponto mais próximo da Terra em sua fase cheia está a Lua**.

(21) (?) **Se um pai ou mãe é de você, se um filho que é da população LGBTQIA+, mãe, tio, sobrinho é de você**, abraça ele incondicionalmente.

Contudo, observemos que, diferentemente do que ocorre na língua inglesa, em que a agnação aplicada sobre orações atributivas gera variantes semanticamente anômalas (Halliday; Matthiessen, 2014), em português brasileiro, ao invertermos a ordem dos participantes, parece ser o fluxo informacional do texto a dimensão mais impactada. Em outras palavras, esses deslocamentos produzem efeitos de perspectivação, convertendo a oração em um recurso de re-significação e ênfase semântica.

Nesse sentido, uma interpretação adequada das propriedades distintivas das orações relacionais atributivas e identificativas no PB brasileiro necessita assumir que a reversão entre os participantes não constitui o único critério decisivo para sua descrição, uma vez que a possibilidade de inversão sintagmática parece pertencer ao âmbito textual e informacional, não ao semântico-oracional. Assim, assumimos que o que efetivamente diferencia os dois modos de configuração das orações relacionais é a natureza da vinculação simbólica que se estabelece entre os participantes. Nas orações atributivas, a relação é assimétrica e, frequentemente, do tipo *instância-classe*: o Portador é categorizado como membro de uma classe, e o Atributo funciona como classe de coisas ou qualidades. Já nas orações identificativas, a relação é simétrica e de *identidade referencial*, em que ambos os participantes realizam a mesma entidade sob designações distintas, razão pela qual a reversão é mais naturalmente possível. Consequentemente, quando ocorrem inversões em orações atributivas — como em “Muito tensa é a situação” —, o que se observa não é uma mudança de modo oracional, mas uma reconfiguração informacional que desloca o Atributo para a posição de Tema, conferindo-lhe proeminência avaliativa. Em outras palavras, a reversão em si não transforma uma relação de atribuição em uma de identificação, pois ela apenas altera o foco de perspectiva, sem romper a lógica de pertencimento instância-classe que caracteriza o modo atributivo.

Na presente interpretação, aproximamo-nos de Davidse (1992, 1996, 1999), por defendermos que as distinções entre os dois modos de configuração das orações

---

<sup>34</sup> O ponto de interrogação indica que não se têm certeza de que a reversão posicional dos participantes seja sintática, semântica e/ou textualmente possível.

relacionais emergem de diferentes categorizações que associam os participantes na construção da figura. Assumimos que a relação *entidade/classe de pertencimento*, típica das orações atributivas, opera sobre as bases do processo semiótico de instanciação, pois, ao construir sua representação, o falante demonstra uma percepção dos fenômenos concretos de sua experiência como entidades pertencentes a diferentes classes de coisas e qualidades. Essas classes são em si mesmas abstrações semióticas, visto que consistem em generalizações em uma escala taxonômica das coisas. Por outro lado, a construção de identidade pode ser interpretada por meio do processo semiótico de realização, pois um dos participantes é considerado como realizando o significado do outro. Vejamos como isso se expressa nas escolhas relacionais realizadas no texto 3.1.

| TEXTO 3.1 (G1, 2021)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Mulheres relatam luta contra o preconceito no Dia contra a Discriminação Racial                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>Ser seguida em supermercados, escutar ofensas sobre seus traços e passar por constrangimentos públicos <b>são</b> episódios em comum na vida de três mulheres negras de São Vicente, no litoral paulista</i> |
| Neste domingo (21), é celebrado o Dia Internacional contra a Discriminação Racial, e mulheres de diferentes idades relataram ao G1 os impactos do racismo e as consequências de anos de ofensas.                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                 |
| Relato 1 – Geisa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>Estou grávida</i>                                                                                                                                                                                            |
| <b>Identificação:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <i>e o pior <b>foi</b> uma mulher que me ofendeu em palavras</i>                                                                                                                                                |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>falando que eu <b>era</b> uma macaca</i>                                                                                                                                                                     |
| que estava carregando uma macaca", relembra a auxiliar de limpeza Geisa Ramos Alves, de 36 anos.<br>A ofensa foi disparada durante um desentendimento, em fevereiro deste ano. A auxiliar relata já ter vivenciado outros episódios de racismo, como ser seguida em supermercados e receber olhares estranhos de seguranças, mas que |                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Identificação:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <i>esta <b>foi</b> a primeira vez que foi ofendida de forma explícita</i>                                                                                                                                       |
| <b>Identificação:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <i>o mais dolorido <b>foi</b> o xingamento ser voltado à filha</i>                                                                                                                                              |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i><b>Fiquei</b> sem chão</i>                                                                                                                                                                                   |
| <b>Identificação:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <i>Essa <b>foi</b> a pior parte para mim</i>                                                                                                                                                                    |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>Me preocupo em <b>estar</b> com um emocional melhor para poder corrigir essas coisas</i>                                                                                                                     |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>Geisa não denunciou o caso por <b>não ter</b> meios</i>                                                                                                                                                      |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>e por <b>se tratar</b> de uma comunidade pequena</i>                                                                                                                                                         |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>A auxiliar acredita que uma data para o combate à discriminação racial <b>é</b> necessária</i>                                                                                                               |
| Relato 2 – Jéssica                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Identificação:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <i>“A pior coisa do mundo <b>é</b> a gente não ter liberdade de ser quem a gente <b>é</b>”</i>                                                                                                                  |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>“As crianças riam e falavam que eu <b>tinha</b> cabelo duro.”</i>                                                                                                                                            |
| <b>Atribuição:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>“Sempre <b>foi</b> assim”, desde a infância, ao ponto de me questionar porque nasci diferente, e chorar.</i>                                                                                                 |

|                          |                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Identificação:</b>    | De acordo com Jéssica, até mesmo um professor a tratou de maneira diferente. <i>Sendo a única negra em uma das classes que estudou</i> , o docente não a respondia e a ignorava |
| <b>Atribuição:</b>       | A estudante ressalta que <i>tem muitos sonhos</i> , e que busca por uma maior igualdade                                                                                         |
| <b>Atribuição:</b>       | “A cada dia que passa, os pretos estão mostrando que <i>são capazes de ter um cargo grande</i> .”                                                                               |
| <b>Identificação:</b>    | “ <i>A minha intenção é mostrar que eu tenho meu lugar</i> ”                                                                                                                    |
| <b>Atribuição:</b>       | “ <i>Não sou maior ou menor que ninguém</i> ”                                                                                                                                   |
| <b>Identificação:</b>    | “ <i>Não é a cor da minha pele que vai me impedir de chegar onde eu quero</i> ”, salienta Jéssica                                                                               |
| <b>Relato 3 - Sílvia</b> |                                                                                                                                                                                 |
| <b>Atribuição:</b>       | Quando <i>estava grávida do seu segundo filho</i> , ouviu comentários de familiares do companheiro, que alegaram que não aceitariam se                                          |
| <b>Atribuição:</b>       | <i>Ele não fosse branco</i>                                                                                                                                                     |
| <b>Atribuição:</b>       | Minha mãe conta que, quando trabalhava em casa de família, tinha que entrar pela porta de trás, mas <i>eu era criança</i> e não lembro.                                         |
| <b>Atribuição:</b>       | “Quando eu passei por racismo, aos 16 e 22 anos, comecei a ter medo de me relacionar com as pessoas. <i>Ao falar, é como se eu vivesse tudo de novo</i> ”, desabafa.            |

A análise das orações relacionais nos relatos de Geisa, Jéssica e Sílvia revela como o sistema relacional é mobilizado, na reportagem, para construir diferentes modos de representar a experiência do racismo. Em todos os casos, as orações do tipo *atributivo* e *identificativo* funcionam como mecanismos de estabilização de sentido, projetando os fenômenos sociais — *ofensa, resistência, memória* — como categorias do Ser. A experiência relatada é, assim, organizada como uma rede de estados, valores e identidades em relação.

No centro da reportagem, os três relatos, ao modelarem a experiência por meio de um mesmo conjunto de opções sistêmicas, o fazem a partir de perspectivas distintas de significação. Geisa seleciona orações relacionais para representar a experiência como categorização afetiva; Jéssica as mobiliza para construir o *ser* como eixo de autoavaliação e resistência; e Sílvia organiza suas figuras de *ser* como continuidade da memória social. Esses usos multifacetados de um mesmo conjunto de escolhas — *atribuição* e *identificação* — evidenciam que a economia do sistema relacional ao dispor de apenas dois modos configuracionais não impõe limitação ao seu potencial semogênico.

A aparente simplicidade estrutural do sistema encobre uma alta plasticidade interpretativa, que permite à língua reconfigurar o Ser conforme diferentes ordens de experiência — do estado emocional ao valor identitário, da interiorização afetiva à memória coletiva. Desse modo, a distinção entre *atribuição* e *identificação* opera como

um eixo de variação semântica, pelo qual o sistema relacional expande o campo da experiência, demonstrando-se um sistema, simultaneamente, econômico em padrões gerais e produtivo em significado.

No relato de Geisa, predominam orações do tipo atributivo, responsáveis por caracterizar estados físicos, emocionais e sociais. A sequência “*Estou grávida*”, “*Fiquei sem chão*”, “*Me preocupo em estar com um emocional melhor*”, e “*A auxiliar acredita que uma data [...] é necessária*” constrói um campo experiencial baseado em estados e disposições, em que o *ser* funciona como marcador de situação e de afetividade. Essas orações convertem o vivido em condições de ser, representando a experiência da violência racial como uma série de estados internos e circunstâncias pessoais que decorrem de um mesmo eixo experiencial.

As orações identificativas que se intercalam — “*o pior foi uma mulher que me ofendeu em palavras*”, “*esta foi a primeira vez que foi ofendida de forma explícita*”, “*Essa foi a pior parte para mim*” — introduzem uma segunda camada de significado experiencial, pois nelas, a ofensa não é um fato isolado, mas um valor experiencial central que organiza a narrativa. A relação entre o *Símbolo* (o evento) e o *Valor* (a intensidade emocional) constrói uma equivalência simbólica entre o acontecimento e o sofrimento, transformando a experiência em relação avaliativa. Assim, o relato recortado pela reportagem realiza, por meio da articulação entre caracterização e identificação, um movimento experiencial de concretude → abstração afetiva, no qual os estados físicos e emocionais configuram-se como instâncias do significado *ser vítima*, o que permite que o racismo seja interpretado não apenas como ação do outro, mas como condição existencial da personagem.

No relato de Jéssica, as orações relacionais desempenham papel central na construção experiencial da identidade. O texto articula orações identificativas, como “*A pior coisa do mundo é a gente não ter liberdade de ser quem a gente é*”, “*A minha intenção é mostrar que eu tenho meu lugar*”, e “*Não é a cor da minha pele que vai me impedir de chegar onde eu quero*”, com orações atributivas, como “*As crianças riam e falavam que eu tinha cabelo duro*” e “*A estudante ressalta que tem muitos sonhos*”.

Na esteira dessas reflexões, ao propormos que o subsistema relacional seja interpretado semanticamente como um sistema de vinculação simbólica, damos ênfase ao fato, confirmado pela descrição de outras línguas, de que o peso experiencial é prototipicamente construído pela relação lógica estabelecida entre os dois participantes. A escolha de construir significados de vinculação dá acesso a um sistema inicialmente

composto por duas opções: (i) *vinculação por instanciamento* em orações atributivas e (ii) *vinculação por realização* em orações identificativas. Ambas as relações são lógicas, pois expressam relações de implicação.

Na perspectiva sistêmico-funcional (Halliday; Matthiessen, 1999), as relações lógicas entre figuras podem ser interpretadas como relações de expansão. Logo, ao caracterizarmos a vinculação simbólica como relação lógica, assumimos que ela pode metarredundar com as relações expansivas. Com efeito, essa metarredundância<sup>35</sup> manifesta-se na forma de tipos distintos de expansão, dependendo do modo e tipo de processo relacional.

No modelo reformulado, o sistema relacional tem como condição de entrada a categoria [relacional], a partir da qual são ativados dois sistemas:

- (1) o TIPO DE RELAÇÃO (Intensiva, Circunstancial ou Possessiva), de natureza experiencial.
- (2) o MODO DE RELAÇÃO (Atributiva ou Identificativa), de natureza lógica.

Esses sistemas não se encadeiam hierarquicamente, mas funcionam em simultaneidade, sendo que a escolha de um tipo e de um modo ocorre por cosseleção, resultando em uma configuração relacional composta. A combinação de ambos converge para uma chave de metarredundância, que acessa o sistema TIPO DE EXPANSÃO, composto por duas opções: Elaboração e Realce.

Em termos interpretativos, a expansão não é consequência linear de nenhum dos dois sistemas, mas o resultado emergente de sua correlação. Assim, o *tipo* define a natureza da experiência vinculada (intensiva, circunstancial ou possessiva), o *modo* define a lógica da vinculação (instanciamento ou realização), e a *expansão* emerge como a expressão informacional da relação entre ambos.

O cruzamento entre os sistemas simultâneos produz seis combinações principais, das quais quatro são estatisticamente dominantes no *corpus* analisado. Abaixo, apresenta-se cada uma, com exemplos representativos:

Quadro 19 - Metarredundância entre tipo e modo de relação e sua projeção nos tipos de expansão<sup>36</sup>

<sup>35</sup> A metarredundância conceitua o princípio sistêmico de que padrões de redundância em um nível de organização são espelhados em outro nível (Halliday, 2005).

<sup>36</sup> O termo *metarredundância* é empregado aqui em sentido sistêmico-funcional (Matthiessen; Teruya; Lam, 2010), para designar relações estáveis de correlação entre padrões de escolha em sistemas distintos da gramática, sem implicar derivação hierárquica ou causal direta entre eles. No presente modelo, tipo de relação (experiencial) e modo de relação (lógico-semântico) constituem sistemas simultâneos cuja cosseleção tende a tornar previsíveis determinadas configurações de expansão (Elaboração ou Realce). Assim, a expansão não é tratada como escolha primária do sistema relacional, mas como resultado

| Tipo           | Modo           | Expansão          | Exemplo modelar                          | Interpretação funcional                                                                                                                         |
|----------------|----------------|-------------------|------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Intensiva      | Atributiva     | <i>Elaboração</i> | <i>A eleição é complexa.</i>             | o Atributo reformula o Portador sob outro signo, produzindo equivalência semântica parcial: “ <i>A eleição é <u>uma eleição complexa</u></i> ”. |
| Circunstancial | Atributiva     | <i>Realce</i>     | <i>A reunião é no Palácio.</i>           | o Portador é situado num campo locativo; o ser se manifesta como circunstanciação espacial.                                                     |
| Intensiva      | Identificativa | <i>Elaboração</i> | <i>O problema é a desigualdade.</i>      | duas entidades simbólicas são equiparadas; a oração constrói equivalência proposicional.                                                        |
| Circunstancial | Identificativa | <i>Elaboração</i> | <i>O desafio é onde falta estrutura.</i> | a circunstância é interpretada como símbolo da situação; há identificação situacional.                                                          |
| Possessiva     | Atributiva     | <i>Realce</i>     | <i>O corpo tem células.</i>              | a posse é tratada como propriedade intrínseca, expressando composição. “ <i>o corpo é o espaço onde estão células</i> ”.                        |
| Possessiva     | Identificativa | <i>Elaboração</i> | <i>O livro é de Pedro.</i>               | a posse é reinterpretada como relação identificativa de pertencimento: “ <i>O livro é o livro de Pedro</i> ”.                                   |

Fonte: elaboração própria.

Os dados confirmam que o modo de relação é decisivo para a interpretação da expansão. Ao passo que as orações atributivas tendem a *realçar* ou *reformular parcialmente* um Portador, as identificativas apresentam a tendência de operar por *elaboração reflexiva*, isto é, reformulam o significado total da primeira entidade por meio de uma segunda equivalente.

No total de 2.874 orações relacionais observadas, o subsistema de Expansão apresentou a seguinte distribuição:

Tabela 7 - Distribuição probabilística do subsistema de Expansão nas orações relacionais

| Tipo de Expansão  | Ocorrências | Probabilidade (p) | Entropia parcial |
|-------------------|-------------|-------------------|------------------|
| <b>Elaboração</b> | 2.450       | 0,852             | 0,189            |
| <b>Realce</b>     | 424         | 0,148             | 0,406            |
| <b>Total</b>      | 2.874       | 1,000             | H = 0,595 bits   |

Fonte: elaboração própria.

emergente da correlação entre esses sistemas, manifestando-se como efeito informacional da vinculação simbólica entre os participantes.

O valor de entropia global de 0,595 bits revela um sistema altamente previsível, fortemente dominado pela escolha elaborativa ( $\approx 85\%$ ). Em português brasileiro, o Ser tende, portanto, a realizar-se como um processo de reformulação semântica, em que a experiência é reinterpretada dentro de relações de equivalência, e não ancorada em circunstâncias externas. Essa assimetria entre Elaboração e Realce reforça o caráter compressivo do sistema relaciona, pois em vez de expandir o campo referencial, ele condensa o significado em redes de interdefinição e recategorização semântica.

O cruzamento do TIPO DE RELAÇÃO com o TIPO DE EXPANSÃO revela o seguinte perfil:

Tabela 8 – Distribuição probabilística e entropia do tipo de Expansão por tipo de relação

|                       | <b>Elaboração<br/>(<math>p_e</math>)</b> | <b>Realce<br/>(<math>p_r</math>)</b> | <b>Entropia</b> | <b>Interpretação</b>                                                 |
|-----------------------|------------------------------------------|--------------------------------------|-----------------|----------------------------------------------------------------------|
| <b>Intensiva</b>      | 1,00                                     | 0,00                                 | 0,000           | Estado atrator do sistema: todas as intensivas são elaborativas.     |
| <b>Circunstancial</b> | 0,264                                    | 0,736                                | 0,832           | Zona de instabilidade: alternância entre equivalência e localização. |
| <b>Possessiva</b>     | 0,139                                    | 0,861                                | 0,582           | Campo referencial estável: predominância de ancoragem por posse.     |

Fonte: elaboração própria.

Essa distribuição gera uma topologia probabilística em que elaboração constitui o centro gravitacional e realce a periferia previsível. Em face disso, a instanciação do sistema nos textos sinaliza sua estabilidade e orientação à compactação de significados.

Nas subseções que se seguem, realizaremos um percurso que parte da interpretação do processo até alcançar os diferentes tipos de participantes. Nesse trajeto, serão mapeados os aspectos relativos às *vistas de cima* e *de baixo* do sistema, de modo a preparar, na seção seguinte, a análise *ao redor* das variantes relacionais.

### 3.2.1 Natureza do Processo Relacional

Ao considerarmos a modelagem da experiência realizada pelas orações relacionais, é necessário nos concentrarmos em duas questões: (i) como o desdobramento temporal é construído? E (ii) qual a natureza da configuração de processo mais participantes? (Halliday, Matthiessen, 2014, p. 260). A importância de abordar o processo

consiste no fato de que ele exerce o papel central na figura, incorporando as propriedades dessa desdobrando no tempo.

Como as orações mentais, orações relacionais prototipicamente constroem o fluxo temporal como um desdobramento ‘inerte’. Caracterizá-las por um desdobramento ‘inerte’ significa afirmar que a construção do fluxo temporal é uniforme: neutro ou monofásico. Em face disso, é comum na literatura acerca desse objeto sua caracterização como não energéticos, assentada sobre a clássica dicotomia entre ações e estados. Entretanto, a arquitetura ideacional da LSF não abarca apenas o sistema de TIPO DE PROCESSO, realizado pelo sistema léxico-gramatical de TRANSITIVIDADE. Ela também compreende os sistemas de AGÊNCIA e ERGATIVIDADE. O primeiro distingue entre processos causados por uma agente externo (*efetivos*) e aqueles que não são (*médios*). Já o segundo captura se o processo é causado/instigado ou não.

Por conseguinte, como Arús e Lavid (2001), julgamos necessário distinguir entre Ergatividade e Transitividade, a fim de interpretar as diferentes formas em que as orações relacionais representam o fluxo experiencial. A representação sistêmica conecta as características desses macrossistemas ideacionais com a entrada da rede relacional:

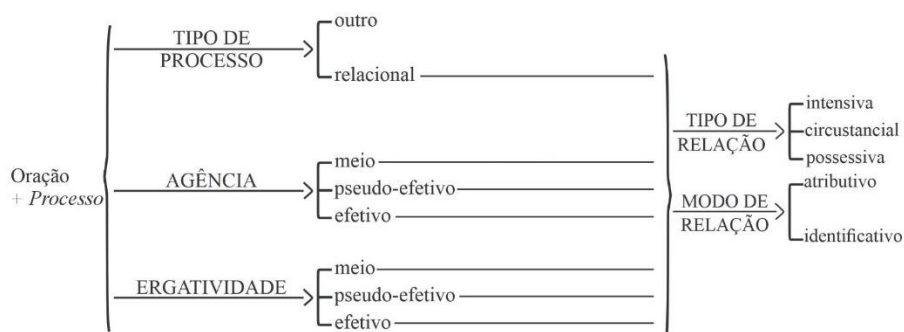


Figura 8 – Integração dos macrossistemas ideacionais na configuração das orações relacionais  
Fonte: elaboração própria.

Ao incorporarmos essas características ao modelo de rede proposta para o português brasileiro, a representação assume a seguinte estrutura:

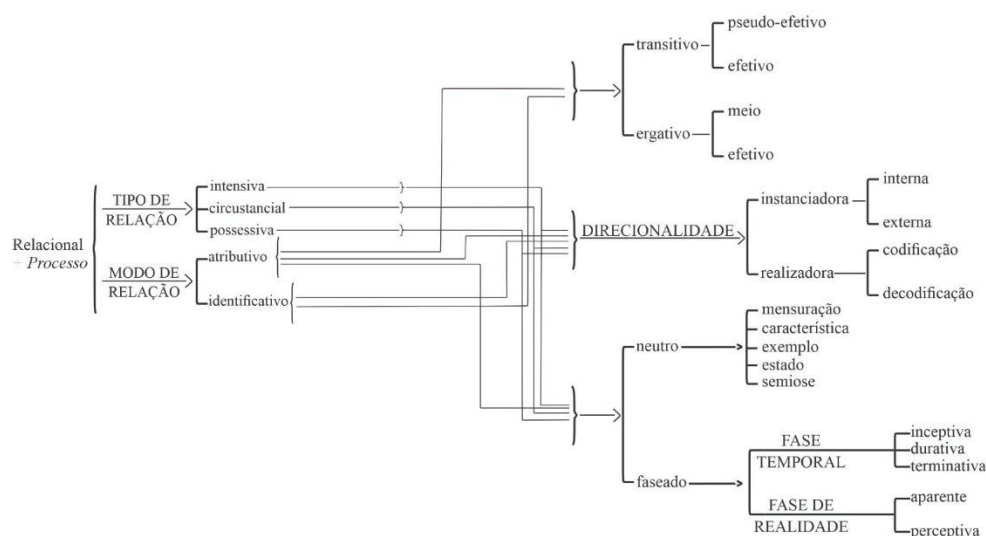


Figura 9 – Sub-rede sistêmica do processo relacional na gramática do português brasileiro  
Fonte: elaboração própria.

A rede do processo foi concebida de modo a articular o tipo de relação e o modo de relação com as categorias de ergatividade e agência, conforme o modelo proposto por Arús e Lavid (2001). Entretanto, em nossa formulação, o sistema de *direcionalidade* ocupa posição proeminente, correspondendo à integração simultânea das três variáveis que, em conjunto, especificam a orientação semântica do vínculo.

A inclusão da ergatividade no domínio relacional decorre da constatação de que, mesmo em processos do Ser, há fluxos de dependência e instigação simbólica entre os participantes. Assim, a *direcionalidade* indica o polo a partir do qual a relação é perspectivada: no *eixo transitivo*, a relação é unidirecional e o processo vincula uma entidade portadora a uma propriedade ou identidade; no *eixo ergativo*, a relação é recíproca ou reflexiva, configurando uma variação interna da entidade, como nas orações:

(22) Imagine o humor do locutor que estava me esperando desde a meia-noite para eu entrar em seu lugar? O cara **ficou** uma arara, queria me matar, mas é meu amigo até hoje. (R7, 2023)

(23) Neste sentido, no ambiente escolar **torna-se possível se identificar sinais que possam servir como alerta para intervenções precoces**, ao abrir oportunidade de diálogos e encaminhamentos. (Hoje em Dia, 2023)

Em *o cara ficou uma arara*, o verbo *ficar* realiza um processo relacional intensivo atributivo com valor ergativo médio, pois a mudança de estado (*neutro* → *irado*) é interna

ao Portador (*o cara*). Quando considerado constructo oracional, podemos observar que não há um instigador externo, e a energia semântica circula dentro da própria entidade. Trata-se, portanto, de uma relação reflexiva de variação interna, na qual o participante é simultaneamente fonte e alvo da transformação. Já *em torna-se possível se identificar sinais que possam servir como alerta para intervenções precoces*, o verbo *tornar-se* expressa uma fase inceptiva do mesmo tipo de relação, em que o processo marca a entrada da entidade *se identificar sinais que possam servir como alerta para intervenções precoces* em um estado de possibilidade. Neste padrão, o uso pronominal *se* tem o mesmo valor que o *se* ergativo do espanhol (*se puso marrón*), reforçando a autoinstigação da mudança.

No eixo *pseudo-efetivo*, a relação entre os participantes é apenas parcialmente dependente, de modo que o vínculo não representa nem uma transformação efetiva, como nas relações ergativas, nem um estado plenamente estável, como nas transitivas. Trata-se de um tipo de relação semicausativa ou perceptiva, em que o atributo se manifesta ou é percebido como propriedade, sem ser propriamente instigado por outro participante.

(24) Os professores da escola diziam que ele seria Secretário-Geral das Nações Unidas”, relembra Helene Cederroth. “Ele era divertido. *Parecia um menino normal*.” (G1, 2023)

(25) E se adicionarmos a esse nó uma questão de classe, *a homonormatividade se revela também classista*. (Brasil de Fato, 2022)

Em *[ele] parecia um menino normal*, o verbo *parecer* realiza um processo relacional intensivo atributivo cujo traço distintivo é a dependência perceptual. Por isso, o Atributo *um menino normal* é ‘interpretado’, não causado. A relação é marcada pela *fase de realidade aparente*, em que o processo não altera o Portado, mas apenas expõe uma impressão resultante de sua aparência ou comportamento. Consonantemente, em *a homonormatividade se revela também classista*, o verbo *revelar-se* expressa uma manifestação interna de propriedade, e não um ato de revelação causado externamente. O Portador *a homonormatividade* atua simultaneamente como instigador e afetado, e o processo marca a emergência perceptiva de um aspecto ideológico (*classista*) que já estava potencialmente inscrito na entidade. Nessa configuração, há eco de efetividade, pois o verbo indica que algo *se torna visível*, mas a mudança ocorre dentro do mesmo domínio semântico, caracterizando, conseqüentemente, uma relação reflexiva e pseudo-efetiva, equivalente aos casos ingleses.

Em português brasileiro, as orações identificativas são sempre transitivas e efetivas, pois pressupõem a realização de uma equivalência plena entre dois polos referenciais, sem possibilidade de inversão ergativa. Já as atributivas admitem as duas orientações, tendo em vista que podem ser transitivas, quando a atribuição é estática, ou ergativas, quando o atributo emerge de um processo de transformação, como visto nos dados anteriores. Essa distinção é implementada na rede por meio das opções de instanciadora e realizadora, que representam, respectivamente, o polo que projeta e o polo que concretiza a relação simbólica.

Além disso, na rede do processo, o sistema de desdobramento estende a descrição ao domínio aspectual e de realidade. As escolhas entre fase temporal (inceptiva/durativa/terminativa) e fase de realidade (aparente/perceptiva/realizada) determinam a orientação temporal e modal da relação, permitindo diferenciar, por exemplo, *parecer* (fase aparente), *mostrar-se* (fase perceptiva) e *ser/estar* (fase realizada). Com essa configuração, a rede do processo relacional constitui um sistema ergativo-simbólico, no qual o verbo atua como mediador de transferência de propriedades ou identidades.

Para tornar computacionalmente operacionais a implementação dessas distinções, passamos agora às seleções de expressão, que formaliza cada percurso na rede do processo — {Tipo de Relação × Modo × Direcionalidade × Desdobramento} — a fim de delimitar um conjunto léxico previsível. Assim, a seleção de traços atua como filtro que licencia e bloqueia certas realizações. Como exemplos: configurações transitivas-realizadas favorecem itens de caracterização estável, como *ser*, *estar*, *permanecer*, *continuar*); percursos ergativos com fase temporal ativam mudança interna (*ficar*, *tornar-se*, *virar*, *transformar-se*); rotas pseudo-efetivas projetam manifestação/percepção (*parecer*, *mostrar-se*, *revelar-se*); nas identificativas, a combinação com direção de codificação/decodificação conduz a equivalência/nomeação (*ser*, *constituir*, *representar*, *significar*). Desse modo, a rede não apenas descreve a lógica semântico-funcional das relações, mas prediz as realizações verbais que lhes dão forma, tornando explícita a passagem dos traços sistêmicos às formas lexicais verbais que observamos no *corpus*.

Quadro 20 – Formalização das seleções de expressão no sistema relacional

| Seleção de Expressão                                                                                             | Endpoint (traço decisivo) | Verbo(s) resultante(s) |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|------------------------|
| {relacional & intensiva & atributiva & transitiva & média & tempo:sem_fase & realidade:**classe** & circ:nenhum} | <i>realidade:classe</i>   | ser                    |

|                                                                                                                                                                |                                 |                                                          |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|----------------------------------------------------------|
| relacional & intensiva & atributiva & transitiva & média & tempo:sem_fase & realidade:**estado** & circ:nenhum                                                 | <i>realidade:estado</i>         | estar, permanecer, continuar                             |
| relacional & intensiva & atributiva & ergativa & média & tempo:**inceptiva** & realidade:realizada & circ:nenhum                                               | <i>tempo:inceptiva</i>          | ficar, tornar-se, virar, transformar-se                  |
| relacional & intensiva & atributiva & ergativa & média & tempo:**durativa** & realidade:realizada & circ:nenhum                                                | <i>tempo:durativa</i>           | manter-se, continuar                                     |
| relacional & intensiva & atributiva & ergativa & média & tempo:**terminativa** & realidade:realizada & circ:nenhum                                             | <i>tempo:terminativa</i>        | deixar de ser                                            |
| relacional & intensiva & atributiva & pseudo_efetiva & média & tempo:* & realidade:**perceptiva** & circ:nenhum                                                | <i>realidade:perceptiva</i>     | parecer, mostrar-se, revelar-se                          |
| relacional & intensiva & atributiva & pseudo_efetiva & média & tempo:* & realidade:**aparente** & circ:nenhum                                                  | <i>realidade:aparente</i>       | parecer                                                  |
| relacional & intensiva & atributiva & pseudo_efetiva & média & tempo:* & realidade:**realizada** & circ:nenhum                                                 | <i>realidade:realizada</i>      | estar, mostrar-se, revelar-se                            |
| relacional & intensiva & identificativa & transitiva & efetiva & direção_id:**codificação** & tempo:sem_fase & realidade:realizada & circ:nenhum               | <i>direção_id:codificação</i>   | ser, constituir, representar, equivaler a                |
| relacional & intensiva & identificativa & transitiva & efetiva & direção_id:**decodificação** & tempo:sem_fase & realidade:realizada & circ:nenhum             | <i>direção_id:decodificação</i> | ser, significar, designar, chamar-se                     |
| relacional & possessiva & atributiva & transitiva & média & tempo:sem_fase & realidade:**estado** & circ:nenhum                                                | <i>realidade:estado</i>         | ter, conter, incluir, abranger                           |
| relacional & possessiva & identificativa & transitiva & efetiva & direção_id:codificação & tempo:sem_fase & realidade:**realizada** & circ:nenhum              | <i>realidade:realizada</i>      | pertencer a, ser de, caber a                             |
| relacional & circunstancial & atributiva & transitiva & média & tempo:sem_fase & realidade:**estado** & circ:**espacial_matéria**                              | <i>circ:espacial_matéria</i>    | estar (em), encontrar-se (em), situar-se (em)            |
| relacional & circunstancial & atributiva & transitiva & média & tempo:sem_fase & realidade:**realizada** & circ:**espacial_evento**                            | <i>circ:espacial_evento</i>     | ser (em), dar-se (em), ocorrer (em)                      |
| relacional & circunstancial & identificativa & transitiva & efetiva & direção_id:codificação & tempo:sem_fase & realidade:realizada & circ:**espacial_evento** | <i>circ:espacial_evento</i>     | ser onde, estar onde ( <i>em contextos definidores</i> ) |

Fonte: elaboração própria.

### 3.2.1.1 Dimensões temporais

Como categoria semântica, a temporalidade é multifacetada, considerando que ela não envolve apenas a localização temporal (passado/presente/futuro), mas também a forma como o processo se desenrola (*temporal staging*), é perspectivado (*temporal perspective*) e se perfila no tempo (*temporal profile*), indicando se é limitado ou ilimitado em sua duração. Respectivamente, essas quatro dimensões — *encenação, perspectiva, perfil e localização temporais* — compõem a tipologia temporal dos processos.

Halliday e Matthiessen (1999), ao contrastarem figuras do Fazer e do Ser, definem a maneira como o processo se estende no tempo. Sobre essa base conceitual, podemos distinguir dois mecanismos gerais de desdobramento. Em um extremo do contínuo está o desdobramento dinâmico, que envolve mudança, prototípico dos fazeres, do outro um desdobramento caracterizado por continuidade temporal, logo, estático.

Ao reformularem essa categoria em Halliday e Matthiessen (2014), os autores preservam a distinção entre processos que envolvem energia e mudança dos processos que envolvem apenas relação. Em ambos os casos, é extremamente importante considerar o perfil temporal assumido, não como categorias estanques, mas como tendências. Assim: (i) *Estados* tendem a não apresentar extensão mensurável nem fases internas; (ii) *Atividades* tendem a ter extensão contínua, mas sem ponto terminal; (iii) *Culminâncias* se desdobram até atingir um ponto terminal; e (iv) *Culminâncias pontuais* representam a ocorrência instantânea de um evento. Esses quatro tipos definem o espectro aspectual em termos de duração e culminância.

Com efeito, o sistema de desdobramento temporal articula uma camada semântica, que distingue os processos por seu perfil de duração e mudança, e outra gramatical, que projeta essa diferença nos sistemas de tempo e aspecto. A heterogeneidade constitutiva de ambas as camadas atravessa todos os tipos de processo no sistema. Por isso, esta investigação deteve-se em delinear como o sistema relacional instanciado nos textos coletados organiza as escolhas de temporalização oracional.

De maneira geral, o desdobramento do processo relacional<sup>37</sup> pode ser *neutro* ou *faseado*, sendo o primeiro significativamente mais frequente. No primeiro tipo, o

---

<sup>37</sup>É importante salientar que o tempo é metaforizado de diferentes formas, a considerar os três tipos de processos primários. Nos materiais, o tempo é energético, visível como sucessão e mudança. Nos mentais, o tempo é psicológico, vinculado ao processamento da consciência. Nos relacionais, o tempo tende a ser simbólico.

processo não apresenta fases internas perceptíveis, sendo tipicamente realizado pelo presente simples. Por outro lado, no segundo tipo, o processo focaliza um ponto de transição no fluxo temporal da experiência.

Quando o processo relacional é faseado, podemos observar a focalização em três pontos de transição temporal:

Quadro 21 – Fases temporais nos processo relacional

| Fase               | Exemplo                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>inceptiva</i>   | Desde 2009, quando <i>a China passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil</i> , o volume de comércio quadruplicou. (Correio Brasiliense, 2023)                                                 |
| <i>durativa</i>    | Quando <i>uma democracia prevalece nestas condições</i> dá simultaneamente uma afirmação de força e de fraqueza. Mostra que tem mais ânimo para sobreviver do que para florescer. (Brasil de Fato, 2023) |
| <i>terminativa</i> | <i>Ela acaba sendo ruim</i> porque você altera a relação. Então é claro que eu me arrependo. (Metrópoles, 2021)                                                                                          |

Fonte: elaboração própria.

Por conseguinte, na escolha do tipo de desdobramento a ser representado na figura relacional, o sistema compreende o seguinte percurso de escolhas;

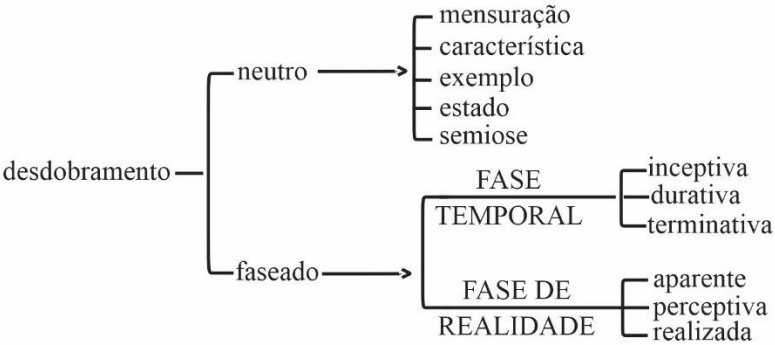


Figura 10 – Sistema de desdobramento do processo relacional

Fonte: elaboração própria.

Além do desdobramento, para obtermos uma interpretação mais enriquecida da temporalidade dos processos relacionais no português brasileiro, outras duas dimensões a serem consideradas são: *perspectiva temporal* e *perfil temporal*. A perspectiva temporal refere-se ao enquadramento do processo em relação ao eixo temporal do discurso, enquanto o perfil temporal diz respeito à sua estrutura interna de duração e delimitação. Quando o processo é colocado *dentro* do foco temporal, o seu desenrolar é perfilado como evento; quando é construído *fora* desse foco, o tempo é neutralizado e o processo é visto como atemporal ou habitual. As orações relacionais componentes do *corpus* analisado

situam-se prototipicamente fora do foco temporal, pois não representam mudança, mas *estados de equivalência simbólica* entre participantes. Os verbos relacionais — *ser*, *estar* e *ter* sendo os mais frequentes — não denotam um evento, mas estabelecem uma relação que se mantém enquanto a situação é válida.

O perfil temporal, por sua vez, distingue processos conforme apresentem ou não fronteiras internas. Nos processos relacionais do português brasileiro – e em outras línguas, como o inglês –, o perfil é não delimitado, refletindo a homogeneidade e a continuidade do estado. Essa ausência de limite não é um aspecto irrelevante, ao contrário, é precisamente o que caracteriza o domínio relacional como polo estático do sistema de TRANSITIVIDADE, em contraste com o domínio material, que representa o mundo como fluxo em transformação. Em certas configurações, contudo, o perfil temporal do processo relacional pode aproximar-se do perfil delimitado. Nesses casos, o verbo relacional parece indicar certo grau de dinamicidade (*ficar*, *tornar-se*, *passar a ser*) – sendo este mais um aspecto que justifica a incorporação da ergatividade na rede –, focalizando um ponto de transição de um processo transformativo, como nas orações:

(26) *A desigualdade social e racial, lembrou, torna-se um componente crítico*  
(Correio Braziliense, 2023)

(27) *A floresta densa, tropical, ela vira um ecossistema degradado, de céu aberto, com poucas árvores* (R7, 2023)

Por todo o exposto, podemos determinar que a perspectiva fora do foco temporal e o perfil não delimitado constituem, juntamente com a tendência de representação de um desdobramento temporal neutro, as categorias temporais que definem o modo não marcado como a gramática do Ser organiza a dimensão simbólica da experiência.

Por conseguinte, essa região do sistema relacional mostra-se fortemente condicionada por escolhas interdependentes. Em configuração não marcada, a seleção do desdobramento neutro tende a pré-selecionar tanto a perspectiva fora do foco temporal quanto o perfil ilimitado, refletindo a natureza estativa do domínio. De modo marcado, contudo, a seleção de um desdobramento faseado, como nas realizações em que o verbo relacional adquire traço de transição (*ficar*, *tornar-se*, *passar a ser*), aproxima a configuração de um perfil limitado e de uma perspectiva em foco, projetando a relação simbólica no eixo do vir a ser:

(28) *O índice é inferior aos 23,4% registrados no mesmo período de 2001, quando o Brasil enfrentou a ‘crise do apagão* (Correio Braziliense, 2021)

(29) *A pressão, no entanto, permanece forte.* (Gauchazh, 2022)

(30) *Assumi o Balanço Geral em 26 de maio de 2014... e a audiência ficou estagnada* (R7, 2023)

Em (28), “*O índice é inferior aos 23,4% registrados no mesmo período de 2001*”, o processo relacional realiza-se em presente simples, sem qualquer marcação aspectual de fase. Trata-se de uma configuração não marcada, em que o desdobramento temporal é neutro, a perspectiva encontra-se fora do foco temporal e o perfil é não delimitado. O enunciado não constrói mudança nem transição, mas estabiliza uma relação de equivalência comparativa entre dois valores numéricos. Assim, a gramática do Ser opera aqui como mecanismo de fixação simbólica, apresentando o estado como válido no ponto de enunciação, independentemente de sua gênese ou duração.

Em (29), “*A pressão, no entanto, permanece forte*”, observa-se igualmente uma configuração predominantemente estativa, mas com uma nuance aspectual de duração introduzida pelo verbo *permanecer*. Embora ainda se trate de um processo relacional, a escolha lexical projeta um estado que se prolonga no tempo, sem, contudo, perfilar início ou término. A perspectiva segue fora do foco temporal, e o perfil continua não delimitado. A marcação aspectual, nesse caso, rompe o modo não marcado do sistema, reforçando semanticamente a ideia de continuidade, intensificando o valor avaliativo do estado descrito.

Em (30), “*a audiência ficou estagnada*”, também ocorre uma configuração marcada. O verbo *ficar* introduz um traço de transição, acionando um desdobramento faseado que focaliza um ponto de mudança no fluxo da experiência. Diferentemente dos exemplos anteriores, o processo relacional passa a ser construído como resultado de um percurso temporal, aproximando-se de um perfil delimitado e deslocando a perspectiva para dentro do foco temporal. A relação simbólica deixa de ser apresentada como estado atemporal e passa a ser projetada no eixo do vir a ser, configurando uma leitura resultativa, em que a audiência não ‘é’ estagnada, mas torna-se tal em função de um processo anterior.

Dessa forma, os três exemplos evidenciam empiricamente a organização das dimensões temporais do processo relacional, descrita anteriormente. As realizações em presente simples de *ser* instanciam o modo não marcado, que tende a ser caracterizado por desdobramento neutro, perspectiva fora de foco e perfil não delimitado, enquanto as

realizações com *ficar* e *permanecer* exemplificam o modo marcado, no qual a seleção de um desdobramento faseado tende a reconfigurar simultaneamente a perspectiva e o perfil temporal do processo. Esses contrastes confirmam que as escolhas temporais no domínio relacional são interdependentes e funcionam como mecanismos centrais na construção simbólica da experiência no discurso jornalístico.

### 3.2.1.2 *Localização temporal*

A localização temporal estabelece a posição do processo no fluxo da experiência, determinando sua relação com o agora da enunciação e sua referencialidade dêitica. Em outras palavras, a localização é o sistema pelo qual a gramática ancora o evento ou o estado no eixo temporal em que se distribuem passado, presente ou futuro — em relação direta ao agora. Halliday e Matthiessen (1999) observam que, no inglês, esse sistema é plenamente gramaticalizado e funciona como uma relação lógica entre pontos referenciais, permitindo deslocamentos encadeados. Nos textos jornalísticos investigados, além de situar o processo, a localização é organizada em níveis de tempo discursivo, construindo camadas de interpretação que se sobrepõem: o tempo narrado, o tempo do relato e o tempo da enunciação.

Os dados revelam que a localização no presente é não unívoca, mas um espaço multifuncional de ancoragem experiencial. Embora gramaticalmente homogêneo — pois, em todos os casos, o tempo é o presente do indicativo (IND-PRS) —, semanticamente ele abriga configurações diversas, determinadas pelo modo como o processo é perspectivado (Halliday; Matthiessen, 1999). Essa diferença torna-se particularmente visível quando o verbo *ser* atua como núcleo do grupo verbal. Quando isso ocorre, sua forma simples tende a representar estados não demarcados, ao passo que, quando expandido por auxiliares aspectuais (*vir, continuar, acabar, estar*), o processo adquire bordas temporais que delimitam sua duração, continuidade ou fecho. Observemos as seguintes opções instanciadas no *corpus*:

(31) Um exemplo é a restrição para exportar medicamentos, oxigênio e outros itens de saúde. (Folha de São Paulo, 2022)

(32) **Estamos sendo** muito duros para conseguir esses números (de redução do desmatamento). (G1, 2023)

(33) A nossa sociedade **continua sendo** muito racista (Correio Brasiliense, 2023)

(34) Você não pode ficar nessa relação, porque ela **acaba sendo** promíscua. (Metrópoles, 2021)

(35) Rita, seu atual mandato termina ano que vem. É possível fazer uma avaliação?

**Vem sendo** um grande desafio. **Ser** minoria não é fácil. (FENAE, 2021)

Essa oposição entre presente simples e presente expandido é mais do que uma variação estilística: ela representa, na verdade, dois modos de construção simbólica do tempo no discurso. O presente simples instaura a perspectiva fora de foco, isto é, um estado representado sem referência a início ou término, caracterizando-se como um presente gnômico, de validade generalizadora. É o que ocorre em “*Um exemplo é a restrição para exportar medicamentos, oxigênio e outros itens de saúde*” (Folha de S. Paulo, 2022), em que o verbo *ser* realiza uma equivalência que estabiliza a relação identificativa (*um exemplo = a restrição*) como equivalência total. O presente, nesse caso, ‘define’, pois o enunciado funciona como categorização metalinguística, típica do reportar, e o tempo verbal marca o ponto de vista epistêmico de validade da proposição.

Já nas realizações em que o grupo verbal é expandido, o mesmo presente adquire textura processual. Nesse sentido, o tempo permanece o mesmo, mas o aspecto desloca o foco da representação da existência estática para o ser em acontecimento. Essa transformação se observa, por exemplo, em “*Estamos sendo muito duros para conseguir esses números (de redução do desmatamento)*” (G1, 2023). Nessa oração, o presente é progressivo, visto que o auxiliar *estar* projeta o processo em curso, construindo uma encenação temporal na qual o enunciador se posiciona dentro do evento. O tempo, portanto, não é apenas localização, mas inclusão de perspectiva, porquanto ele mede o grau de envolvimento experiencial do falante, o que Halliday (1994) descreve como o comprometimento com o agora da experiência.

Em “*A nossa sociedade continua sendo muito racista*” (Correio Braziliense, 2023), a expansão por *continuar* redefine a perspectiva. Nessa oração, há a realização de um presente continuativo, em que o processo não começa nem termina, mas permanece. O enunciado representa um estado de persistência, um ‘ainda’, que reforça o valor ético e político da denúncia. Diferentemente do presente neutro de “*é racista*”, que teria caráter descritivo, o presente continuativo pode carregar a densidade da não-mudança, convertendo uma observação em acusação de permanência.

Já em “*Você não pode ficar nessa relação, porque ela acaba sendo promíscua*” (Metrópoles, 2021), o presente é terminativo. O auxiliar *acabar* imprime uma *fase terminativa*, onde o processo é interpretado como culminação inevitável. A estrutura aspectual não descreve um estado, mas traça um destino semântico, um encadeamento causal, em que *a relação tende a acabar em promiscuidade*. Nessa expansão, o presente se projeta prospectivamente, de modo que ainda é ‘agora’, mas com orientação para o desfecho. O valor experiencial é, portanto, teleológico, pois o grupo verbal constrói um presente com vetor de futuro.

Em “*Vem sendo um grande desafio. Ser minoria não é fácil*”, observam-se, em sequência, duas faces do mesmo tempo. O primeiro enunciado, *vem sendo*, combina presente do indicativo com *fase progressiva de retroprojeção*. Nesse tipo de expansão, o processo começou antes e se prolonga até o agora, consistindo em um presente expansivo que sintetiza continuidade e duração. O segundo, “*Ser minoria não é fácil*”, retorna ao presente neutro, enunciando uma máxima de validade generalizada. Assim, o discurso oscila entre o presente experiencial, que dramatiza a dificuldade, e o presente gnômico, que a formula como verdade.

Os padrões representados por esses dados mostram que a localização no presente é semanticamente multidimensional. No português brasileiro em registro jornalístico, ela varia de um presente de estado (*ser* simples, neutro) a um presente de processo (*estar/continuar/vir/acabar + sendo*). O tempo verbal, portanto, funciona como medida de comprometimento enunciativo, pois quanto mais o presente é expandido por operadores aspectuais, maior a densidade da experiência narrada e menor a distância modal entre o enunciador e o processo. A tabela abaixo sintetiza a distribuição dos padrões de realização do presente nos dados:

Tabela 9 – Distribuição dos padrões aspectuais de realização do presente

| <b>Categoria aspectual (fase)</b>      | <b>Formas</b>   | <b>f</b> | <b>P(·   Presente)</b> |
|----------------------------------------|-----------------|----------|------------------------|
| <i>Neutro (não demarcado)</i>          | ser (simples)   | 1 302    | 93,9%                  |
| <i>Progressivo (em curso)</i>          | estar sendo     | 42       | 3,0%                   |
| <i>Continuativo (manutenção)</i>       | continuar sendo | 23       | 1,7%                   |
| <i>Cumulativo (retroprojeção)</i>      | vir sendo       | 11       | 0,8%                   |
| <i>Terminativo/Resultativo (fecho)</i> | acabar sendo    | 9        | 0,6%                   |
| <i>Total</i>                           | —               | 1 387    | 100%                   |

Fonte: elaboração própria.

Os resultados demonstram que, embora 62% das ocorrências de *ser* estejam ancoradas no Presente, a vasta maioria (93,9%) realiza-se na forma simples, que projeta um presente neutro (não demarcado), sendo precisamente o regime que estamos denominando como presente gnômico, um presente em que se formulam máximas e se estabilizam equivalências. Em contrapartida, as perífrases aspectuais respondem por apenas 6,1% e, portanto, aparecem como recursos marcados destinados a encenar nuances do processo no agora.

Com efeito, a mesma localização ramifica-se em duas dimensões: (i) um presente de perfil ilimitado, *fora de foco*, que sustenta a autoridade expositiva; e (ii) um presente encenado, *em foco*, de perfil limitado por fase, que mobiliza responsabilização e gestão do processo no aqui-agora. A distribuição quantitativo-probabilística confirma, portanto, que no conjunto de orações investigadas, o presente de *ser* tende a estabilizar o mundo; e sua expansão o faz mover-se, e justamente por isso são mais raras, salientes e estrategicamente posicionadas.

Em síntese, a presença ou ausência de expansão aspectual nas realizações de *ser* reconfigura a função do tempo no discurso jornalístico, visto que o presente simples cristaliza o mundo — *é o que é*; o presente expandido o faz mover-se — *está sendo, vem sendo, continua sendo, acaba sendo* — e, ao fazê-lo, confere à linguagem o poder de encenar a transformação simbólica do real, em vez de apenas representá-lo. Essa plasticidade parece indicar que o tempo, mais que uma coordenada cronológica, é uma variável semântica de envolvimento e posicionamento no fluxo da experiência.

Como em textos jornalísticos, especialmente em reportagens e entrevistas, a temporalidade abarca um presente enunciativo — o tempo da cobertura — que incorpora, no interior da narrativa, um passado experiencial reconstruído pelas vozes (relatos) dos participantes, necessitamos explicar como tal passado é configurado. A localização no passado, nos textos jornalísticos analisados, não se reduz a uma marca de anterioridade em relação ao momento de fala.

Na LSF, o tempo verbal realiza relações lógicas entre instâncias de experiência, e não simplesmente uma distância cronológica. Halliday e Matthiessen (1999) observam que o sistema de tempo do inglês — e, por extensão, das línguas que o modelam de modo análogo — constrói a localização no fluxo temporal como uma relação lógica, de modo que o passado é sempre relativo a outro ponto temporal, não apenas ao agora. Assim, quando um processo é situado no passado, ele é ancorado dentro de uma cadeia

relacional, podendo estar logicamente anterior a um evento, simultâneo a outro, ou ainda constituir o fundo temporal sobre o qual se atualizam outros processos. O passado é, portanto, um domínio relacional de significado, e não uma categoria absoluta.

Nos textos jornalísticos, essa lógica se manifesta na coexistência de dois modos de passado, quais sejam: o *passado fechado*, associado a eventos pontuais que se encerram no eixo da narrativa, e o *passado aberto*, associado a estados ou condições que se prolongam na lembrança. O primeiro tende a emergir na forma do pretérito perfeito, o segundo na do pretérito imperfeito, ambos configurando localizações distintas dentro do mesmo campo temporal. O trecho da reportagem a seguir, que reapresenta o relato de uma das três vítimas de racismo na reportagem anterior, é representativo do tipo de lógica que essas escolhas operam:

(36) “[**Estou** grávida], e [**o pior foi** uma mulher que me ofendeu em palavras], falando que [**eu era** uma macaca], que estava carregando uma macaca”, lembra a auxiliar de limpeza Geisa Ramos Alves, de 36 anos.

|               |                                     |                                               |
|---------------|-------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <i>O pior</i> | <b><i>foi</i></b>                   | <i>uma mulher que me ofendeu em palavras.</i> |
| Portador      | Processo<br>gr. verbal-IND-PST.PFV  | Atributo                                      |
| <i>Eu</i>     | <b><i>era</i></b>                   | <i>uma macaca.</i>                            |
| Portador      | Processo<br>gr. verbal-IND-PST.IPFV | Atributo                                      |

Assim, na oração “O pior foi uma mulher que me ofendeu em palavras”, o pretérito perfeito *foi* localiza o processo no passado fechado, ancorado em um tempo narrativo reconstruído. Nessa localização, a enunciação não coincide com a ocorrência, mas a reinscreve como memória. Esse passado tem como referência não o agora, mas o passado narrativo reconstruído. O processo é delimitado como um acontecimento concluído, que, na textura da reportagem, serve de evento de referência. Assim, o tempo verbal não aponta para o presente, mas para outro passado – “o momento narrativo de base”, a partir do qual o enunciador organiza a sequência experiencial.

Já em “eu era uma macaca”, o pretérito imperfeito *era* produz uma localização de passado aberto, um tempo não pontual, no qual o estado se estende. Por conseguinte, o pretérito imperfeito introduz um padrão temporal em que o processo não possui limites claros, e, portanto, é concebido como duração dentro do fluxo da experiência. No desenvolvimento textual revela uma opção por manutenção de um estado anterior dentro do quadro narrativo, conferindo um valor de continuidade emocional.

Em ambos os casos, a localização no passado é internamente configurada, pois ela não se define pela distância em relação ao agora, mas pela relação entre diferentes passados e pela forma como cada um é reconstituído no texto. O jornalismo testemunhal explora essa tensão para construir o efeito de lembrança, no qual o passado é simultaneamente encerrado e revivido.

Portanto, podemos afirmar que o passado é uma dimensão de re-localização da experiência, onde cada processo narrado é posicionado não diante do agora, mas dentro de uma rede temporal interna que relaciona lembrança e significação. A função da gramática, nesse contexto, é justamente articular a lógica do experienciado. Assim, a localização no passado não se reduz à descrição do nível morfológico, abrangendo um mecanismo de reconstrução semiótica, pelo qual a experiência é reinscrita no reportar como memória.

Portanto, o contraste entre *foi* e *era* revela duas subdimensões da localização: tempo pontual (evento de referência) e tempo durativo (estado prolongado), cada um operando como ponto de ancoragem no eixo da narrativa. Por outro lado, em realizações como

|                 |                    |                 |
|-----------------|--------------------|-----------------|
| (37) [0]        | <i>estou</i>       | <i>grávida</i>  |
| <b>Portador</b> | <b>Processo</b>    | <b>Atributo</b> |
|                 | gr. verbal-IND-PRS |                 |

o verbo *estou*, por sua vez, desloca a cena para o presente experiencial, e o faz em plena ancoragem dêitica — *aqui-agora*, tratando-se de uma condição existencialmente atual. Nesse contexto, o presente adquire dupla função, quais sejam: temporal (marca de tempo absoluto) e discursiva (recurso de atualização enunciativa).

Esses padrões mostram que, no jornalismo, a localização temporal não se restringe a um valor cronológico, mas participa da organização semiótica da narrativa. Os tempos verbais não apenas informam quando algo aconteceu, mas definem a distância entre o narrador e o acontecimento, a intensidade de presença que o falante adota diante do fato.

O passado cria uma zona de rememoração; o presente estabelece uma zona de atualização; e, quando ocorre, o futuro projeta uma zona de expectativa ou de projeção discursiva. Observemos os dados:

|                           |                 |                                                      |
|---------------------------|-----------------|------------------------------------------------------|
| (38) <i>Ela</i>           | <i>tem</i>      | <i>especialização em cirurgia cranioaxilofacial.</i> |
| <b>Portador</b>           | <b>Processo</b> | <b>Atributo</b>                                      |
| <b>gr. verbal-IND-PRS</b> |                 |                                                      |

|                                      |                 |                                     |
|--------------------------------------|-----------------|-------------------------------------|
| (39) <i>Os militares brasileiros</i> | <i>seriam</i>   | <i>nacionalistas ou estatistas.</i> |
| <b>Portador</b>                      | <b>Processo</b> | <b>Atributo</b>                     |
| <b>gr. verbal-IND-PST.PFV</b>        |                 |                                     |

Em “Ela tem especialização em cirurgia craniomaxilofacial” (Metrópolis, 2021), o presente é gnômico; já em “Os militares brasileiros seriam nacionalistas ou estatistas” (Brasil de Fato, 2021), o futuro do pretérito marca o distanciamento epistêmico, configurando uma localização hipotética. Assim, o tempo verbal funciona como medida de comprometimento enunciativo, visto que quanto mais próximo do presente, maior a ancoragem experiencial; quanto mais deslocado, maior a distância modal.

Os dados jornalísticos amostrados permitem distinguir ao menos três regimes de localização experiencial: (i) o presente dêítico, em que o processo coincide com o agora comunicativo; (ii) o passado narrativo, em que o processo é reencenado como evento lembrado; e (iii) o presente gnômico, em que o processo é erigido como verdade generalizada. Cada regime cumpre uma função distinta no registro jornalístico. O primeiro cria proximidade emocional (testemunho e relato pessoal), o segundo credibilidade referencial (reconstrução factual), e o terceiro autoridade interpretativa (explicação analítica).

A análise probabilística do sistema de localização temporal revela um quadro de alta estabilidade e baixa surpresa informacional no *corpus*. A entropia global dos tempos verbais é  $H = 1,64$  bits, enquanto a entropia condicional  $H(\text{tempo} \mid \text{aspecto}) = 1,61$  bits, o que implica uma informação mútua (MI)  $\approx 0,025$  bits, sendo um valor muito baixo, típico de sistemas altamente previsíveis e redundantes. Isso significa que o aspecto contribui pouco para reduzir a incerteza na escolha temporal, indicando que a codificação de tempo se distribui de modo estável no interior do sistema relacional.

O gráfico da distribuição de  $P(\text{tempo})$  mostra a forte predominância do presente do indicativo, responsável por mais de 70% das realizações, seguido por passados (pretérito imperfeito e perfeito) e, com valores residuais, os futuros e tempos compostos.

Na perspectiva sistêmica *de cima*, isso expressa a preferência do sistema descrito por representações do tempo no presente gnômico, mesmo quando referem eventos passados — uma propriedade de atualização discursiva típica da função reportar.

A partir da vista *de baixo*, essa predominância se realiza frequentemente na 3ª pessoa do verbo *ser*, correspondendo ao núcleo do processo relacional em seu aspecto estativo e presente, o perfil entropicamente mais concentrado de todo o sistema.

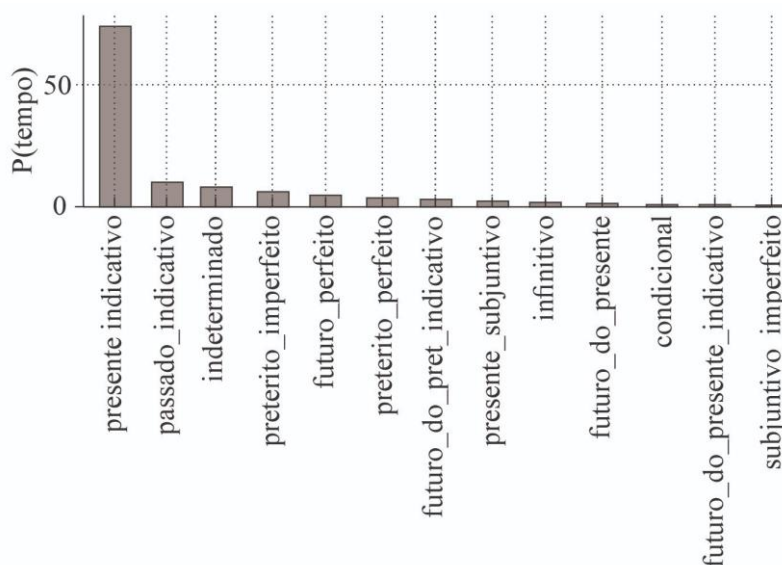


Gráfico 4 – Distribuição probabilística dos tempos verbais no processo relacional  
Fonte: elaboração própria.

Dentro do domínio do passado, distinguem-se duas zonas de densidade: o pretérito imperfeito, associado a localizações contínuas ou de fundo narrativo; o pretérito perfeito, ligado a eventos pontuais ou conclusos. Observamos uma predominância nítida das realizações perfeitas, que concentram cerca de duas vezes mais ocorrências que as imperfeitas. Em termos sistêmicos, esse desequilíbrio quantitativo indica que o registro jornalístico tende a construir o passado como evento concluído, delimitado e verificável.

O pretérito imperfeito, embora menos frequente, tem valor discursivo distinto, manifestando-se em contextos de continuidade, habitualidade ou contextualização circunstancial dentro de sequências narrativas. Sua menor probabilidade indica que a representação do passado nos textos jornalísticos é mais pontual que descritiva, mais factual que processual — o passado é relatado como ponto, não como duração.

As categorias futuro do pretérito e subjuntivo imperfeito, por sua vez, aparecem como regiões de modalização retrospectiva. Ambas realizam traços de hipoteticidade e irreabilidade, projetando o evento para um domínio contrafactual. O futuro do pretérito,

especialmente, institui um distanciamento simbólico que atenua o compromisso do enunciador com a factualidade. Sua baixa frequência mostra que os textos tendem a privilegiar proposições assertivas, de passado validado, relegando as formas modais a papéis marginais. Probabilisticamente, o sistema se distribui em torno do gradiente:  $P(\text{pretérito perfeito}) > P(\text{pretérito imperfeito}) > P(\text{futuro do pretérito})$ .

Esse gradiente reflete, de cima, a escala de comprometimento enunciativo com a realização temporal — do evento concluído (*perfeito*), passando pelo evento em curso (*imperfeito*), até as zonas de possibilidade ou virtualidade (*futuro do pretérito*, *subjuntivo imperfeito*). A vista de baixo — isto é, a expressão morfológica — mostra que o sistema de tempos do português brasileiro opera de modo altamente polarizado, com dominância do indicativo e reduzido investimento nas categorias modais. Em consequência, a entropia do subsistema é relativamente baixa, sugerindo que a escolha temporal é fortemente previsível em função do subdomínio textual e da função comunicativa do texto.

Em síntese, a configuração probabilística do passado nos dados confirma que a *semântica da retrospectividade*, no registro jornalístico escrito, é realizada predominantemente por processos conclusos: o tempo é o eixo de validação da experiência, e não de sua experimentação. A gramática temporal, assim, tende a contribuir para a construção discursiva de uma realidade factual e encerrada.

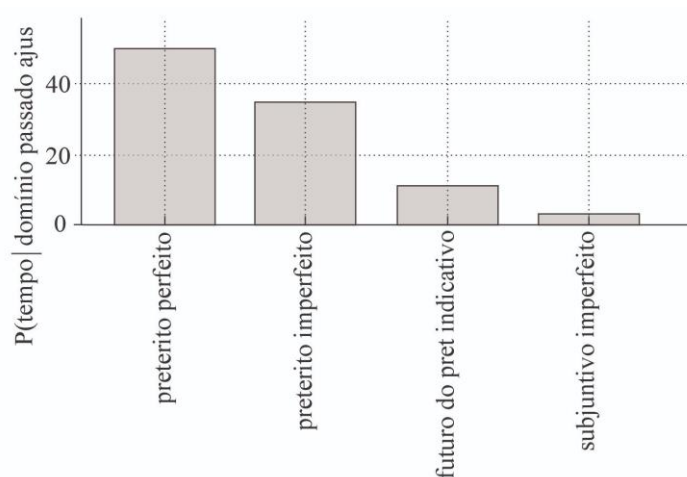


Gráfico 5 – Subdivisões do passado e gradação de referência  
Fonte: elaboração própria.

Considerando a topologia geral do sistema, a *vista de cima* mostra um sistema de tempo hierarquizado. O presente atua como polo de estabilidade. Essa estabilidade é o correlato quantitativo da principal função semântica do tempo nas orações relacionais,

qual seja: representar estados simbólicos de ser cuja validade ultrapassa o escopo do agora.

Antes de encerrarmos nossa discussão acerca da dimensão temporal nos processos relacionais, cabe abordar uma última questão: de que modo a temporalidade reenquadra a natureza nominal dessas orações? Esse é foco da última subseção desta seção.

#### *3.2.1.4 Relações temporais e relações atemporais: a motivação para a inerência da realização do verbo no presente gnômico*

A comparação entre línguas que apresentam realização nula do processo e o português brasileiro revela um contraste de ordem sistêmica relevante: a realização obrigatória do verbo *ser* – bem como dos demais verbos – mesmo em contextos de presente gnômico não decorre apenas de convenção morfossintática, mas de uma necessidade semântico-funcional. Essa necessidade relaciona-se à maneira como o português brasileiro distribui as funções de instanciação e realização dentro do Sistema de MODO DE RELAÇÃO, de modo que o processo, quando realizado por verbo copulativo, opera como vetor de perspectivação entre os participantes.

Segundo Davidse (1999), o contraste entre relações temporais e atemporais reflete uma diferença de natureza nominal: de um lado o grupo nominal — onde a relação é atemporal — de outro, a oração relacional, onde a relação é perspectivada no eixo temporal. Halliday e Matthiessen (2014) observam que, nas gramáticas das línguas, esse tipo de estrutura é frequentemente descrito como “oração nominal”, justamente pela tendência de se organizar em torno de duas entidades referenciais vinculadas por um elo de equivalência – parcial ou total. No entanto, o que distingue a oração do grupo nominal não é a presença ou ausência de participantes, mas a concatenabilidade temporal e direcional que o processo — mesmo minimamente realizado — introduz na configuração.

No português brasileiro, essa concatenabilidade é linguisticamente codificada no verbo *ser*, cuja presença materializa o vínculo temporal da relação. Ainda que a relação entre Portador e Atributo possa ser logicamente estável, o português brasileiro exige a projeção de um momento de ser, uma instância de atualização da relação. Em outras palavras, o verbo não apenas liga, mas ancora a vinculação simbólica no plano da realização: é o ponto pelo qual a oração se distingue de uma mera enumeração nominal. Assim, em *Pedro é um professor*, o processo *ser* ativa o eixo da temporalidade – ainda

que gnômica – e o eixo da perspectiva relacional: o Portador (*Pedro*), realizado por nome próprio, instancia a referência; o Atributo (*um professor*), realizado por grupo nominal indefinido, realiza o alcance da referência. O verbo *ser* não expressa evento, mas a direcionalidade de predicação que organiza o esquema: de Portador → Atributo.

O teste de exclusão confirma a função axiológica do processo: *Pedro um professor* é gramaticalmente marginal e semanticamente truncado, porque a exclusão do verbo suprime o eixo de realização da relação, anulando a direcionalidade instanciadora do primeiro participante. Sem o processo, resta apenas a justaposição de dois nomes, um padrão de organização do grupo nominal, em que o segundo elemento adquire estatuto de modificador, ou de aposição não especificadora.

A mesma tendência se evidencia em estruturas mais abstratas, como *transformar o mundo é difícil*. Aqui, o Portador é uma oração que instancia um Ato (categoria processual), e o Atributo, uma qualidade experiencial interna. A exclusão do processo resulta em colapso estrutural: *transformar o mundo difícil* produz leitura epítética (*o ato de transformar o mundo, que é difícil*), deslocando a qualidade para dentro da referência nominal. A oração, sem a cópula, perde o estatuto de relação simbólica e se reconstrói como configuração modificadora — o que mostra que a presença do processo é a condição formal da autonomia semântica da oração relacional no português brasileiro.

Essa previsibilidade da realização verbal revela um princípio mais amplo de gramaticalização da perspectivação: em português brasileiro, toda relação de equivalência simbólica requer um ponto de realização verbal que articule o plano da instanciação (entidades) com o da realização (relação). Mesmo no presente gnômico — tempo de validade generalizada e aspecto atemporal —, o processo *ser* mantém-se como suporte axiológico.

Por isso, embora a língua permita omissões ocasionais (*“um professor dedicado, Pedro”*), tais estruturas funcionam apenas como reorganizações informacionais ou tópicas, e não como supressão do processo. Quantitativamente, o verbo *ser* constitui uma opção de realização com alta probabilidade no português brasileiro, sendo o marcador previsível da relação intensiva, cuja função não é apenas sintática, mas semiótica, sustentando a transitividade simbólica e a coerência temporal mínima que distingue a oração relacional do grupo nominal complexo.

A partir do exposto, cabe ainda esclarecer que o presente gnômico é a expressão de uma motivação semântica profunda, qual seja: o português brasileiro atualiza o *Ser* como signo de generalização experiencial. A gnomicidade do presente, nesse sentido, não

é apenas uma marca de tempo, mas também um modo de validade: projeta a relação entre os participantes como verdade estável, invariante em relação ao tempo cronológico. Assim, o presente gnômico em português brasileiro, mais especificamente em textos jornalísticos, funciona como um dispositivo de estabilização da significação que ancora a experiência em uma dimensão de validade geral.

No interior do sistema relacional, esse significado gnômico é o correlato temporal da inerência: aquilo que, em nível de processo, exprime vínculo interno entre as entidades, é expresso, em nível de tempo, pela ausência de variação aspectual. A previsibilidade de sua realização no português brasileiro resulta, portanto, de um princípio semântico de equilíbrio entre mobilidade lexical e fixidez semântica — quanto mais generalizado o processo, mais ele tende a representar o que é permanente, e mais fortemente se associa ao presente gnômico.

Essa motivação semântica ganha destaque no discurso jornalístico, onde a gnomicidade funciona como estratégia discursiva de autoridade e impessoalidade enunciativa. Em reportagens, artigos de opinião e entrevistas publicadas, o presente gnômico é empregado para construir uma voz que se apresenta como portadora de evidência objetiva ou de consenso coletivo. As orações relacionais destacadas

(40) As eleições para prefeito já passaram. Nós temos que ter capacidade de virar a página para conseguir ler o livro. *A eleição de 2020 é parte da história agora.* Temos que olhar para frente, o que fazer e de agora por diante. (Diário de Pernambuco, 2021)

(41) Entre receber auxílio emergencial ou nada em 2022, *é racional que essa entidade chamada “eleitor” prefira receber uma transferência adicional do governo.* mesmo que sob risco de mais juros e inflação, pois até agora todas as projeções de melhorias sociais feitas pelo “mercado” deram errado (Folha de São Paulo, 2021),

condensam uma tomada de posição sob a aparência de constatação. O perfil ilimitado do verbo *ser* dissimula o ponto de vista sob o manto da generalidade: transforma a opinião em afirmação de validade universal.

Nos dois exemplos, o verbo *ser* aparece no presente simples (“*é parte da história*”, “*é racional*”). Em ambos os casos, o processo instancia uma relação de validade geral. A presença do verbo é semântica e discursivamente motivada: ele atua como operador de generalização, permitindo que o enunciador apresente uma avaliação

como se fosse um fato estável da realidade. Em “*A eleição de 2020 é parte da história agora*”, o Processo *ser* instancia uma relação de integração simbólica: o acontecimento “eleição de 2020” é reposicionado como entidade histórica, fixada no tempo. Nesse dado, o presente gnômico opera como modo de fechamento discursivo: a cópula neutra garante que a experiência passada seja enunciada como estado consolidado, integrando o domínio da história. Se suprimíssemos o verbo (“*A eleição de 2020 parte da história agora*”), a relação se desintegraria, pois faltaria o operador de equivalência que transforma “eleição” em “história”.

Na oração “*É racional que essa entidade chamada ‘eleitor’ prefira...*”, novamente, o processo *ser* exerce a função de autorizar uma proposição no plano lógico-discursivo: *ser racional* projeta um valor gnômico de razoabilidade, típico da argumentação opinativa. O verbo introduz uma modalização de validade — o articulista não apenas opina, mas constrói uma máxima interpretativa (“*é racional que o eleitor aja assim*”) cuja estrutura sintática mimetiza o discurso de evidência.

Nos dois trechos, o primeiro de uma reportagem e o segundo de um artigo de opinião, o presente gnômico é usado como modo de enunciação impessoal e autoritativo, muito frequente nos textos componentes do *corpus*. O quadro apresenta exemplos de como o sistema de diferentes línguas constitui a figura relacional:

Quadro 22 – O presente como operador gnômico no processo relacional: evidência tipológica

| Língua               | Exemplo<br>(transliterado)            | Tradução                         | Papéis relacionais                                                             | Realização      |
|----------------------|---------------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Russo                | <i>Moskva stolitsa Rossii</i>         | Moscou é a capital da Rússia     | Identificado: <i>Moskva</i> ;<br>Identificador: <i>stolitsa Rossii</i>         | Nula            |
| Árabe moderno padrão | <i>Maryam mu'allimatun</i>            | Maria é professora               | Identificado: <i>Maryam</i> ;<br>Identificador: <i>mu'allimatun</i>            | Nula            |
| Húngaro              | <i>Budapest Magyarország fővárosa</i> | Budapeste é a capital da Hungria | Identificado: <i>Budapest</i> ;<br>Identificador: <i>Magyarország fővárosa</i> | Nula            |
| Chinês (mandarim)    | <i>Tā shì lǎoshī</i>                  | Ele é professor                  | Identificado: <i>Tā</i> ;<br>Identificador: <i>lǎoshī</i>                      | Realizada (shì) |
| Inglês               | <i>He is a teacher</i>                | Ele é professor                  | Identificado: <i>He</i> ;<br>Identificador: <i>a teacher</i>                   | Realizada (is)  |

|                             |                            |                 |                                                                   |                        |
|-----------------------------|----------------------------|-----------------|-------------------------------------------------------------------|------------------------|
| <i>Espanhol</i>             | <i>Él es profesor</i>      | Ele é professor | Identificado: <i>Él</i> ;<br>Identificador: <i>profesor</i>       | <i>Realizada (es)</i>  |
| <i>Japonês</i>              | <i>Kare wa sensei da</i>   | Ele é professor | Identificado: <i>Kare (ele)</i> ;<br>Identificador: <i>sensei</i> | <i>Realizada (da)</i>  |
| <i>Vietnamita</i>           | <i>Anh ấy là giáo viên</i> | Ele é professor | Identificado: <i>Anh ấy</i> ;<br>Identificador: <i>giáo viên</i>  | <i>Realizada (là)</i>  |
| <i>Francês</i>              | <i>Il est professeur</i>   | Ele é professor | Identificado: <i>Il</i> ;<br>Identificador: <i>professeur</i>     | <i>Realizada (est)</i> |
| <i>Tagalog</i>              | <i>Siya ay guro</i>        | Ele é professor | Identificado: <i>Siya</i> ;<br>Identificador: <i>guro</i>         | <i>Realizada (ay)</i>  |
| <i>Português brasileiro</i> | <i>Pedro é professor</i>   | —               | Identificado: <i>Pedro</i> ;<br>Identificador: <i>professor</i>   | <i>Realizada (é)</i>   |

Fonte: elaboração própria.

Os exemplos arrolados demonstram que a construção da figura em diferentes línguas emerge de um contínuo multilíngue de realização relacional, em que cada língua posiciona o processo de ser em um ponto distinto entre a nominalidade estrutural e a processualidade. Em um extremo, situam-se línguas como o russo, o húngaro e o árabe moderno padrão, nas quais a estrutura oracional é congruentemente nominal, o que leva a interpretar o vínculo simbólico como propriedade categorial. No outro extremo, encontram-se línguas como o português brasileiro, o espanhol, o francês e o inglês, em que o sistema tende à inerência do processo. Nessas línguas, o verbo neutro *ser* cria um ponto de ancoragem temporal, que, como já referido ao longo desta subseção, propomos denominar como *presente gnômico*. Entre esses polos, há sistemas intermediários que revelam gradações do mesmo fenômeno – o chinês, o japonês, o vietnamita e o tagalog. Neles, a realização do processo tende a ocorrer, mas sua natureza é híbrida, oscilando entre morfema de predicação e marcador tópico, em que o processo, ao ser realizado, não contém as propriedades de tempo e aspecto. O contraste tipológico revela, por conseguinte, que a realização do processo constitui um parâmetro de perspectivação semântica: (i) nas línguas que não realizam o processo, a relação é nominal e atemporal; (ii) nas línguas que realizam hibridamente o processo, a relação é tópica e coesiva; e (iii) nas línguas que realizam como processo pleno, a relação é gnômica.

Com base no exposto, defendemos que o português brasileiro ocupa uma posição singular no contínuo tipológico das línguas: ao exigir a realização verbal mesmo em contextos de presente gnômico, ele constrói o ser como um processo de mediação entre entidades. O verbo em português brasileiro é, consequentemente, uma instância de perspectivação

entre os participantes. A seguir, passamos à interpretação da configuração dos participantes. Nosso foco recairá sobre como o sistema realiza, no plano da instanciação, as diferentes funções participantes — Portador e Atributo, Identificado e Identificador — e sobre como a realização de cada um contribui para a organização experiencial e a densidade informacional da figura relacional no português brasileiro.

### 3.2.1.4 Perfil probabilístico

O perfil sistêmico explicitado encontra sustentação nos dados investigados, pois os verbos que com maior frequência realizam processos relacionais são *ser*, *estar* e *ter*. A tabela a seguir apresenta a frequência desses verbos nas orações relacionais identificadas no *corpus*:

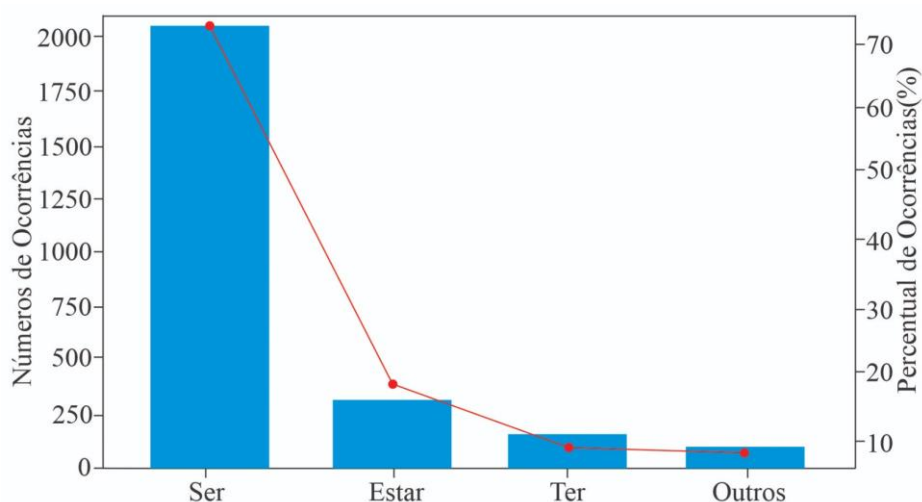


Gráfico 6 – Distribuição das formas verbais realizadoras de processos relacionais  
Fonte: elaboração própria.

A distribuição probabilística das ocorrências mostra que o verbo *ser* concentra a maior parte das realizações relacionais (2237 ocorrências – 77,56%), configurando-se como a opção de maior previsibilidade e, portanto, de menor custo informacional dentro do sistema. Esse predomínio reflete sua alta generalidade funcional, uma vez que o verbo aparece em todos os tipos de orações relacionais — intensivas e circunstanciais, em ambos os modos de relação (atributivo e identificativo), e possessivas, exclusivamente no modo identificativo. Assim, ele é alocado no domínio relacional, funcionando como

vínculo simbólico altamente generalizado entre entidades, qualidades, circunstâncias, atos e fatos.

Os verbos *estar* e *ter*, embora menos frequentes, desempenham papéis semânticos complementares. O verbo *estar* (317 ocorrências – 11,00%) é característico de configurações circunstanciais atributivas, em que a relação é marcada pela transitoriedade do estado e por maior projeção temporal. Já o verbo *ter* (191 ocorrências – 6,62%) é a escolha predominantemente em orações possessivas atributivas, representando relações de posse material ou simbólica, de caráter estável, porém semanticamente mais específico que o verbo *ser* e *estar*, ao preservar o significado lexical de posse. O grupo de outros verbos (4,82%) inclui realizações menos prováveis — como *ficar*, *continuar*, *permanecer*, *tornar-se*, *representar*, *significar* etc. — que introduzem nuances de mudança de estado ou interpretação simbólica específica, configurando escolhas de alta densidade informacional e baixo grau de previsibilidade. A tabela a seguir apresenta a distribuição a densidade informacional dos verbos relacionais:

Tabela 10 – Distribuição probabilística e densidade informacional dos verbos relacionais no português brasileiro

| Verbo                 | Informação (bits) | Densidade informacional (1/P) |
|-----------------------|-------------------|-------------------------------|
| <i>ser</i>            | 0,36              | 1,29                          |
| <i>estar</i>          | 3,18              | 9,09                          |
| <i>ter</i>            | 3,91              | 15,10                         |
| <i>outros</i>         | 4,37              | 20,74                         |
| <i>Entropia total</i> | 1,29 bits         | —                             |

Fonte: elaboração própria.

A entropia total do sistema ( $H = 1,29$  bits) é baixa, indicando que o conjunto das escolhas é altamente previsível, característica de um subsistema de baixa dispersão probabilística. Além disso, a densidade informacional (IDI), que é inversamente proporcional à probabilidade, evidencia o grau de especialização semântica de cada verbo. O verbo *ser*, com  $IDI = 1,29$ , apresenta baixo custo e alto rendimento funcional, sendo o processo prototípico da relação simbólica. Já *estar* ( $IDI = 9,09$ ) e *ter* ( $IDI = 15,10$ ) representam expansões especializadas que introduzem variação no sistema, sendo que cada ocorrência carrega cerca de 9 a 15 vezes mais informação do que uma ocorrência de *ser*. Os *outros verbos* atingem densidade ainda maior ( $IDI = 20,74$ ), funcionando como realizações de alta especificidade contextual, que deslocam o processo relacional em direção a significados especializados.

Nas reportagens, o verbo *ser* desempenha papel central na formatação informativa, avaliativa e categorial dos fatos. O jornalismo informativo tende a representar a realidade como estado de coisas, enfatizando descrição, caracterização e atribuição de propriedades a pessoas, instituições e eventos. Nesses textos, a oração estabiliza uma interpretação dentro de um enquadre discursivo que se propõe factual. Assim, o predomínio do verbo *ser* nas reportagens reflete a função de enquadrar a experiência social em categorias de sentido estabilizadas, onde o tempo é neutralizado e a relação é construída como fato constante.

| Texto 3.3 – Abertura de Reportagem (Folha de São Paulo, 2021) <sup>38</sup>                                                                                              | Relacional |                |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|----------------|
|                                                                                                                                                                          | Atributiva | Identificativa |
| <i>'Era necessário local de fala para dar um basta', diz Contarato, senador da CPI, após ataque homofóbico</i>                                                           |            |                |
| FC: <b>Era</b> necessário se posicionar                                                                                                                                  | intensiva  |                |
| FC: “ <b>Somos</b> um país preconceituoso, sexista, homofóbico, racista, misógino”                                                                                       | intensiva  |                |
| FC: “ <b>Era</b> necessário esse local de fala para dar um basta nisso”                                                                                                  | intensiva  |                |
| OF: “O delegado homossexual assumido, talvez estivesse pensando no perfume de alguma pessoa ali daquele plenário. <u>Quem seria o ‘perfumado’</u> que lhe cativou”       |            | intensiva      |
| R: O empresário então recuou, disse que <u>se tratava de uma brincadeira</u> , pediu desculpas e se retratou.                                                            | intensiva  |                |
| OF: “Senador, realmente, <u>o meu comentário foi infeliz</u> ”                                                                                                           | intensiva  |                |
| OF: É uma brincadeira de mal gosto                                                                                                                                       | intensiva  |                |
| R: Contarato reconhece que <u>alguns deles podem ter a mesma visão de Fakhoury</u>                                                                                       |            | possessiva     |
| R: <u>Prova disso</u> , argumenta, <u>é que os principais direitos conquistados pela comunidade LGBTQIA+ se deu via Judiciário</u> e não por iniciativas do Legislativo. |            | intensiva      |

Nos artigos de opinião, o mesmo verbo adquire outra função precípua, pois passa a operar como marcador de juízo e de posicionamento ideológico. O articulista não apenas descreve, mas avalia e hierarquiza valores dentro de um quadro argumentativo. A escolha pelo processo relacional intensivo identificativo — particularmente com o verbo *ser* — revela a busca por definição simbólica e autoridade discursiva. Nesses contextos, a oração

<sup>38</sup> Considerando a extensão do texto, optamos por apresentar o recorte apenas do domínio relacional da representação da experiência nele instanciada. Adotamos esse padrão de apresentação para todos os textos. No caso dessa reportagem, a partir do último exemplo do quadro, o texto passa a apresentar apenas a entrevista realizada com o protagonista do acontecimento reportado.

relacional funciona como estratégia de ancoragem da avaliação, convertendo a argumentação em asserções veritativas.

| Texto 3.4 – Artigo de opinião (Gaúcha ZH, 2022)                                                                                                                                                                                    | Relacional     |                |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|----------------|
|                                                                                                                                                                                                                                    | Atributiva     | Identificativa |
| <i>A necessidade de ter pessoas preparadas é preocupação comum dos mais variados setores, mas aflige especial o segmento de TI</i>                                                                                                 |                |                |
| Um dos principais insumos do desenvolvimento e do crescimento econômico é o capital humano                                                                                                                                         |                | intensiva      |
| A necessidade de ter pessoas preparadas é preocupação comum dos mais variados setores                                                                                                                                              | intensiva      |                |
| É premente buscar formas de mitigar esse déficit de profissionais                                                                                                                                                                  | intensiva      |                |
| É ilustrativa a situação do setor no Rio Grande do Sul                                                                                                                                                                             | intensiva      |                |
| <u>Se a formação de recursos humanos já é quem do que se precisa, por óbvio é ainda mais desafiador encontrar profissionais capacitados e com mais tempo de mercado.</u>                                                           | intensiva      |                |
| <u>É um triste paradoxo constatar que, enquanto cerca de 10 milhões de brasileiros ainda padecem com dificuldades de colocação, existem postos de trabalho vazios por falta de pessoal</u>                                         | intensiva      |                |
| <u>O Rio Grande do Sul, como um dos expoentes nacionais na área da inovação e com vários parques tecnológicos, startups e empresas do ramo de TI, não pode ficar para trás nessa corrida em que há cada vez mais concorrentes.</u> | circunstancial |                |
| Um dos projetos prioritários do Pacto Alegre é o Cidade Educadora                                                                                                                                                                  |                | intensiva      |
| Outros municípios têm programas e propostas semelhantes                                                                                                                                                                            | possessiva     |                |
| A +praTi é outra iniciativa exemplar                                                                                                                                                                                               |                | intensiva      |

Já nas entrevistas publicadas, observa-se um leve aumento na dispersão probabilística e maior densidade informacional na escolha dos verbos. Além de *ser*, aparecem com mais frequência do que nos outros subconjuntos textuais verbos como *ter*, *tornar-se* e *ficar*. Esse comportamento lexical reflete a natureza dialógica e situacional da função sociosemiótica do texto, no qual os entrevistados tendem a atualizar estados, expressar percepções momentâneas e negociar identidades.

| Texto 3.5 – Entrevista publicada (Nosso Meio, 2022)                                                                                | Relacional |                |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|----------------|
|                                                                                                                                    | Atributiva | Identificativa |
| <i>A necessidade de ter pessoas preparadas é preocupação comum dos mais variados setores, mas aflige especial o segmento de TI</i> |            |                |

|                                                                                                                                                                                                                                                    |            |  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|--|
| NM: Como surgiu a oportunidade de sociedade na agência Sete MKT?<br><br>TV: Nossa trajetória começou lá atrás, quando <u>éramos</u> produtoras da TV Diário. (...) Em 2021, resolvi mergulhar no mercado digital e <u>me tornei</u> sócia da Sete. | intensiva  |  |
| NM: Como você avalia o constante processo de aprendizado de um profissional?<br><br>TV: Aprender é um processo constante da vida né?                                                                                                               | intensiva  |  |
| NM: Qual a sua referência profissional?<br><br>TV: <b>Tenho</b> muitas referências, principalmente no que diz respeito à comunicação.                                                                                                              | possessiva |  |
| NM: Quais seriam suas outras opções de profissão?<br><br>TV: Eu <b>não tenho</b> outras opções.                                                                                                                                                    | possessiva |  |
| NM: Como você avalia o mercado de trabalho atualmente?<br><br>TV: Para crescer na internet, para aumentar venda, para gerar autoridade no digital é preciso ter uma estratégia bem definida.                                                       | intensiva  |  |

### 3.2.2 Configuração de participantes

Em nossa interpretação, aproximamo-nos da concepção de Halliday e Matthiessen (2014) segundo a qual a figura relacional envolve necessariamente dois participantes, cuja natureza depende do modo de configuração estabelecido entre eles — atributivo ou identificativo. Assim, uma descrição adequada dessa figura requer reconhecer que se trata de um emparelhamento semântico, no qual os participantes se co-constroem em uma relação de solidariedade funcional. O significado de cada um só pode ser plenamente interpretado em pressuposição mútua, pois a identidade semântica de um depende da existência e da função do outro.

A descrição comumente difundida das orações relacionais costuma distinguir Portador e Atributo no modo atributivo, assim como Identificado e Identificador no modo identificativo. Contudo, uma análise mais fina da materialidade dos dados revela que essa bipartição não esgota a dinâmica categorial dessas funções. Em nossa análise, tornou-se evidente que Portador e Identificado compartilham um traço estrutural decisivo, que é o de ambos tenderem a funcionar como a âncora referencial da relação, sendo o ponto semântico em torno do qual a oração se organiza. Apesar de pertencerem a modos de relação distintos, sua função é convergente, pois constituem o participante que estabelece

o domínio ontológico da relação, o ente sobre o qual se predica, ecoando a noção de '*verdadeiro participante*' discutida por Davidse (1999). Essa convergência se manifesta também nos padrões de realização, sendo que tanto Portadores quanto Identificados são prototipicamente instanciados por grupos nominais definidos e altamente referenciáveis, mas também podem ser realizados por atos e fatos. São, portanto, participantes semanticamente robustos, capazes de sustentar a continuidade referencial do texto e de servir como alvo primário da categorização.

Esse comportamento contrasta de modo significativo com o que ocorre com Atributo e Identificador. Apesar de ambos ocuparem a posição de segundo participante da relação, sua semântica interna diverge. O Atributo apresenta um espectro realizacional mais amplo, podendo instanciar qualidades, entidades, propriedades e circunstâncias; contudo, não realiza atos ou fatos, pois semanticamente não comporta o encapsulamento de eventos. Já o Identificador, em sentido inverso, pode realizar coisas, atos e fatos, mas não qualidades ou circunstâncias. Além disso, o Atributo tende a projetar entidades fracamente referenciais ou não referenciais, funcionando como um termo classificador ou avaliativo, enquanto o Identificador opera no polo oposto, porquanto sua função exige entidades fortemente referenciais, ou pelo menos tenuemente recuperáveis, pois a identificação pressupõe um mapeamento simbólico entre dois focos nominais no domínio discursivo. O resultado dessa assimetria é que Atributo e Identificador, embora ocupem posições formalmente paralelas, não compartilham o mesmo espaço semântico, nem se organizam segundo os mesmos princípios de referencialidade.

Diante disso, Portador e Identificado demonstram, no nível mais abstrato da rede, formar uma classe funcional mais geral, orientada para a instauração do foco ontológico da relação. Já Atributo e Identificador constituem funções de outra ordem, responsáveis por atribuir, nomear ou categorizar aquilo que o primeiro participante torna disponível. Esse rearranjo evidencia que a inerência dos participantes relacionais não segue a lógica de um único participante estruturalmente obrigatório. No processo relacional, há dois participantes inerentes, mas essa inerência não é homogênea, pois um deles é inerente enquanto âmbito ontológico, outro enquanto termo categorial. Assim, a distinção essencial da estrutura relacional não reside apenas nos modos atributivo e identificativo, mas em uma oposição mais profunda entre um participante nuclear, que ancora a figura relacional, e um participante categorizador, que institui o valor, a qualidade ou o tipo atribuído à entidade nuclear.

Tal como nos processos materiais e mentais, há também direcionalidade na figura relacional; contudo, essa direcionalidade não decorre de um fluxo de energia ou de consciência, mas do tipo de esquema lógico que sustenta a relação. Diferentemente dos processos materiais — em que o Ator é a fonte do investimento de energia responsável pela mudança representada —, e dos processos mentais — em que o Experienciador é o ponto de origem do fluxo de processamento da consciência —, nas figuras relacionais o processo não se origina de nenhum dos participantes.

Por isso, entendemos que o traço distintivo da figura relacional não é o fluxo, mas o vínculo, pois ela não representa movimento, mas correspondência, não expressa transformação, mas equivalência, consistindo em um tipo de relação que ancora o mundo da experiência no domínio da simbolização.

Vistos de cima, os participantes das orações relacionais são definidos por meio do tipo de categorização operada na construção do significado de Ser, de Estar ou de Ter. Em outras palavras, orações atributivas categorizam o Portador como instância de uma classe (Atributo). Já as orações identificativas, categorizam uma relação de realização simbólica, em que o Identificado é realizado ou codificado pelo Identificador.

É nesse sentido que Halliday e Matthiessen (1999) esclarecem que, nas orações relacionais, o que se representa não é uma ação, mas uma relação de estado do Ser, razão pela qual não há investimento de energia entre os participantes, e sim a construção de uma relação simbólica entre entidades de mesma ordem de abstração. Nessa configuração, o processo relacional funciona como mediador do vínculo entre os participantes, projetando sobre eles o valor de ser que os articula: de um lado, um participante que instancia ou realiza o significado; de outro, aquele que o representa, o expressa ou o codifica. Assim, vistos de cima, os participantes das orações relacionais não representam papéis de causalidade, mas funções semióticas de co-definição, em que cada termo ganha significado apenas na relação que mantém com o outro — relações simbólicas que espelham, em nível semântico, a própria lógica relacional da linguagem.

Essas duas modalidades configuram, no interior do sistema relacional, diferentes modos de realização da mesma lógica semiótica. Nas orações atributivas, a relação simbólica assume a forma de instanciação, em que o Portador é compreendido como membro de uma classe mais ampla ou como entidade que manifesta uma propriedade ou qualidade representada pelo Atributo. A categorização que se opera é, portanto, taxonômica: o Portador é instância de um tipo, e o Atributo, o traço que o integra a uma

categoria de significação. Logo, a equivalência que estabelecem é parcial (Davidse, 1999).

Já nas orações identificativas, a relação simbólica desloca-se para o plano da *realização*: um participante — o Identificado — é interpretado como a instância concreta que expressa ou realiza o significado do outro — o Identificador. Nesse caso, a categorização é equacional, e o processo relacional não apenas associa dois polos, mas institui uma equivalência direcional total, em que o sentido flui do símbolo para o valor ou do valor para o símbolo, conforme o modo de codificação. Em ambas as configurações, a natureza dos participantes é essencialmente metarrepresentacional: cada termo existe enquanto função na relação, e o processo atua como operador de correspondência simbólica, a matriz da própria semiose (Matthiessen, 1991). Como o sistema de MODO DA RELAÇÃO é selecionado simultaneamente com o sistema TIPO DE RELAÇÃO, modelamos até certo nível de delicadeza como, à luz dos dados do português brasileiro, a sub-rede relacional intensiva se estrutura:

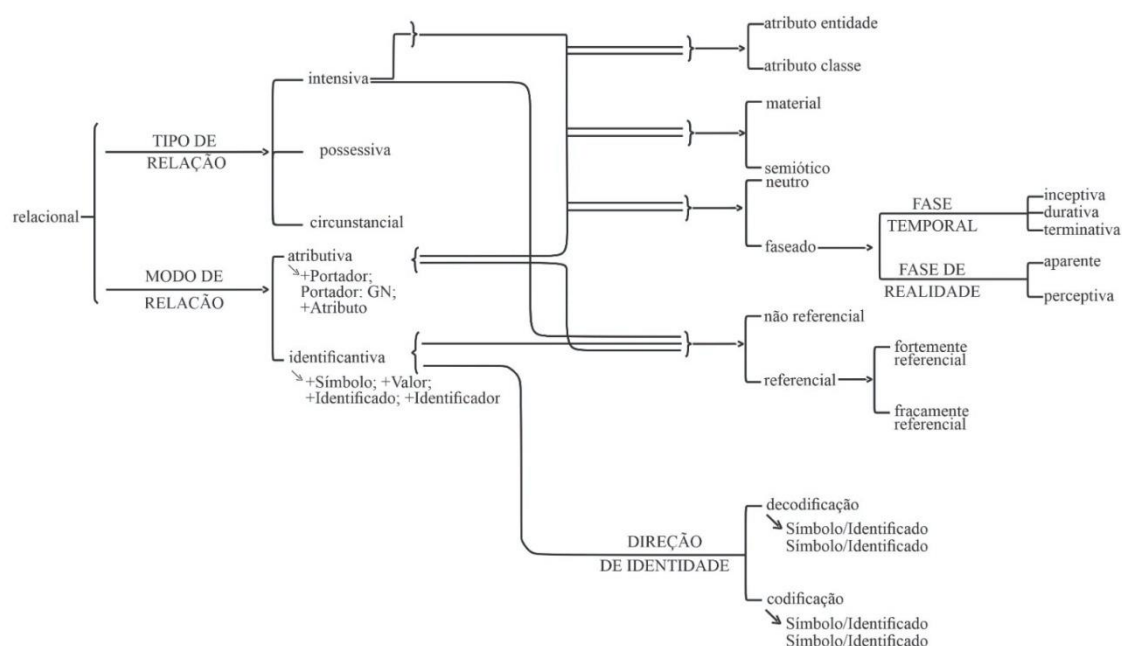


Figura 11 – Subrede sistêmica das orações relacionais intensivas no português brasileiro  
Fonte: elaboração própria.

A subrede delineada representa a organização sistêmica das orações relacionais intensivas do português brasileiro, construída a partir de dois sistemas simultâneos de entrada: o TIPO DE RELAÇÃO e o MODO DE RELAÇÃO. A partir do tipo relacional, distinguem-se as relações intensiva, possessiva e circunstancial, mas apenas a intensiva

é, neste momento da discussão, refinada em delicadeza, por ser, prototipicamente, a que expressa a vinculação simbólica entre duas entidades.

O modo de relação bifurca-se em atributivo e identificativo, cada um com implicações específicas na natureza dos participantes e no tipo de vínculo que se estabelece entre eles. No modo atributivo, as escolhas delimitam o Portador e o Atributo, sendo o primeiro realizado tipicamente por grupo nominal, e o segundo, por grupos nominais, adjetivais, adverbiais ou preposicionados, dependendo do tipo de atributo selecionado. Essa ramificação leva à distinção entre atributo entidade, atributo classe, atributo material e atributo semiótico, categorias que variam segundo o grau de concretude e de abstração simbólica da classe atribuída. A essas opções se articulam os sistemas FASE TEMPORAL — com valores inceptivo, durativo e terminativo — e FASE DE REALIDADE — com valores aparente e perceptivo —, os quais modulam, respectivamente, o aspecto temporal e a ancoragem epistemológica da representação.

Tanto nas orações atributivas quanto nas identificativas, é acessado o sistema de REFERENCIALIDADE (exemplificado no Quadro 23) que regula o grau de individuação semântica das entidades. Tipicamente, o Portador, nos três tipos de relação (intensiva, possessiva e circunstancial), tende a ser fortemente referencial, enquanto o Atributo varia conforme o tipo de relação: nas atributivas intensivas, tende a ser não referencial ou fracamente referencial; nas atributivas circunstanciais, pode ser não referencial, fracamente referencial ou fortemente referencial, a depender do estatuto da circunstância; e nas atributivas possessivas, tende a ser fracamente referencial. Nas identificativas, por sua vez, há uma assimetria sistemática entre os participantes: o Identificado (ou Símbolo) tende a ser fortemente referencial, enquanto o Identificador (ou Valor) é fracamente referencial, refletindo a natureza simbólica do processo de identificação. No modo identificativo, ainda, o sistema refina-se ainda pelo subsistema de DIREÇÃO DE IDENTIDADE, distinguindo codificação e decodificação, de acordo com a orientação lógica da equivalência simbólica — se o Identificador nomeia o Identificado (codificação) ou se o Identificado é interpretado a partir do Identificador (decodificação).

Quadro 23 – Grau de referencialidade dos participantes nas orações relacionais do português brasileiro

| <b>Tipo de Relação</b> | <b>Participante</b> | <b>Ref.</b> | <b>Exemplo</b>                             |
|------------------------|---------------------|-------------|--------------------------------------------|
| <i>Intensiva</i>       | Portador            | +           | <b>Aquela Superintendência</b> é um horror |

|                       |               |     |                                                                                   |
|-----------------------|---------------|-----|-----------------------------------------------------------------------------------|
|                       | Atributo      | +-  | Um país que não conhece a sua história é <b>um país atrasado</b>                  |
|                       |               | -   | Aquela Superintendência é <b>um horror</b>                                        |
|                       | Identificado  | +   | <b>o aumento da sobretaxa</b> é a única alternativa a curto prazo                 |
|                       | Identificador | -   | a recomendação é <b>consultar um especialista</b>                                 |
|                       | Identificador | +-  | o aumento da sobretaxa é <b>a única alternativa a curto prazo</b>                 |
| <i>Circunstancial</i> | Portador      | +   | <b>O degelo da Antártida</b> está próximo de ser irreversível                     |
|                       | Atributo      | +   | A professora <b>está na escola</b> desde 2017                                     |
|                       |               | +-  | O foco de calor <b>está em uma área de agricultura</b>                            |
|                       |               | -   | O degelo da Antártida <b>está próximo de ser irreversível</b>                     |
|                       | Identificado  | +   | <b>Goiás ocupa</b> a quinta posição no ranking de maiores desmatadores do Cerrado |
| <i>Possessiva</i>     | Identificador | +-  | <b>Goiás ocupa a quinta posição no ranking de maiores desmatadores do Cerrado</b> |
|                       | Portador      | +   | <b>Amazônia tem</b> recorde de alertas de desmatamento em janeiro de 2022         |
|                       | Atributo      | +-  | <b>Canadá tem um grande projeto de restauração florestal</b>                      |
|                       |               | -   | <b>Amazônia tem recorde de alertas de desmatamento em janeiro de 2022</b>         |
|                       | Identificado  | +   | <b>Joe Richardson possui</b> o coração cearense                                   |
|                       | Identificador | + - | Joe Richardson <b>possui o coração cearense</b>                                   |

Fonte: elaboração própria.

A posição do sistema de REFERENCIALIDADE na rede é crucial para a constituição da interpretação proposta neste trabalho, pois suas opções configuram um eixo de ancoragem semântica que permite mapear, no discurso, o grau de distanciamento da representação em relação à ordem primária da experiência. A referencialidade opera como um gradiente de simbolização, por meio do qual se observa o trânsito entre entidades de primeira ordem — aquelas que representam fenômenos concretos e observáveis — e entidades de segunda ordem, que codificam abstrações, propriedades ou relações. Desse modo, quanto maior o grau de referencialidade de um participante, menor o distanciamento da representação em relação à experiência sensível; inversamente, quanto menor a referencialidade, maior a densidade simbólica e, portanto, maior o afastamento da representação em direção à ordem metarrepresentacional da experiência. É nesse contínuo entre referência e simbolização que se delineia a natureza ideacional das orações relacionais, as quais operam não apenas

como meio de atribuir ou identificar, mas como mecanismo de projeção da realidade experiencial em níveis crescentes de abstração semiótica.

Vistas de cima, as orações intensivas representam o domínio simbólico da caracterização e da identificação, construindo relações de inclusão, no modo atributivo, ou de realização, no modo identificativo. Todavia, tais relações perpassam um contínuo onde “identidade e inclusão são duas versões da relação intensiva: identidade é o caso limite de inclusão e inclusão é identidade parcial” (Halliday; Matthiessen, 1999, p. 462)<sup>39</sup>. Segundo Matthiessen (1995, p. 305-306)<sup>40</sup>, as orações intensivas “desempenham um papel importante na teoria linguística porque nos permitem construir diversas relações que são fundamentais nos sistemas semióticos”.

Por sua vez, as orações possessivas representam relações de posse, inclusão (classificação), composição ou propriedade – modos de “estender” participantes dentro da totalidade experiencial. Com base nisso, Matthiessen (1995, p. 310-311) afirma que “relações possessivas incluem não apenas *pertencimento*, mas também relações *parte-todo*”.

Nesse tipo de oração, há a tendência de que o *possuidor* (ou o *todo*) corresponda ao Portador, modo atributivo, e ao Identificado, no modo identificativo, ao passo que a *coisa possuída* corresponde ao Atributo/Identificador, com direção dominante do mais inclusivo para o menos inclusivo. Do ponto de vista semântico, a posse é tratada como uma forma de existência em relação a outro participante (Davidse, 2000).

As orações relacionais circunstanciais realizam, *de cima*, o significado de localização, tempo, causa, maneira, finalidade, etc., correspondendo semanticamente à categoria de *realce* (Davidse, 2000). Tipicamente, o significado de “estar em” (localização) é o mais realizado. Essas orações organizam semanticamente as condições existenciais, espaciais, temporais, causais ou modais sob as quais uma entidade é compreendida.

O que ocorre aqui é a reinterpretação do domínio do *realce* (Davidse, 1999), projetando circunstâncias não como adjuntos, mas como participantes. Em vez de modificar um processo, a circunstância torna-se inerente à relação de Estar, e o processo relacional passa a construir a localização ou enquadramento como essência da figura.

---

<sup>39</sup> No original: “identity and inclusion are two versions of the intensive relation: identity is the limiting case of inclusion and inclusion is partial identity”.

<sup>40</sup> No original: “play an important role in linguistic theory because they allow us to construe various relationships that are fundamental in semiotic systems”.

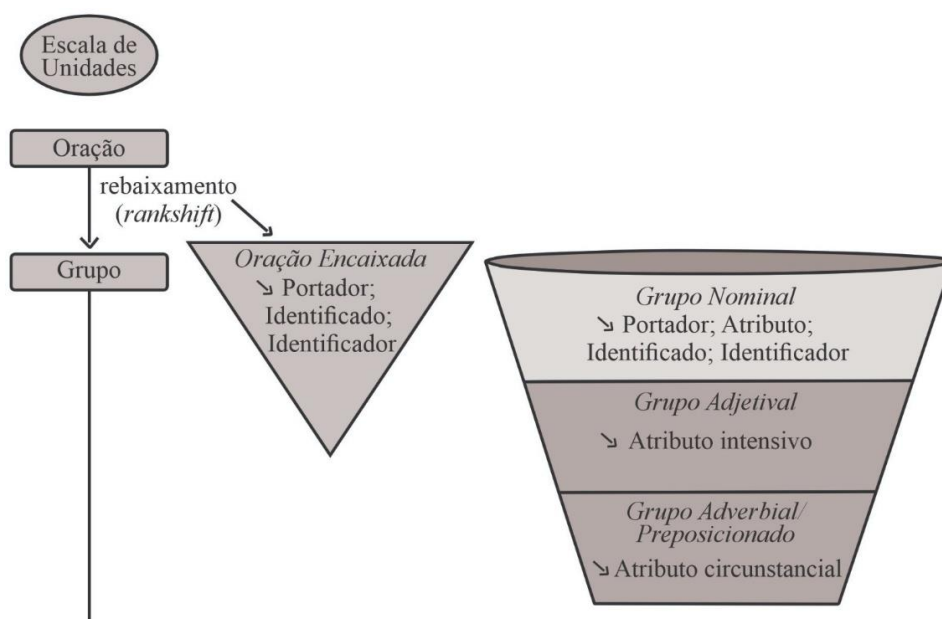
Nessa configuração, o participante Portador existe no âmbito de um espaço de pertinência (Atributo). Em outras palavras, as orações circunstanciais são formas metafóricas de representar o realce, reificando a circunstância. Esse mecanismo é fundamental para a gramaticalização da experiência científica e abstrata, pois permite converter processos em entidades estáticas — um recurso central na expansão semântica da língua escrita formal (Halliday, 1998; Matthiessen, 1995).

Em síntese, *vistas de cima*, as orações relacionais configuram-se como figuras de ser simbólico, nas quais o processo opera como eixo mediador de vínculos entre entidades de mesma ordem semiótica. Cada subtipo — intensivo, possessivo e circunstancial — projeta, à sua maneira, uma lógica relacional própria, ora de caracterização e equivalência, ora de extensão e pertença, ora de contextualização e pertinência. Em todos os casos, os participantes representam funções semânticas que co-constroem a relação.

A *vista de baixo* focaliza o modo como o significado experiencial é léxico-gramaticalmente realizado. Para isso, a interpretação é deslocada da ordem da oração para a ordem do grupo. Na seção anterior, discutimos a realização do Processo. Nesta seção, nos deteremos na dos Participantes.

Na ordem do grupo, as classes gramaticais apresentam diferentes potenciais de realização dos participantes nas orações relacionais. Essa variação é motivada semanticamente, sendo que cada classe de grupo configura um domínio específico: o nominal constrói entidades; o adjetival, qualidades; o adverbial e o preposicionado, circunstâncias; e as orações encaixadas atos e fatos. Dentre essas opções, o grupo nominal manifesta maior incidência e versatilidade, podendo realizar qualquer tipo de participante, enquanto as demais classes exibem restrições funcionais em função do tipo e modo da relação. A figura 18 esquematiza a hierarquia:

Figura 12 – Hierarquia de realização dos participantes nas orações relacionais



Fonte: elaboração própria.

O diagrama ilustra a hierarquia de potencial de realização dos participantes nas orações relacionais do português brasileiro, conforme observada nos dados descritos e analisados, articulando o nível estrutural e o nível semântico. O funil vertical codifica esse potencial funcional, indicando o grau de versatilidade de cada classe de grupo na realização dos participantes.

No topo da hierarquia, o grupo nominal (GN) apresenta o maior potencial funcional, podendo realizar todos os tipos de participantes. O grupo adjetival aparece em logo abaixo, com potencial restrito à realização de Atributos nas orações intensivas, expressando propriedades e qualidades. Logo abaixo, os grupos adverbiais e preposicionados manifestam menor potencial, limitando-se à atribuição circunstancial em orações circunstanciais, representando localização, tempo, modo etc. Essa gradação hierárquica reflete a delicadeza das escolhas, através da qual cada classe de grupo realiza um domínio mais específico e delimitado da experiência.

À margem do funil, o diagrama inclui a oração encaixada, posicionada na fronteira entre a ordem da oração e a do grupo, para assinalar seu estatuto particular. Diferentemente das demais unidades, a oração encaixada resulta de um rebaixamento de ordem, pelo qual uma experiência configurada como figura passa a funcionar como grupo, com potencial para realizar Portador, Identificado e Identificador, sobretudo nas orações intensivas. Embora quantitativamente pouco frequente, esse padrão evidencia

processos de compactação experiencial, nos quais uma experiência de primeira ordem é reconstruída como entidade de segunda ordem.

Desse modo, a figura evidencia que as classes de grupo se organizam segundo um gradiente de versatilidade funcional no sistema relacional, enquanto a concretude, a referencialidade e o grau de simbolização das entidades permanecem regulados por outros sistemas simultâneos, como o de REFERENCIALIDADE e o de TIPO DE RELAÇÃO. Por conseguinte, as escolhas são organizadas de maneira probabilística e graduada.

A descrição do Portador evidencia que essa função opera como o principal eixo de ancoragem referencial das orações relacionais atributivas. Por constituir o ponto de partida semântico da vinculação simbólica instaurada pelo processo, o Portador tende a realizar entidades dotadas de estabilidade referencial, o que decorre da probabilidade próxima a 1.0 de grupos nominais, e, por isso mesmo, concentra a maior previsibilidade estrutural dentro do sistema. O quadro a seguir sintetiza essa arquitetura, organizando as características do Portador em três eixos complementares: (i) o tipo de ente selecionado, que fornece o domínio ontológico da relação; (ii) a direção de realização, que revela preferências sistêmicas pela instanciamento por grupos nominais, nominalizações ou orações encaixadas; e (iii) o perfil temático, que indica sua propensão a ocupar a posição de Tema ideacional.

Quadro 24 – Características sistêmicas do Portador nas orações relacionais atributivas

|                    | Portador     |            | Realização                         | Exemplo                                                                                                                                                               |
|--------------------|--------------|------------|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                    | Sistema      | Seleção    |                                    |                                                                                                                                                                       |
| Quanto ao ente     | TIPO DE ENTE | coisa      | coisa: material<br>coisa: abstrata | (1) <u>a criança permanece</u> sozinha;                                                                                                                               |
|                    |              | ato        | ato: evento<br>reificado           | (2) <u>A derrubada registrada em setembro de 2022</u><br><i>equivale</i> a mais de 900 parques Ibirapuera                                                             |
|                    |              | fato       | fato: proposição<br>fato: estado   | (3) <u>É lastimável que o Congresso Nacional, um dos mais caros do mundo, tenha consolidado a tradição de apresentar baixa produtividade a cada período eleitoral</u> |
| Quanto ao processo | DIREÇÃO      | instância  | GN                                 | (1)                                                                                                                                                                   |
|                    |              |            | Or.CONJ                            | (3)                                                                                                                                                                   |
|                    |              |            | NOM                                | (2)                                                                                                                                                                   |
| Quanto à oração    | TEMA         | ideacional | GN                                 | (1)                                                                                                                                                                   |

Fonte: elaboração própria.

A relação entre o Portador e o Atributo é de caráter unidirecional, uma relação em que o primeiro é uma instância da classe de qualidades, coisas ou circunstâncias designadas pelo segundo. Podemos observar uma ressonância interpessoal nesta relação, pois a instância corresponde ao sujeito, enquanto a classe corresponde ao complemento da oração.

Quando a relação é intensiva, o Atributo pode designar como elementos *coisa* ou *qualidade*. Correlatamente, quando o Atributo designa coisa é realizado por grupo nominal, quando designa qualidade, é realizado por grupo adjetival. No primeiro caso, quanto mais complexo for o grupo nominal, maior especificação hiperonímica é construída. Por exemplo, a presença de modificadores introduz uma subclasse da classe designada pelo núcleo, maior densidade lexical, portanto, equivale a maior especificação da classe designada:

(42) Apesar de considerar correta a análise de que o racismo estrutural é uma realidade, Samuel Vida, que é professor de direito da UFBA (Universidade Federal da Bahia), considera que o uso da expressão tem se banalizado.

(43) A eleição não é uma ciência exata. É algo complexo.

(44) Flordelis é uma grande mentira nacional. Como mãe, pastora, deputada e evangélica'

(45) Os painéis de monitoramento indicam alta de casos neste início de 2023. É uma situação que merece vigilância redobrada dos órgãos de saúde e da população. (GauchaZH, 2023)

Para a adequada interpretação dessas orações, é preciso compreender que apenas o portador apresenta valor referencial, ao passo que o Atributo é não referencial ou fracamente referencial, indicando o alcance do processo atributivo (Davidse, 1992). Em face disso é que a relação é direcional, partindo da instância (Portador) à classe (Atributo). Consequentemente, trata-se de uma propriedade icônica expressa pela ausência de reversão estrutural.

Essa direcionalidade reflete, na própria organização sintática, a natureza semântico-conceitual da relação de *instância* → *classe*: o Portador tende a representar uma entidade particularizada, ancorada no universo de discurso, enquanto o Atributo

representa uma categoria abstrata que a inclui e a caracteriza. O Atributo codifica uma propriedade generalizadora que se aplica ao Portador.

Nesse sentido, o Atributo funciona como um rótulo classificatório que não introduz uma nova entidade no discurso, mas expande semanticamente o Portador, situando-o dentro de uma rede de relações taxonômicas ou qualitativas. A estrutura não é reversível (*uma ciência exata não é a eleição*), pois a lógica da construção não é de equivalência total, mas de subsunção categorial. Tal assimetria formal é icônica da relação de dependência semântica: o Atributo, enquanto classe de coisas ou qualidades, comporta-se como um domínio de generalização que só adquire valor quando ativado por um Portador que o instancia.

Do ponto de vista sistêmico, as orações atributivas intensivas codificam um processo de categorização, em que o verbo relacional *ser* atua como operador de pertencimento, conectando uma entidade experiencial a um domínio conceptual. Essa codificação não apenas distingue o papel semântico dos participantes, mas revela a maneira pela qual a língua constrói hierarquias de abstração, permitindo que a experiência concreta (instância) seja interpretada dentro de um quadro simbólico mais amplo (classe).

Cabe ressaltar ainda que o Atributo não apenas qualifica o Portador, mas também espelha o próprio processo relacional, uma vez que é uma função que é, em essência, ‘cognata’ ao processo e expressa um conceito relacional (Davidse, 1999). Em outras palavras, o Atributo e o Processo compartilham a mesma natureza semântica, pois ambos expressam uma relação de equivalência parcial (caracterização). Desse modo, o Atributo é uma extensão semântica do processo, funcionando como a função que realiza o conceito de relação no conteúdo experiencial da oração. Em face disso, os testes semânticos de interrogação (conf. Capítulo 2) podem ser aplicados tanto no Atributo quanto no Processo.

Observemos o trecho de uma entrevista portal R7, em 04 de junho de 2023. A entrevistada é Patrícia Conceição Nobre Paz, delegada titular do Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas, de Curitiba/PR. Ela atua na única delegacia especializada no combate ao desaparecimento infantil em todo o Brasil. O objeto central da entrevista é o relatório Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que cobre o período de 2019 a 2021. No curso da discussão, a entrevista apresenta e interpreta dados estatísticos, explica particularidades no universo dos menores de idade e orienta pais e familiares sobre prevenção e protocolo de ação em casos de desaparecimento infantil. O trecho cumpre a função de ponto de virada interpretativo ao transformar a simples exposição de dados em interpretação avaliativa do fenômeno:

Repórter: *O percentual de crianças desaparecidas, no Mapa do FBSP, parece pequeno em comparação com outras faixas, mas a impressão é enganosa, não é verdade?*

Patrícia Paz: Exato. À primeira vista, *a parcela de 3,1% pode parecer pequena em relação ao todo*, mas o Mapa mostra, logo em seguida, que *a situação está longe de ser confortável*. A próxima faixa etária na divisão, de 12 a 17 anos, abriga 29,3% dos desaparecidos, praticamente 3 de cada 10 do total. *É, de longe, a maior de todos*, com taxa média de 84,4 desaparecimentos para cada grupo de 100 mil pessoas. Para que se tenha uma ideia, *essa taxa é 2,8 vezes maior do que a da média nacional, de 29,5 pessoas por grupo de 100 mil*. (R7, 2023)

As orações relacionais destacadas deslocam o foco da quantificação, anteriormente exposta, para a qualificação da realidade, revelando a gravidade oculta nos dados. Textualmente, elas articulam a transição entre o relato informativo do repórter e a análise explicativa da delegada. Interacionalmente, consolida um alinhamento avaliativo entre entrevistador e entrevistada; e ideacionalmente, reconfigura o percentual como signo de desigualdade e vulnerabilidade infantojuvenil. Ao aplicarmos os testes a essas orações, podemos compreender mais nitidamente a natureza do Atributo:

Quadro 25 – Identificação do Atributo por meio do teste interrogativo funcional

| Oração destacada                                                                                            | Teste interrogativo funcional                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. O percentual de crianças desaparecidas, no Mapa do FBSP, parece pequeno em comparação com outras faixas. | <i>Como é o percentual de crianças desaparecidas?</i><br>→ <b><i>É pequeno.</i></b>  |
| 2. A impressão é enganosa.                                                                                  | <i>Como é a impressão?</i><br>→ <b><i>É enganosa.</i></b>                            |
| 3. A parcela de 3,1% pode parecer pequena em relação ao todo.                                               | <i>Como pode parecer a parcela de 3,1%?</i><br>→ <b><i>Pequena.</i></b>              |
| 4. A situação está longe de ser confortável.                                                                | <i>Como está a situação?</i><br>→ <b><i>Longe de ser confortável.</i></b>            |
| 5. É, de longe, a maior de todos.                                                                           | <i>Como é (a faixa etária)?</i><br>→ <b><i>A maior de todos.</i></b>                 |
| 6. Essa taxa é 2,8 vezes maior do que a da média nacional, de 29,5 pessoas por grupo de 100 mil.            | <i>Como é essa taxa?</i><br>→ <b><i>2,8 vezes maior do que a média nacional.</i></b> |

Fonte: elaboração própria.

O fato a ser considerado acerca do emparelhamento entre Portador e Atributo é que, enquanto o primeiro tende a ser fortemente referencial, o último pode ser não referencial, quando realizado por adjetivo, ou fracamente referencial, quando realizado por grupo nominal. Textualmente, ambos os participantes representam o mesmo referente, mas o ponto de ancoragem é estabelecido sobre o Portador, tendo em vista a força referencial deste. Desse modo, o Atributo estabelece, por metarredundância do modelo lógico de expansão, uma relação de elaboração. Entretanto, a proeminência do Atributo só ocorre quando o processo realiza uma vinculação altamente generalizada, tipicamente por meio dos verbos correntemente denominados como de ligação.

Como alternativa, ainda que bem menos recorrente, o sistema também permite construir a atribuição como processo. Nessa configuração, o Atributo deixa de ser um participante realizado por grupo adjetival e passa a ser interpretado pelo próprio significado lexical do verbo. Observemos o contraste entre as orações abaixo. A primeira apresenta um processo que realiza predominantemente significados gramaticais — vinculação simbólica, perspectiva não delimitada, fase durativa e ancoragem no presente. Já a segunda é realizada por um processo que, além desses significados gramaticais — vinculação, localização no presente, perspectiva ilimitada e desdobramento neutro —, também codifica um significado de mensuração, no caso, o custo da entidade portadora. Por conseguinte, o Portador instancia, diretamente no Processo, a classe semântica a que pertence — neste exemplo, a das entidades suscetíveis de mensuração, mais especificamente, das que possuem valor financeiro. Assim, a função do Atributo passa a ser a de situar o Portador dentro do domínio de variação expresso pelo processo.

|                  |                  |                          |
|------------------|------------------|--------------------------|
| <i>A pressão</i> | <i>permanece</i> | <i>forte</i>             |
| <b>Portador</b>  | <b>Processo</b>  | <b>Classe ∨ Atributo</b> |

|                             |                          |                                               |
|-----------------------------|--------------------------|-----------------------------------------------|
| <i>O megawatt produzido</i> | <i>custa</i>             | <i>O dobro do gerado por uma hidrelétrica</i> |
| <b>Portador</b>             | <b>Classe ∨ Processo</b> | <b>Atributo</b>                               |

É nesse sentido que Davidse (1999) defende que o Atributo não é um ‘verdadeiro participante’, o que julgamos problemático tendo em vista que parece vestir com trajes novos a interpretação da gramática tradicional sobre o predicativo do sujeito, o que leva a interpretar o verbo relacional como mero vínculo. Contudo, nossa interpretação, fundamentada nos dados, aponta em direção contrária: nas orações relacionais do

português brasileiro, nem o verbo é semanticamente esvaziado, nem o Atributo é um não participante. O vínculo entre o Portador e o Atributo não é processual, mas simbólico, em que ambos se equivalem parcialmente – em “*a impressão é enganosa*”, *enganosa* designa uma propriedade da *impressão*, mas não de maneira individuada, pois é uma propriedade potencialmente aplicável a outras coisas, e dependente do ponto de vista do falante, dado o caráter avaliativo.

Diferentemente do Portador, que atua como âncora referencial da oração, o Atributo configura-se como a classe instanciada por esse participante, podendo também introduzir o valor, a propriedade ou o parâmetro que recorta o Portador nos domínios intensivo, possessivo ou circunstancial. Trata-se, portanto, de um elemento de elevada plasticidade semântica no interior da figura, uma vez que pode realizar tanto entidades concretas quanto abstrações, qualidades ou circunstâncias reificadas. Além disso, por funcionar prototipicamente como Rema ideacional, o Atributo tende a concentrar a informação nova da figura, constituindo o ponto em que a oração promove a expansão da semiose e projeta o significado atribuído ao Portador. O quadro a seguir sintetiza essa heterogeneidade ao organizar o Atributo segundo três dimensões analíticas: (i) o tipo de classe envolvido — coisa, qualidade ou circunstância reificada; (ii) a direção de realização, que evidencia preferências por grupos nominais, adjetivais ou preposicionados, conforme o tipo de valor expresso; e (iii) o papel remático, responsável por estruturar a progressão informacional da oração.

Quadro 26 – Características do Atributo nas orações relacionais atributivas

|                    | Atributo       |               | Realização | Exemplo                                                                             |
|--------------------|----------------|---------------|------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
|                    | Sistema        | Seleção       |            |                                                                                     |
| Quanto à classe    | TIPO DE CLASSE | coisa         | GN         | (1) O Brasil é <b>um país fantástico</b> .                                          |
|                    |                | qualidade     | GA         | (2) Enxergar esse reposicionamento dos jogadores em campo é <b>imprescindível</b> . |
|                    |                | circunstância | GP         | (3) O foco de calor está <b>em uma área de agricultura</b> .                        |
| Quanto ao processo | DIREÇÃO        | tipo          | GN         | (1)                                                                                 |
|                    |                |               | GA         | (2)                                                                                 |
|                    |                |               | GP         | (3)                                                                                 |
|                    |                | parâmetro     | GN         | (4) A linha de metro custa <b>15 bilhões</b>                                        |
| Quanto à oração    | REMA           | ideacional    | GN         | (1) e (4)                                                                           |
|                    |                |               | GA         | (2)                                                                                 |
|                    |                |               | GP         | (3)                                                                                 |

Fonte: elaboração própria.

Por sua vez, o participante Identificado realiza, nos diferentes tipos de orações relacionais, o participante cuja referência precisa ser esclarecida. Tipicamente, o português brasileiro realiza essa função semântica através de grupos nominais definidos, que codificam coisas e metacoisas:

#### **Trecho (Folha de São Paulo, 2022)**

**Contexto:** *O texto relata o episódio de preconceito sofrido por Duda Salabert, primeira vereadora transexual eleita em Belo Horizonte, durante sua posse em 2021. O trecho destacado tem a função de apresentar o conflito central da notícia, descrevendo o ato discriminatório cometido pelo vereador Wesley Autoescola, que negou a legitimidade de Duda ao ignorar seu recorde de votos e parabenizar outra vereadora. Assim, o trecho introduz o problema que motiva a reportagem e evidencia o contexto de transfobia e desrespeito enfrentado pela parlamentar.*

Durante a posse presencial, Duda teve que reagir a uma declaração preconceituosa e equivocada do vereador Wesley Autoescola (Pros). Ele ignorou o desempenho dela e parabenizou a Professora Marli (PP), afirmando que [a pepista] foi a mulher que recebeu mais votos, posto dado pelos eleitores à pedetista.

#### **Trecho (Diário de Pernambuco, 2022)**

**Contexto:** *A reportagem apresenta o contexto das eleições de meio de mandato nos Estados Unidos em 2022, destacando a disputa entre democratas e republicanos e o impacto do resultado para o governo Biden. O trecho em questão tem a função de sintetizar o que está em jogo para Biden — a continuidade ou não de seu programa de governo — e, em seguida, introduzir a análise do especialista James Naylor Green, que explica os fatores decisivos da eleição, funcionando como uma transição entre a narração dos fatos e a interpretação política.*

Para Biden, [a votação] representa a possibilidade de seguir adiante, ou não, em seu programa de governo. "Green aponta três elementos determinantes para as eleições de hoje. "Em primeiro lugar, a mobilização, ou seja, quem mobilizar mais pessoas de sua base. Em segundo lugar, se há uma preocupação em relação a uma ameaça à democracia capaz de fazer com que o eleitorado saia para votar contra os republicanos. Por último, se a nova decisão da Suprema Corte dos EUA contra o direito ao aborto mobilizará muitos eleitores a votar e a beneficiar os democratas", disse.

#### **Trecho (Brasil de Fato, 2022)**

**Contexto:** *O artigo de opinião defende que, apesar dos avanços, a cidadania feminina no Brasil ainda é limitada. O trecho destacado resume essa ideia ao mostrar que, mesmo historicamente excluídas da política institucional, as mulheres mantiveram-se ativas nas ruas e organizadas, evidenciando a força*

*dos movimentos femininos e a desigualdade de representação política no país.*

Ao recapitular a história notamos que a participação feminina na política não é restrita à institucionalidade. Mesmo excluídas desses espaços, com a cidadania e direitos políticos restritos, ousamos, ocupamos as ruas e nos mantivemos ativas e organizadas. Seja em defesa das pautas feministas ou, mais do que isso, na construção de um projeto de nação. Somos a maioria dos eleitores, porém não se reflete na política institucional. [***O Brasil***] *ocupa a posição de número 140*, em ranking que contempla 192 países pesquisados pela União Interparlamentar.

#### **Trecho (R7, 2022)**

**Contexto:** *O texto é uma entrevista com Caio Temponi, jovem de 14 anos aprovado em vários vestibulares e conhecido por sua inteligência acima da média. O trecho destacado tem a função de mostrar o lado mais descontraído e humano do entrevistado, ao revelar sua rotina de estudos intensa, mas também seu envolvimento com o canal no YouTube “Gabaritando com Caio Temponi”. Nesse momento, a entrevista humaniza o personagem, evidenciando sua paixão pelo aprendizado e seu desejo de compartilhar conhecimento, especialmente em matemática, com outros estudantes.*

**E:** É... mais tranquilo, né? Apenas nove horas, não dez, não é mesmo (risos)?  
[***Você***] *tem o canal Gabaritando com Caio Temponi no YouTube*, com mais de 50 mil seguidores. O que você faz lá?

**CT:** Pego exercícios que acho legais, ou que as pessoas me enviam, do Enem, de vestibulares mais difíceis, enfim, de provas diferentes, e desenvolvo até a resolução final. Tem coisas de todas as matérias, mas a maioria é de matemática.

No primeiro trecho, o Identificado “a pepista” é uma coisa concreta e individuada, referindo-se a um participante humano específico cuja identidade é socialmente reconhecida. É um núcleo de referência empírica, no qual a relação de ser é perspectivada em termos de identidade social — “a mulher mais votada”. Já no segundo trecho, em “a votação”, o Identificado, embora gramaticalmente nominal, realiza-se como metacoisa, pois não designa um evento empírico isolado, mas a representação institucional de um processo político, condensando o fazer social em uma entidade interpretável. De modo semelhante, no terceiro trecho, o Identificado “o Brasil” adquire caráter metonímico e institucional, operando como símbolo da coletividade nacional e como valor de localização espacial abstrata – “ocupa a posição de número 140”. No último trecho, o Identificado “você” realiza-se como coisa de natureza pessoal, um referente humano

concreto, mas que, na situação dialógica, assume valor relacional e discursivo, pois é reconstruído pelo entrevistador como ponto de ancoragem da interação interpessoal.

Assim, nos três tipos de oração — intensiva, possessiva e circunstancial —, o Identificado converge em sua função de âncora referencial: é sempre o termo que sustenta a perspectiva da relação, seja ela de intensificação, de pertencimento ou de localização. A variação de sua natureza — ora coisa física, ora entidade simbólica, ora metacoisa institucional — revela a plasticidade do sistema relacional no português brasileiro, em que a identidade se realiza tanto sobre entidades materiais quanto sobre abstrações reificadas, preservando a função de representar o foco de reconhecimento dentro da relação construída pela oração.

Entretanto, os exemplos também evidenciam propriedades mais profundas do sistema que precisam ser descortinadas. As orações identificativas configuram-se como relações de realização interestatal, em que se articula o plano léxico-gramatical ao semântico. Assim, Identificado e Identificador são funções gramaticais, mas realizam, no estrato do significado, as funções semânticas de Símbolo e Valor. O primeiro par define quem é identificado e quem faz a identificação; o segundo, quem representa (Símbolo) e o que é representado (Valor). A correspondência entre esses pares é sistemática, mas depende da direção da relação: (i) em orações de codificação, o Identificado realiza o Símbolo, como em *A votação representa a possibilidade de seguir adiante em seu programa de governo* (Diário de Pernambuco, 2022) e *O Brasil ocupa a posição de número 140* (Brasil de Fato, 2022); (ii) em orações de decodificação, o Identificado realiza o Valor, como em *A pepista foi a mulher que recebeu mais votos* (Folha de S. Paulo, 2022) e *Você tem o canal Gabaritando com Caio Temponi* (R7, 2022). Dessa forma, cada configuração expressa um movimento inverso de equivalência simbólica — ora definindo um valor a partir de um símbolo, ora reconhecendo um símbolo a partir de um valor —, o que confirma a natureza bidirecional do sistema relacional no português brasileiro.

A direcionalidade da relação nas configurações identificativas é um princípio explicativo essencial, pois permite determinar potenciais variações estruturais (Davidse, 2002). Por meio desse entendimento, torna-se relevante distinguir no português brasileiro, como no inglês, três opções principais de configuração de direcionalidade.

Quadro 27 – Sistema de direcionalidade da identidade nas orações identificativas

| Direção | Exemplo | Descrição funcional |
|---------|---------|---------------------|
|---------|---------|---------------------|

|                                                                   |                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (i) Decodificação:<br><b>não-clivada</b>                          | <i>A pepista foi a mulher que recebeu mais votos.</i> (Folha de São Paulo, 2022)                                                                                                               | O Identificado realiza o Valor e o Identificador, o Símbolo.                                                                                                                                |
| (ii) Codificação:<br><b>equativa temática</b>                     | <i>A votação representa a possibilidade de seguir adiante em seu programa de governo.</i> (Diário de Pernambuco, 2022) / <i>O Brasil ocupa a posição de número 140.</i> (Brasil de Fato, 2022) | O Identificado realiza o Símbolo e o Identificador, o Valor.                                                                                                                                |
| (iii) Codificação<br><b>clivada –<br/>Predicação<br/>temática</b> | <i>É o projeto Pau de Arara que é desenvolvido juntamente com os alunos da Universidade de Fortaleza.</i> (Nosso Meio, 2021)                                                                   | A oração realiza a codificação por meio de uma estrutura clivada, que destaca tematicamente o Símbolo ( <i>o projeto Pau de Arara</i> ) e projeta o Valor (a atividade de desenvolvimento). |

Fonte: elaboração própria.

A distinção entre as três subopções de codificação propostas por Davidse (1999) — equativa temática, clivada e predicação temática — é relevante para a modelagem do sistema identificativo do português brasileiro, pois revela que a codificação não é uma operação homogênea, mas um conjunto graduado de modos de realização da relação simbólica. Cada uma dessas configurações materializa um nível distinto de complexificação estrutural e de orientação informacional do processo de identificação. Na oração equativa temática, a equivalência entre símbolo e valor é expressa de forma direta, com predomínio da linearidade semântica (*A votação representa a possibilidade de seguir adiante...; O Brasil ocupa a posição de número 140*). Já a oração clivada — como em *É o projeto Pau de Arara que é desenvolvido juntamente com os alunos da Universidade de Fortaleza* — introduz uma camada adicional de tematização e foco, deslocando a identificação para uma posição estruturalmente marcada. Essa operação não altera a natureza simbólica da relação, mas reconfigura a posição do Identificado, que passa a realizar o símbolo tematizado, enquanto o identificador realiza o valor predicado sobre ele. Assim, a distinção entre os diferentes tipos de *encoding* permite compreender que o Identificado, no português brasileiro, pode oscilar entre um estatuto de símbolo não-marcado (nas equativas) e de símbolo destacado (nas clivadas), o que demonstra que a codificação não se limita a representar o valor, mas também a organizar a visibilidade discursiva da identidade. Essa variação é, portanto, gramaticalmente relevante e deve ser modelada como parte do sistema, pois mostra que a direção de codificação se desdobra

em gradações de foco e de hierarquização temática, refletindo o modo como a língua realiza o processo de tornar simbólica uma identidade.

Com a caracterização dos princípios organizadores transversais do processo relacional — incluindo sua organização temporal, direcionalidade semântica e configuração participativa, examinadas a partir das vistas de cima e de baixo —, estabelece-se o arcabouço sistêmico comum que sustenta as diferentes regiões do sistema relacional no português brasileiro. A partir desse ponto, a análise passa a focalizar a diferenciação interna do sistema segundo os tipos de relação que o compõem, adotando uma vista ao redor. As seções seguintes dedicam-se, assim, ao exame específico das orações relacionais intensivas, circunstanciais e possessivas, evidenciando como cada tipo instancia, especializa e tensiona esses princípios gerais.

### 3.3 Orações Relacionais Intensivas

Se nos propusermos a tarefa de definir qual dentre os tipos de relação é a mais prototípica em português brasileiro e em outras línguas, como o inglês, o espanhol, o mandarim, o vietnamita etc., há fortes indícios de essa seja a relação de intensificação. Em primeiro lugar, o teste da paráfrase possibilita reinterpretar estruturas possessivas e circunstanciais em termos de intensificação:

Quadro 28 – Paráfrases intensivas de relações circunstanciais e possessivas

| Tipo de Relação + Modo de relação | Exemplo                                                         | Paráfrase intensiva                                                                                 |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Circunstancial: atributiva        | A situação <b>está</b> fora de controle                         | <i>A situação é membro da classe das coisas fora de controle</i>                                    |
| Circunstancial: identificativa    | A última vez em que eu falei com o Lula <b>foi</b> em 2015      | <i>O ano em que falei com o Lula foi o de 2015.</i>                                                 |
| Possessiva: atributiva            | o Canadá <b>tem</b> um grande projeto de restauração florestal  | <i>O Canadá é membro da classe de países que possuem um grande projeto de restauração florestal</i> |
| Possessiva: identificativa        | A torcida que mais consome cerveja, com 84%, <b>é do</b> Santos | <i>A torcida que mais consome cerveja é identificada como a do time de futebol Santos</i>           |

Fonte: elaboração própria.

Em segundo lugar, a alta recorrência das estruturas intensivas é índice de maior representatividade e o núcleo de previsibilidade do sistema, o que em termos

probabilísticos se traduz em maior grau de instanciabilidade e menor custo informacional (Halliday, 2005; Matthiessen, 2015), destacando-se como a estrutura mais esperada dentro desse. E em terceiro lugar, as intensivas apresentam a maior tendência de operar puramente no domínio simbólico, enquanto as demais tendem a se expandir em domínios experienciais complementares. Nas possessivas, a tendência é de relação de posse entre entidades materiais. Nas circunstanciais, a tendência é que o domínio projetado seja o do espaço-tempo. Em outras palavras, nesses dois últimos tipos, a relação entre as entidades é externa, enquanto no tipo intensivo, a relação construída é interna, a partir de que se interpreta que apenas um dos participantes seria de fato congruentemente participante, instaurando o único ponto de ancoragem referencial da oração (Davidse, 1999).

Nosso posicionamento encontra respaldo em Halliday e Matthiessen (2014), Matthiessen (1995) e Davidse (1999). Para esses estudiosos, as intensivas constituem o modo mais direto de representação do Ser. Para Halliday e Matthiessen (2014), a relação intensiva é a realização congruente do Ser, sendo os tipos possessivo e circunstancial suas extensões metafóricas. Ainda segundo Matthiessen (1995), o tipo intensivo representa o membro central do sistema de processo relacional, e os tipos possessivo e circunstancial suas realizações periféricas. Pelo exposto, as orações intensivas funcionam como modelo metaforicamente expandido das outras, de modo que *ter é ser com posse* e *estar em é ser situado em*.

A matriz de analogia intensiva, embora funcione como um eixo de coesão sistêmica, ao permitir que se agrupem, em um mesmo domínio, estruturas que, em níveis maiores de delicadeza, revelam heterogeneidade, não constitui o eixo mais determinante da organização do sistema. Essa função cabe ao sistema MODO DE RELAÇÃO, que atua como um eixo transversal, perpassando toda a rede e operando no plano da organização simbólica, e não no do conteúdo experiencial. A coesão que ele imprime é lógica, pois estabelece o princípio de equivalência que garante a unidade formal e semântica entre os diversos subtipos de orações intensivas, possessivas e circunstanciais. Nas subseções seguintes, focalizaremos como essa variável se configura internamente em cada um desses tipos, descrevendo a forma como o modo de relação se realiza nos diferentes subtipos atributivos e identificativos do português brasileiro.

### **3.3.1 Orações intensivas atributivas**

Assumimos a perspectiva de Davidse (1992, 1999), posteriormente incorporada por Halliday e Matthiessen (2014), segundo a qual as orações intensivas atributivas operam sobre o conceito semiótico de instanciação. Propomos, contudo, uma reinterpretação da forma como a rede organiza essas opções, considerando especificidades do português brasileiro. Antes, porém, é necessário esclarecer as razões pelas quais julgamos necessária tal reformulação, contrastando nossa leitura com a de Davidse (1999).

Um primeiro ponto a ser abordado é que a explicação da estudiosa se concentra no papel exercido pelo participante Atributo como realizador da classe instanciada pelo Portador. A análise lança mão de orações cujo processo é realizado pelo verbo *to be*, realizador apenas de significado gramatical. Logo, ficam fora do escopo da interpretação orações cujo processo adicionalmente apresenta significado lexical, realizando a classe instanciada pelo Portador – estruturas em que a função do Atributo é ser um parâmetro que instancia o conteúdo específico da classe determinada pelo processo. Essas orações, pouco incidentes, mas diversas, representam sua plasticidade e seu potencial de expansão, pois revelam que a vinculação simbólica não se restringe a *links* altamente generalizados (Halliday; Matthiessen, 2014), mas pode ser construída como vínculos simbólicos especializados:

Quadro 29 – Especialização do processo relacional e reconfiguração da função do Atributo

| <b>Tipo de processo relacional</b>                                          | <b>Domínio semântico instaurado pelo processo</b> | <b>Função do Atributo</b> |
|-----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|---------------------------|
| <b>Semiose</b> ( <i>significar, representar</i> )                           | domínio semiótico                                 | valor representado        |
| <b>Mensuração</b> ( <i>custar, medir, valer</i> )                           | domínio quantitativo                              | valor mensurativo         |
| <b>Característica</b> ( <i>caracterizar-se como, consistir em</i> )         | domínio de definição                              | valor descritivo          |
| <b>Exemplo / tipificação</b> ( <i>exemplificar, constituir exemplo de</i> ) | domínio de abstração                              | valor ilustrativo         |

Fonte: elaboração própria.

A mudança na função exercida por Processo e Atributo nesses casos aponta para um eixo de bifurcação sistêmica, pois, para que possa abarcar essa expansão potencial, a rede necessita da explicitação do sistema de ATRIBUIÇÃO DE CLASSE, que engloba as opções de *classe como participante* e *classe como processo*. Embora não tenham

introduzido esse sistema na região intensiva de seu modelo, mas apenas na circunstancial e na possessiva, Halliday e Matthiessen (2014), em um breve trecho, apontam que “o contraste entre ‘como participante’ e ‘como processo’ é, como acabamos de observar, gramatical e em certo sentido ele se aplica também às orações intensivas”.

Outro ponto a ser abordado diz respeito à REFERENCIALIDADE do Atributo, que para Davidse (1999) é ausente, o que a faz considerá-lo um não participante, pois “o referente do Atributo é uma noção inerentemente relacional” (p. 202)<sup>41</sup>. A linguista parte do princípio de que isso decorre do fato de a codificação prototípica do Atributo ocorrer por epíteto. Novamente, temos um caso em que o padrão mais frequente é alçado à posição de modelo definidor. Mais uma vez, isso resulta em relegar à margem as tendências menos previsíveis, as instâncias em que o sistema revela seu potencial de expansão.

Os dados investigados revelam um sistema em que a ocorrência de Atributos adjetivais e Atributos nominais é relativamente equilibrada. Os primeiros, de fato são mais frequentes, representando 56% do total, mas os segundos são quantitativamente significativos, representando 44%. Informacionalmente, a distribuição é pouco assimétrica, indicando que a polarização em torno de Atributos adjetivais é leve, aproximando-se de um estado de equilíbrio. Logo, nos dados, a marcação da escolha adjetival é fraca, revelando um sistema que permite ampla nominalização de Atributos.

A nosso ver, essas escolhas não redundam em uma mesma função. O teste de exclusão, que permite avaliar o grau de aderência entre Portador e Atributo, oferece um esclarecimento importante sobre a natureza da relação nesses dois tipos de configuração. Se suprimirmos o processo em *Aquela mulher é inteligente* e em *Aquela mulher é uma pessoa inteligente*, obtemos, respectivamente, *Aquela mulher inteligente* e *Aquela mulher, uma pessoa inteligente*. O contraste revela dois comportamentos distintos. Em primeiro lugar, observa-se que a aderência sintagmática entre Portador e Atributo é significativamente maior quando o Atributo é adjetival: o adjetivo integra-se estruturalmente ao núcleo nominal, compondo com ele um grupo coeso e semanticamente unificado. Já quando o Atributo é nominal, a relação é menos estreita, o que, em textos escritos, tende a manifestar-se pelo uso de vírgulas isolando o segmento atributivo, indício de uma relação apositiva e não restritiva.

---

<sup>41</sup> No original: “the designatum of the Attribute is an inherently relational notion”.

Em segundo lugar, o escopo funcional da relação também se altera. No primeiro caso, o adjetivo atua como modificador interno da referência: a propriedade expressa (*inteligente*) delimita a classe de entidades denotadas por *mulher*, projetando a característica como traço intrínseco do Portador. Já no segundo, ocorre um deslocamento referencial: *Aquela mulher* designa uma entidade individuada, enquanto *uma pessoa inteligente* representa uma instância genérica de uma categoria mais ampla (*pessoa*). A propriedade, nesse caso, não é projetada a partir do Portador, mas a partir do domínio de classe em que ele se insere, sendo atribuída externamente.

Diante disso, a interpretação mais adequada é a de que o Atributo adjetival constrói a classe internamente, funcionando como uma projeção qualitativa originada no próprio Portador, ao passo que o Atributo nominal constrói a classe externamente, como uma projeção derivada de um domínio semântico mais amplo no qual o Portador se insere. Essa distinção reforça e ao mesmo tempo refina a proposta de Davidse (1999) sobre o contínuo de atribuição — discutido a seguir —, ao explicitar a natureza de seus polos: de um lado, a caracterização interna, em que a propriedade emerge como traço constitutivo do Portador; de outro, a caracterização externa, em que a propriedade é atribuída a partir de uma categoria que o abrange. Entre esses extremos, estende-se uma zona intermediária de mescla gradual, na qual diferentes esquemas atributivos se combinam e são instanciados com graus variáveis de integração entre Portador e Atributo.

### 3.3.1.1 O contínuo de atribuição

Com base no que foi discutido anteriormente, nossa interpretação do *contínuo de atribuição* estende o contínuo delineado por Davidse (1999). A linguista, ao focalizar apenas relações em que a classe é realizada como Atributo, restringe o real potencial do sistema. Como a gramática atributiva possibilita construir o significado de classe tanto como Atributo quanto como Processo, sendo que neste último caso o Atributo funciona como parâmetro da classe realizada no Processo, sua extensão se estende de um polo em que o Portador é instância de uma classe de qualidades a outro em que ele é instância de uma classe de processos. Entre os extremos, a realização por *nome* e por grupo *nominal* totalizam quatro pontos focais em que a atribuição instancia esquemas categoriais. Ao

cruzarmos com a configuração do Portador, visto que a relação é de emparelhamento semântico, podemos abstrair um total de sete pontos focais no contínuo<sup>42</sup>:

Quadro 30 – Contínuo de atribuição de classe nas orações relacionais intensivas atributivas

|           | <b>Padrão estrutural</b>                                | <b>Exemplo ilustrativo</b>                                                                    |
|-----------|---------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>P1</i> | Portador (GN) +<br>Atribuição de Classe: Qualidade (GA) | <i>A linha de atuação das gestões anteriores é correta.</i>                                   |
| <i>P2</i> | Portador (Or) +<br>Atribuição de Classe: Qualidade (GA) | <i>É conveniente dar continuidade ao trabalho de fortalecimento das relações com o setor.</i> |
| <i>P3</i> | Portador (GN) +<br>Atribuição de Classe: Coisa (N)      | <i>Um de seus filhos é gay.</i>                                                               |
| <i>P4</i> | Portador (GN) +<br>Atribuição de Classe: Coisa (GN)     | <i>Ele é um amigo fraterno meu.</i>                                                           |
| <i>P5</i> | Portador (Or) +<br>Atribuição de Classe: Coisa (GN)     | <i>Dividir o comando com ele é um presente.</i>                                               |
| <i>P6</i> | Portador (GN) +<br>Atribuição de Classe: Processo       | <i>A linha 6 do metrô custa R\$ 15 bilhões.</i>                                               |
| <i>P7</i> | Portador (Or) +<br>Atribuição de Classe: Processo       | <i>Não custa lembrar que esta faca corta dos dois lados.</i>                                  |

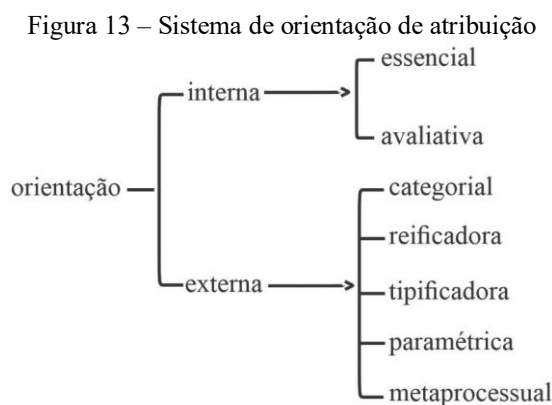
Fonte: elaboração própria.

O exame dos sete padrões ilustrativos do contínuo de atribuição revela uma gradação funcional precisa entre diferentes modos de construção da relação de atribuição de classe, que se estende da caracterização intrínseca à parametrização processual. No polo esquerdo, representado por orações como *A linha de atuação das gestões anteriores é correta*, a atribuição ancora-se internamente no Portador, pois o Atributo expressa uma propriedade interna, funcionando como projeção qualitativa da própria entidade. Esse padrão se desloca, nas realizações em que o Portador é oracional, como em *É conveniente dar continuidade ao trabalho de fortalecimento das relações com o setor*, para uma configuração em que a qualidade é aplicada a um evento, passando a avaliação, a ter natureza modal e o processo relacional atuar como mediador da pertinência discursiva,

<sup>42</sup> Neste trabalho, distingue-se a realização nominal do Atributo entre nome simples (N) e grupo nominal (GN), embora ambos realizem atribuição de classe como coisa. A distinção não é meramente formal, mas funcional, pois quando realizado como nome simples, o Atributo tende a operar como rótulo categorial direto, apoiando-se em uma classe lexicalmente cristalizada; quando realizado como grupo nominal, a classe é construída discursivamente por meio de determinação e modificação internas, introduzindo maior densidade informacional e maior custo categorial. Essa distinção é compatível com a proposta de Davidse (1999), que reconhece diferentes graus de esquematicidade na realização nominal do Atributo, ainda que não os sistematize explicitamente como pontos distintos em um contínuo.

não mais da essência da entidade. À medida que o sistema avança em direção ao domínio categorial, como em *Um de seus filhos é gay*, *Dividir o comando com ele é um presente* e *Ele é um amigo fraterno meu*, o Atributo deixa de nomear uma qualidade e passa a reificar o Portador, enquadrando-o numa classe de entidades sociais ou simbólicas. É nesse ponto que nossos dados manifestam sua zona de maior densidade probabilística, tendo em vista que a atribuição é construída por meio de nominalizações expansivas, nas quais o processo *ser* opera como instrumento de categorização e valoração social. No extremo final do contínuo, representado por *A linha 6 do metrô custa R\$ 15 bilhões* e *Não custa lembrar que esta faca corta dos dois lados*, a atribuição torna-se processualizada: o Atributo deixa de ser uma classe nominal e passa a funcionar como parâmetro de operação do próprio processo, internalizando-se na estrutura verbal.

O movimento que se observa é o de uma translação do centro da experiência para sua periferia discursiva. A atribuição, inicialmente construída de dentro da entidade, projeta-se progressivamente para fora dela, passando a constituir modos de enquadramento semântico do evento ou da proposição. Assim, a extensão do contínuo expressa precisamente a região do sistema que constrói, de modo progressivo, o trânsito da atribuição de classe — de uma realização interna (qualitativa) para uma realização externa (processual), revelando o modo como a gramática expande a noção de classe. Por isso, faz-se importante distinguir na rede o sistema de ORIENTAÇÃO DE ATRIBUIÇÃO:



Fonte: elaboração própria.

Do ponto de vista probabilístico, o sistema de atribuição descrito neste estudo mostra-se nitidamente assimétrico. Em cerca de 92% dos casos, a atribuição incide sobre Portadores nominais, o que indica que, na prática discursiva examinada, a gramática relacional funciona prioritariamente como mecanismo de categorização de entidades e

não de avaliação de eventos. Dado um Portador nominal, há praticamente uma situação de equilíbrio funcional entre a atribuição de qualidade (42,4%) e a atribuição nominal-categorial (47,8%), com nítida vantagem, dentro desta última, das construções do tipo *X é um GN* (44%), que configuram o padrão mais prototípico de construção atributiva dos textos jornalísticos descritos. Quando o Portador é oracional (8%), o sistema reorganiza suas preferências: a atribuição nominal-categorial passa ao primeiro lugar (50%), seguida da qualitativa (37,3%) e, finalmente, da processual (12,7%), de tal modo que as configurações menos típicas de Portador aparecem, com maior visibilidade. Essa distribuição mostra que a atribuição não é apenas um recurso para ‘adicionar uma característica’, mas um dispositivo para reposicionar a experiência em classes discursivamente úteis, variando de classes de qualidades a classes de processos.

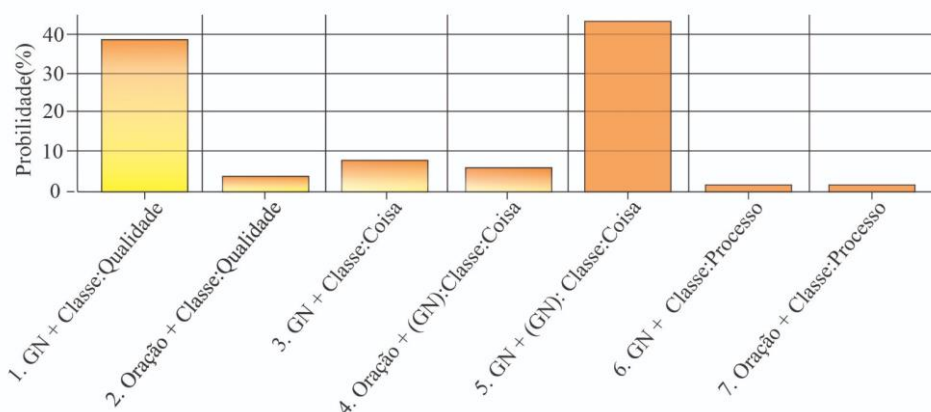


Gráfico 7 – Faixa probabilística do contínuo de Atribuição  
Fonte: elaboração própria.

A faixa horizontal representa a progressão semântica do contínuo de atribuição. A direção parte do polo *qualitativo* em amarelo, passando pelo *categorial* em laranja, até o *processual* em vermelho. As colunas marcam os sete pontos focais observados, com espessura proporcional à probabilidade de ocorrência. O pico no ponto 5 (GN + (GN):Classe:Coisa) indica o padrão mais prototípico da gramática atributiva, enquanto as extremidades (6–7) definem o limite processual do sistema.

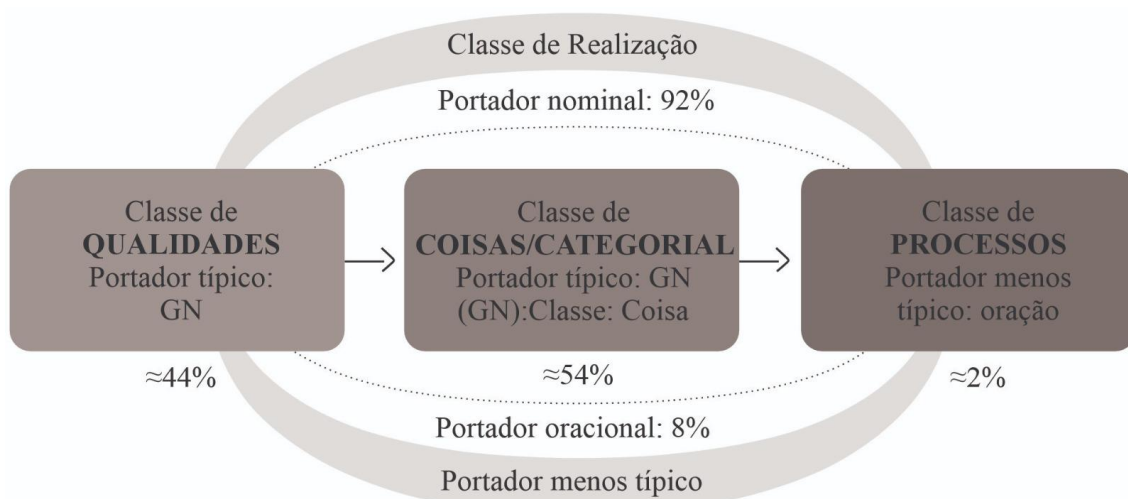


Figura 14 – Zonas de realização da classe  
Fonte: elaboração própria.

A Figura acima representa o contínuo de atribuição observado no corpus. As três caixas centrais correspondem às três zonas de realização da classe. No polo esquerdo, a classe é construída internamente ao Portador, por meio de atributos de qualidade; no centro, a classe é reificada em forma nominal e passa a funcionar como categoria social ou discursiva, consistindo em um zona de maior densidade do sistema; no polo direito, a classe é projetada externamente, sendo realizada como parâmetro de processo. As elipses superior e inferior representam a camada de realização do Portador: a superior indica que a realização nominal é a via de acesso prototípica ao sistema ( $\approx 92\%$ ), ao passo que a inferior mostra que a realização oracional, embora menos frequente ( $\approx 8\%$ ), tende a ativar precisamente as opções mais externas da atribuição. Dessa forma, o diagrama torna visível que a extensão do contínuo não é meramente semântica, mas realiza uma variação de *locus* da classe na oração: ela pode ser construída de dentro da entidade até fora dela, como enquadramento processual da experiência.

### 3.3.1.2 Atributo realizado por grupo adjetival (GA)

A especificação da classe a que pertence o Portador pode se dar por referência mais específica, quando a designação da classe é relacionada diretamente à entidade que a constitui, ou pela designação de um critério de pertencimento com base em qualidades

da entidade que a compõem. Exemplos desses dois tipos de especificação de classe estão respectivamente nas orações 46 e 47:

- (46) Beltrame é uma pessoa séria, eu não o vejo há seis anos e um mês. **Ele era um policial federal**, agente, que fez carreira como agente, depois fez concurso, passou a delegado. (Metrópoles, 2022)
- (47) Um admirador comentou: “Essa é uma foto adorável”. Outro escreveu: **“Como ela parece atenciosa, mesmo nessa idade”**. (Metrópoles, 2022)

Podemos observar uma diferença léxico-gramatical na configuração dos participantes dessas orações. Embora o Portador seja realizado por grupo nominal em ambos os casos, o Atributo é realizado de formas distintas: na primeira oração, por grupo nominal, e na segunda, por grupo adjetival. Essa diferença é motivada por razões semânticas. Entidades tendem a ter uma natureza referencial, uma característica que a semântica normalmente associa aos grupos nominais. Além disso, a escolha do esquema que emparelha os participantes é influenciada pela natureza semântica do participante (Davidse, 2000). Nesta subseção, nossa atenção recai sobre os esquemas relativos ao Atributo adjetival. Nos dados do *corpus*, identificamos dois tipos desse esquema:

Quadro 31- Esquemas de atribuição interna

| Esquema                                  | Subesquema                                               | Exemplo                                                                                                        |
|------------------------------------------|----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Categorização instância-qualidade</i> | Esquematicidade de instanciamento: (instância-qualidade) | <i>A dor certamente ainda é grande... Imensa.</i> (R7, 2023)                                                   |
|                                          | Esquematicidade de superordenação: (tipo-qualidade)      | (Casos, hospitalizações e mortes: apesar de alívio nos números, <i>acompanhamento é primordial.</i> (G1, 2023) |
| <i>Categorização ato-qualidade</i>       | Esquematicidade de metainstanciamento: (ato-qualidade)   | <b>É</b> conveniente dar continuidade ao trabalho                                                              |

Fonte: elaboração própria.

Orações atributivas com Atributo realizado por adjetivos constroem congruentemente, por *categorização instância-qualidade*, o subesquema instância-qualidade. Alternativamente, esse tipo de categorização também dispõe do subesquema *tipo-qualidade*. No primeiro subesquema, o Portador designa uma instância concreta e o Atributo expressa uma qualidade dessa instância. Já no segundo subesquema, o Portador designa um tipo genérico e o Atributo realiza uma qualificação por superordenação. De maneira geral, esse tipo de categorização constrói graus de instanciamento, indo do mais

específico ao mais genérico, o que indica uma distância de abstração. Essa categorização é devidamente descrita e fundamentada em Davidse (1992).

Contudo, os dados do português brasileiro que fundamentam esta interpretação revelam, no que diz respeito ao Atributo adjetival, a possibilidade de categorizar um ato como entidade ancoradora da qualificação. Trata-se de uma *categorização ato-qualidade*, em que o Portador designa um evento semântico, sendo realizado por oração. Essa categorização pode ser interpretada como *o evento Y é avaliado como X*.

O contraste entre os três subesquemas revela uma distinção fundamental. Ao passo que os subesquemas da categorização *instância-qualidade* realizam a orientação de atribuição internamente, o subesquema *ato-qualidade* a realiza externamente, com ressonância entre as dimensões ideacional (representação de entidade) e interpessoal (avaliação, julgamento, modalização) do sistema linguístico. A oração então é simultaneamente uma proposição avaliativa, que exprime atitude, julgamento e valoração. Por conseguinte, consiste em uma zona limítrofe, sendo um espaço em que a interpretação deve abarcar a interpenetração entre a transitividade e a modalidade. A figura 22 sintetiza essa variação:

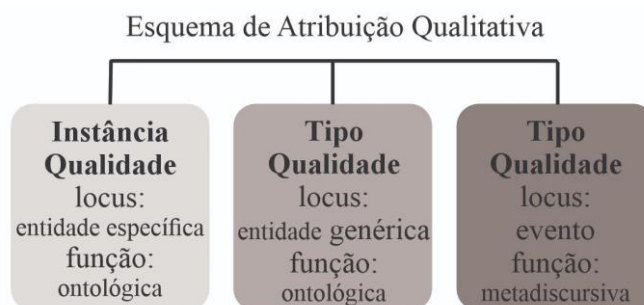


Figura 15 – Esquemas de atribuição qualitativa e *locus* da qualidade  
Fonte: elaboração própria.

Por último, uma propriedade desse ponto do contínuo é que a qualidade pode incluir uma indicação de grau, como em 48, em que o Atributo adjetival apresenta uma relação adverbial de gradabilidade.

(48) Acredito também que expandi meu perfil e passei a ter o poder de influenciar pessoas, devido a minha autenticidade e pela verdade em tudo que digo e faço. Sou bem transparente, simples e do meu modo em tudo. (Nosso Meio, 2022)

A relevância dessa propriedade consiste em que, se, de um lado, o Atributo realizador de uma classe de coisas fundamenta a relação na lógica do pertencimento ou não pertencimento (*inclusion*) a essa classe, por outro, o Atributo realizador de uma classe de qualidade funciona como um espaço escalar, em que a qualidade pode pertencer mais ou pertencer menos ao Portador. Isso nos leva a compreender Qualidade como um espaço de gradação contínua, com fronteiras de classe difusas:

### Texto 3.6 – Trecho de Artigo de Opinião (Folha de São Paulo, 2022)

*No caso brasileiro, apesar das inúmeras mazelas que nos assolam, a inexistência de uma política industrial não somente não nos dá um boato para o futuro como ameaça seriamente a própria sobrevivência da empresa nacional. Já perdemos a corrida em consideráveis setores, mas ainda vamos perder muitos outros se não nos planejarmos como nação.*

(...)

*Por isso é **importante** nos debruçarmos sobre as políticas industriais das nações que cresceram bastante nos últimos 20 anos . Pequenas empresas de países como Itália e Israel realizaram parcerias envolvendo vários segmentos, mas principalmente com seus respectivos governos, os quais foram decisivos para o sucesso. Assim, enquanto no Brasil uma pequena empresa praticamente não exporta nada (menos de 1% do total de nossas exportações), a Itália responde por mais da metade das exportações.*

*Será que uma pequena empresa italiana é assim tão mais eficiente que a nossa? Claro que não. A diferença está numa política pública chamada consórcio de pequenas empresas, pela qual o governo estimula a formação de associações que, às vezes, reúnem mais de mil pequenas empresas com o objetivo de, juntas, conseguirem exportar. Mas é em Israel que vem o exemplo mais marcante.*

*Nas incubadoras, as pequenas vão trabalhar em conjunto com engenheiros e estudantes das universidades israelenses em busca de inovações. Claro que o enorme investimento de Israel em educação também é importante, mas o modelo acima foi decisivo para transformar este pequeno país de 8 milhões de habitantes no 13º maior produtor de inovações do mundo (Folha de São Paulo, 2022)*

#### 3.3.1.3 Atributo realizado por N

Orações atributivas com Atributo realizado por grupos nominais simples designam tipos não quantificados e operam a categorização *instância-tipo*. O Atributo apresenta duas designações: um papel que implica um único ocupante de uma função em um lugar e um tempo determinados e um outro papel que implica designação de posições e cargos ocupados por um único indivíduo por vez:

(49) Rodrigo Pacheco, na presidência do Senado, postula indicação ao Supremo Tribunal Federal, Eduardo Leite está ocupado governando o Rio Grande do Sul, Ciro Gomes anda farto da disputa política, **Geraldo Alckmin é vice-presidente** e Simone Tebet, ministra. (Uol, 2023)

(50) **Bolsonaro foi presidente da República por quatro anos**. Poderia arrumar algum lugar para eu trabalhar. (Veja, 2023)

(51) **Vale ressaltar que Harry e Meghan são amigos íntimos da jornalista e escritora norte-americana**, e moram perto dela. (Metrópoles, 2021)

Quadro 32- Tipos de esquematização nas orações intensivas atributivas

| Esquema                                  | Subesquema                                               | Exemplo                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------|----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Categorização instância-qualidade</i> | Esquematicidade de instanciamento: (instância-qualidade) | <i>A dor certamente ainda é grande... Imensa.</i> (R7, 2023)                                                                                                                                                        |
|                                          | Esquematicidade de superordenação: (tipo-qualidade)      | Casos, hospitalizações e mortes: apesar de alívio nos números, <i>acompanhamento é primordial.</i> (G1, 2023)                                                                                                       |
| <i>Categorização instância-tipo</i>      | Esquematicidade instância-tipo                           | <i>Samuel Vida, 53, é coordenador do Programa Direito e Relações Raciais na UFBA.</i> Fundada em 2003, a iniciativa foi pioneira entre as faculdades de direito do país. (Folha de São Paulo, 2021)                 |
| <i>Categorização instância-instância</i> | Esquematicidade de instanciamento (instância-tipo)       | Caio é <b>um</b> adolescente educado, alegre, descontraído, de astral leve, o que confere uma dimensão ainda mais encantadora ao conjunto da obra. (R7, 2021)                                                       |
|                                          | Esquematicidade de superordenação (subtipo-tipo)         | Esquecemos que o carro elétrico é <b>um</b> carro muito mais intensivo e mineral, a quantidade de cobre ou de outros materiais que vão no carro é muito maior do que de um carro comum. (Correio Brasiliense, 2023) |

Fonte: elaboração própria.

#### 3.3.1.4 Atributo realizado por GN

Quando o Atributo se realiza por grupo nominal, a atribuição de classe deixa de operar apenas por rotulação direta e passa a envolver graus distintos de esquematização categorial, uma vez que o grupo nominal pode construir a classe de modo mais ou menos especificado, referencial ou relacional. Nesses casos, a relação atributiva não se limita a classificar o Portador, mas organiza diferentes modos de emparelhamento semântico entre

instância e tipo, revelando variações internas no modo como a identidade categorial é construída. A realização por grupo nominal, portanto, amplia o potencial de instanciamento da atribuição, permitindo distinguir esquemas em que o Portador é interpretado como instância de uma classe, como tipo abstrato ou como entidade situada em relações hierárquicas de superordenação. O quadro a seguir sintetiza esses padrões, sistematizando os principais tipos de esquematização observados nas orações intensivas atributivas com Atributo realizado por GN.

Quadro 33- Tipos de esquematização nas orações intensivas atributivas

| Esquema                                  | Subesquema                                         | Exemplo                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------|----------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Categorização instância-tipo</i>      | Esquematicidade instância-tipo                     | <i>Samuel Vida, 53, é coordenador do Programa Direito e Relações Raciais na UFBA. Fundada em 2003, a iniciativa foi pioneira entre as faculdades de direito do país. (Folha de São Paulo, 2021)</i>                 |
| <i>Categorização instância-instância</i> | Esquematicidade de instanciamento (instância-tipo) | Caio <b>é um</b> adolescente educado, alegre, descontraído, de astral leve, o que confere uma dimensão ainda mais encantadora ao conjunto da obra. (R7, 2021)                                                       |
|                                          | Esquematicidade de superordenação (subtipo-tipo)   | Esquecemos que o carro elétrico <b>é um</b> carro muito mais intensivo e mineral, a quantidade de cobre ou de outros materiais que vão no carro é muito maior do que de um carro comum. (Correio Brasiliense, 2023) |

Fonte: elaboração própria.

A categorização *instância-instância* ocorre quando o Atributo é codificado por grupo nominal referencial, designando um único membro, por tanto uma instância. Entretanto, a referência do Atributo não é especificada, como no exemplo da tabela anterior. É importante destacar que em nossos dados esse foi o tipo de categorização menos frequente (6,7%).

Quando o Portador representa um ato, realizado por uma oração não finita sem sujeito, ele designa um tipo, não uma instância específica de um processo. Nesse caso, se o Atributo é realizado por grupo nominal temos uma categorização *tipo-instância*, visto que o grau de especificação do Atributo é maior do que o do Portador:

(48) **NM**: Como você avalia o constante processo de aprendizado de um profissional?

**Tarsylla Vasconcelos: Aprender[Portador] é um processo constante da vida[Atributo] né?! (Nosso Meio, 2022)**

*3.3.1.5 Formas verbais atributivas identificadas no corpus*

O quadro a seguir apresenta os Processos que, no âmbito do *corpus*, representam um conjunto de verbos realizadores em português brasileiro. Na primeira coluna, destacamos os domínios semânticos que constituem seu campo de proveniência lexical. Na segunda coluna, são apresentados os subdomínios dentro de um domínio (quando houver). Na terceira coluna, são destacadas as formas verbais. Por fim, na última coluna são apresentados dados da amostra que instanciam o potencial.

Quadro 34 – Domínios semânticos, subdomínios e verbos realizadores do Processo Relacional Atributivo no *corpus*

| Natureza Semântica |             | Atributivo     | Dados                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|--------------------|-------------|----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Neutro             |             | Ser            | O índice é inferior aos 23,4% registrados no mesmo período de 2001, quando o Brasil enfrentou a “crise do apagão”. (CORREIO BRASILIENSE, 2021)                                                                                                                                                |
|                    |             | Estar          | A construção da ideia do racismo estrutural é uma construção antiga, feita pelo movimento negro norte-americano, vários autores norte-americanos produziram análises mostrando como o racismo estrutura as instituições. E essa análise <b>está</b> correta, ela não está errada. (UOL, 2021) |
| fase: temporal     | inceptiva   | Tornar-se      | A desigualdade social e racial, lembrou, <b>torna-se</b> um componente crítico. (CORREIO BRASILIENSE, 2023)                                                                                                                                                                                   |
|                    |             | Transformar-se | Todo jogo <b>se transforma</b> , na prática, numa final                                                                                                                                                                                                                                       |
|                    |             | Virar          | A floresta densa, tropical, ela <b>vira</b> um ecossistema degradado, de céu aberto, com poucas árvores (R7, 2023)                                                                                                                                                                            |
|                    |             | Fazer-se       | A transformação para um Brasil mais justo, igualitário e democrático, <b>faz-se</b> necessário que outros grupos estejam ocupando as esferas de poder.                                                                                                                                        |
|                    | durativa    | Permanecer     | A pressão, no entanto, <b>permanece</b> forte (GAUCHA ZH, 2022)                                                                                                                                                                                                                               |
|                    | terminativa | Ficar          | Assumi o Balanço Geral em 26 de maio de 2014. Um grande desafio. Passaram-se alguns meses e a audiência <b>ficou</b> estagnada. (R7, 2023)                                                                                                                                                    |

|                 |            |                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------|------------|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                 |            | Acabar          | Em 2021, seguranças contratados por uma unidade da Atakarejo, em Salvador (BA), entregaram Bruno Barros e Yan Barros, tio e sobrinho, com 29 e 19 anos, para integrantes de uma facção criminosa. <u>A dupla acabou torturada e morta</u> e os corpos foram encontrados no porta-malas de um carro. |
| fase: realidade | aparente   | Parecer         | O percentual de crianças desaparecidas, no Mapa do FBSP, <b>parece</b> pequeno em comparação com outras faixas (R7, 2023)                                                                                                                                                                           |
|                 |            | Revelar-se      | A homonormatividade <b>se revela</b> também classista (Brasil de Fato, 2022)                                                                                                                                                                                                                        |
|                 | realizada  | Caracterizar-se | Os cientistas afirmam que as temperaturas elevadas são o resultado da mudança climática, acentuada neste ano pelo retorno do fenômeno <i>El Niño</i> , <i>que se caracteriza por um aumento da temperatura das águas do Pacífico e provoca fenômenos climáticos extremos</i> (R7, 2023)             |
|                 | perceptiva | Mostrar-se      | O agir estratégico se <b>mostra</b> essencial (Hoje em Dia, 2021)                                                                                                                                                                                                                                   |
|                 |            | Demonstrar      | De acordo com ele, a falta de prioridade das populações negra e periférica <b>demonstra</b> ainda negligência.                                                                                                                                                                                      |
|                 |            |                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Medir           |            | Custar          | O megawatt produzido em uma usina movida a carvão <b>custa</b> o dobro do gerado por uma hidrelétrica (Correio Brasiliense, 2022)                                                                                                                                                                   |
|                 |            | Equivaler       | Dados do Inpe apontam que devastação nos dois biomas <b>equivale</b> a quase duas vezes a área da cidade do Rio de Janeiro (FOLHA DE SÃO PAULO, 2023)                                                                                                                                               |
|                 |            | Valer           | Bolsonaro também elogiou a ministra da Agricultura, Tereza Cristina. Disse que ela " <b>vale</b> por 10 ministros".                                                                                                                                                                                 |
|                 |            | Representar     | A área total desmatada em 2022 no bioma <b>representa</b> quase um terço da supressão da vegetação nativa no país (32,1%)                                                                                                                                                                           |
|                 |            | Equivale        | uma taxa que <b>equivale</b> a um Parque Ibirapuera desmatado a cada três dias                                                                                                                                                                                                                      |
| Semiose         |            | marcar          | Chanceler diz que viagem de presidente Lula à China <b>marca</b> retomada de pontes destruídas e "virada de página triste" da diplomacia (CORREIO BRASILIENSE, 2023)                                                                                                                                |
|                 |            | Representar     | a negativa de Simone Biles <b>representa</b> um cavalo de pau na lógica competitiva                                                                                                                                                                                                                 |
|                 |            | Traduzir        | Uma taxa que <b>traduz</b> essa disparidade é a seguinte: apenas 0,9% das perdas no último período se deram em áreas protegidas, enquanto 73% ocorreram em terras privadas.                                                                                                                         |

|                |  |              |                                                                                                                                                                                                                       |
|----------------|--|--------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| característica |  | caracterizar | Difícilmente se encontrará na política internacional um começo tão turbulento de um mandato democrático como o que <b>caracterizou</b> o do presidente Lula (BRASIL DE FATO, 2023)                                    |
| Exemplo        |  | ilustrar     | A mobilização de 1,3 mil agentes, no Rio Grande do Sul mas também em outras três unidades da federação, <b>ilustra</b> o tamanho da ação que precisou ser montada para os objetivos serem atingidos (GAUCHA ZH, 2022) |

### 3.3.1.6 Síntese Probabilística

Os dados descritos e analisados nesta tese vão ao encontro da hipótese de que a gramática das orações atributivas pode ser descrita em termos de variações em um *contínuo* de instanciamento (Davidse, 1992), que, como vimos, necessitou de reformulação. Como constatado, o Portador é a função transitiva que designa a instância, sendo codificado prototipicamente por grupos nominais. Já o Atributo é a função transitiva que designa o esquema, podendo ser codificado prototipicamente tanto por grupos nominais quanto por um adjetivo. Quando o Atributo é realizado por grupo nominal, a relação entre esses dois participantes se estabelece de dois modos: o Portador é categorizado como uma instância de uma classe mais geral quando o Atributo é um grupo nominal constituído de núcleo mais modificadores; o Portador é categorizado como uma instância de uma classe unitária quando o Atributo expressa classes de um único membro.

Os dados possibilitam interpretar a subrede intensiva atributiva como fortemente centrada em tipificação nominal:

Tabela 11 – Distribuição dos tipos de atribuição na subrede intensiva atributiva

| Tipo de Atribuição             | Padrão estrutural prototípico                   | Orientação | Ocorrências (n=1679) | %   |
|--------------------------------|-------------------------------------------------|------------|----------------------|-----|
| <i>Atribuição Tipificadora</i> | GN + GV + GN<br>Atributo: Classe: Coisa         | Externa    | 739                  | 44% |
| <i>Atribuição Essencial</i>    | GN + GV + GA<br>Atributo: Classe: Qualidade     | Interna    | 655                  | 39% |
| <i>Atribuição Categorial</i>   | GN + N<br>Atributo: Classe: Coisa               | Externa    | 134                  | 8%  |
| <i>Atribuição Reificadora</i>  | Oração + GV + GN<br>Atributo: Classe: Coisa     | Externa    | 67                   | 4%  |
| <i>Atribuição Avaliativa</i>   | Oração + GV + GA<br>Atributo: Classe: Qualidade | Interna    | 50                   | 3%  |

|                                  |                                                       |         |    |    |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------|---------|----|----|
| <i>Atribuição Paramétrica</i>    | GN + GV + GN<br>Classe: Processo<br>Atributo: Alcance | Externa | 17 | 1% |
| <i>Atribuição Metaprocessual</i> | Oração + GV + [GN]<br>Classe: Processo                | Externa | 17 | 1% |

Fonte: elaboração própria.

Os 1679 casos de orações atributivas revelam uma forte concentração (83%) nos dois tipos mais centrais — Tipificadora e Essencial —, revelando a tendência das orações descritas de construir a atribuição por meio da caracterização nominal e qualitativa. Essa distribuição evidencia um sistema de baixa entropia e alta redundância, centrado na estabilização das relações simbólicas (tipificação) e ontológicas (caracterização), e um campo marginal de alta informatividade composto pelas realizações processuais (Paramétrica e Metaprocessual), que sinalizam a expansão do sistema atributivo rumo a um ponto de forte ressonância modal e avaliativa:

Tabela 12 – Distribuição zonal dos tipos de atribuição nas orações intensivas atributivas

| <b>Zona</b>                                 | <b>Características</b>                   | <b>Ocorrências</b> | <b>%</b> | <b>Função sistêmica predominante</b>                                        |
|---------------------------------------------|------------------------------------------|--------------------|----------|-----------------------------------------------------------------------------|
| <i>Internas instancição</i>                 | Essencial+ Avaliativa                    | 705                | 42%      | Caracterização e avaliação intrínseca da entidade; locus interno da classe. |
| <i>Externas Nominais superordenação</i>     | Tipificadora + Categorical + Reificadora | 940                | 56%      | Categorização social e simbólica; locus externo nominal.                    |
| <i>Externas Processuais metainstancição</i> | Paramétrica + Metaprocessual             | 34                 | 2%       | Parametrização funcional e avaliação discursiva do evento.                  |

Fonte: elaboração própria.

O quadro demonstra que a subrede organiza-se em um gradiente funcional de instancição, superordenação e metainstancição. As atribuições internas (42%) configuram o domínio da instancição experiencial, no qual o “ser” estabelece uma relação de pertencimento entre Portador e qualidade, projetando propriedades intrínsecas e avaliativas de baixa entropia, típicas da caracterização. Já as externas nominais (56%) compõem o núcleo funcional do subsistema. Nelas, o Atributo nominal reifica e tipifica o Portador, convertendo experiências em categorias discursivas e produzindo enquadramentos socialmente convencionais. Trata-se da zona de maior redundância, responsável por estabilizar a representação linguística do mundo ao organizar a

experiência sob rótulos de classe. Por fim, as externas processuais (2%) marcam o limite de metainstanciação, em que o Ser perde o valor descritivo e assume papel modalizador, regulando o discurso. A progressão probabilística — de interna a externa — revela, portanto, que o sistema de atribuição é também um sistema de perspectiva.

### 3.3.2 Orações intensivas identificativas

Nas orações intensivas identificativas, o português brasileiro opera um movimento altamente semiótico, em que a oração passa a estabelecer uma equivalência interpretativa total entre duas expressões que funcionam como representações de uma mesma entidade referencial. Nesse tipo de oração, *ser* consiste na escolha não marcada, funcionando como um mecanismo de alinhamento referencial que converte um participante em Símbolo e o outro em Valor. Nesse sentido, essa escolha materializa o potencial do português brasileiro em converter experiência dinâmica em construções simbólicas que estabilizam identidades, cristalizam diagnoses e projetam interpretações como se fossem propriedades intrínsecas dos fenômenos que descrevem.

Com base em Matthiessen (1991) e Davidse (1999), podemos considerar as orações intensivas identificativas como o ponto em que a gramática relacional atinge seu grau máximo de abstração semiótica, assumindo o potencial de estabelecer identificações simbólicas totais entre dois termos, o que a autora denomina de *relação intensiva equativa* – um caso limite do contínuo de inclusão-identidade. Por conseguinte, o processo colapsa duas representações em um único signo, configurando-se como uma relação reversível.

Nos dados extraídos do *corpus* de textos jornalísticos, constatamos que do total de 2041 orações intensivas, 362 orações (17,74%) foram configuradas no modo identificativo. Nesse conjunto de orações identificativas, em 219 orações (60,50%), o processo foi realizado pelo verbo *ser*, ao passo que em 143 orações (39,50%), o processo foi realizado por verbos lexicais de semiose (seção 3.3.2.3). O quadro 12 apresenta orações cujos processos foram realizados por esses verbos:

Quadro 35 - Estrutura prototípica das orações intensivas identificativas

|            |          |                                                                                   |
|------------|----------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| 2023       | é        | o terceiro ano mais quente até o momento<br>(Diário de Pernambuco, 2023)          |
| A cirurgia | pode ser | a única opção para aliviar a pressão na<br>cabeça<br>(Diário de Pernambuco, 2023) |

|                                |                 |                                                                                                       |
|--------------------------------|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A criação                      | simboliza       | a conquista do reconhecimento perante o Estado em promover políticas públicas. (Brasil de Fato, 2022) |
| O número                       | significa       | um óbito a cada 34 horas. (Correio Brasiliense, 2023)                                                 |
| O marco legal aprovado em 2020 | representa      | uma mudança regulatória importante. (Folha de São Paulo, 2022)                                        |
| O racismo                      | implica         | sujeitos que estão em polos diferentes. (Folha de São Paulo, 2021)                                    |
| <b>Identificado</b>            | <b>Processo</b> | <b>Identificador</b>                                                                                  |
| <b>GN</b>                      | <b>GV</b>       | <b>GN</b>                                                                                             |

Fonte: elaboração própria.

Nos exemplos do quadro 12, os Identificados “2023” e “a cirurgia” têm sua identidade realizada pelos Participantes “o terceiro ano mais quente até o momento” e “a única opção para aliviar a pressão na cabeça” (Identificadores). Já os Identificados “a criação”, “o número”, “o marco legal aprovado em 2020” e “o racismo” têm seus significados definidos pelos Identificadores “a conquista do reconhecimento perante o Estado em promover políticas públicas”, “um óbito a cada 34 horas”, “uma mudança regulatória importante” e “sujeitos que estão em polos diferentes”. Por conseguinte, o Identificador desempenha a função de atribuir uma identidade ou definição ao Identificado. Nessas orações, o Identificado realiza o Símbolo, enquanto o Identificador realiza o Valor semântico que estabiliza a identificação.

Nas orações relacionais intensivas identificativas, o significado básico é o de *X é identificado por A*, ou *A define a identidade de X* (Halliday; Matthiessen, 2014). Com efeito, a relação é assimétrica no sentido de que o Identificador é que fornece uma chave interpretativa para a elaboração do Identificado. Dito de outro modo, o Identificador é o elemento que ‘define’ ou ‘nomeia’ o Identificado.

Uma característica distintiva das orações intensivas identificativas em relação às intensivas atributivas consiste na configuração do grupo nominal codificador do segundo participante, o Identificador, nas orações identificativas, bem como na opção de realizá-lo por um ato ou um fato. Ao passo que as orações intensivas atributivas têm o Atributo realizado apenas por grupos adjetivais e grupos nominais referencialmente não definidos, o Identificador pode ser realizado por grupo nominal introduzido por determinante e/ou dêitico, nomes próprios, pronomes e orações.

Outra característica que distingue as orações intensivas identificativas das orações intensivas atributivas reside no estatuto semântico do verbo que realiza o núcleo do grupo verbal. Nas orações identificativas, esse núcleo é preenchido por um verbo lexical

pertencente à classe equativa, conforme proposto por Halliday e Matthiessen (2014), enquanto, nas orações atributivas, o verbo pertence à classe dos verbos atribuidores, apresentados na seção anterior.

Desse modo, a identidade grafo-fonológica de um mesmo verbo em ambos os subtipos não implica identidade semântica nem mapeamento em uma mesma região do léxico. O verbo *ser*, por exemplo, assume estatutos distintos de acordo com o tipo de oração em que ocorre. Nas orações intensivas atributivas, realiza-se como verbo atribuidor, ao passo que, nas intensivas identificativas, realiza-se como verbo equativo. Esse contraste evidencia que a classificação semântica do verbo não decorre de propriedades lexicais inerentes, mas do significado global da oração, definido pelo tipo de relação relacional instanciada, seja ela atributiva, identificativa, possessiva ou circunstancial.

As orações intensivas identificativas constituem um recurso central para a construção e representação do conhecimento, tanto no âmbito da semiótica popular, entendida como o conjunto de práticas discursivas do senso comum por meio das quais os falantes categorizam e explicam a experiência cotidiana, quanto no da semiótica científica, caracterizada por formas especializadas de produção de conhecimento orientadas à definição, sistematização e estabilização conceitual (Matthiessen, 1991). Essas orações permitem a construção de relações de unicidade, a formulação de glosas técnicas, isto é, reformulações definidoras que esclarecem ou delimitam o sentido de um termo em contextos especializados, bem como a elaboração de definições propriamente ditas (Harvey, 1999).

A relevância dessas orações reside, assim, em sua função na expansão do potencial denominador da língua em diferentes contextos discursivos. A relação estabelecida entre os participantes dessas orações, na qual um participante fornece o significado ou a identidade do outro, pode ser comparada ao processo de construção das definições constantes em dicionários. Vejamos, a seguir, um exemplo retirado do *Dicionário de Usos do Português Brasileiro* (Borba, 2002).

|                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Atrasadinho:</b> adj [Qualificador de nome humano] quem está um pouco atrasado: Os “atrasadinhos” ainda têm chance de passar o reveillon no litoral.</p> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Como a relação construída entre os participantes da oração intensiva identificativa, a relação entre a forma e a definição é baseada no modelo *Símbolo-Valor*.

Cabe destacar que esse modelo diz respeito a categorias mais abstratas na gramática do que os papéis Identificado e Identificador. Consequentemente, não há correlação direta entre uma categoria do primeiro par com outra do segundo, embora haja interseções. À vista disso, a oração pode apresentar duas direções: (Identificado/Símbolo ^ Identificador/ Valor) ou (Identificado/Valor ^ Identificador/ Símbolo). Analisemos as seguintes orações:

(49) – (**Identificado/Símbolo ^ Identificador/ Valor**)

R: Mas o que o Pezão tinha a ver com isso?

SC: [*Identificado/Símbolo: Ele*] **era** [*Identificador/Valor: o governador*].

(Metrópoles, 2022)

(50) – (**Identificado/Valor ^ Identificador/ Símbolo**)

[*Identificado/ Valor: A área desmatada no último ano*] é [*Identificador/Símbolo: a segunda maior dos últimos seis anos*] e está 76% acima do valor mais baixo já registrado na série histórica, que foi de 11.399 hectares entre 2017 e 2018. (Diário de Pernambuco, 2023)

Em que pese os dois participantes das orações intensivas identificativas se referirem a uma mesma entidade, há uma diferença no grau de especificação da referência. Consequentemente, um dos participantes apresenta uma ‘referência mais fraca’ (Davidse, 2000) à entidade designada. Essa característica impacta na direcionalidade da relação entre os participantes dessas orações, que pode ser de dois tipos, quais sejam: *codificação* e *decodificação*.

Nesta interpretação, o Símbolo é concebido como o participante de referencialidade mais forte, funcionando como âncora referencial da relação identificativa. É precisamente essa propriedade que o habilita a operar como significante, no sentido saussuriano, isto é, como a forma simbólica por meio da qual um conteúdo identitário é veiculado. Assim, o Símbolo desempenha um papel central na codificação do Valor, uma vez que sua força referencial o torna o ponto de ancoragem semiótica da relação. Em contextos de decodificação, essa mesma referencialidade forte permite que o leitor parta do Símbolo para recuperar o Valor que ele instancia, o que evidencia a intersecção entre referencialidade e função codificadora no funcionamento das orações intensivas identificativas.

Desse modo, se a análise interpreta o Símbolo como Identificado e o Valor como Identificador, a direção é de *decodificação*, como em *ele era o governador*, dado que *ele* (Identificado) tem, na contextura informacional da entrevista, a referência mais forte e *o governador*, por conseguinte, a referência mais fraca. Por outro lado, se o Valor é interpretado como Identificado e o Símbolo como Identificador, a direção é de *codificação*, como em *a área desmatada no último ano é a segunda maior dos últimos seis anos*, visto que o Identificado *a área desmatada no último ano* possui referência mais fraca do que o Identificador *a segunda maior dos últimos anos*. Em síntese, a definição da identidade é construída de dois modos: 1) a oração decodifica o Símbolo a partir do Valor; 2) a oração codifica o Valor com base no Símbolo.

Neste trabalho, o conceito de referencialidade é assumido em sentido estritamente textual-discursivo, e não como uma relação direta entre expressões linguísticas e entidades do mundo extralinguístico. A força ou a fraqueza referencial de um participante é, assim, determinada pelo grau de ancoragem, recuperabilidade e estabilidade que ele apresenta no interior do texto, isto é, pelo papel que desempenha na progressão referencial e informacional da sequência discursiva.

Sob essa perspectiva, o Símbolo tende a realizar o polo de referência forte da relação identificativa, funcionando como âncora referencial, ao passo que o Valor apresenta referência mais fraca, por depender da própria relação predicativa para se estabilizar discursivamente. Essa assimetria de ancoragem textual permite interpretar o funcionamento das orações intensivas identificativas em termos de realização, ou codificação, no qual um conteúdo é construído por meio de um operador referencialmente mais estável. Assumindo essa perspectiva, torna-se crucial admitir que caracterizar a oração intensiva identificativa por uma simetria referencial entre os participantes, baseada na identidade dos referentes (Lyons, 1977), mostra-se inviável, pois, como discutido, um dos grupos nominais constituintes da oração tipicamente apresenta referência mais fraca (Declerck, 1988).

Nesse sentido, é possível compreender que a gramática experiencial das orações identificativas pode ser adequadamente descrita em termos de *realização*, ou *codificação*. Assumindo essa perspectiva, torna-se crucial admitir que caracterizar a oração identificativa por uma simetria referencial entre os participantes, a identidade dos referentes (Lyons, 1977), é inviável, pois, como discutido, um dos grupos nominais constituintes da oração tipicamente tem *referência mais fraca* (Declerck, 1988).

A distinção entre os processos de *codificação* e *decodificação*, que permite que uma mesma oração assuma direções diferentes, contribui para a flexibilidade semântica e estrutural dessas construções. Assim, ao codificar o Valor com base no Símbolo ou decodificar o Símbolo a partir do Valor, as orações intensivas identificativas expandem o potencial da língua para nomear, definir e descrever conceitos e realidades de forma relativamente precisa.

### 3.3.2.1 Orações intensivas identificativas codificadoras e decodificadoras

Para Davidse (1999), a distinção entre orações codificadoras e decodificadoras emerge como um desdobramento da dimensão semiótica das orações intensivas identificativas. Como já explicitado, nessas orações, a identificação pode operar segundo duas direções complementares no percurso da semiose, a depender de o participante ser identificado em termos de Símbolo ou de Valor.

As orações codificadoras são aquelas que o texto assume como fonte geradora de definições, rótulos ou categorias conceituais. Funcionam como pontos em que a língua cristaliza um significado e o eleva ao estatuto de signo convencional, alinhando-se ao polo da identidade equativa. O trecho a seguir oferece um exemplo modelar da função codificadora das orações intensivas identificativas.

(51) *Adam Grant, psicólogo organizacional da Wharton, escreveu a respeito na versão digital do The New York Times e afirmou: “Na psicologia, pensamos em saúde mental em um espectro que vai da depressão ao florescimento. O florescimento é o pico do bem-estar: você tem um forte senso de significado, domínio e importância para os outros. A depressão é o vale do mal-estar: você se sente desanimado, esgotado e sem valor. O definhamento é o filho do meio negligenciado da saúde mental. É o vazio entre a depressão e o florescimento – a ausência de bem-estar. (Correio brasiliense, 2022)*

Em cada formulação — *O florescimento é o pico do bem-estar, A depressão é o vale do mal-estar, O definhamento é o filho do meio negligenciado da saúde mental* — a oração institui categorias interpretativas que passam a organizar o campo semântico da

saúde mental. O caráter codificador dessas orações decorre do fato de o participante Identificado ser construído como Símbolo, isto é, como signo que condensa e fixa um valor experiencial. Cada oração, assim, codifica um recorte da experiência ao transformar conteúdos experiencialmente difusos — *florescer, deprimir-se, definhar* — em Símbolos como *o pico, o vale e o filho do meio*. Desse modo, essas orações produzem novas âncoras semânticas que reestruturam o domínio textual e impõem equivalências capazes de orientar a interpretação subsequente. A partir dessas equivalências, o discurso naturaliza um mapa conceitual tridimensional — *pico/vale/interstício* — que passa a funcionar como grade interpretativa para o leitor.

Já as orações decodificadoras realizam o movimento inverso, na medida em que, em vez de introduzir um valor simbólico novo, recuperam, interpretam ou explicitam um significado já construído e pressuposto no discurso. Enquanto as orações codificadoras operam por condensação — instituindo signos e estabilizando categorias interpretativas —, as decodificadoras atuam por desdobramento, convertendo categorias já estabelecidas em informação acessível e legível no fluxo textual. Nesse sentido, a decodificação não cria um novo ponto de ancoragem semântica, mas sintetiza e torna explícito um estatuto previamente preparado pelo cotexto.

O trecho a seguir permite observar com nitidez esse funcionamento decodificador das orações intensivas identificativas. Na sequência analisada, a oração *Um deles é a paulistana Alexandrina Meleiro* realiza um movimento codificador inicial, ao instituir no discurso o referente relevante entre os estudiosos mencionados, estabelecendo uma equivalência que ancora a entidade no campo textual. Já a oração subsequente — *Alexandrina é a maior especialista brasileira, e uma das mais respeitadas do mundo* — não introduz um novo signo, mas interpreta e sintetiza um estatuto de autoridade previamente construído por meio da enumeração de credenciais acadêmicas, institucionais e profissionais no cotexto imediato. Nesse sentido, a identificação opera como leitura semiótica, em que a categoria ‘especialista de referência’ é desdobrada e tornada explicitamente acessível ao leitor, convertendo informação distribuída no texto em uma formulação interpretativa condensada. Tal encadeamento ilustra de forma exemplar a distinção proposta por Davidse (1999, 2000), segundo a qual a subrede identificativa articula movimentos complementares de codificação e decodificação, sensíveis à progressão discursiva e à organização do sentido no texto.

(52) Abalado por uma forte depressão, amplificada por crises de síndrome do pânico, o jogador se encaminhou — sozinho — a uma clínica psiquiátrica de Santiago, capital do Chile, e pediu para ser internado. A atitude carregada de surpresa, estranheza, mas também elogios de estudiosos de temas relacionados às doenças mentais.

**Um deles é a paulistana Alexandrina Meleiro**, médica pela Faculdade de Medicina do ABC, pesquisadora e doutora em psiquiatria pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e professora e supervisora do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP. **Alexandrina é a maior especialista brasileira**, e uma das mais respeitadas do mundo, no estudo das relações entre depressão, doenças mentais e o suicídio. (R7, 2023),

Em síntese, a distinção entre orações codificadoras e decodificadoras, tal como operacionalizada nesta análise, evidencia que a subrede identificativa não constitui apenas uma tipologia teórica, mas um princípio efetivo de organização do sentido nos textos do corpus. Os dados mostram que as orações intensivas identificativas participam ativamente da construção discursiva ao instituir categorias interpretativas centrais (movimento codificador) e, em seguida, interpretar e tornar legíveis estatutos já construídos no fluxo textual (movimento decodificador). Essa alternância não é aleatória: ela se distribui de modo sensível à progressão informacional, à hierarquização de referentes e às estratégias de legitimação mobilizadas nos textos analisados. Ao evidenciar empiricamente essa dupla operação, a análise demonstra que a natureza semiótica das intensivas identificativas é um fator decisivo para compreender como o discurso jornalístico organiza autoridade, avaliação e relevância informacional. É a partir dessa constatação que se torna possível avançar para o exame da passivização, entendida, nesta tese, como um desdobramento sistêmico dessas mesmas dinâmicas de reorganização de papéis e de redistribuição do foco informacional no texto.

### *3.3.2.2 Passivização*

No âmbito da LSF, a discussão sobre *agência*<sup>43</sup> não se limita aos processos materiais, mas atravessa toda a tipologia experiencial como princípio ergativo geral. Com base na descrição de Matthiessen (1995), pode-se afirmar que, nas orações relacionais, a configuração experiencial não se organiza em torno de um agente que transfere energia a um afetado, mas se estrutura prototipicamente pela relação entre Meio e Alcance, sendo a realização de um Beneficiário restrita a tipos marginais. Essa caracterização redefine a natureza da causação nos processos de ser: nas orações relacionais, o fluxo de energia é substituído por um fluxo de significado, de modo que a relação se estabelece entre participantes simbólicos, e não entre um agente e um afetado no sentido material. Assim, a agência, quando presente, não é material, mas semiótica, vinculada à capacidade de um participante de atribuir, designar ou codificar o valor de outro no domínio da significação.

Essa concepção de agência, reinterpretada em termos semióticos, abre caminho para compreender que também nas orações relacionais podem emergir configurações de efetividade simbólica, nas quais um participante atua como fonte da relação de significado. Se nos processos materiais a agência se manifesta como energia que provoca transformação ou criação, nos processos relacionais ela se manifesta por meio de um modelo similar ao da realização interestratal, instituindo uma correspondência entre entidades de diferentes ordens de abstração. É precisamente nesse ponto que se situam as orações intensivas identificativas codificadoras, em que a direcionalidade do processo deixa de ser energética para tornar-se direcionalidade de sentido, vinculando um elemento concreto — o Símbolo — a outro de natureza mais abstrata — o Valor.

Nas orações relacionais identificativas que operam relações de codificação, ocorre uma assimetria semiótica entre o participante Símbolo e o participante Valor, de modo que o significado do Símbolo é realizado pelo Valor. Trata-se de uma operação de equivalência simbólica em que o fluxo de sentido é direcional. O Símbolo é o ponto de origem, a instância concreta que realiza, codifica ou expressa algo, ao passo que o Valor é o ponto de chegada, o significado realizado, a abstração representada.

---

<sup>43</sup> O termo *agência* designa o princípio pelo qual se distingue se o Processo é representado como efetuado por uma força ou instância externa (*effective*) ou como inerente ao próprio Meio (*middle*). Trata-se, portanto, de um sistema que especifica se a combinação Processo + Meio é configurada como tendo um causador externo ou não (Matthiessen, 1995). Nas orações materiais, essa distinção manifesta-se como oposição entre ação e acontecimento; nas mentais, como contraste entre experiências configuradas como ativas ou passivas; e, nas relacionais, a agência se reconfigura como uma gradação entre relações de atribuição simbólica e de codificação semiótica. Em todos os casos, a agência não se reduz à transferência de energia física, mas constitui uma categoria de causalidade semiótica, refletindo a direção e o locus da significação na configuração experiencial.

|                                                                                                                                                                                                         |                                |                                            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|--------------------------------------------|
| Essa “nova” administração Biden-Harris é a continuação da administração Obama-Biden, o mesmo padrão estético e de ação vem sendo utilizado, com um nível mais sofisticado, uma administração Obama 2.0. |                                |                                            |
| Essa “nova” administração Biden-Harris                                                                                                                                                                  | é                              | a continuação da administração Obama-Biden |
| <b>Símbolo</b>                                                                                                                                                                                          | <b>Processo Identificativo</b> | <b>Valor</b>                               |

Na oração identificativa, que ocorre no primeiro parágrafo do artigo de opinião *Da posse de Biden-Harris pra cá, podemos citar alguns eventos que já marcam a política exterior da “nova administração”* (Brasil de Fato, 2021), temos um caso prototípico da relação identificativa de codificação. A relação é assimétrica e direcional, tendo em vista que a “administração Biden-Harris” tem seu significado realizado, no âmbito da figura, pela administração anterior, como se fosse sua reedição histórica e programática. Nessa perspectiva, a oração sob análise não representa um fato do mundo, mas um ato de ressignificação política, em que o processo funciona como elo simbólico que transforma continuidade histórica em continuidade de sentido.

É importante observar que ambos os participantes da oração anterior são realizados por grupos nominais, o que representa a escolha mais frequente identificada no *corpus*. Entretanto, ao passo que o significado do Símbolo é realizado de forma congruente, o do Valor o é de forma metafórica, tendo em vista que um processo de aspecto durativo (continuar) é nominalizado como núcleo do grupo. Tal observação adquire importância pois representa um padrão significativamente incidente na realização do Valor nas orações identificativas codificadoras descritas.

As 256 orações identificativas codificadoras constituem 70,7% do total de identificativas observadas. Dentro desse subconjunto, a realização do Valor distribui-se de modo não uniforme: 44,1% foram codificadas por nominalizações, 37,5% por significados congruentes de coisa e 18,4% por orações não finitas. A predominância da nominalização indica que a codificação identificativa tende à densificação metafórica do Valor, reforçando seu estatuto de categoria simbólica condensada. A hierarquia entre metaforicidade, congruência e oracionalidade pode ser entendida como um gradiente de abstração e de compressão semântica. A análise dos dados mostra que, no português brasileiro, esse gradiente se realiza prototipicamente por meio da relação Símbolo → Valor, frequentemente mediada por nominalizações. Essas formas permitem que complexos de sentido sejam reconfigurados como entidades linguísticas discretas, passíveis de funcionar como coisas no domínio da experiência representada.

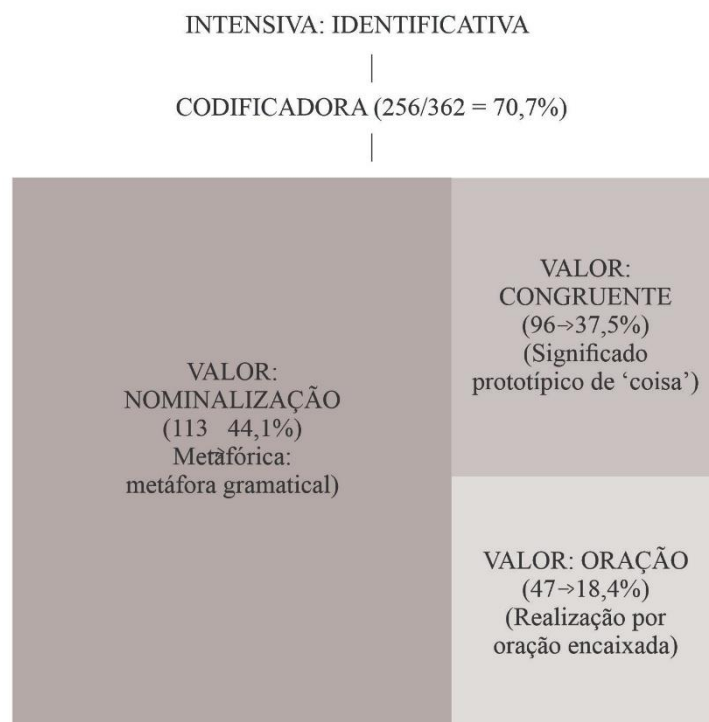


Figura 16 – Distribuição das formas de realização do Valor em orações intensivas identificativas codificadoras

Fonte: elaboração própria.

No diagrama, a espessura das linhas desses nós do sistema codifica graficamente o grau de abstração de cada padrão de realização. Em outras palavras, a espessura materializa a densidade semântica do significado realizado pelo Valor. Já o tamanho da área demonstra graficamente a probabilidade relativa de cada tipo de realização dentro do sistema. Os dados 53 e 54 exemplificam os outros dois padrões:

(53) Há uma ênfase excessiva nos históricos criminais, nos problemas de crédito, esses tipos de dado são usados para minar os esforços das pessoas para escapar da pobreza, porque elas não podem escapar porque seu estereótipo é pertencer a uma classe de pessoas economicamente irresponsáveis ou sem recursos – [Valor: **oração não finita**]. (UOL, 2023).

(54) Fevereiro é o mês do grande Festival Internacional de Cinema de Berlim – [Valor: **coisa (congruente)**]. Não este ano, por culpa do coronavírus, que impede reuniões de pessoas. Porém, isso não significa uma paralização total – [Valor: **nominalização**]. (Brasil de Fato, 2021)

A terceira oração sublinhada em (54) introduz uma distinção importante quando comparada com os demais dados até aqui expostos. A oração *isso não significa uma paralisação total* oferece um ponto de inflexão muito produtivo para a reflexão sobre o comportamento das orações identificativas codificadoras quando realizadas com verbos do léxico semiótico, como *significar*, *representar*, *expressar*, entre outros. Nesse caso, o processo relacional deixa de ser mediado pelo verbo neutro *ser* — operador de equivalência simbólica — e passa a ser instaurado por um verbo que codifica explicitamente a operação semiótica. O verbo *significar* não apenas estabelece uma identidade entre “isso” e “uma paralisação total”, mas explicita a natureza interpretativa e mediada dessa relação, visto que não se trata de afirmar que *isso é uma paralisação*, mas de negar que *isso funcione como signo de uma paralisação*. Logo, o processo não descreve um estado ontológico, mas uma relação meta-semiótica, em que o primeiro participante (Símbolo) é concebido como um portador de sentido que, potencialmente, poderia representar o segundo (Valor), mas que na oração é negado como tal. A negação incide, portanto, sobre o próprio ato de codificação, e não sobre o fato material referido, pois o Festival não está cancelado, mas sua suspensão física ‘não se significa’ como interrupção simbólica — o evento persiste em outra modalidade (virtual, diferida, mediada, etc.).

Assim, o processo *significar* instaura uma *relação identificativa interpretativa*, na qual o vínculo entre os participantes se constrói dentro do campo simbólico da linguagem e da cultura. Essa operação desloca o foco da equivalência ontológica (*x é y*) para a equivalência hermenêutica (*x é interpretado como y*). A nosso ver, essa escolha lexical reforça a dimensão metalinguística e cognitiva da oração codificadora, em que ela explicita o mecanismo de simbolização (Davidse, 1999), isto é, o processo pelo qual uma entidade é construída como signo de outra. Assim, *isso não significa uma paralisação total* não nega o evento, mas reformula seu valor simbólico, produzindo uma interpretação que reafirma o funcionamento cultural do Festival mesmo diante da suspensão física. Essa configuração realiza de modo paradigmático a vinculação simbólica, pois a oração não descreve um fato, mas reconfigura o sentido do acontecimento ao negar uma equivalência simbólica equivocada.

A escolha por processos identificativos codificadores realizados por verbos lexicalmente especializados — como *significar*, *representar*, *constituir*, *expressar* — introduz novas opções sistêmicas na rede relacional, dentre as quais a alternância entre voz ativa e passiva (Halliday, 1994). Nesses casos, a relação de codificação é instaurada

por uma estrutura do tipo Agente–Afetado, designada por Davidse (1999) como estrutura de codificação efetiva (*effective encoding structure*). Essa configuração apresenta propriedades funcionais análogas às observadas nas orações materiais, ainda que reconfiguradas no plano semiótico: (i) direcionalidade, em que o Agente simbólico (Símbolo) atua sobre o Afetado (Valor); (ii) possibilidade de reversão entre as perspectivas ativa e passiva (*A imagem representa a paz ↔ A paz é representada pela imagem*); e (iii) redistribuição de foco informacional (*Tema ↔ Rema*), que permite modular a orientação semântica da oração conforme a perspectiva discursiva.

Todavia, diferentemente das orações materiais, em que esses papéis configuram uma ação física ou energética, nas orações identificativas codificadoras eles se referem a uma ação simbólica, isto é, à operação semiótica de realizar sentido. O Símbolo não age sobre o Valor no mundo físico, mas atua como signo, realizando-o no plano da significação. Assim, a estrutura de codificação efetiva representa um paralelo semiótico da transitividade material, pois nela, o processo de representação simbólica (*betokening*) funciona como o correlato abstrato da ação material, mantendo as mesmas relações de agência e afetamento, mas transpostas ao domínio da codificação de significados. Desse modo, a transitividade simbólica<sup>44</sup> das orações identificativas emerge como um espelho da transitividade material, reiterando a concepção sistêmica de que os tipos de processo constituem modos alternativos de construir a experiência — ora pela energia, ora pelo símbolo.

| Paulo Guedes, o ministro da Economia do Brasil <i>representa</i> essa elite. (Brasil de Fato, 2021) |       |         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|---------|
|                                                                                                     | ativa | passiva |

<sup>44</sup> A expressão *transitividade simbólica* é aqui empregada em analogia à *transitividade material*, designando o modo pelo qual certos processos relacionais — especialmente os identificativos codificadores — configuram uma estrutura efetiva de realização semiótica. Conforme Davidse (1999), esses processos, diferentemente dos atributivos ou identificativos neutros realizados por *be*, instauram uma relação de codificação ativa (*encoding betokening*), em que o participante Token atua como Agente simbólico e o participante Valor, como Afetado simbólico. Essa orientação direcional, de natureza não física, mas representacional, permite a ocorrência de propriedades típicas da transitividade material — como a reversibilidade entre ativa e passiva, a delimitação de papéis participantes e a alternância de foco informacional — transpostas ao domínio da ação semiótica. Em termos sistêmicos, trata-se de uma efetividade simbólica (*symbolic effectiveness*), em que a ação não transforma a matéria, mas o significado: o Símbolo *faz ser* o Valor no plano da significação. Assim, *transitividade simbólica* pode ser entendida como a extensão metafuncional da transitividade material ao domínio da ideação interpretativa, evidenciando a continuidade sistêmica entre os processos de energia e símbolo (Halliday, 1994; Matthiessen, 1991; Halliday; Matthiessen, 1999; Davidse, 1999).

|                    |                                                                                                           |                                                                                                                |
|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>codificação</b> | Paulo Guedes, o ministro da Economia do Brasil<br><i>representa</i> essa elite.<br><i>Símbolo → Valor</i> | Essa elite <i>é representada</i> por Paulo Guedes, o ministro da Economia do Brasil.<br><i>Valor → Símbolo</i> |
|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Verificou-se que a realização das orações relacionais identificativas codificadoras no português brasileiro apresenta comportamento estrutural e funcional análogo ao descrito por Davidse (1999) para o inglês, sobretudo quando o processo é realizado por verbos pertencentes ao léxico semiótico. Nessas ocorrências, o verbo deixa de operar como simples marcador de equivalência (*ser*), assumindo o papel de operador de codificação simbólica, capaz de instaurar uma relação efetiva entre os participantes. Observam-se, assim, distinções configuracionais no grupo verbal conforme a orientação da codificação: quando ativa, o grupo verbal projeta a estrutura típica de uma oração simbólico-efetiva, na qual o Símbolo atua como Agente semiótico, realizando o Valor enquanto Afetado simbólico; quando passiva, o grupo verbal manifesta-se sob a forma analítica canônica da voz passiva material, conservando, todavia, o valor semântico-relacional do sistema de identificação.

É preciso esclarecer que as estruturas de codificação são marcadas de alguma forma, seja pela voz, seja pelo foco informacional, revelando, como já dito, uma assimetria constitutiva entre os participantes. Na forma ativa – *Paulo Guedes, o ministro da Economia do Brasil, representa essa elite* –, a codificação manifesta-se como voz não marcada, com foco informacional saliente, pois a informação nova incide sobre o elemento final da oração (*essa elite*). Na forma passiva, há voz marcada do ponto de vista gramatical, mas organização informacional não marcada, uma vez que o Tema coincide com o elemento de maior saliência informacional, realizado pelo participante Valor. Tem-se, assim, uma passiva de alcance, em que o participante mais abstrato (*a elite*, enquanto entidade simbólica) é apresentado como realizado pelo participante mais concreto (*Paulo Guedes*, enquanto agente representacional). Essa inversão é estruturalmente possível, mas semioticamente marcada, pois reorienta o fluxo típico da codificação simbólica — que tende a seguir a direção Símbolo → Valor — e o converte em uma leitura interpretativa da relação identificativa, na qual o Valor passa a funcionar como signo realizado. Nesse sentido, o par ativo/passivo não expressa apenas uma alternância de sujeito gramatical, mas um ajuste na direcionalidade semiótica da identificação: enquanto a oração ativa constrói a instância da representação, a passiva constrói a leitura dessa representação,

deslocando a perspectiva da produção simbólica para sua interpretação. Essa reversibilidade funcional confirma que, também no português brasileiro, as identificativas codificadoras se organizam como um paradigma de voz simbólica, análogo — embora não homólogo — ao da voz experiencial das orações materiais.

Quadro 36 – Direcionalidade simbólica e voz nas orações intensivas identificativas codificadoras

| <b>Tipo de oração</b>             | <b>Direção simbólica</b> | <b>Estrutura</b>                    | <b>Tipo de voz</b> | <b>Função comunicativa</b>                         |
|-----------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|--------------------|----------------------------------------------------|
| <b><i>Codificação ativa</i></b>   | Símbolo → Valor          | Símbolo–Valor                       | Voz não marcada    | Produção simbólica (ato de representar)            |
| <b><i>Codificação passiva</i></b> | Símbolo → Valor          | Valor (Alcance semiótico) – Símbolo | Voz marcada        | Leitura simbólica (interpretação da representação) |

Fonte: elaboração própria.

A observação qualitativa das orações identificativas codificadoras revela, portanto, um sistema internamente coerente, mas gradiente, porquanto as diferentes realizações do Valor distribuem-se segundo graus variáveis de abstração e direcionalidade simbólica. Essa variação, contudo, não é aleatória, visto que ela expressa tendências probabilísticas que atravessam essa região do sistema relacional, configurando subregiões de maior ou menor expectativa de ocorrência para cada tipo de realização. A gramática, assim, manifesta seu potencial sistêmico como campo de probabilidades de construção de significados, no qual as opções léxico-gramaticais (nominalizações, estruturas congruentes e orações não finitas; voz ativa e passiva) competem em um espaço de densidades informacionais distintas. Desse modo, a análise deve tratar essas tendências quantitativamente, por meio da modelagem probabilística do sistema, a fim de explicitar como a frequência empírica das escolhas reflete a arquitetura sistêmica da transitividade relacional no português brasileiro.

A partir das 256 orações identificativas codificadoras analisadas, calculou-se a distribuição probabilística das opções de realização do Valor e da orientação de voz. Observou-se que a probabilidade de uma oração apresentar voz ativa (Símbolo → Valor) é de 0,9, enquanto a voz passiva (Valor → Símbolo) ocorre em apenas 0,1 dos casos. No que diz respeito à realização do Valor, os resultados foram: nominalização, 0,44; realização congruente de coisa, 0,38; e oração não finita, 0,18. A combinação dessas proporções permite calcular a probabilidade composta do padrão ativo com Valor nominalizado, que corresponde ao protótipo da codificação simbólica efetiva nos dados

descritos, pois aproximadamente 39,8% das orações codificadoras do *corpus* manifestam o formato Símbolo→Valor por meio de nominalização — o núcleo mais denso e produtivo do subsistema relacional. No extremo oposto, a combinação passiva com oração não finita, que representa o padrão mais marcado e interpretativo (passiva de alcance), apresenta probabilidade de apenas 1,8%, configurando a zona de menor expectativa sistêmica.

O cálculo da entropia do sistema, com base na distribuição das três formas de realização do Valor, resultou em  $H = 1,49\text{bits}$ , valor que corresponde a 94,3% da entropia máxima teórica para três opções equiprováveis ( $H_{max} = 1,58\text{ bits}$ ). Essa medida indica que o sistema apresenta alta diversidade, mas não aleatoriedade, tendo sido verificada uma organização probabilística estável, em que algumas escolhas (nominalização e congruência) são mais esperadas, enquanto outras (orações não finitas) ocupam regiões periféricas de baixa probabilidade. A partir desse comportamento, pode-se definir um índice de dominância simbólica (DS), dado por  $DS = P(\text{ativa}) \times P(\text{nominalização})$ , cujo valor de 0,398 expressa numericamente a força probabilística da codificação simbólica prototípica no sistema, como já explicitado.

Em síntese, o modelo probabilístico revela que as orações identificativas codificadoras não se distribuem de modo uniforme, mas segundo um gradiente de densidade e direcionalidade simbólica. As realizações mais densas e orientadas para a codificação (ativas + nominalizações) formam o centro do sistema, enquanto as realizações menos densas e interpretativas (passivas + orações não finitas) constituem a periferia. Essa configuração sustenta a hipótese de que o subsistema identificativo do português brasileiro se organiza como um campo de probabilidades semióticas, no qual a frequência das escolhas léxico-gramaticais reflete diferentes modos de acesso à relação simbólica subjacente. A tabela a seguir sintetiza os resultados:

Tabela 13 – Campo probabilístico da codificação identificativa: voz, realização do Valor e leitura simbólica

| Voz   | Direção simbólica | Realização do Valor | P(x)  | Entropia parcial (bits) | Interpretação sistêmica                                        |
|-------|-------------------|---------------------|-------|-------------------------|----------------------------------------------------------------|
| Ativa | Símbolo → Valor   | Nominalização       | 0,398 | 0,528                   | Centro de densidade simbólica; codificação efetiva prototípica |
| Ativa | Símbolo → Valor   | Congruente (coisa)  | 0,338 | 0,531                   | Realização intermediária; codificação congruente               |

|         |                    |                       |       |       |                                                                     |
|---------|--------------------|-----------------------|-------|-------|---------------------------------------------------------------------|
| Ativa   | Símbolo →<br>Valor | Oração não<br>finita  | 0,166 | 0,438 | Limite inferior de<br>densidade; codificação<br>menos condensada    |
| Passiva | Símbolo →<br>Valor | Nominalização         | 0,043 | 0,197 | Passiva de alcance<br>metafórica; leitura<br>interpretativa marcada |
| Passiva | Símbolo →<br>Valor | Congruente<br>(coisa) | 0,037 | 0,182 | Passiva congruente;<br>interpretação literal                        |
| Passiva | Símbolo →<br>Valor | Oração não<br>finita  | 0,018 | 0,126 | Alcance-passiva<br>periférica; leitura<br>hermenêutica              |

Fonte: elaboração própria.

A tabela 11 evidencia que as orações identificativas codificadoras tendem a apresentar uma distribuição altamente assimétrica, mas funcionalmente motivada. O padrão mais provável é o da codificação ativa com Valor nominalizado (0,398), que se confirma como o centro probabilístico e semântico da interseção dos dois sistemas sob análise. Essa predominância quantitativa não se reduz a um fenômeno de uso frequente, mas reflete uma preferência sistêmica pela realização simbólica mais densa, na qual o Símbolo atua como Agente semiótico e o Valor é realizado por uma nominalização — forma que maximiza a compressão semântica e a metaforicidade gramatical. Trata-se, portanto, da realização prototípica da transitividade simbólica nos dados de nossa amostra, em que a codificação de sentido é apresentada como um ato de representação condensada.

O segundo padrão mais provável (0,338) corresponde às orações ativas com Valor congruente, isto é, quando o participante é realizado como grupo nominal de significado de coisa, sem recorrer à metáfora gramatical. Essa escolha mantém a direcionalidade Símbolo → Valor, mas com menor densidade informacional — o que sugere uma zona intermediária de codificação, em que o vínculo simbólico é semanticamente direto e experiencialmente mais próximo do mundo representado.

Já as orações ativas com Valor oracional não finito (0,166) e as orações passivas — sobretudo as passivas de alcance com Valor nominalizado (0,043) e congruente (0,037) — ocupam as regiões de baixa probabilidade do sistema. Essas realizações são estruturalmente possíveis, mas marcadas, confirmando a análise qualitativa anterior, porquanto elas expressam um modo interpretativo da relação simbólica, em que o foco informacional se desloca do Símbolo para o Valor. A probabilidade mínima (0,018) das passivas com oração não finita reforça seu caráter periférico no sistema. Essas

construções concentram traços cumulativos de marcação — voz passiva e realização oracional do Valor —, o que reduz sua expectativa sistêmica e as posiciona no extremo inferior do espaço probabilístico do subsistema identificativo.

A soma das probabilidades parciais indica um sistema probabilisticamente equilibrado, o que significa que as opções, embora hierarquizadas, mantêm diversidade suficiente para preservar a flexibilidade semântica do subsistema. Em outras palavras, a gramática das orações intensivas identificativas nos textos analisados distribui seus recursos segundo um gradiente probabilístico de metaforicidade e direcionalidade simbólica: quanto maior o grau de abstração do Valor e mais direta a direção Símbolo → Valor, maior a probabilidade de ocorrência; quanto mais interpretativa e reversa a estrutura, menor sua probabilidade.

Em conjunto, os resultados mostram que as orações intensivas identificativas codificadoras se organizam internamente por diferenças graduais de densidade informacional e de leitura semiótica, sensíveis tanto à realização do Valor quanto à alternância de voz. Longe de constituírem um domínio homogêneo, essas construções configuram um espaço probabilístico estruturado, no qual as frequências empíricas refletem restrições sistêmicas sobre a forma como a identificação simbólica é produzida e interpretada no português brasileiro.

### 3.3.2.3 *Processos Lexicais de Semiose*

Ao analisarmos os processos lexicais de semiose (Matthiessen, 1991), verificamos que a direcionalidade da relação não é construída apenas nos participantes, mas também pelo processo. As orações intensivas identificativas realizadas por verbos lexicais de semiose realizam a categorização *Símbolo-Valor*, operando um relacionamento semiótico do tipo *expressão-significado*. Observemos os exemplos a seguir:

(55) O índice **representa** uma queda de 11% do total da área desmatada entre a última temporada (agosto de 2020 – julho de 2021). (G1, 2023).

(56) A gente tem que entender a felicidade dos filhos”, disse Buaiz, que chegou a tatuar uma fênix nas costas, ave que **simboliza** o renascimento. (Metrópoles, 2022)

(57) Qual a importância do termo relações raciais e não direito antidiscriminatório, por exemplo? O racismo **implica** sujeitos que estão em polos diferentes. (Folha de São Paulo, 2023)

Podemos observar que ao aplicarmos o teste de agnação, diferentemente das orações intensivas identificativas realizadas pelo verbo neutro “ser”, que estabelecem prototipicamente uma relação de simetria referencial, orações realizadas por verbos lexicais de semiose revelam uma estruturação da oração mais rígida. Ao aplicarmos o teste nas orações anteriores, obtemos as seguintes variantes:

( $\leftrightarrow$ A)<sup>45</sup> (?) Uma queda de 11% do total da área desmatada entre a última temporada (agosto de 2020 – julho de 2021) **representa** o índice.

( $\leftrightarrow$ A) (?) O renascimento **simboliza** a fênix.

( $\leftrightarrow$ A) (?) Sujeitos que estão em polos diferentes **implica** o racismo.

O sinal de interrogação significa que não podemos afirmar com certeza que as orações agnadas são variantes das orações 55, 56 e 57. Podemos observar que a direcionalidade da relação Símbolo-Valor é alterada, o que resulta em uma diferença semântica significativa em relação às orações iniciais, pois o significado do participante à esquerda do verbo (Identificado) é realizado pelo significado do participante à direita (Identificador). Quando relacionamos essa característica gramatical ao processo de constituição semântica do texto, verificamos que a escolha do jornalista é altamente determinada pela progressão informacional que antecede a instanciação desses dados. Tomemos uma parcela maior de outra reportagem em que uma oração com o verbo *representar* ocorre:

(58) Além disso, para Sobreiro há uma diferença de tratamento dado a cada bioma pelo governo federal. Ele destaca que a Amazônia **representa** uma "propaganda" muito rica, que garante projeção frente à comunidade internacional — o que não acontece com o Cerrado. (Correio Brasiliense, 2023)

( $\leftrightarrow$ A) Além disso, para Sobreiro há uma diferença de tratamento dado a cada bioma pelo governo federal. Ele destaca que uma "propaganda" muito rica, que garante projeção frente à comunidade internacional **representa** a Amazônia— o que não acontece com o Cerrado.

<sup>45</sup> Utilizamos, nesta tese, o símbolo  $\leftrightarrow$ A para designar a aplicação do teste de agnação.

A escolha do tema *a Amazônia* é ancorada no referente *cada bioma*, presente na sentença anterior. O fluxo de informações entre a sentença antecedente e a sentença em que é instanciada a oração relacional em análise parte do mais geral para o mais específico, ou seja, o significado de *uma diferença de tratamento dado a cada bioma pelo governo federal* (Existente) é especificado nessa oração identificativa. Contudo, esse processo de especificação das informações no texto não é construído por meio de simetria referencial, como em orações identificativas com o verbo *ser*. O participante *uma propaganda muito rica* não consiste na identidade referencial do participante *a Amazônia*, mas em uma definição relacionada à perspectiva que o governo federal tem sobre o bioma. Nesse contexto, o significado de *representar* é associado aos interesses políticos da instituição (representa para o discurso de X). Se contrastarmos com uma oração identificativa cujo processo seja realizado pelo verbo *ser*, obtemos uma interpretação distinta, como em:

**(59) Agorafobia: é o transtorno de ansiedade relacionado a estar em situações ou locais sem uma maneira fácil de escapar.** Em geral, trata-se de casos sem um perigo iminente óbvio, mas, mesmo assim, a pessoa se sente angustiada em busca de uma saída. (G1, 2023)

Nessa oração, a interpretação da relação de identificação é fundamentada tanto pelo aspecto permanente oriundo do verbo *ser* quanto pela simetria referencial entre os participantes. Embora a definição de “Agorafobia” seja estabelecida no âmbito de um campo científico, logo, “segundo a ótica de X”, a forma como significado expresso por essa oração é construído busca imprimir objetividade na representação do conceito, como se ele se constitui-se na anterioridade do discurso que o origina, *a priori* ao invés de *a posteriori*.

Convém esclarecer que a classificação de verbos como *representar*, *simbolizar*, *implicar* e *significar* como realizadores de processos relacionais intensivos identificativos não decorre de um critério de exclusão, mas de propriedades positivas do tipo de relação experiencial que constroem. Diferentemente dos processos materiais, tais verbos não configuram transformação ou mudança no mundo; diferentemente dos processos mentais, não projetam estados internos de consciência; e diferentemente dos processos verbais, não realizam atos de dizer ou de interação discursiva. Sua função nuclear consiste em estabelecer uma relação de equivalência simbólica entre entidades, pela qual um

participante é construído como Símbolo e o outro como Valor. Correspondem, portanto, a processos do Ser semanticamente especificados, nos quais a identificação não é neutra, mas mediada por operações lexicais de semiose, responsáveis por orientar a leitura e a interpretação da relação identificativa no texto.

Em síntese, o panorama geral desse subtipo de processo no *corpus* descrito revela que processos intensivos identificativos com verbos lexicais de semiose são bem menos frequentes do que os processos intensivos identificativos com o verbo neutro *ser*. Verificamos um total de 143 ocorrências de orações com verbos realizadores desse subtipo de processo nos textos analisados. A figura 24 apresenta a distribuição:

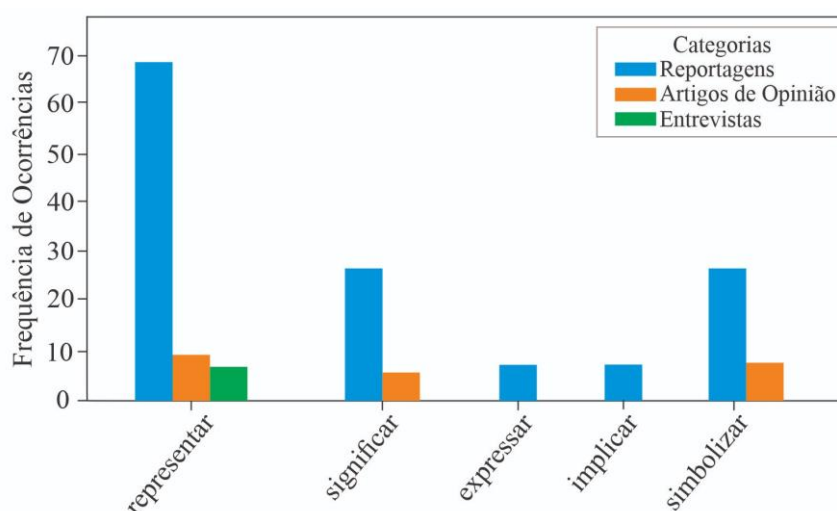


Gráfico 8 – Distribuição dos processos relacionais de semiose nos tipos de texto seleccionados  
Fonte: elaboração própria.

Esses resultados indicam que, em nosso *corpus*, a função sociosemiótica dos textos influencia significativamente a escolha de verbos lexicais de semiose e, conseqüentemente, os tipos de processos identificativos usados. Embora o verbo *ser* continue dominante dentre os verbos realizadores de processos intensivos identificativos, os verbos de semiose desempenham um papel mais especializado, aparecendo com mais frequência em contextos específicos, como reportagens analisadas.

O verbo *representar* se destaca com 70 ocorrências, sendo o mais frequente entre os verbos de semiose nas reportagens. Isso indica que as reportagens utilizam preferencialmente, dentre os verbos de semiose, o verbo *representar* para expressar relações de identificação. Ademais, reportagens representam, em nossa amostra, o subconjunto textual que mais utiliza processos intensivos identificativos com verbos de

semiose, pois, como demonstra o gráfico, todos os tipos de verbos de semiose identificados ocorrem em textos desse subconjunto amostral.

Nos artigos de opinião, o número total de ocorrências de verbos de semiose é significativamente menor, com apenas 30 ocorrências. Isso pode indicar que os textos analisados usam esses verbos de forma mais esporádica, o que pode significar que os autores preferem construir seus argumentos de outras maneiras, sem recorrer tanto a processos de semiose. Já nas entrevistas, o uso de verbos de semiose é o menor entre os três subconjuntos textuais, com um total de apenas 11 ocorrências. Nesse último subconjunto, o verbo *representar* aparece algumas vezes, mas outros verbos praticamente não são utilizados.

Os resultados mostram que o verbo *ser*, como verbo neutro, permanece dominante nos processos intensivos identificativos; entre os verbos lexicais de semiose, *representar* destaca-se como o mais frequente. A predominância desses verbos em reportagens reflete o caráter informativo e explicativo desses textos, nos quais é recorrente a identificação e a explicitação de conceitos complexos.

### 3.4 Orações circunstanciais

As orações circunstanciais realizam, prototipicamente, uma *relação de circunstanciação concreta ou semiótica*. Tal relação é análoga àquela representada pelas orações intensivas, em que uma entidade instancia uma classe (atributivas) ou funciona como Símbolo (expressão) que realiza um Valor (conteúdo). Nesse sentido, as orações 60 e 61 podem ser interpretadas, respectivamente, como ‘*Adriana é um membro da classe de pessoas localizadas em Brasília*’ e ‘*o momento de inovar é identificado como o agora*’:

(60) Adriana foi a primeira pessoa de sua família a se formar no ensino superior. Filha de pais nordestinos, **ela está em Brasília** para atuar na corte máxima da Justiça do Trabalho. (Correio Brasiliense, 2023)

(61) Os consumidores querem (e optam) por marcas que levam em consideração as preferências de seus clientes. Por isso, **o momento de inovar é agora!**

Tal interpretação é possível porque o sistema MODO DE RELAÇÃO, ao interseccionar-se com o sistema TIPO DE RELAÇÃO, imprime certo grau de homogeneidade lógica entre

os diferentes tipos de relações. Essa homogeneidade decorre do fato de que, independentemente do domínio em que se manifesta — intensivo, circunstancial ou possessivo —, as construções relacionais preservam esquemas lógicos gerais de vinculação entre entidades, fundamentados em operações de inclusão de classe, realizadas por instanciação (atributivas) ou individuação de entidades, segundo um modelo realizacional de natureza interestratal (identificativas).

Nas orações relacionais circunstanciais, a relação entre os dois termos é de tempo, lugar, maneira, causa, acompanhamento, papel, matéria ou ângulo. Entretanto, a relação de circunstanciação pode ser construída tanto como Processo quanto como Participante, sendo este último o padrão não marcado. Esse contraste é construído na região gramatical do contínuo, não consistindo em um traço apenas lexical (Halliday; Matthiessen, 2014). As orações a seguir apresentam respectivamente essas opções:

(62) Adriana foi a primeira pessoa de sua família a se formar no ensino superior. Filha de pais nordestinos, ela está em Brasília para atuar na corte máxima da Justiça do Trabalho.

(63) Em setembro, são esperados 46,8 mm de chuva. A última vez caiu pingos do céu do DF foi em 30 de agosto deste ano, quando o período de estiagem durou 76 dias. (Correio Brasiliense, 2021)

Na configuração da primeira oração, o Atributo é realizado por um sintagma preposicionado, onde a relação circunstancial é expressa pela preposição, ou por um grupo adverbial. Já na configuração da segunda oração, o Atributo é realizado por um grupo nominal e a relação circunstancial é expressa pelo verbo lexical no grupo verbal servindo como Processo. A diferença entre esses dois tipos reside em como a circunstância é representada: como um atributo ligado diretamente à entidade, ou como um processo em que a entidade participa.

O padrão mais ativado nessa região da rede relacional do português brasileiro é o de construir circunstanciação nos participantes, tendo em vista que, do total de 531 orações circunstanciais analisadas, 407 realizaram esse padrão. Ainda, do total de 391 orações circunstanciais atributivas, 280 apresentaram realização de circunstância como participante, enquanto, do total de 140 orações circunstanciais identificativas, 127 também seguiram o mesmo padrão. Esses resultados apontam para uma tendência sistêmica de integração da circunstanciação à estrutura participante, o que indica a

possibilidade de o português brasileiro, no âmbito das orações relacionais, reificar a circunstância como elemento de identidade ou de caracterização.

Tabela 14 – Distribuição das orações circunstanciais por modo de relação e realização da circunstância como participante

| Modo da relação        | Total de orações circunstanciais | Com circunstância como participante | Percentual |
|------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|------------|
| <i>Atributivas</i>     | 391                              | 280                                 | 71,61%     |
| <i>Identificativas</i> | 140                              | 127                                 | 90,71%     |
| <i>Total geral</i>     | 531                              | 407                                 | 76,64%     |

Fonte: elaboração própria.

Correlaciona-se diretamente com essa tendência a alta incidência do verbo *estar* – a escolha não marcada – como realizador do Processo:

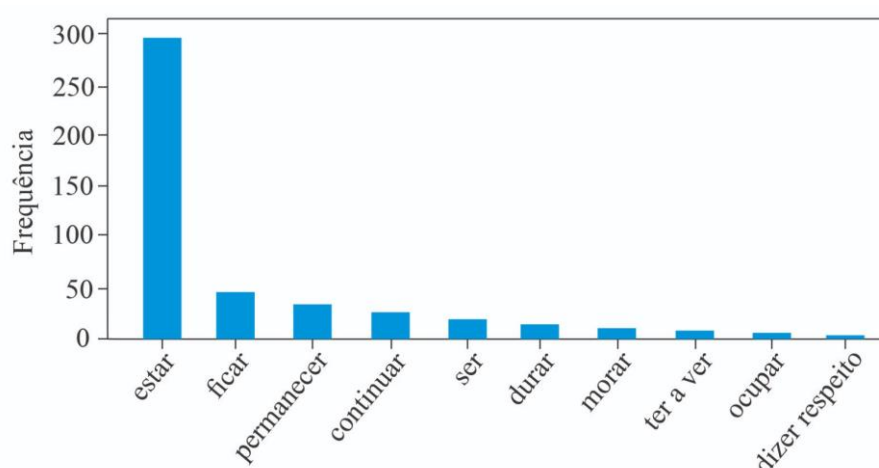


Gráfico 9 – Distribuição dos verbos realizadores de processos relacionais circunstanciais  
Fonte: elaboração própria.

Ao apresentar os dados de frequência dos verbos realizadores de processo relacional circunstancial em nosso *corpus*, podemos observar que os cinco mais frequentes representam 495 ocorrências dentro do total de 531 – cerca de 88%. Com essas cinco formas verbais, a oração constrói a circunstância como participante, sendo o desdobramento neutro, realizado por *estar*, a escolha mais incidente no conjunto desses dados.

A partir da análise probabilística dos verbos circunstanciais, é possível observar que a distribuição das escolhas segue um padrão de alta concentração e baixa incerteza, revelando que o sistema opera com forte tendência a um centro de gravidade semântico.

Do total de dez verbos identificados, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *continuar* e *ser* concentram mais de quatro quintos das ocorrências, o que equivale a uma entropia aproximada de 2,14 bits e uma perplexidade em torno de 4,4. Esses índices indicam um sistema de baixa dispersão e previsibilidade elevada, no qual poucas formas respondem pela maior parte da realização das circunstâncias como participantes. A predominância de *estar* (60,1%) funciona como o polo não marcado do subsistema, realizando a circunstância em seu ponto de neutralidade aspectual, isto é, como estado localizado e não télico. As demais formas de média frequência (*ficar*, *permanecer*, *continuar* e *ser*) operam como extensões previsíveis desse núcleo, introduzindo variações de duração, continuidade ou identidade simbólica. Tal padrão de distribuição sugere que, no registro jornalístico, a oração relacional circunstancial constrói sua base semântica sobre a imperfectividade — uma forma de representar a experiência como processo estendido, mais próximo da permanência do que do evento pontual. A baixa entropia, portanto, reflete um regime de escolhas fortemente estabilizado, em que as variações residuais (*durar*, *morar*, *ter a ver*, *ocupar*, *dizer respeito*) correspondem a realizações marcadas e informacionalmente mais custosas, associadas a contextos específicos de tematização e reconfiguração metafórica da relação circunstancial. Essa distribuição probabilística traduz um equilíbrio entre potencial e instância: o sistema mantém um alto grau de previsibilidade estrutural, mas preserva, nas margens informacionais, a capacidade de expandir o significado por meio de escolhas de maior densidade semântica.

Ao mapear os padrões dessas escolhas, podemos observar a tendência de que frequência se traduz em maior amplitude no potencial de escolhas do Atributo circunstancial. Nesse sentido, os sistemas TIPO DE DESDOBRAMENTO e ATRIBUIÇÃO CIRCUNSTANCIAL parecem restringir tal amplitude. Se o desdobramento é neutro (*estar*), há maior amplitude na escolha do tipo de circunstância, ao passo que se o desdobramento é faseado (*ficar*, *permanecer*, *continuar*, *durar*), a amplitude diminui. Paralelamente, se a circunstância é construída como participante, a amplitude é maior, enquanto se é construída como processo, a amplitude diminui. O quadro 36 sintetiza as tendências observadas:

Quadro 37 – Tipos de circunstância realizados em orações relacionais circunstanciais segundo o verbo

| Verbo        | Tipo        | Subtipo | Oração                                                                                                                                                      |
|--------------|-------------|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>estar</i> | Localização | Lugar   | Na semana seguinte, <u>o Correio esteve no gabinete 24 da Câmara Legislativa do DF</u> , onde trabalha o primeiro parlamentar assumidamente gay da capital. |

|              |              |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--------------|--------------|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|              |              | Tempo                       | <i><b>Estamos</b> a dois dias do primeiro turno de uma das eleições mais importantes para o nosso país.</i> (UOL, 2022)                                                                                                                                             |
|              | Extensão     | distância                   | A vontade voraz de Flordelis de transar com todos os adotados que atraíam provou que, ao olhar dela e de Anderson, <u>aquilo <b>estava longe de ser uma família</b></u> . (R7, 2023)                                                                                |
|              |              | duração                     | Estou no quinto mandato parlamentar e <u><b>estou há 18 anos fora da Caixa</b></u> , mas não deixei a Caixa, a carrego comigo, porque tenho muito orgulho dessa empresa tão importante para o Brasil. (FENAE, 2021)                                                 |
|              | Contingência | condição                    | Durante a pandemia, o GSI era comandado pelo general Augusto Heleno, enquanto <u>a Abin <b>estava sob chefia de Alexandre Ramagem, atual deputado federal pelo PL do Rio</b></u> . (Folha de São Paulo, 2023)                                                       |
|              |              | condição negativa (default) | Papai sabia que <u>ele <b>estava sem aliança de casamento</b></u> , embora a marca da peça ainda se destacasse fortemente ao final de seu dedo. (R7, 2022)                                                                                                          |
|              | Modo         | qualidade                   | <i>Os médicos disseram a ela que o bebê <b>estava com soluções</b>.</i> (G1, 2023)                                                                                                                                                                                  |
|              | Ângulo       | fonte                       | <i><u><b>estamos inteiramente de acordo com a tese de Fiori de a consolidação de uma “democracia viva e forte” no Brasil passa por um pacto que assegure o retorno dos militares aos quartéis e às suas funções constitucionais.</b></u></i> (Brasil de Fato, 2021) |
|              | Papel        | papel assumido              | <i><u><b>Atualmente está como Diretor de Inovação da CDL Jovem Fortaleza.</b></u></i> (Nosso Meio, 2021)                                                                                                                                                            |
| <i>ficar</i> | Extensão     | distância                   | <i>A residência dos pais de Archie e Lilibet Diana <b>fica</b> a cinco minutos de distância, de carro, do lar de Oprah.</i> (Metrópoles, 2021)                                                                                                                      |

Fonte: elaboração própria.

### 3.4.1 Atribuição circunstancial

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), a atribuição circunstancial é um subtipo de oração relacional em que o Portador é vinculado a uma classe de seres parametrizados por um enquadramento de localização, extensão, maneira, causa etc. Em outras palavras, a oração constrói prototipicamente uma relação em que *X está em A*:

Quadro 38 – Atribuição circunstancial: estrutura participante e tipos de circunstância

| Exemplo (recorte relevante)                                          | Portador (X)                         | Processo  | Atributo (A)       | Tipo de circunstância               |
|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|-----------|--------------------|-------------------------------------|
| <i>Eu estou em uma casa e feliz</i>                                  | eu                                   | estou     | em uma casa        | Localização                         |
| <i>diferença salarial entre gêneros permanece em patamar elevado</i> | diferença salarial entre gêneros     | permanece | em patamar elevado | Estado/ condição                    |
| <i>RNDS, que continua em manutenção</i>                              | (RNDS)                               | continua  | em manutenção      | Estado/ condição                    |
| <i>Joe Richardson morou em Fortaleza por 14 anos</i>                 | Joe Richardson                       | morou     | em Fortaleza       | Localização                         |
| <i>Joe Richardson morou em Fortaleza por 14 anos</i>                 | Joe Richardson                       | morou     | por 14 anos        | Extensão – tempo                    |
| <i>É na 7ª Vara</i>                                                  | (o problema / o processo mencionado) | é         | na 7ª Vara         | Localização – lugar (institucional) |

Fonte: elaboração própria.

Essa subrede dispõe de duas possibilidades estruturais para a construção da relação de atribuição circunstancial. A primeira é (a) circunstância como Atributo, forma na qual o quadro circunstancial — de lugar, tempo, condição, extensão ou domínio — é realizado por um grupo preposicionado ou advérbio, enquanto o processo é expresso por um item verbal altamente esquemático, tipicamente *estar*, que funciona como o núcleo relacional neutro. A segunda é (b) circunstância como Processo, padrão no qual o valor circunstancial encontra-se lexicalmente codificado no próprio verbo, como ocorre com *durar*, *atravessar*, *seguir*, *ocorrer*, *vigorar*, entre outros. Esse segundo tipo cria orações como 64, em que o sentido de extensão temporal é um significado intrínseco ao processo:

(64) **O depoimento durou cerca de duas horas e meia** e, ao final, o influencer preferiu não falar com a imprensa, mas disse, na entrada da delegacia, que quer muito voltar para casa, mas que, para tanto, precisa que a agressora deixe o condomínio. (G1, 2022)

Contudo, embora ambas as possibilidades existam no potencial da língua, os dados indicam uma assimetria funcional forte entre elas. A análise aplicada ao *corpus* evidencia que a escolha não marcada é a construção da circunstância como Atributo. O dado mais robusto dessa tendência está no comportamento do verbo *estar*, responsável por 60,1% de todas as ocorrências de atribuição circunstancial. Quando esse valor é reunido a outros verbos aspectualmente compatíveis com estados circunstanciais — *ser*,

*ficar, permanecer, continuar* — a proporção atinge 88% do total das ocorrências. Apenas 12% dos casos são realizados por circunstância como Processo, com verbos que lexicalizam a relação circunstancial. Assim, no português brasileiro, o sistema favorece com intensidade a leitura de circunstâncias como Atributos, configurando-se como elementos estáveis, perduráveis, passíveis de tematização e de encaixe em estruturas de ancoragem discursiva.

O reconhecimento de uma atribuição circunstancial pode ser descrito por meio de um conjunto de diagnósticos sistêmico-funcionais que articulam estrutura, semântica e comportamento textual. Um primeiro indício emerge da natureza das perguntas que a oração responde: quando o complemento associado ao processo é naturalmente recuperado por interrogativas como *onde?*, *quando?*, *como?* ou *em quê?*, trata-se, em geral, de um enquadre circunstancial atribuído ao Portador. Em *Eu estou em uma casa*, por exemplo, o Atributo *em uma casa* não classifica nem qualifica o sujeito, mas estabelece uma moldura espacial; o mesmo ocorre em *diferença salarial entre gêneros permanece em patamar elevado*, em que *em patamar elevado* funciona como enquadramento de estado/condição, e em *RNDS continua em manutenção*, onde *em manutenção* também perfila a condição em que a entidade se encontra. Esses complementos não respondem a ‘o que é?’, mas a perguntas como ‘onde está?’, ‘em que está?’, ‘em que condição?’.

A presença obrigatória de preposição constitui outro critério particularmente forte no português brasileiro para distinguir atributos circunstanciais. Em *Eu estou em uma casa, permanece em patamar elevado, continua em manutenção* ou *morou em Fortaleza*. A supressão desse elemento torna a oração agramatical ou semanticamente improvável: *Eu estou uma casa, permanece patamar elevado* ou *continua manutenção* parecem não serem possíveis, o que revela o caráter estrutural da preposição como marcador circunstancial.

A irreversibilidade do padrão fornece um terceiro diagnóstico central. Diferentemente das relações identificativas, que tendem a admitir inversão entre Identificado e Identificador, as atribuições circunstanciais não permitem leitura reversível. Assim, *É na 7ª Vara* não tem correspondente possível em *A 7ª Vara é (isso)*, e *Joe Richardson morou em Fortaleza por 14 anos* não admite *Fortaleza morou Joe Richardson por 14 anos*.

Por fim, o comportamento textual desses atributos também reforça seu estatuto circunstancial. Elementos como *em uma casa, em patamar elevado, em manutenção, em*

Fortaleza e na 7ª Vara apresentam forte propensão à tematização, podendo deslocar-se para a posição inicial da oração para organizar a progressão discursiva. Construções como *Na 7ª Vara é o processo*, *Em Fortaleza Joe Richardson morou por 14 anos* ou *Em manutenção continua a RNDS* mostram a facilidade com que tais elementos assumem função temática.

A relevância da atribuição circunstancial para a descrição do português brasileiro torna-se particularmente evidente quando observamos sua produtividade no discurso jornalístico. Observamos que essa é uma escolha extensivamente empregada para localizar eventos no tempo, situá-los no espaço e, especialmente, para enquadrar argumentativamente questões complexas. Nessas construções, a circunstância deixa de ser apenas uma peça periférica da oração e passa a assumir papel central na arquitetura informacional do texto, funcionando como eixo interpretativo a partir do qual o leitor compreende o estado, o valor ou a condição do fenômeno descrito.

O quadro a seguir lista o conjunto de processos relacionais circunstanciais atributivos identificados na amostra. Além dos 10 mais recorrentes, há outros menos incidentes, mas que representam um mínimo significativo, pois apontam para o potencial de expansão do subdomínio:

Quadro 39 – Processos relacionais circunstanciais atributivos identificados no corpus

| <b>Circunstância</b>        | <b>Exemplo: funções transitivas</b> |                             |                                                       |
|-----------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|-------------------------------------------------------|
|                             | <i>Portador</i>                     | <i>Processo: atributivo</i> | <i>Atributo</i>                                       |
|                             | <i>Grupo Nominal</i>                | <i>Grupo verbal</i>         | <i>Sintagma Preposicionado</i>                        |
| <i>Lugar (concreto)</i>     | O distrito Federal                  | está                        | dentro da 11ª RM                                      |
| <i>Lugar (concreto)</i>     | O delegado Eduardo Carrara          | mora                        | no mesmo condomínio                                   |
| <i>Lugar (abstrato)</i>     | O recuo para homens                 | ficou                       | Abaixo da média total do país                         |
| <i>Duração</i>              | O depoimento                        | durou                       | cerca de duas horas e meia                            |
| <i>Lugar (concreto)</i>     | Cabrini                             | permaneceu                  | Por 24 dias na Ucrânia durante o mês de março de 2022 |
| <i>Assunto (processual)</i> | A mais recente notícia no estado    | é                           | sobre a busca de voluntários na capital               |

|                               |                                                      |              |                                                                              |
|-------------------------------|------------------------------------------------------|--------------|------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Assunto (processual)</i>   | Outra queixa da comunidade                           | diz respeito | à perda do acesso ao complexo de cachoeiras conhecido como vale do São Pedro |
| <i>Assunto (abstrato)</i>     | Muito do racismo estrutural de Portugal              | tem a ver    | com a história de colonização                                                |
| <i>Lugar (abstrato)</i>       | O funcionário de Vespoli                             | continua     | No cargo                                                                     |
| <i>Duração</i>                | Um trabalho (que)                                    | se estende   | até a véspera da visita                                                      |
| <i>Assunto (processual)</i>   | Uma dessas ações coletivas                           | se refere    | às ocupações promovidas pelo MST em áreas de empresa de celulose             |
| <i>Finalidade (abstrata)</i>  | A carta                                              | serve        | para endossar compromissos e discussões anteriores                           |
| <i>Distância (concreta)</i>   | O ponto em que ela                                   | se encontra  | do parque                                                                    |
| <i>Lugar (abstrato)</i>       | A grande dificuldade                                 | reside       | no fato de o equilíbrio ser baseado essencialmente no aumento das receitas   |
| <i>Condição (abstrata)</i>    | Encontrar crescimento                                | depende      | de estratégias que precisam ficar claras para os investidores.               |
| <i>Origem (concreta)</i>      | o laudo psicológico dos candidatos a CAC             | resulta      | de uma bateria de testes que avaliam a atenção, memória e personalidade      |
| <i>Origem (processual)</i>    | a atual subida de preços                             | não decorre  | de uma crise de desabastecimento                                             |
| <i>Origem (processual)</i>    | A linda e eloquente imagem que abre este post        | provém       | desse estudo                                                                 |
| <i>Origem (abstrata)</i>      | O poder                                              | não emana    | do divino                                                                    |
| <i>Qualidade (processual)</i> | a apuração                                           | consiste     | no levantamento de informações iniciais sobre o ocorrido                     |
| <i>Função (concreta)</i>      | emitir autorizações de supressão de vegetação nativa | compete      | a eles                                                                       |
| <i>Função (abstrata)</i>      | O papel de organizar, liderar e fiscalizar a         | cabe         | à Justiça Eleitoral                                                          |

|  |                                     |  |  |
|--|-------------------------------------|--|--|
|  | realização dos<br>pleitos regulares |  |  |
|--|-------------------------------------|--|--|

Fonte: elaboração própria.

### 3.4.2 Identificação circunstancial

Da mesma forma que as orações circunstanciais atributivas, essas orações no modo identificativo são organizadas semanticamente de duas formas: (i) circunstância como participantes: a característica circunstancial é construída nos papéis participantes; (ii) circunstância como processo: a característica circunstancial é construída no processo.

**(i) Circunstância como participantes:** Nesse tipo de organização, os participantes da identificação são construídos a partir de significados circunstanciais, pertencentes a diferentes domínios semânticos (tempo, lugar, condição, extensão etc.). O Símbolo tende a ser realizado por um grupo nominal que reifica a noção circunstancial — como *a hora* —, enquanto o Valor pode ser realizado tanto por um grupo nominal quanto por um grupo adverbial ou sintagma preposicionado, que instanciam diretamente o enquadramento circunstancial relevante. Nesses casos, a identificação estabelece uma equivalência entre uma entidade reificada e uma circunstância situada, como em *agora não é a hora*.

(65) É certo que agora, em plena guerra, não é a hora de formar estoques pois isso contribuiria para elevar os preços ainda mais (Brasil de Fato, 2022) – *Símbolo/GAdv (tempo) + GV + Símbolo/GN*.

**(ii) Circunstância como processo:** nesse tipo de configuração, a circunstância não é expressa pelos participantes, mas sim pelo Processo. Verificamos que verbos como *ocupar* e *causar* funcionam, por assim dizer, como verbos ‘circunstanciais’ que codificam a circunstância como uma relação entre os participantes. Os exemplos abaixo ilustram isso:

(66) O Brasil ocupa a posição de número 140, em ranking que contempla 192 países pesquisados pela União Interparlamentar. (Brasil de Fato, 2022)

(67) Enegrecer ainda mais um personagem negro da nossa história causa alvoroço e estremece os alpendres da Casa Grande (Brasil de Fato, 2021)

Ao aplicarmos o teste de agnação por reversão, observa-se que orações desse tipo admitem alternância entre as perspectivas ativa e passiva, com inversão dos participantes e manutenção do mesmo valor semântico do processo, como em *A posição de número 140 é ocupada pelo Brasil* e *Fogo foi causado por pane elétrica*. Essa possibilidade não é mobilizada aqui como critério de classificação, mas como indício de que a circunstância não está associada a um participante específico, uma vez que, mesmo após a reversão, o processo preserva a codificação da circunstância. Em outras palavras, a localização abstrata (*ocupar*) e a relação causal (*causar*) permanecem estáveis independentemente da distribuição sintática dos participantes, o que confirma que, nesse subtipo, é o processo — e não os participantes — que realiza a circunstância.

(69) Fogo foi causado por pane elétrica em ventilador. (UOL, 2023)

À luz do que revelam os dados, nesse subtipo de processo circunstancial, não são os participantes que realizam a característica circunstancial. Com efeito, cabe ao processo expressá-la. Como já dito, esses processos codificam a característica circunstancial como uma relação entre os participantes.

Em 66, o significado lexical do verbo não corresponde a “agir para preencher um espaço”, mas estar situado numa posição específica em um *ranking*, logo, um estado. Já a circunstância é simbólica, como é típico das orações que constroem circunstância como processo no *corpus* descrito. Desse modo, as escolhas em que *ocupar* é o verbo realizador do Processo instanciam relações de *localização abstrata*.

Por sua vez, o dado 69 é representativo do que no capítulo dois denominamos de *contínuo energia – símbolo*, tendo em vista que é um caso-limite, em que distinguir entre investimento de energia e simbolização torna-se problemático. Isso decorre do fato de que duas interpretações podem ser realizadas no que concerne a *causar*: 1- fazer algo acontecer; 2- X está em relação causal com Y. A primeira interpretação situa a análise no domínio material. Entretanto, para nós, no contexto analisado, a segunda leitura é favorecida, pois o processo não apresenta fases internas nem perfila transformação progressiva, visto que o *fogo* não é construído como resultado de uma ação energética, mas como um estado correlacionado causalmente a uma pane elétrica. A alternância para a voz passiva reforça essa leitura, uma vez que a relação causal permanece estável independentemente da distribuição sintática dos participantes, o que indica que a

circunstância de causa é lexicalizada no processo, e não realizada por um participante específico.

Por conseguinte, a segunda interpretação desloca a ótica para o subdomínio circunstancial das orações relacionais, onde *causar* não expressa ação energética, mas relação causal situacional. Nessa leitura, o verbo realiza um processo relacional circunstancial de causa (razão). Assim, a oração *enegrecer ainda mais um personagem negro da nossa história causa alvoroço*” pode, portanto, ser reinterpretada como uma estrutura de associação causal, em que o processo expressa o vínculo relacional entre duas situações — a ação simbólica (enegrecer o personagem) e o efeito social (o alvoroço gerado). A estrutura intensiva atributiva que contrasta com esse padrão circunstancial-identificativo é:

(70) Nos três primeiros, Guedes revela que **o desmatamento é resultado da expansão – em grande escala - da agricultura e da pecuária**. (Diário de Pernambuco, 2023)

Essa interpretação ganha maior sustentação quando contrastada com a configuração intensiva atributiva representada por *nos três primeiros (...), Guedes revela que o desmatamento é resultado da expansão – em grande escala – da agricultura e da pecuária*. Nesta oração, o processo *ser* — neutro e não energético — realiza uma relação simbólica de equivalência causal, em que o desmatamento é caracterizado como resultado da expansão agrícola e pecuária. A ocorrência do verbo *ser*, característico de processos relacionais intensivos atributivos, evidencia que a causalidade pode ser representada na língua como uma configuração estática de atribuição, na qual o nexos causal é reificado como atributo, e não como uma ação produtora de efeitos. Com efeito, a estrutura “X é resultado de Y” explicita a dependência causal sob a forma de um atributo relacional, enquanto “X causa Y” realiza a mesma relação em configuração circunstancial-identificativa. A comparação entre as duas estruturas revela que a escolha por *causar* não desloca, necessariamente, a relação para o domínio material, mas pode ser tratada dentro do domínio relacional.

### 3.4.3 A subrede circunstancial: síntese

Esta subseção tem por objetivo sintetizar os resultados analíticos relativos às orações relacionais circunstanciais, organizando-os em uma subrede capaz de explicitar as interdependências entre os principais sistemas ativados nesse domínio. A partir dos dados empíricos, propomos uma modelagem que integra escolhas relativas ao modo de relação, à forma de realização da circunstância e às propriedades referenciais envolvidas, permitindo visualizar como tais escolhas se correlacionam nos textos jornalísticos investigados. A Figura X apresenta essa subrede circunstancial, concebida como um recorte específico da rede relacional mais ampla, e serve como base para a exposição sintética desenvolvida a seguir.

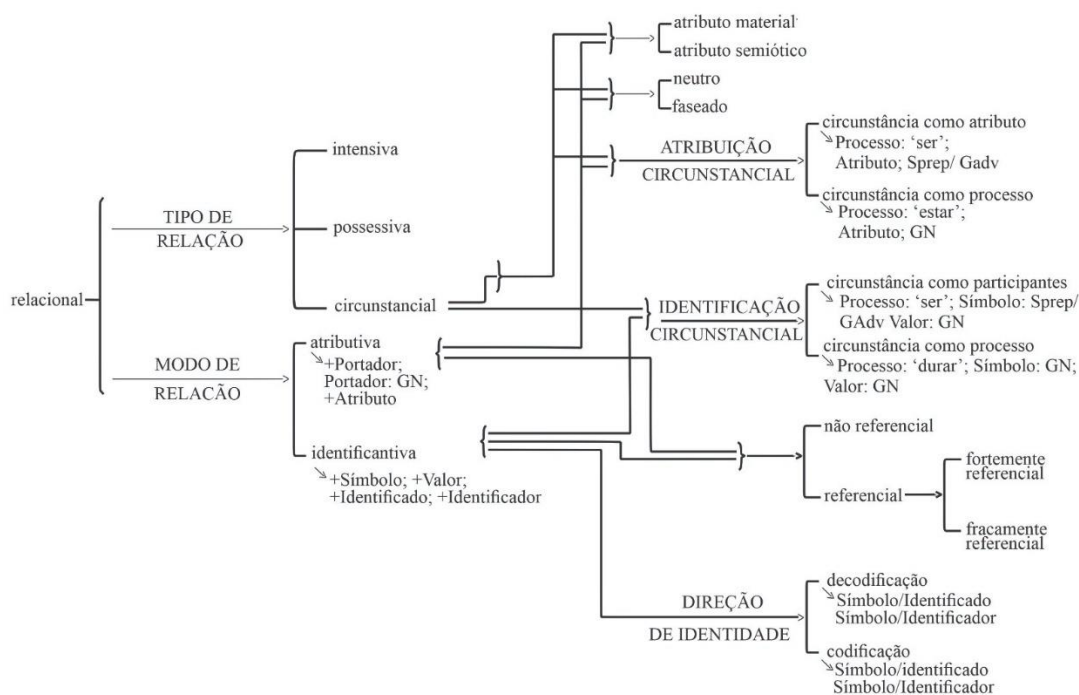


Figura 17 – Subrede circunstancial do sistema relacional no português  
Fonte: elaboração próprio.

A rede representa o modelo desenvolvido, no âmbito do português brasileiro, a partir da reinterpretação do sistema relacional proposto em Halliday e Matthiessen (2014), incorporando adaptações necessárias às especificidades gramaticais e semânticas da língua. Para esta seção, recortamos para exposição a subrede circunstancial, que, como a relacional, subdivide-se nos modos atributivo e identificativo. Na região atributiva, três sistemas são ativados simultaneamente, quais sejam: DOMÍNIO DE ATRIBUIÇÃO, TIPO DE DESDOBRAMENTO e ATRIBUIÇÃO CIRCUNSTANCIAL.

O primeiro sistema apresenta relevância por apresentar forte correlação com o de ATRIBUIÇÃO CIRCUNSTANCIAL, sendo que quando o Atributo é material, a circunstância tende a ser construída como participante; quando o Atributo é semiótico, a circunstância tende a ser construída como processo:

(71) O humorista *continua no condomínio?* – Atributo material. (G1, 2021)

(72) Qual a dificuldade em assumir as próprias manifestações racistas? *Essa dificuldade tem a ver com a maneira como o racismo entrou no tecido social através da educação* – Atributo semiótico. (Folha, 2023)

Na região identificativa, a rede incorpora dois sistemas, quais sejam: REFERENCIALIDADE e DIREÇÃO DE IDENTIDADE. Quando ativado pela escolha circunstancial, tende a ser mais incerto quando o percurso parte do modo atributivo, tendo em vista que a escolha no modo de construção da circunstância tende a se correlacionar com o grau de referencialidade do Atributo. Ao passo que a realização de circunstância como participante apresenta certo equilíbrio entre referência forte e referência fraca, a realização como processo é fortemente correlacionada com a referência fraca do Atributo. Já quando o percurso parte do modo identificativo, a incerteza tende a inexistir, considerando que a correlação é categórica: a circunstância, no *corpus*, é sempre construída como participante, cuja referencialidade é fraca. Por último, a direção de identidade não parece ser influenciada por características de outros sistemas da rede.

### 3.5 Orações possessivas

As orações possessivas realizam uma *relação de posse/pertencimento*, em que uma entidade é possuída pela outra. Entretanto, o significado da relação pode ser de posse material ou de posse generalizada, desdobrando-se este último em posse de abstrações, relações meronímicas, de continência e de propriedade. Por conseguinte, o que caracteriza a relação de posse é a *extensão*, em que uma entidade é construída como sendo estendida pela outra (Halliday; Matthiessen, 2014).

Um ponto importante a ser considerado é que os dados analisados revelam que o verbo *ser* é usado nos três tipos de orações relacionais. Todavia, fora do domínio das orações intensivas, a escolha por essa forma verbal é marcada. Essa evidência abre

caminho para a hipótese de que há relações analógicas entre as variantes oracionais do sistema, consistindo o modelo intensivo no ponto de origem de tais relações. Desse modo, em

(73) **Hoje a FIEC tem 40 sindicatos** e um diálogo constante com eles. (Diário do Nordeste, 2022)

(74) **A avaliação é de especialistas de duas organizações da sociedade civil**, o Greenpeace e o Instituto Polis. (Diário de Pernambuco, 2023),

aplicando o teste da paráfrase, a oração possessiva destacada em 73 pode ser interpretada como “A FIEC é um membro da classe dos possuidores de sindicatos”. De modo semelhante, a paráfrase de 74 indica que “a avaliação” é identificada como pertencendo aos especialistas. Contudo, há uma diferença importante entre as duas orações: enquanto 73 constrói o sentido de *posse* no processo, 74 o faz no participante Atributo (SPREP). Esse contraste é altamente relevante para a descrição das orações possessivas e circunstanciais, mas também parece ter alguma incidência nas intensivas (Halliday; Matthiessen, 2014).

As opções não marcadas no sistema, orações com *ter* e *possuir*, expressam a tendência de que a relação de posse seja construída como processo, em contraste com a realização dessa relação pelo Atributo, que é pouco frequente, e sobre a qual interagem fatores textuais. Nas orações atributivas, quando a relação é construída como processo, o sistema se torna mais delicado, apresentando duas opções: (i) O portador é a entidade possuidora e o Atributo a entendida possuída; (ii) A entidade possuída é o Portador e a entidade possuidora é o Atributo. Em ambas opções a relação é direcional, não podendo ser revertida. Analisemos os dados abaixo e apliquemos o teste de agnação.

(75) **O banco possui um sólido sistema de integridade**, ancorado na observância dos diversos protocolos de prevenção, ao Código de Ética e ao de Conduta, que vedam a prática de ‘qualquer tipo de assédio, mediante conduta verbal ou física de humilhação, coação ou ameaça’. (Diário de Pernambuco, 2022).

(76) **O primeiro lugar pertence à Índia**, há muitos anos, com 10,7 horas, seguida pela Tailândia, China, Filipinas e Egito. (Hoje em Dia, 2023)

Com base nos dados, podemos afirmar que, nas orações possessivas atributivas, aplicar reversão estrutural gera variantes altamente improváveis. Em 75, podemos obter

“Um sólido sistema de integridade *possui/é possuído pelo* banco”. Se o grupo verbal é preservado, tem-se uma relação lógica equivocada, se é alterado pela configuração passiva, aparenta ser altamente motivado pela organização temática e informacional do texto. Neste último caso, a interpretação tenderia a reclassificar a oração como identificativa, mas além de não haver realizações dessa configuração no *corpus*, a indefinição do participante “Um sólido sistema de integridade” indica tratar-se de entidade não individuada, o que é fundamental para a interpretação identificativa da oração, que exige que o possuído seja referencialmente definido. Apresentamos a seguir o Texto 3.7, selecionado em função da incidência significativa de orações possessivas.

### Texto 3.7

Aos 6 anos, Tatiana Novais sonhava em *ser médica*. As pessoas que via de jaleco em consultórios, porém, *não se pareciam com ela*, nem com seus pais. Quando havia um doutor na televisão, também não se enxergava nele. Com 16 anos, Tatiana passou no vestibular para medicina na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e *tornou-se a primeira pessoa da família a ingressar no ensino superior*.

(...)

Tatiana também destaca que médicos negros, ainda nos dias de hoje, em geral, vêm de famílias com menor poder aquisitivo. *Negros são 75% entre os mais pobres do país*, como aponta o IBGE. “**Essa pessoa não tem condição de se dedicar totalmente ao estudo e ficar mais de uma década sem renda até conseguir se sustentar**. Essa dinâmica elitiza demais a escolha pela profissão”, relata.

A doutora destaca que só **teve condições de estudar** porque, quando nasceu, seu pai, homem negro e autodidata que ela descreve como “genial”, já havia passado em um concurso para trabalhar em um banco e isso mudou a vida de toda a família.

(...)

Há cerca de 10 anos, Tatiana Novais começou a despertar para a importância da questão racial dentro de sua área de atuação, após voltar a trabalhar em Salvador depois um longo período em São Paulo. **Ela tem especialização em cirurgia craniomaxilofacial** e atendeu um líder do grupo Ilê Aiyê, que havia sofrido fraturas no rosto após um acidente.

(...)

A médica começou a refletir mais sobre padrões de beleza caucasianos e seu consequente impacto na vida de seus pacientes, que muitas vezes a procuravam em busca de procedimentos que lhes dessem traços mais parecidos com os de pessoas brancas. **Salvador tem 82% da população negra** – segundo o IBGE, *trata-se da cidade com a maior concentração de pessoas negras fora da África*.

A especialista teve de pesquisar e desenvolver novas técnicas que atendessem as particularidades de saúde das pessoas negras. Ela relata que **negros têm mais**

**riscos de ter queloides** (crescimentos anormais de tecido cicatricial que se formam no local de um traumatismo, corte ou cirurgia de pele) e **podem ter cicatrizes com coloração diferente**. Também **têm pele mais grossa e cartilagens mais finas, em geral**.

“Um médico **tem** a obrigação de explicar os riscos e as particularidades para que o paciente faça escolhas baseadas em dados precisos. A mulher negra vê a foto de uma branca que colocou silicone com cicatriz invisível e acha que com *ela* vai ser igual.

Também existe uma padronização na estética baseada em conceitos de cinco séculos atrás, que são usados para harmonização facial, por exemplo. “*O limite da largura nasal seria o canto interno dos olhos*. Isso coloca 90% dos negros fora do padrão”, descreve. Para a médica, é preciso questionar essa estética, e **os médicos têm responsabilidade nessa transformação**.

Com a harmonização facial como o modismo da vez, a cirurgiã tem recebido, em seu consultório, muitos jovens negros insatisfeitos com suas feições, em especial com o próprio nariz. “A mídia **tem uma influência muito grande nisso**. Não se reflete sobre [o peso que os filtros das redes sociais e as maquiagens **têm**”, alerta.

(...)

Tatiana afirma que **sempre teve orgulho de suas origens, da sua cor e suas feições**. “Eu **tenho um nariz grande**, e já **tive oportunidades de operar**, mas eu não quis mudar. **Tinha medo de não me reconhecer**.”

Além de debater a questão da aceitação dos próprios traços, Tatiana reconhece que há os casos de pessoas que **têm indicação para cirurgias** – por deformidades ou pelo desejo de **ter um rosto mais “equilibrado”**. Nessas situações, é possível oferecer opções sensatas e seguras aos pacientes.

“Um negro lindo não precisa **ter traços finos**. Vende-se uma falsa ilusão para uma geração de meninas, principalmente as mais jovens, de que só assim elas são bonitas e isso é cruel.

(...)

A médica usa redes sociais – principalmente o Instagram, em que **tem mais de 5 mil seguidores** – para levar informações sobre estética, saúde e questões raciais à população. Utiliza o mesmo ambiente onde as imposições estéticas correm soltas para combatê-las.

(...)

O nascimento da filha, Ana Lourdes, hoje com 3 anos, foi a “cereja do bolo” no despertar racial de Tatiana. [menina é fruto de um casamento inter-racial e é branca. “Eu recebo parabéns por **ter uma filha branca**. Ouvi de uma juíza que **tenho um ‘útero limpo’**, que **tive sorte**. Me aconselharam a me arrumar ainda mais, para não ser confundida com a babá. Percebi que eu não poderia mais me comportar como se isso fosse normal”, relata.

A análise do percurso de escolhas relacionais realizado na entrevista evidencia uma notável saliência das orações possessivas, as quais desempenham papel central na configuração semântica e discursiva do texto. Nessa entrevista, das ocorrências relacionais identificadas, uma parcela expressiva pertence ao tipo possessivo, o que projeta um perfil em que a representação de posse é integrada ao eixo central de construção de significado. A relevante incidência dessas ocorrências, majoritariamente no presente do indicativo e de aspecto estativo, revela uma tendência a representar estados duradouros, condições estruturais e disposições normativas.

Do ponto de vista semântico-discursivo, nesse texto, as possessivas atuam como mecanismos de distribuição — de acesso, de capital simbólico e material, de propriedades corporais e de responsabilidades — instaurando, ao longo do texto, uma gramática das desigualdades e dos pertencimentos. Dizer que alguém “tem” ou “não tem” algo é, neste contexto, uma forma de avaliar e diagnosticar o social, convertendo a experiência histórica de exclusão em um padrão de relação representável dentro da rede de TRANSITIVIDADE. Em outras palavras, o que se apresenta como descrição de posse realiza, funcionalmente, uma avaliação ideológica, voltada a estabelecer quem tem acesso, quem tem preparo, quem tem visibilidade, quem tem corpo reconhecido.

Essa lógica se desdobra em diferentes subdomínios semânticos do *ter*. Em primeiro lugar, aparece a posse como acesso ou condição, visível em enunciados como “ter condições de estudar” ou “não ter condição de se dedicar totalmente ao estudo”, que materializam barreiras socioeconômicas. Em seguida, surgem possessivas que expressam capital e recursos, como “ter especialização”, “ter seguidores” ou “ter responsabilidade”, deslocando o foco para o exercício profissional e a autoridade técnica. Um terceiro domínio diz respeito às propriedades corporais, como “ter pele mais grossa” ou “ter queloides”, nas quais o corpo negro é reposicionado como parâmetro clínico e não como desvio de um padrão caucasiano. A isso se somam as possessivas de afeto e atitude — “ter orgulho”, “ter medo”, “ter sorte” — nas quais o verbo *ter* metaforiza estados mentais, reconfigurando-os como entidades possuídas e, portanto, mais estáveis e objetiváveis. Por fim, ocorrem construções de medida ou quantificação, como “o peso que os filtros das redes sociais têm”, nas quais o processo possessivo se aproxima de um valor quase-identificativo, articulando proporção e efeito.

Sob a perspectiva logogenética, essas escolhas se distribuem de maneira significativa ao longo do texto. Na fase inicial, em que a entrevistada rememora sua infância e a entrada na universidade, predominam orações intensivas atributivas de

identidade e classe — “ser médica”, “ser mulher”, “ser negra” — que constroem a base experiencial e identitária do relato. À medida que a narrativa progride, essas orações cedem espaço às possessivas de acesso e de capital, sinalizando a transição da identidade aspirada para as condições de realização do sonho. Em seguida, quando a entrevistada aborda sua prática profissional, multiplicam-se as possessivas de propriedade corporal e de risco clínico, que sustentam a argumentação técnica e o deslocamento do olhar hegemônico sobre o corpo negro.

No desenvolvimento argumentativo, a possessiva identificativa “um médico tem a obrigação de explicar os riscos...” marca um ponto de inflexão, pois o verbo *ter* deixa de denotar posse e passa a codificar dever normativo, elevando o debate de uma dimensão pessoal a uma ética institucional. Já nas seções que tratam da influência da mídia e das redes sociais, as possessivas como “a mídia tem uma influência muito grande nisso” ou “o peso que os filtros têm” instauram uma leitura causal do fenômeno estético, introduzindo forças abstratas que determinam comportamentos individuais. No fechamento da entrevista, reaparecem possessivas afetivas e avaliativas — “ter orgulho”, “ter uma filha branca”, “ter sorte” — que reconvertem o percurso coletivo em experiência biográfica, completando o arco argumentativo.

O percurso delineado, portanto, move-se de identificações existenciais (*ser*) para posses relacionais (*ter*), e destas para obrigações éticas (*ter* como dever), numa trajetória que espelha o movimento da própria narradora, que vai do sonho individual à conquista, da conquista à responsabilidade social. O verbo *ter*, nesse contexto, atua como operador de estabilidade — gramaticaliza as condições materiais e simbólicas que sustentam o relato, funcionando como eixo de coesão entre as dimensões pessoal, profissional e coletiva.

Essa recorrência, longe de ser casual, configura uma escolha sistematicamente motivada pelo campo semântico da entrevista, que trata de trajetórias, recursos e barreiras estruturais. Por meio da subrede possessiva, a linguagem enuncia desigualdades de modo objetivo e mensurável, reforçando a autoridade discursiva da entrevistada, que fundamenta seu depoimento em dados, vivências e deveres profissionais. Em termos sistêmicos, pode-se afirmar que o texto realiza um desenvolvimento logogenético no qual o processo *ter* articula as dimensões de identidade, experiência e valor ético, constituindo o núcleo de significação sobre o qual se erguem as demais relações.

| Fase logogenética                                           | Trechos representativos                                                           | Tipos de oração predominantes                         | Função discursiva e interpretativa                                                                                                                   |
|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1. Identidade aspirada</b> (Infância e formação inicial) | “ser médica”; “ser mulher”; “ser negra”                                           | <b>Intensivas atributivas</b> (classe/identidade)     | Instaura o campo experiencial de origem: o “ser” define quem a narradora deseja tornar-se; o foco recai sobre a <b>aspiração e a diferença</b> .     |
| <b>2. Acesso e condições</b> (Trajetória formativa)         | “ter condições de estudar”; “não ter condição de se dedicar”; “teve condições”    | <b>Possessivas atributivas</b> (posse abstrata)       | Transição de <i>ser</i> para <i>ter</i> : a identidade passa a depender do <b>acesso a recursos</b> . A possessiva revela barreiras socioeconômicas. |
| <b>3. Capital e recursos</b> (Exercício profissional)       | “ter especialização”; “ter seguidores”; “ter responsabilidade”                    | <b>Possessivas atributivas identificativas</b> /      | O <i>ter</i> converte-se em <b>recurso simbólico e técnico</b> , indexando reconhecimento e autoridade profissional.                                 |
| <b>4. Corpo e clínica</b> (Dimensão técnica e racial)       | “ter pele mais grossa”; “ter queloides”; “ter cicatrizes com coloração diferente” | <b>Possessivas atributivas</b> (propriedade corporal) | Reconfigura o corpo negro como <b>referência médica legítima</b> ; a possessiva exprime regularidades fisiológicas e desnaturaliza o viés racial.    |
| <b>5. Norma e ética profissional</b>                        | “um médico tem a obrigação de explicar...”; “os médicos têm responsabilidade...”  | <b>Possessivas identificativas</b> (Token > Valor)    | O <i>ter</i> assume função <b>deôntica</b> : a posse torna-se <b>obrigação moral</b> . O texto ascende ao nível institucional.                       |
| <b>6. Mídia e causalidade social</b>                        | “a mídia tem uma influência muito grande nisso”; “o peso que os filtros têm”      | <b>Possessivas atributivas identificativas</b> /      | Expande o campo: o <i>ter</i> indica <b>forças abstratas</b> que moldam percepções e reforçam a crítica sistêmica.                                   |
| <b>7. Afeto e avaliação pessoal</b>                         | “ter orgulho”; “ter medo”; “ter sorte”; “ter uma filha branca”                    | <b>Possessivas atributivas</b> (metafóricas)          | Internaliza a experiência: o <i>ter</i> representa <b>emoções e julgamentos</b> como entidades estáveis, reforçando o ethos da narradora.            |
| <b>8. Síntese e ética coletiva</b>                          | “é preciso questionar essa estética”; “é sobre libertação coletiva”               | <b>Intensivas atributivas circunstanciais</b>         | Encerramento avaliativo: o texto desloca o foco do <i>ter individual</i> para o <i>ser</i>                                                           |

|  |  |  |                                                                                            |
|--|--|--|--------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  |  | <i>coletivo,</i> propondo<br><b>libertação</b> e<br><b>transformação</b><br><b>social.</b> |
|--|--|--|--------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: elaboração própria.

Nos textos investigados, a alta incidência de tais orações sobre a relação de posse abstrata fortalece a interpretação de que em português brasileiro as orações relacionais são situadas em um contínuo cujo alcance, em termos de frequência e prototipicidade, parte das relações intensivas, atravessando a relações circunstanciais e encerrando nas relações possessivas. Em síntese, os três tipos de relações são construídas, no nível mais geral desse sistema, pelos mesmos princípios configuracionais, quais sejam: *instanciação* na modalidade atributiva e *realização* na modalidade identificativa.

Perseguindo a linha interpretativa adotada por este estudo, avançamos agora para a leitura probabilística do mesmo conjunto de ocorrências. No recorte do texto 3.7 (n=53 orações relacionais rotuladas), a distribuição por tipo revela 28 intensivas (52,8%), 22 possessivas (41,5%) e 3 circunstanciais (5,7%). A entropia do sistema Tipo de Relação é  $H=1,247$  bits ( $H_{\max} = \log_2 3 \approx 1,585$ ), o que implica redundância  $\approx 0,213$ . Em termos sistêmicos, portanto, trata-se de um repertório relativamente variado, mas com tendência estruturante: as intensivas e, sobretudo, as possessivas concentram a maior parte das escolhas. O peso das possessivas é estatisticamente consistente para o tamanho da amostra: a proporção observada  $\hat{p} = 0,415$  tem IC95% (Wilson)  $\approx [0,293; 0,549]$ , o que confirma a saliência desse domínio no tecido textual. Em termos de razões simples, há cerca de 0,79 possessivas para cada intensiva — um patamar elevado se considerarmos a hegemonia usual das intensivas em entrevistas, reportagens e artigos de opinião.

Quanto ao modo, a rede se realiza maciçamente por atributivas (47/53=88,7%), com identificativas (6/53=11,13%). A associação entre Tipo (intensiva/possessiva/circunstancial) e Modo (atributiva/identificativa) é fraca ( $\chi^2 \approx 1,31$ ; Cramér's  $V \approx 0,11$ ), sobretudo porque o texto privilegia, transversalmente, o perfil atributivo como mecanismo de estabilização de estados.

No interior das possessivas, a análise qualitativa já havia mostrado a gravitação em torno de cinco domínios semânticos de *ter* (acesso/condição; capital/recursos; propriedades corporais; afeto/atitude; medida/quantificação). A contagem confirma o papel de “distribuidor” do processo possessivo: ele comparece de forma recorrente tanto nas posses abstratas (e.g., *ter condições*, *ter responsabilidade*) quanto nas posses de propriedade (e.g., *ter pele mais grossa*, *ter queloides*), além de “embalar” atitudes (*ter*

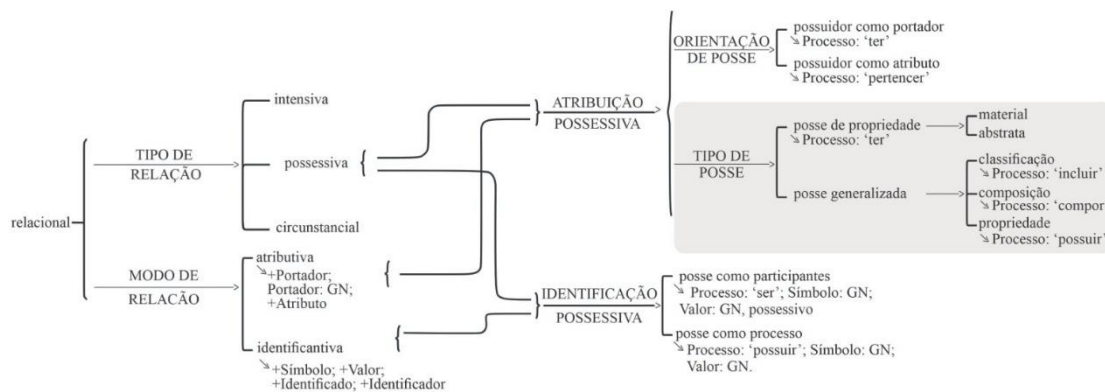
*orgulho, ter medo*) por metaforização gramatical. Esse continuum de posse explica também por que a rede de modalização permanece baixa/implícita e o aspecto tende ao estativo, porquanto, como já destacado, mais do que narrar eventos, a entrevista distribui estados (quem tem o quê) e institui deveres (quem tem obrigação de quê).

Em síntese, os números e o percurso convergem para o mesmo diagnóstico, qual seja: o texto organiza sua significação relacional por um arco *ser* → *ter* → *dever*. Probabilisticamente, isso se manifesta na saliência das possessivas ( $\approx 41,5\%$ ; IC95% [0,293; 0,549]), na hegemonia atributiva ( $\approx 88,7\%$ ) e na redundância moderada do sistema ( $\approx 0,213$ ), todos indicadores de um texto que prefere estabilizar estados e distribuir responsabilidades. Em outras palavras, o processo *ter* costura identidade, corpo e ética em uma gramática de condições, em que o que se “tem” (ou “não se tem”) funciona como variável latente que explica acesso, risco clínico, capital simbólico e dever normativo — e é precisamente essa arquitetura de posse que sustenta a força persuasiva do depoimento recortado pela entrevista.

### 3.5.1 A subrede possessiva

Esta seção é dedicada à apresentação da subrede possessiva no domínio das orações relacionais, com o objetivo de explicitar como o significado de posse é sistemicamente organizado e realizado no nível da oração. Diferentemente de abordagens que tratam a posse como uma noção semântica unitária ou exclusivamente lexical, parte-se aqui do pressuposto de que a posse constitui um campo de escolhas paradigmáticas, sensível tanto ao tipo de relação quanto ao modo de configuração dos participantes. A modelagem proposta busca, assim, dar conta da diversidade estrutural e semântica observada no *corpus*, evidenciando como diferentes recursos léxico-gramaticais são mobilizados para representar posse como atributo, como critério de identidade ou como relação esquematizada entre entidades. A Figura X apresenta essa subrede, destacando os sistemas que regulam a orientação, o tipo e o estatuto da posse no português brasileiro contemporâneo.

Figura 18 – Subrede sistêmica da posse no domínio das orações relacionais do português brasileiro



Fonte: elaboração própria.

A Figura modela o subsistema possessivo do domínio relacional do português brasileiro, representando as opções paradigmáticas que regulam a realização do significado de posse no nível da oração. O ponto de entrada da rede é a seleção simultânea dos sistemas TIPO DE RELAÇÃO: *possessiva* e MODO DE RELAÇÃO, de cuja combinação emergem dois macrossistemas: a ATRIBUIÇÃO POSSESSIVA e a IDENTIFICAÇÃO POSSESSIVA. No primeiro caso, a posse é configurada como um traço de caracterização da entidade; no segundo, como uma relação de identidade entre participantes referenciais. Por conseguinte, a escolha pelo modo atributivo aciona o primeiro macrossistema, que se desdobra em dois sistemas de cosseleção — ORIENTAÇÃO DE POSSE e TIPO DE POSSE —, exigindo que ambas as escolhas sejam realizadas simultaneamente. A orientação de posse distingue duas perspectivas complementares. Quando o falante seleciona possuidor como portador, a estrutura realiza-se preferencialmente pelo processo *ter*, que perfila o detentor da posse como Portador e o bem possuído como Atributo:

(77) Wilhelm se saía muito bem na escola e **tinha** muitos amigos. (G1, 2023)

No exemplo [*Wilhelm*] *tinha muitos amigos*, o Portador (*Wilhelm*) ocupa a posição de Tema experiencial, o processo *ter* expressa a posse material e o Atributo *muitos amigos* codifica o elemento possuído. Por outro lado, se a seleção recai sobre possuidor como atributo, a perspectiva inverte-se: o que é possuído passa a desempenhar a função de Portador, e o possuidor é realizado como Atributo oblíquo, geralmente introduzido por *a*. O processo característico é *pertencer*, como em:

(78) Além dos R\$ 200 mil, um valor de R\$ 400 mil estaria na mira dos criminosos. O montante **pertence** à Renata e também é referente à venda de uma casa, em Santa Maria. (Correio Brasiliense, 2023),

onde na oração *O montante pertence à Renata*, o Portador *o montante* mantém o estatuto temático e o Atributo *Renata* perfila o domínio da posse.

O segundo sistema cosseleccionado — TIPO DE POSSE — estabelece um contraste entre posse de propriedade e posse generalizada. A primeira representa a posse direta de um bem e se subdivide em dois valores no sistema DOMÍNIO DE ATRIBUIÇÃO, que especifica se o vínculo é material ou abstrato. A posse de domínio material corresponde a relações de pertencimento tangível, como em:

(79) O material **tem** folhas com carimbos da Abin (Agência Brasileira de Inteligência), GSI (Gabinete de Segurança Institucional) ou sem identificação de autor. (Folha de São Paulo, 2023)

em que o processo *ter* realiza a posse de entidade física. Já o domínio abstrato abrange propriedades simbólicas ou funcionais, como em:

(80) Enquanto os brasileiros leem aproximadamente 4 livros ao ano, países como o Canadá tem uma média de 12 e, em relação às horas, o Brasil ocupa o 27º lugar no ranking mundial, com uma média semanal de 5,2 horas de leitura por habitante. O primeiro lugar **pertence** à Índia, há muitos anos, com 10,7 horas, seguida pela Tailândia, China, Filipinas e Egito. (Hoje em Dia, 2023),

em que o processo *pertencer* denota uma relação de inclusão simbólica. A segunda opção de tipo de posse, denominada posse generalizada, abre o sistema ESQUEMATIZAÇÃO, que oferece três opções — classificação, composição e propriedade —, cada uma associada a processos específicos e a distintos modos de representar a relação de pertencimento. A escolha por classificação realiza-se por processos como *incluir* ou *abranger*, que constroem a posse como relação conjunto-membro, exemplificada em:

(81) Ele sabe perfeitamente que em Azovstal, além dos militares, cerca de 500 deles feridos, há pelo menos *mil civis* se escondendo das bombas russas. Isso inclui mulheres, crianças e idosos. (Diário de Pernambuco, 2022),

em que o possuidor *isso* (encapsulador) figura como Portador e o possuído *mulheres, crianças e idosos* como Atributo. *Classificação* é uma das principais funções da atividade semiótica. Tal função estabelece um tipo de raciocínio fundamentado na hiponímia. Nesse tipo de configuração, o processo *incluir* estabelece um esquema em que o participante Possuído representa membro(s) pertencente(s) a uma classe superordenada.

A opção de composição recorre a processos como *compor* ou *ser composto de*, configurando uma relação parte-todo, sendo um tipo de papel que apresenta natureza meronímica (Khorina *et al*, 2017). Em

(82) Lançados entre 2014 e 2020, os filmes 22 de julho, Junho, Democracia em Vertigem, Get me Roger Stone, Privacidade Hackeada e Rede do ódio compõe um material interessante que nos ajuda a entender a atualidade.,

em que o Portador *os filmes 22 de julho, Junho, Democracia em Vertigem, Get me Roger Stone, Privacidade Hackeada e Rede do ódio* representa a parte e o Atributo *um material interessante*, o todo que as engloba. É importante notar que na forma transitiva efetiva do processo *compor*, ocorre pre-seleção com a característica *possuidor como atributo*, do sistema ORIENTAÇÃO DE POSSE. Já se a configuração é ergativa média – variante *ser composto de*, há a pré-seleção da característica *possuidor como portador*, como em

(83) Estive na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul. Dos 24 deputados, nenhuma mulher e 52% da população é composta de mulheres. (Folha de São Paulo, 2021)

Por fim, a escolha de *propriedade* é tipicamente realizada por processos como *possuir* ou *dispor de*. Esse papel é definido por uma relação em que as propriedades possuídas por um participante são realizadas por outro participante na oração. Todavia, diferentemente dos dois papéis anteriores, a propriedade codificada pelo Atributo não se

realiza pela coordenação de dois núcleos nominais. O trecho da entrevista, apresentado a seguir, apresenta uma oração relacional possessiva realizando esse papel:

(84) São desaparecidos de 12 a 15 anos que, apesar de pertencerem fora da categoria anterior, a das crianças até 11 anos, revelam como o problema possui dimensão bem maior e preocupante. O que há de diferente entre procurar um menor e pessoas de outras faixas etárias? (R7, 2023)

Como podemos constatar, o processo “possui” estabelece uma relação de posse entre uma entidade semiótica, “o problema” (Portador), e uma propriedade semiótica, “dimensão bem maior e preocupante” (Atributo). É importante destacar a contribuição dos modificadores para a construção do significado instanciado no Atributo, pois, como observa Khorina *et al* (2017), orações possessivas cujo papel seja representar propriedade possui a tendência de apresentar como Atributo um grupo nominal integrado por esses constituintes.

O percurso alternativo, em que a seleção do MODO DE RELAÇÃO é identificativa, aciona o sistema Identificação possessiva, no qual a posse não é atributo, mas critério de identidade entre entidades. Esse sistema oferece duas opções: *posse como participantes* e *posse como processo*. No primeiro caso, a posse é codificada dentro da configuração participante, em que o elemento possuidor aparece como grupo nominal possessivo, e o processo é o verbo *ser*. Assim, em *A casa é do professor*, o Símbolo (*a casa*) é identificado pelo Valor (*do professor*), cuja função é delimitar referencialmente a identidade da entidade possuída; trata-se, portanto, de uma relação de identificação estável. No segundo caso, a posse é deslocada para o próprio conteúdo processual, de modo que o Valor é constituído por uma oração de posse, e a identificação se realiza entre um símbolo e um processo relacional embutido. O exemplo *Quem possui o registro é a Controladoria* representa esse percurso: o Símbolo (*quem possui o registro*) contém o processo de posse (*possuir*), e o Valor (*a Controladoria*) estabelece a identidade do possuidor. A mesma estrutura se verifica em *Quem detém a outorga é a União*, em que o processo de posse se torna o núcleo semântico do elemento identificado.

### 3.5.2 Atribuição de posse

Quando a opção pelo modo atributivo é selecionada, a posse é construída como processo, característica que difere do inglês, que apresenta a estrutura de grupo nominal possessivo como em “*the piano is Peter’s*” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 295). Quando a posse é realizada por um dos participantes, este é o Identificador, que passa a ser realizado por sintagma preposicionado e a oração é configurada na voz receptiva.

Essa possibilidade, exclusiva do modo identificativo, decorre do fato de que, nesse tipo de relação, os dois participantes compartilham o mesmo estatuto referencial, configurando-se como entidades de igual ordem semântica que se espelham mutuamente (Halliday; Matthiessen, 2014). Nessa configuração, a equivalência simbólica entre os participantes permite que a posse seja representada tanto como processo, quando o verbo expressa o vínculo de pertencimento (*O piano é de Pedro*), quanto como participante, quando o traço de posse é internalizado no Identificador (*O piano é o de Pedro*). No modo atributivo, ao contrário, há hierarquia entre Portador e Atributo: apenas o processo pode codificar a relação de ter, já que o Atributo não é uma entidade referencial, mas uma qualidade/classe atribuída ao Portador (Davidse, 1992). Por isso, apenas o modo identificativo permite essa dupla realização da posse no português brasileiro, revelando que a identidade simbólica entre os participantes é condição necessária para que a posse possa emergir tanto como processo quanto como participante nessa língua.

A escolha de posse como processo nas orações atributivas componentes do *corpus* ativa, simultaneamente, dois eixos de variação sistêmica. O primeiro, representado pelo sistema de ORIENTAÇÃO DE POSSE, define a perspectiva categorial da relação, isto é, qual participante é realizado como possuidor e qual como coisa possuída. Observemos essas orações:

- (85) “O banco possui um sólido sistema de integridade”.  
*Portador:possuidor*  $\nabla$  *GN*
- (86) “O primeiro lugar pertence à Índia”.  
*Atributo: possuido*  $\nabla$  *SPREP*

O segundo sistema simultâneo é o TIPO DE POSSE, proposto nós a fim de distinguir os diferentes domínios semânticos em que o significado de posse se manifesta gramática do português brasileiro. Os dados analisados indicam cinco subtipos principais, que correspondem a distintas ordens de abstração, como apresentado no quadro:

Quadro 41 – Tipos de posse no subsistema possessivo do português brasileiro

| <b>Tipo de posse</b>                      | <b>Descrição semântica</b>                                                                                                                                                       | <b>Exemplo</b>                                        |
|-------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| <b><i>Posse material concreta</i></b>     | Relação em que uma entidade física detém outra entidade tangível. O Portador é <i>coisa</i> , e o Atributo representa uma entidade material.                                     | (Mágoas, tenho, mas isso é inconcebível.)             |
| <b><i>Posse abstrata ou semiótica</i></b> | Relação em que um participante humano detém um bem simbólico, temporal ou de natureza abstrata, representando posse no domínio do existir semiótico.                             | (O direito tem várias camadas...)                     |
| <b><i>Classificação</i></b>               | Relação em que a posse é reinterpretada como vínculo hiponímico entre classes e subclasses; o Portador expressa uma categoria geral e o Atributo, os membros pertencentes a ela. | (Isso inclui mulheres, crianças e idosos.)            |
| <b><i>Composição</i></b>                  | Relação meronímica entre parte e todo; o Portador representa os constituintes ou partes, e o Atributo, o conjunto do qual fazem parte.                                           | (Os filmes compõem um material interessante...)       |
| <b><i>Propriedade</i></b>                 | Relação atributiva-qualitativa em que o Atributo designa uma característica ou qualidade pertencente à entidade representada pelo Portador.                                      | (O problema possui dimensão bem maior e preocupante.) |

Fonte: elaboração própria.

A análise desses dois sistemas simultâneos revela, no conjunto dos dados, uma correspondência categórica entre certas opções dos sistemas. Observou-se que, sempre que o tipo de posse selecionado é composição ou propriedade, a orientação correspondente é necessariamente possuidor como atributo. Essa restrição expressa uma *pré-seleção intersistêmica*, segundo a qual determinadas escolhas no sistema TIPO DE POSSE condicionam ou bloqueiam escolhas alternativas no sistema ORIENTAÇÃO DE POSSE.

Tal pré-seleção não indica um novo sistema, mas uma restrição condicional entre sistemas simultâneos abertos no mesmo ponto da rede. Assim, quando a posse relacional é configurada como relação meronímica (*composição*) ou atributiva-qualitativa (*propriedade*), o participante que codifica o possuidor passa obrigatoriamente a desempenhar a função de Atributo. A nosso ver, o que ocorre é uma correlação estrutural que assegura a coerência entre a natureza semântica da posse e sua orientação funcional na oração.

Por conseguinte, no português brasileiro, a configuração da relação atributiva de posse não se reduz a um único padrão categorial, mas se distribui probabilisticamente ao longo de dois eixos interdependentes: o eixo da realização (Atributo/Processo) e o eixo da significação (Tipo de Posse). A intersecção entre ambos permite representar a rede possessiva como um sistema de escolhas múltiplas, no qual a semântica motiva a ocorrência das estruturas léxico-gramaticais no texto.

### 3.5.3 Identificação de posse

A seleção simultânea de [RELACIONAL: POSSESSIVA & IDENTIFICATIVA] ativa o subsistema IDENTIFICAÇÃO DE POSSE, que se desdobra em: (a) *posse codificada como participante* — realizada pela nominalização do domínio possuído ou pela reificação da relação “X é de Y” — e (b) *posse codificada como processo* — realizada por verbos que expressam significados de posse, como *compor*. A análise probabilística do *corpus* revela que (b) constitui a opção não marcada, estabilizada como padrão estrutural da identificação possessiva no português brasileiro. A alternativa (a) ocorre com baixa probabilidade, compondo apenas aproximadamente 10% das instâncias observadas. A razão probabilística 0.9 : 0.1 evidencia, portanto, um altíssimo grau de assimetria sistêmica, indicando que o sistema favorece fortemente a interpretação da posse como relação processual. Por outro lado, a escolha por (a) pré-seleciona voz receptiva.

#### (a) receptiva

|                      |                     |                     |
|----------------------|---------------------|---------------------|
| A avaliação          | é                   | de especialistas    |
| Identificado/Símbolo | Processo: intensivo | Identificador/Valor |

#### (b) operativa

|                      |                     |                                                        |
|----------------------|---------------------|--------------------------------------------------------|
| Felipe Nunes         | <b>compõe</b>       | o Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais |
| Identificado/Símbolo | Processo: intensivo | Identificador/Valor                                    |

#### (b) receptiva

|                             |                   |                  |
|-----------------------------|-------------------|------------------|
| O conselho de Administração | <b>é composto</b> | por oito membros |
|-----------------------------|-------------------|------------------|

|                      |                     |                     |
|----------------------|---------------------|---------------------|
| Identificado/Símbolo | Processo: intensivo | Identificador/Valor |
|----------------------|---------------------|---------------------|

Dessas observações decorrem, ao menos, três consequências para a modelagem da IDENTIFICAÇÃO DE POSSE no português brasileiro. Em primeiro lugar, a opção (a) — *posse como participante*, realizada por *ser de* — não é apenas uma alternativa pouco frequente, mas também é estruturalmente especializada para a voz receptiva. A escolha por *posse de propriedade* (*B pertence a A*) conduz a uma realização altamente especializada da identificação de posse nos dados do português brasileiro, sendo ativada apenas quando a gramática reconhece simultaneamente um GN definido como coisa possuída e um possuidor recuperável como valor identificador. Diferentemente do inglês, que dispõe de um par quase simétrico de realizações identificativas - *the piano is Peter's / Peter's is the piano* (Halliday; Matthiessen, 2014), o português brasileiro não licencia, na escrita jornalística, um correlato operativo equivalente com o possuidor em posição temática e a posse nominalizada. A rede, portanto, precisa registrar que [posse como participante] → [voz: receptiva] é não só a escolha mais provável, mas praticamente a única realização natural.

Em segundo lugar, quando a posse é construída como processo de propriedade com verbos como *ter* ou *possuir* e a coisa possuída é um GN definido — *Nascido na Bahia, Joe Richardson possui o coração cearense* (Nosso meio, 2021) —, o teste de agnação revela que a reversão passiva é pouco provável: *\*O coração cearense é possuído por Joe Richardson*. Isso significa que a cosseleção no subsistema POSSE DE PROPRIEDADE [material/abstrata], e de posse como processo no sistema de IDENTIFICAÇÃO DE POSSE aciona, na rede, um viés forte para [voz: operativa], com a voz receptiva ocupando, por ora, um espaço meramente teórico. De novo, o contraste com o inglês é nítido: *Peter owns the piano / the piano is owned by Peter* (Halliday; Matthiessen, 2014) formam um par de agnação regular, ao passo que, em português brasileiro, a assimetria entre *possuir* (relacional) e *ser possuído por* (propensão material) é estrutural.

Em terceiro lugar, a escolha no subsistema de POSSE GENERALIZADA (classificação/composição/propriedade) revela um padrão distinto. Nesses casos, o sistema aceita agnação de voz de modo produtivo: *Felipe Nunes compõe o Instituto X ~ o Instituto X é composto por Felipe Nunes*. A relação é meronímica (parte-todo), e a alternância operativa/receptiva reconfigura apenas o foco informacional, sem alterar o tipo de posse. Contudo, quando substituimos *é composto por* *é de*, como em *o Instituto X é de Felipe Nunes*, a leitura desloca-se da posse generalizada para posse de propriedade:

*Felipe Nunes* deixa de ser interpretado como parte constitutiva de uma totalidade institucional e passa a ser tratado como o proprietário do conselho. Por conseguinte, isso indica que *ser de* funciona como operador identificativo de alta generalidade, capaz de reclassificar uma relação parte–todo como relação de propriedade, apagando delicadezas internas do subsistema TIPO DE POSSE.

O quadro que emerge é o de uma rede fortemente enviesada em três eixos:

1. [*posse como participante*] → voz receptiva (*X é de Y*), funcionando como atrator identificativo do sistema;
2. [*posse como processo / posse de propriedade*] → voz operativa quase categórica (*ele possui X*), sem passiva natural;
3. [*posse como processo / posse generalizada*] → admite par de voz (*compõe / é composto por*), mas pode ser recategorizada por ‘ser de’, que desloca a leitura para posse de propriedade.

Consequentemente, a análise da agnação indica que a IDENTIFICAÇÃO DE POSSE em português brasileiro não se organiza, necessariamente, em torno de pares simétricos, mas antes em torno de um ‘funil identificativo’ cujo estado estável é precisamente a construção *Y é de X*. As demais formas — com *ter*, *possuir*, *compor* — funcionam como vias de acesso que, dependendo da seleção de TIPO DE POSSE (propriedade / generalizada) e de VOZ, podem (i) permanecer no domínio processual ou (ii) ser reinterpretadas por *ser de* como uma identificação de propriedade.

Ainda que a opção pelo padrão *ser de* apresente menor frequência global na amostra, ele atua como atrator estrutural dentro da identificação possessiva. Quando a escolha envolve posse como participante com GN definido e possuidor recuperável, o sistema não oferece alternativas, sendo a única realização possível a de construção identificativa-receptiva. Assim, sua força atratora não deriva da frequência, mas da obrigatoriedade configuracional que essa escolha assume nesse trecho específico da rede.

Com base no exposto, propomos a interpretação de que a escolha por posse de propriedade abarca como variantes identificativas a realização da identificação de propriedade como processo — *ter*, *possuir*, *deter etc.* — e como participante — *ser de*. Tal interpretação é possível porque em ambos os casos: (i) as orações estabelecem um vínculo de equivalência entre os participantes; (ii) os participantes são reversíveis sem alteração do conteúdo; e (iii) se articulam como duas alternativas complementares de realizar a

identificação de propriedade. A escolha de codificar posse como processo na voz operativa focaliza o possuidor como fonte da identidade, ao passo que escolher codificar posse como participante na voz receptiva enfoca o possuído como entidade definida pelo pertencimento. Desse modo, quando a seleção simultânea de [relacional: possessiva & identificativa] ativa a posse de propriedade, a gramática do português brasileiro distribui o domínio identificativo entre essas duas orientações: *ter* e outros verbos correlatos realizam a variante operativa, e *ser de* realiza a variante receptiva.

A lógica de reversão inerente ao modo identificativo — presente tanto nas intensivas quanto nas circunstanciais — introduz a variável codificação/decodificação e faz com que a identificação de posse, seja de propriedade ou generalizada, reúna duas dimensões complementares. A primeira diz respeito a qual entidade identifica a outra; a segunda, a qual entidade elabora ou desenvolve semanticamente o significado da outra. Em termos sistêmicos, isso significa que as relações Identificado–Identificador e Símbolo–Valor não se alinham de modo rígido ou unidirecional. Ao contrário: funcionam bidirecionalmente. O falante pode decodificar o Símbolo como Identificado, tomando o Valor realizado pelo Identificador como a chave interpretativa (direção decodificadora), mas também pode codificar o Valor como Identificado, realizando-o pelo Identificador/Símbolo conforme a direção oposta (direção codificadora). Essa alternância de orientação é própria dos processos identificativos e explica a flexibilidade com que a gramática distribui as funções participantes na identificação de posse.

Como Davidse (1996), consideramos de extrema importância para a interpretação das orações relacionais identificativas que a análise abarque não apenas a direcionalidade codificadora/decodificadora e a voz assumida pelo processo, mas também a direcionalidade simbólica, que pode ser ascendente, isto é, a partir de um estrato simbólico menos abstrato para um mais abstrato, ou descendente, indo de um estrato simbólico mais abstrato para um menos abstrato. Nesse sentido, a escolha pelo TIPO DE POSSE – material, abstrata, classe e composição – assume tendências previsíveis na construção dos níveis de abstração:

Quadro 42 – Direcionalidade simbólica e tipos de posse nas orações identificativas

| Tipo de Posse   | Direção     | Descendente                                                             |
|-----------------|-------------|-------------------------------------------------------------------------|
| <i>Material</i> | ascendente  | A Microsoft <b>detém</b> as chaves do código (Folha de São Paulo, 2023) |
|                 | descendente | As chaves do código são <b>da Microsoft</b>                             |
| <i>Abstrata</i> | ascendente  | O jornalista <b>tem</b> a obrigação de anunciar (Metrópoles, 2023)      |
|                 | descendente | A obrigação de anunciar é <b>do jornalista</b>                          |

|                   |             |                                                                                                 |
|-------------------|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Classe</i>     | descendente | A comunidade que <b>inclui</b> lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. (G1, 2022)  |
|                   | ascendente  | Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis são incluídas na comunidade                 |
| <i>Composição</i> | ascendente  | Os três estados, junto com o Piauí, <b>compõem</b> a fronteira agrícola do Matopiba (UOL, 2023) |
|                   | descendente | A fronteira agrícola do Matopiba é <b>composta</b> pelos três estados, junto com o Piauí        |

Fonte: elaboração própria.

O quadro evidencia como a identificação de posse — material, abstrata, classificatória ou composicional — se distribui segundo a direcionalidade simbólica descrita por Davidse (1996). Nos dados analisados, observa-se que, quando a posse é material, abstrata ou de composição, a orientação não marcada é a ascendente, partindo da entidade concreta ou menos abstrata para a entidade que a define ou a abrange — *A Microsoft detém as chaves do código; O jornalista tem a obrigação de anunciar; Os três estados compõem a fronteira agrícola do Matopiba*. Nesses casos, a codificação parte do nível mais específico (Símbolo) e ascende ao nível mais abstrato (Valor), o que se coaduna com a lógica de identificação por pertencimento ou constituição, na qual o elemento mais concreto figura como ponto de partida para a definição da entidade mais abrangente ou institucional.

Por outro lado, quando a identificação de posse opera no domínio da classe, a orientação mais provável é a descendente, pois a classe — entidade semanticamente mais abstrata e inclusiva — tende a funcionar como Valor a partir do qual os membros são interpretados — *A comunidade que inclui lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis*. Aqui, o movimento se dá do estrato abstrato para o estrato concreto, refletindo um modo como categorias sociais ou taxonômicas são instanciadas na língua. No exemplo, o coletivo antecede os elementos que o realizam, projetando uma identificação cuja fonte interpretativa é o grupo, não os indivíduos que o compõem.

Apesar dessa previsibilidade não marcada — ascendente para posse material, abstrata e composicional; descendente para posse de classe — a agnação entre as realizações revela a existência de padrões alternativos igualmente englobados pelo potencial do sistema. Esses padrões menos incidentes, mas estruturalmente possíveis, mostram que a direcionalidade simbólica não é fixa, e sim condicionada por motivações discursivas e escolhas de foco informacional. Assim, a possibilidade de alternância entre *Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis são incluídas na comunidade* e *A comunidade inclui lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis*; ou entre *A fronteira*

*agrícola do Matopiba é composta pelos três estados e Os três estados compõem a fronteira agrícola do Matopiba* demonstra que a gramática do português brasileiro permite reconfigurar a relação identificativa conforme o ponto de partida privilegiado pelo falante. Essa plasticidade indica que a direção ascendente ou descendente é uma propriedade inerente à natureza da identificação, sendo sensível ao estatuto ontológico dos participantes, ao fluxo informacional do texto e às estratégias de focalização típicas do registro.

A integração dos sistemas de AGÊNCIA e ERGATIVIDADE à rede da transitividade relacional nuclear permite situar a identificação de posse no mesmo ponto em que Davidse (1992, 1996, 1999) localiza a semântica dos processos identificativos, qual seja: no domínio da equação simbólica. O princípio fundamental, reiterado pela autora, é que a configuração Identificado + Processo + Identificador é inerentemente não-efetiva. Nesse entendimento, Identificado e Identificador são categorias simétricas. Contudo, quando o português brasileiro realiza a identificação de posse por meio de verbos que codificam *instigação relacional* — como *possuir, ter, deter* ou, em posse generalizada, *compor e integrar* — a estrutura deixa de ser puramente equacional e passa a comportar uma dimensão codificadora, isto é, uma orientação *Símbolo* → *Valor* dotada de assimetria semântica. É esse acréscimo de codificação que projeta tais processos para o polo efetivo da rede, sendo o possuidor configurado como a fonte da relação, e o possuído como seu alvo. Por conseguinte, trata-se de uma efetividade relacional, não material, mas ainda assim marcada pela direção simbólica que seleciona um participante como “a montante” da relação.

No polo pseudo-efetivo, em contraste, situam-se as realizações em que a identificação de posse é construída apenas como equação simbólica — isto é, como relação Símbolo–Valor — sem qualquer instigação experiencial. É aqui que se localizam *ser de* e as variantes receptivas de processos composicionais (*é composto por, é integrado por*). Embora apresentem marca formal de voz, essas construções não introduzem assimetria, pois o movimento de reversão Sujeito/Complemento expressa apenas mudança de foco informacional, não mudança de papel experiencial. Como demonstra Davidse (1999), tais estruturas são pseudo-efetivas porque a direção Símbolo–Valor é assimétrica apenas simbolicamente, e não experiencialmente, tendo em vista que o participante “a montante” é o que representa, e não o que age; o participante “a jusante” é o representado, e não o afetado.

Assim, a integração da Agência e da Ergatividade à Transitividade Relacional Nuclear revela que a identificação de posse se organiza num contínuo estruturado entre codificação efetiva e decodificação pseudo-efetiva, sendo realizadas no português brasileiro por alternâncias sistemáticas entre verbos processos operativos (*possuir, ter, deter, compor*) e construções identificativas receptivas (*ser de, ser composto por*). Essa arquitetura, que combina direcionalidade simbólica e padrões de voz, é o que permite descrever com maior acuidade o potencial gramatical da posse na língua portuguesa.

A descrição sistêmica da identificação de posse só se torna plenamente operacional quando cada oração possível é reconduzida ao seu percurso paradigmático, isto é, ao conjunto ordenado de escolhas que a gramática mobiliza para realizá-la. Esses percursos — as chamadas seleções de expressão — condensam o funcionamento da rede relacional na forma de decisões sucessivas, desde os sistemas de tipo e modo de relação até as distinções de codificação/decodificação, agência e ergatividade. Ao registrar esse caminho sistêmico, a seleção de expressão transforma a rede em um modelo explorável computacionalmente, capaz de prever e gerar configurações identificativas de posse com base em combinações coerentes de características.

O quadro a seguir reúne, portanto, as seleções de expressão possíveis nessa região da rede, explicitando como diferentes escolhas sistêmicas — verbos de posse efetiva, construções pseudo-efetivas, alternâncias de direção simbólica e variações de voz — convergem para perfis identificativos distintos. Nele, sintetizamos o potencial estruturado do sistema e oferecemos uma interface direta entre a análise linguística e a aplicação computacional da rede relacional.

Quadro 43 – Seleções de expressão na subrede de identificação possessiva

| <b>Seleções de Expressão na Subrede de Identificação Possessiva</b>                                                        |                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (1) O município tem <b>o maior setor de hospedagem do país</b> . (UOL, 2021)                                               | (relacional: <i>possessiva &amp; identificativa &amp; transitiva &amp; efetiva</i> : decodificação: <i>posse de propriedade &amp; posse como processo</i> : <b>posse material</b> )          |
| (2) O R7 ENTREVISTA tem <b>a missão de apresentar ao nobre internauta o cidadão Antônio de Carvalho Barbosa</b> (R7, 2022) | (relacional: <i>possessiva &amp; identificativa &amp; transitiva &amp; efetiva</i> : decodificação: <i>posse de propriedade &amp; posse como processo</i> : <b>posse abstrata</b> )          |
| (3) <b>O maior setor de hospedagem do país é</b> do município                                                              | (relacional: <i>possessiva &amp; identificativa &amp; transitiva &amp; pseudo-efetiva</i> : codificação: <i>posse de propriedade &amp; posse como participante</i> : <b>posse material</b> ) |

|                                                                                                         |                                                                                                                                                              |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| (4) A missão de apresentar ao nobre internauta o cidadão Antônio de Carvalho Barbosa é do R7 ENTREVISTA | (relacional: possessiva & identificativa & transitiva & pseudo-efetiva: codificação: posse de propriedade & posse como participante: <b>posse abstrata</b> ) |
| (5) Os três estados, junto com o Piauí, compõem a fronteira agrícola do Matopiba                        | (relacional: possessiva & identificativa & transitiva & efetiva: decodificação: posse generalizada & posse como processo: <b>composição</b> )                |
| (6) A fronteira é composta pelos três estados, junto com o Piauí                                        | (relacional: possessiva & identificativa & transitiva & pseudo-efetiva: codificação: posse generalizada & posse como processo: <b>composição</b> )           |
| (7) A comunidade que inclui lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis.                        | (relacional: possessiva & identificativa & transitiva & efetiva: codificação: posse generalizada & posse como processo: <b>classificação</b> )               |
| (8) Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis são incluídos na comunidade.                    | (relacional: possessiva & identificativa & transitiva & pseudo-efetiva: decodificação: posse generalizada & posse como processo: <b>classificação</b> )      |

Fonte: elaboração própria

O conjunto das oito seleções de expressão listadas no quadro sintetiza o potencial sistêmico da identificação possessiva, combinando tipo de posse, ergatividade, direção simbólica e realização. Embora todas as oito configurações sejam possíveis, a distribuição empírica revela um sistema altamente assimétrico. Dos 42 casos analisados, os padrões (1) e (2) — posse de propriedade realizada como processo efetivo e orientada à decodificação — concentram 26 ocorrências ( $\approx 61,9\%$ ), estabelecendo o núcleo não marcado da subrede. Em contraste, as variantes pseudo-efetivas, representadas pelos padrões (3), (4), (6) e (8), somam 10 ocorrências ( $\approx 23,8\%$ ), funcionando como alternativas marcadas que reorganizam o foco informacional por meio de construções do tipo *ser de* ou das versões receptivas de processos composicionais e classificatórios (*é composto por*, *é incluído em*). A posse como participante — *X é de Y* — permanece marginal: apenas 6 ocorrências ( $\approx 14,3\%$ ), frente a 36 ocorrências ( $\approx 85,7\%$ ) de posse realizada como processo verbal. Também se observa forte predominância da posse de propriedade, com 32 ocorrências ( $\approx 76,2\%$ ), sendo 12 materiais ( $\approx 28,6\%$ ) e 20 abstratas ( $\approx 47,6\%$ ). A posse generalizada, distribuída entre composição (padrões 5 e 6: 7 ocorrências,  $\approx 16,7\%$ ) e classificação (padrões 7 e 8: 3 ocorrências,  $\approx 7,1\%$ ), corresponde

ao setor mais delicado da rede, exibindo alternância equilibrada entre efetividade e pseudo-efetividade. Do ponto de vista da direção simbólica, há predominância de decodificação — 31 ocorrências ( $\approx 73,8\%$ ) —, alinhada à interpretação ascendente do símbolo para o valor; a codificação representa 11 ocorrências ( $\approx 26,2\%$ ), associada sobretudo às construções pseudo-efetivas da periferia do sistema. No conjunto, os parâmetros probabilísticos revelam um sistema organizado em torno de um padrão altamente previsível — posse como processo, efetiva, decodificadora e majoritariamente abstrata —, ao mesmo tempo em que preserva escolhas menos frequentes, porém sistemicamente motivadas, que modulam foco informacional, simetria relacional e grau de abstração dos participantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação apresentada nesta tese iniciou como um desdobramento dos estudos das orações relacionais em relatos de vítimas de violência homofóbica durante o mestrado (Santana, 2021). Aquele trabalho investigativo despertou pela primeira vez meu olhar para a diversidade estrutural e funcional dessas orações. Contudo, o estudo contava com um *corpus* de 48 sequências relatadas de onde foram extraídas 181 orações, o que inviabilizava qualquer nível de generalização.

Ao longo deste trabalho, buscamos responder ao problema central de *como o sistema relacional do português brasileiro, em sua manifestação no registro jornalístico, configura as relações de ser — intensivas, circunstanciais e possessivas — e de que modo essas relações projetam diferentes níveis de significação?* O tratamento desse problema, realizado no capítulo 3, foi assentado no objetivo geral desta pesquisa, que é seguir a direção que parte do sistema em direção ao texto, e que retorna ao sistema, de modo a propor sua interpretação sistêmico-funcional. Essa descrição voltou-se para os tipos de estruturas léxico-gramaticais e categorizações semânticas, bem como para as formas gramaticais que codificam participantes e processos, articulando-se a um tratamento quali-quantitativo que associa a interpretação sistêmico-funcional dessas orações à análise probabilística de seus sistemas gramaticais.

Cada objetivo específico foi concretamente operacionalizado: (i) a descrição das configurações léxico-gramaticais revelou os padrões estruturais recorrentes das orações relacionais, evidenciando as formas verbais e os esquemas sintagmáticos que codificam as relações de Ser, Estar e Ter, em suas diferentes instâncias de realização. (ii) A categorização dos tipos de participantes (Portador, Atributo, Identificado e Identificador) mostrou-se fundamental para compreender a correspondência entre forma gramatical e função semântica, permitindo mapear, por exemplo, a predominância de grupos nominais como realizadores dos participantes e a variação semântica conforme o tipo de oração e o modo de relação; (iii) A proposição de um modelo sistêmico-funcional resultou da síntese das regularidades observadas, configurando uma rede de opções e dependências compatível com a arquitetura teórica da LSF, na qual os sistemas de TIPO DE RELAÇÃO e MODO DE RELAÇÃO se interseccionam com sistemas simultâneos como REFERENCIALIDADE, DOMÍNIO DE ATRIBUIÇÃO, DIREÇÃO DE IDENTIDADE, FASEAMENTO etc.; e, por fim, (iv) a análise probabilística das escolhas gramaticais demonstrou que o

comportamento das orações relacionais no *corpus* segue uma distribuição não aleatória, com tendências sistemáticas de ocorrência que refletem o princípio de que a gramática é um sistema de probabilidades (Halliday, 2005). Os cálculos de entropia, densidade e probabilidade condicional evidenciaram níveis distintos de previsibilidade e informatividade, confirmando que a organização do subsistema relacional no português brasileiro contemporâneo é semântica-funcionalmente motivada.

O *corpus* jornalístico, composto por reportagens, artigos de opinião e entrevistas publicadas, confirmou-se como terreno privilegiado para observar o funcionamento do sistema relacional, uma vez que nele o português brasileiro mobiliza amplamente processos relacionais de atribuição e identificação para construir explicações, caracterizar atores sociais e estabilizar interpretações de eventos.

As análises mostraram que as orações relacionais, no português brasileiro, organizam-se em torno de tipos — intensivo, circunstancial e possessivo — sustentados por dois modos, atributivo e identificativo, que se combinam simultaneamente e não hierarquicamente. Essa estrutura sistêmica, reinterpretada empiricamente a partir da rede de Halliday e Matthiessen (2014), revelou-se estável e economicamente funcional, visto que as intensivas predominam como mecanismo de elaboração, as circunstanciais representam zonas de instabilidade informacional e as possessivas constituem o campo de ancoragem mais estável do sistema.

Consideradas em conjunto, as análises probabilísticas desenvolvidas nesta tese revelam que o sistema de orações relacionais no português brasileiro organiza-se segundo regimes fortemente assimétricos de escolha, afastando-se de qualquer distribuição equiprovável. Tanto na distribuição dos tipos de relação quanto nos modos atributivo e identificativo, observam-se padrões de concentração sistemática, que delimitam zonas de alta previsibilidade e configuram verdadeiros atratores gramaticais. As medidas de entropia, calculadas em diferentes níveis do sistema, confirmam esse comportamento: valores consistentemente baixos indicam que a variabilidade formal é controlada por princípios de economia e recorrência funcional, e não por livre alternância estrutural. Nesse contexto, subsistemas como o de Expansão — com clara dominância de escolhas elaborativas — evidenciam que o registro jornalístico privilegia a reformulação e a equivalência semântica como estratégia de construção da experiência, em detrimento de enquadramentos circunstanciais mais dispersivos. Essa tendência é reforçada pelas métricas de custo e compactação, que mostram que as configurações mais frequentes são também as menos custosas do ponto de vista composicional, articulando densidade

semântica elevada a estruturas gramaticalmente econômicas. O Índice de Compactação Relacional (ICR), proposto como métrica sintética, integra essas dimensões ao demonstrar que a gramática relacional opera como um mecanismo de compressão simbólica da experiência, no qual o “Ser” não funciona apenas como operador estático de ligação, mas como eixo organizador de regularidades probabilísticas.

Assim, quanto à questão *quantos tipos de processos relacionais precisam ser reconhecidos, com configurações distintas dos participantes Portador, Atributo, Identificado e Identificador?* a análise demonstrou que o português brasileiro do registro jornalístico instancia três tipos fundamentais de relação — intensiva, circunstancial e possessiva —, definidos não por critérios lexicais pontuais, mas pela natureza da relação semântica nuclear que se estabelece entre os participantes. Esses três tipos não constituem categorias fechadas e isoladas, pois eles se articulam sistemicamente a um segundo eixo de escolha, o modo de relação, atributivo ou identificativo, que opera de forma simultânea. O resultado dessa combinação é a emergência de seis configurações relacionais nucleares, cada uma com implicações específicas para a organização dos participantes Portador, Atributo, Identificado e Identificador.

Nas configurações atributivas, o Portador — ou Portador-possuidor, no caso das possessivas — funciona como âncora referencial da relação, enquanto o Atributo constrói classe, circunstanciação ou entidade possuída, sem pressupor identidade referencial plena. Já nas identificativas, Identificado e Identificador não introduzem entidades distintas, mas realizam simbolicamente a mesma entidade referencial, distinguindo-se pela direção da vinculação semântica e pela proeminência discursiva, o que explica a possibilidade de reversão posicional sem alteração do conteúdo ideacional.

Embora a análise tenha identificado subconjuntos semânticos recorrentes, especialmente no domínio das possessivas — como posse material, posse abstrata, classificação, composição e propriedade —, esses padrões não configuram novos tipos de processo. Tratam-se de delicadezas internas do subsistema possessivo, sensíveis à seleção lexical e ao modo de relação, mas que não alteram o estatuto funcional dos participantes ou a natureza da relação nuclear. Assim, a delimitação de três tipos de processo, combinados a dois modos de relação, mostrou-se suficiente para descrever o sistema de forma economicamente adequada, teoricamente coerente e empiricamente exaustiva.

No que diz respeito à questão *como esse tipo de processo pode ser motivado, recorrendo a uma variedade de evidências morfológicas, sintagmáticas e criptogramaticais, bem como a evidências do discurso relacionadas à construção de*

*fases de diferentes subdomínios de relação?* A investigação revelou que a motivação não é exclusivamente morfossintática, mas estratificada. No plano léxico-gramatical, a recorrência de cópulas e de verbos lexicalmente especializados — *representar, significar, equivaler, custar, marcar, ocupar etc.* — sinaliza que a oração está construindo relação e não evento. No plano sintagmático, a presença sistemática de grupos preposicionados para ancorar lugar, tempo ou fonte (*é no Palácio; é de Pedro*) motiva a leitura circunstancial ou possessiva, porque desloca o foco do Portador para o campo de ancoragem. No plano criptogramatical — isto é, de relações não diretamente visíveis na forma, mas previsíveis pelo sistema — a análise mostrou que a combinação tipo de relação e modo de relação ativa um terceiro sistema emergente, o de expansão (elaboração ou realce), e é esse sistema que dá a ‘fase’ discursiva da relação: intensivas entram sempre por elaboração (reformulação de sentido), possessivas tendem ao realce (pertencimento/composição) e circunstanciais oscilam entre ambos.

Essa motivação estratificada encontra sua razão funcional no plano discursivo. No registro jornalístico, a necessidade recorrente de explicar, qualificar, estabilizar e interpretar dados cria um ambiente seletivo favorável à ativação da subrede intensiva. Assim, os processos relacionais intensivos não emergem apenas como opções estruturais disponíveis, mas como respostas probabilisticamente preferenciais às demandas comunicativas dos textos.

Quanto à terceira pergunta: *Como a ‘voz’ está relacionada ao modo do processo relacional; até que ponto ela pode ser generalizada além das materiais?* A interpretação das identificativas mostrou que, no português brasileiro, há um paradigma de voz simbólica, em que a realização ativa (Símbolo → Valor) tende a corresponder à operação de codificar — apresentar uma entidade como representação de outra — e a realização passiva (Valor → Símbolo) tende a corresponder à operação de decodificar/leitura — pôr em foco o valor já introduzido no texto. Como esse contraste apareceu sistematicamente nas identificativas, o estudo demonstrou que a categoria de voz pode ser generalizada para o domínio relacional, desde que seja reinterpretada como direcionalidade semiótica (o Símbolo opera como forma de realização do Valor) e não como transferência de energia. Ela se ancora, portanto, no modo:, em que as identificativas são o polo prototípico da voz relacional.

Por sua vez, a resposta para a quarta questão: *Um ou outro desses padrões gerais está associado a tipos ou subtipos específicos de processos relacionais, pessoas, modos, substantivos, pronomes, entre outros?* O condicionamento de probabilidades por

cruzamento entre os sistemas internos da rede revelou afinidades fortes entre alguns padrões semânticos e estruturas de realização. As intensivas atributivas preferem Portador realizado por grupo nominal definido e Atributo por grupo nominal ou adjetival, isto é, relações de instância → classe/qualidade, frequente nos textos investigados. As possessivas atributivas preferem Portadores mais inclusivos (instituições, países, coletivos) e Atributos menos inclusivos (coisas, recursos, atributos abstratos), reproduzindo a direção do todo para a parte e do possuidor para a coisa possuída. As intensivas identificativas codificadoras associam-se com frequência a nominalizações e a participantes de segunda ordem (fatos, medidas, relatórios, índices), porque esse tipo de participante parece suportar mais congruentemente a leitura simbólica. Do ponto de vista de pessoa e referência, o registro jornalístico favorece a terceira pessoa, de modo que o sistema de REFERENCIALIDADE pôde ser posicionado na rede justamente porque havia uma correlação estável, considerando que Portador/Identificado tendem a ser fortemente referencial, ao passo que Atributo/Identificador apresenta a tendência de ser fracamente referencial ou não referencial. Portanto, não só há associação entre os padrões gerais e os tipos e subtipos de processos relacionais, como ela é sistemicamente previsível.

Por último, no que se refere à questão: *Qual é a natureza da organização orbital das orações relacionais, em núcleo, margem e periferia?* Reinterpretamos essa pergunta em termos dos três tipos de relações. Nesse enquadre da questão, o núcleo é ocupado pelas intensivas e, dentro delas, pela seleção de expressão parcial [*intensiva & atributiva & elaboração*], que apareceu como estado atrator do sistema, pois todas as intensivas foram elaborativas, com entropia zero, o que significa máxima previsibilidade nessa região. Já na margem encontram-se as possessivas, marcadas pela relação de expansão por realce, localizando dentro de um todo. A periferia é formada pelas orações circunstanciais, em face de sua oscilação entre elaborar e realçar e de sua entropia mais alta, consistindo em uma zona de instabilidade.

Essa organização orbital confirma que, no português brasileiro, as relações intensivas ocupam a região nuclear do sistema, operando predominantemente como mecanismos de reformulação e compressão simbólica; as relações possessivas configuram uma zona marginal, especializada na ancoragem de entidades por pertencimento, composição ou delimitação interna; e as relações circunstanciais distribuem-se na periferia, funcionando como domínio de maior variabilidade, responsável por articular a relação a campos contextuais mais amplos.

Os resultados obtidos ao longo desta investigação permitem avançar em duas frentes complementares. A primeira é a teórica, relativa ao desenvolvimento da LSF. Já a segunda é descritiva, voltada à caracterização do português brasileiro como sistema de escolhas gramaticais probabilisticamente estruturado. Em ambas, o estudo propõe que a gramática do Ser não constitui um domínio residual ou meramente classificatório, mas um domínio primário de significação, que possibilita ao sistema linguístico construir significados em diferentes níveis de uma escala de abstração da experiência.

No plano teórico, a investigação ultrapassa o escopo descritivo ao propor uma modelagem da arquitetura da rede relacional para o português brasileiro com base em dados extraídos de textos jornalísticos. Essa modelagem se materializou em quatro movimentos interdependentes:

1. *Reinterpretação crítica das posições de Halliday (1985, 1994), Matthiessen (1995), Halliday e Matthiessen (2014), Davidse (1992, 1999) e Arús e Lavid (2001)* — A pesquisa problematizou a delimitação rígida entre *atribuição e identificação*, mostrando que, no português brasileiro, essa dicotomia se dissolve em um contínuo de vinculação simbólica.
2. *Introdução de novos sistemas na rede*, que se revelaram fundamentais para a interpretação dos fenômenos do português brasileiro.
3. *Desenvolvimento do conceito de vinculação simbólica* — um dos principais aportes teóricos deste trabalho. Essa noção expressa que o verbo relacional não estabelece mera equivalência entre termos, mas atua como operador de ligação entre domínios de realidade e domínios de significação. Assim, o processo de Ser é interpretado não como neutralidade copulativa, mas como mecanismo de perspectivação semiótica.

O modelo também contribui para o aperfeiçoamento da descrição da transitividade relacional dentro da tradição sistêmico-funcional brasileira. A descrição demonstrou que o português brasileiro dispõe de zonas de instabilidade e transição que não são meros desvios, mas expressões graduais de motivação semântica. Esse comportamento topológico reforça a noção de que a transitividade é um contínuo de relações simbólicas, e não um inventário discreto de tipos processuais. A verificação de que as orações circunstanciais e possessivas exibem maior entropia sugere que, no português brasileiro, há uma tendência à expansão periférica, que permite à oração relacional absorver nuances de tempo, espaço e causalidade, aproximando-se de fronteiras processuais tradicionalmente atribuídas às orações materiais.

Do ponto de vista textual, as implicações são igualmente significativas. O *corpus* jornalístico demonstrou que o sistema relacional desempenha papel central na negociação de credibilidade e objetividade discursiva. As orações intensivas atributivas e as identificativas codificadoras funcionam como estratégias de enunciação avaliativa disfarçada, em que jornalista, entrevistado ou articulista apresentam julgamentos e interpretações sob a forma de constatações ontológicas (*é, trata-se de, constitui, significa*). Essas escolhas deslocam o foco do Fazer para o Ser como meio de construção da autoridade discursiva, mostrando que o domínio relacional não é apenas descritivo, mas argumentativo e retórico, integrando-se à dimensão interpessoal da linguagem. A partir disso, pode-se afirmar que a LSF, aplicada aos textos do jornalismo brasileiro, revela a função epistêmica das orações relacionais, através da qual elas estabilizam o conhecimento, criam consenso e disfarçam a avaliação sob a aparência de neutralidade.

No plano descritivo e tipológico, os resultados evidenciam que o português brasileiro manifesta tendências próprias de codificação. Nele, o predomínio da realização da cópula, mesmo em contextos de presente gnômico, indica que a língua privilegia a realização do processo, reafirmando a centralidade do verbo como vetor de perspectivação entre participantes. Além disso, o comportamento dos grupos nominais e preposicionados mostra que o português brasileiro expande o campo relacional pela via do léxico, não pela compactação sintática. Essa constatação reforça a necessidade de que a LSF, ao ser aplicada a novas línguas, considere a probabilidade como princípio de variação tipológica, e não apenas como traço quantitativo.

Quanto às limitações, é preciso reconhecer que o *corpus*, embora representativo do registro jornalístico, não abrange a totalidade dos gêneros e variedades do português brasileiro contemporâneo. O modelo probabilístico aqui proposto reflete um recorte específico, o da escrita informativa e opinativa, e por isso deverá ser testado futuramente em outros registros. Outra limitação decorre do próprio processo de anotação, pois a delimitação entre as fronteiras relacionais e as de outros tipos de processo, depende de julgamentos interpretativos inevitavelmente graduais.

Além disso, embora a rede relacional tenha sido modelada com vistas à aplicação computacional, essa fase ainda não foi implementada. Entretanto, a rede que propomos se apoia nas modelagens anteriores de Matthiessen (1995), Arús e Lavid (2001) e Halliday e Matthiessen (2014). A originalidade de nosso trabalho reside justamente na reinterpretção e reconfiguração dessas bases para o português brasileiro, focalizando-as sob lente probabilística.

A introdução do modelo relacional probabilístico desenvolvido nesta tese gera desdobramentos tanto no âmbito teórico quanto na aplicação empírica e tecnológica. Um desses desdobramentos é justamente implementar computacionalmente a rede. Para isso, necessitaremos transpor a representação linguística em representação computacional (Teich, 1999), que, coerentemente com a ótica deste estudo, deverá abranger mecanismos de inferência probabilística e possível aprendizagem de máquina.

Encerrando este percurso, podemos afirmar que o presente trabalho alcança o propósito fundamental de demonstrar que a gramática do português brasileiro, vista pelo prisma sistêmico-funcional, é um sistema probabilístico de significação, no qual o Ser não é mero *vínculo generalizado*, mas um centro simbólico da experiência linguística. Com isso, reafirma-se que a LSF, ao ser aplicada ao português brasileiro, não apenas descreve o funcionamento da língua, mas revela a própria lógica da cultura em sua capacidade de construir o mundo por meio de escolhas simbólicas. Assim, esta tese não se encerra em seu resultado descritivo, ao contrário, ela se projeta como um ponto de partida, uma abertura, para que a investigação do Ser linguístico continue, em outros contextos, registros e níveis, como processo permanente de compreender como a linguagem faz existir aquilo que ela mesma diz ser.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARÚS, J.; LAVID, J. The grammar of relational processes in English and Spanish: implications for machine-aided translation and multilingual generation. **Estudios Ingleses de la Universidad Complutense**, Madrid, v. 9, p. 61–79, 2001.
- BATEMAN, J. A. **From systemic-functional grammar to systemic-functional text generation: escalating the exchange**. Marina del Rey, CA: Information Sciences Institute, University of Southern California, 1990. (ISI Research Report ISI/RR-89-220).
- BATEMAN, John A. Enabling technology for multilingual natural language generation: the KPML development environment. **Natural Language Engineering**, Cambridge, v. 3, n. 1, p. 15–55, 1997.
- BATEMAN, John A.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **KPML: the KOMET–Penman Multilingual resource development environment: system description and documentation**. Bremen: Universität Bremen, [s.d.]. Disponível em: <https://www.fb10.uni-bremen.de/anglistik/langpro/kpml/>. Acesso em: 11 jan. 2025.
- BATISTA, M. E. **E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus linguistics: investigating language structure and use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S.; FINEGAN, E. **Longman grammar of spoken and written English**. London: Longman, 1995.
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- BÜHLER, K. **Theory of Language: The Representational Function of Language**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.
- BUTLER, C. S. **Systemic Linguistics: Theory and applications**. London, 1985.
- BUTLER, C.; BERRY, M.; FAWCETT, R.; HUANG, G. (eds.). **Meaning and form: systemic functional interpretations**. Norwood, NJ: Ablex, p. 367-393, 1996.
- CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Language Typology: A Functional Perspective**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.
- CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. **Designing and conducting mixed methods research**. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.
- DAMASCENO, G. L. N. **A transitividade de processos materiais em notícias jornalísticas**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

- DAVIDSE, K. A Semiotic approach to relational clauses. **Occasional Papers in Systemic Linguistics**, 1992.
- DAVIDSE, K. Turning grammar on itself: identifying clauses in linguistic discourse. In: BERRY, Margaret et al. (org.). **Meaning and form: systemic functional interpretations**. Norwood, N.J.: Ablex Publishing Corporation, 1996. p. 327-352.
- DAVIDSE, K. **Categories of experiential grammar**. Nottingham: Department of English and Media Studies, Nottingham Trent University, 1999.
- DAVIDSE, K. Semiotic and Possessive Models in Relational Clauses: Thinking with Grammar about Grammar. **Functions of Language**, v. 7, n. 2, p. 209-238, 2000.
- DECLERCK, R. **Studies on copular sentences, clefts and pseudo-clefts**. Leuven: Leuven University Press & Foris Publications, 1988.
- FAWCETT, Robin P. **A theory of syntax for systemic functional linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Series IV, Current Issues in Linguistic Theory, v. 206).
- FAWCETT, R. P. What makes a “good” system network good? Four pairs of concepts for such evaluations. In: BENSON, J.; GREAVES, W. (org.). **Systemic linguistics: theory and application**. London: Pinter Publishers, 1988. p. 1–27.
- FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- HALLIDAY, M. A. K. Grammatical categories in Modern Chinese. **Transactions of the Philological Society**, p. 177–224, 1956.
- HALLIDAY, M. A. K. Categories of the theory of grammar. **Word**, v. 17, n. 3, p. 242–292, 1961.
- HALLIDAY, M. A. K. Class in relation to the axes of chain and choice in language. **Linguistics**, n. 2, p. 05–15, 1963.
- HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K. **Learning how to mean**. London: Edward Arnold, 1975.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. Modes of meaning and modes of saying: types of grammatical structure and their determination by different semantic functions. In: ALLERTON, D. J.; CARNEY, E.; HOLDCROFT, D. (eds.). **Function and context in linguistic analysis: essays offered to William Haas**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 57–79.

- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. Systemic theory. In: ASHER, R. E. (ed.). **The encyclopedia of language and linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1993. p. 4505–4508.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. Language and knowledge: the “unpacking” of text. 1998. In: WEBSTER, Jonathan (org.). **The collected works of M. A. K. Halliday**. v. 5: **The language of science**. London: Continuum, 2004. p. 24–48.
- HALLIDAY, M. A. K. **On grammar**. Edited by Jonathan J. Webster. London; New York: Continuum, 2002. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 1).
- HALLIDAY, M. A. K. **The language of Science**. London: Continuum, 2004. (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 5).
- HALLIDAY, M. A. K. **Computational and Quantitative Studies**. Beijing: International Linguistics Research Unit, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. **Working with meaning: towards an applicable linguistics**. Inaugural lecture to mark the launch of the Halliday Centre for Intelligent Applications of Language Studies. Hong Kong: City University of Hong Kong, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. **Studies in Chinese language**. London: Continuum, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London: Continuum, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; JAMES, Z. L. A quantitative study of polarity and primary tense in the English finite clause. In: WEBSTER, J. (org.). **Collected Works of M. A. K. Halliday**. v. 6: **Computational and Quantitative Studies**. London: Continuum, 2005. p. 93–129. (Trabalho originalmente publicado em 1993).
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3rd ed. London: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. Meaning as choice. In: FONTAINE, L. M.; BARTLETT, T. A. M.; O’GRADY, G. N. (org.). **Systemic functional linguistics: exploring choice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 4 ed. London: Arnold, 2014.
- HARVEY, A. Definitions in english technical discourse: a study in metafunctional dominance and interaction. **Functions of Language**, p. 55-96, 1999.
- HASAN, R. **Linguistics, Language and Verbal Art**. Victoria: Deakin University Press, 1985.

HE, Q. **Quantitative research in systemic functional linguistics.** *English Language Teaching*, v. 11, n. 1, p. 110–119, 2018.

DOI: 10.5539/elt.v11n1p110. Disponível em: <http://doi.org/10.5539/elt.v11n1p110>.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem.** Trad. José Teixeira Coelho Neto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOÀNG VĂN VÂN. **An experiential grammar of the Vietnamese clause.** Hanoi, 2005. Manuscrito em inglês.

KAUFMAN, A. M.; RODRÍGUEZ, M. H. **Escola, leitura e produção de textos.** Santilla: Artmed, 1993.

KENNEDY, G. **An introduction to corpus linguistics.** London: Longman, 1998.

KENNEDY, G. **Structure and meaning in English: a corpus-based approach.** London: Longman, 2005.

KHORINA, M.; SUYATNA, E.; INDIRA, D. **Relational process in scientific texts: a functional grammar approach.** Bandung: Faculty of Cultural Science, Universitas Padjadjaran, 2017.

LEECH, G. **Corpora and theories of linguistic performance.** In: Svartvik, J. (ed.). *Directions in corpus linguistics.* Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. p. 105-122.

LEMKE, Jay L. **Textual politics: discourse and social dynamics.** London: Taylor & Francis, 1995.

LIMA-LOPES, R. E. **Estudos de transitividade em língua portuguesa: o perfil do gênero cartas de venda.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

LIMA-LOPES, R. E. Processos relacionais em cartas publicitárias. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 2, p. 335-358, 2008.

LIU, L. **Relational processes in English, Spanish, Japanese and Chinese.** 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Inglesa) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2012.

LYONS, J. **Semantics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 1–2.

MARTIN, J. R. **English text: system and structure.** Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. **Systemic functional grammar: a next step into the theory – axial relations.** Beijing: Higher Education Press, 2013.

MARTIN, J. R.; WHITE, Peter R. R. **The language of evaluation: appraisal in English.** London: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, J. R.; ROSE, David. **Genre relations: mapping culture.** London: Equinox, 2008.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. Systemic typology and topology. In: CHRISTIE, F. (ed.). **Literacy in social processes**: papers from the Inaugural Australian Systemic Functional Linguistics Conference. Deakin University, January 1990. Darwin: Centre for Studies of Language in Education, Northern Territory University, p. 345-383. Reprinted in MARTIN, J. R. SFL theory, Volume 1 in the Collected works of J. R. Martin, edited by ZHENHUA, W. Shanghai: Shanghai Jiao Tong University Press, 2010.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Language on language: the grammar of semiosis. In: Social Semiotics, 1991a.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Metafunctional Complementarity and Resonance in Syntagmatic Organization. In Halliday, M. A. K. (Ed.), **Thematic Structures**. London: Pinter Publishers, 1991b.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography: English systems**. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **Ideas and new directions**. In: WEBSTER, Jonathan J. (org.). *Continuum companion to systemic functional linguistics*. London: Continuum, 2009. p. 12–58.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **Transitivity in systemic functional linguistics: achievements and challenges**. In: CABRAL, Sara Regina Scotta; BARBARA, Leila (org.). Estudos de transitividade em linguística sistêmico-funcional. Santa Maria, RS: UFSM, PPGL, 2018. p. 14–108. Recurso eletrônico.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Apliable linguistics: Working with meaning. In: WEBSTER, J. J. (Org.). **Meaning in Context**: Implementing Intelligent Applications of Language Studies. London: Continuum, 2012.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **System in Systemic Functional Linguistics: A System-Based Theory of Language**. London / New York: Bloomsbury, 2023.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; BATEMAN, John A. **Text generation and systemic-functional linguistics: experiences from English and Japanese**. London: Frances Pinter; New York: St. Martin's Press, 1991.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; HALLIDAY, M. A. K. **Systemic Functional Grammar: A First Step into the Theory**. Manuscrito de curso. Sydney: University of Sydney, 1997.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; HALLIDAY, M. A. K. **Systemic functional grammar: a first step into the theory**. Edição bilíngue, com introdução de Huang Guowen. Beijing: Higher Education Press, 2009.

McENERY, T.; WILSON, A. **Corpus linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

PAGANO, A. S.; FERREGUETTI, K.; FIGUEREDO, G. P. Significados relacionais em tradução: uma abordagem da equivalência baseada em corpus. **Caderno de Letras**, Rio Grande, n. 17, p. 89–115, 2011.

- REITER, Ehud; DALE, Robert. **Building natural language generation systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini e José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.
- SANTANA, J. L. R. F. **É difícil andar na rua sem ter medo: o papel das cláusulas relacionais em relatos de vítimas de violência homofóbica**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2021.
- SANTANA, J. L. R. F. Por uma perspectiva não atomística das construções relacionais intensivas atributivas: reflexões em torno do emparelhamento de papéis temáticos e da configuração morfossintática da cláusula relacional. **PERcursos Linguísticos**, v. 12, n. 30, p. 49-68, 2022.
- SHANNON, Claude E. A mathematical theory of communication. **The Bell System Technical Journal**, New York, v. 27, p. 379–423, 623–656, jul./out. 1948.
- SIQUEIRA, C. P. **Análise temática em estudos de tradução: o caso dos relatórios anuais de empresas brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SINCLAIR, J. M. **Trust the text: language, corpus and discourse**. London: Routledge, 2004.
- SOUZA, M. M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2006.
- SOUZA, M. M. Definição, classificação e categorização no gênero editorial: transitividade e processos relacionais. In: SOUZA, M. M.; MORAES, A.; NASCIMENTO, R. G.; NASCIMENTO, H. I. O.; TEIXEIRA, M. G. **Sintaxe em foco**. Recife: Coleção Letras, 2012. p. 149-181.
- STUBBS, M. British traditions in text analysis: from Firth to Sinclair. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (eds.). **Text and technology: in honour of John Sinclair**. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 1-36.
- TEICH, E. **Systemic functional grammar in natural language generation: linguistic description and computational representation**. London: Cassell, 1999.
- TERUYA, K. **A systemic functional grammar of Japanese**. In: HASAN, Ruqaiya; MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; WEBSTER, Jonathan J. (org.). **Continuing discourse on language: a functional perspective**. London: Equinox, 2007. p. 255–312.
- URE, J. Practical registers (Part 1). **English language teaching**, nº 23 (2), p. 107-114, 1969.
- WARD, J. H. Hierarchical grouping to optimize an objective function. **Journal of the American Statistical Association**, v. 58, n. 301, p. 236-244, 1963.

WIGNELL, P.; MARTIN, J.; EGGINS, S. The discourse of geography: ordering and explaining the experiential world. In: **Writing Science**: literacy and discursive power. London: The Falmer Press, 1993.